

Caderno síntese
Projeto Final de Arquitetura
2012-2013

Vanessa Vieira da Silva

Admirável Mundo Novo

Contágio: espaço, tempo e escala

Vertente projetual:

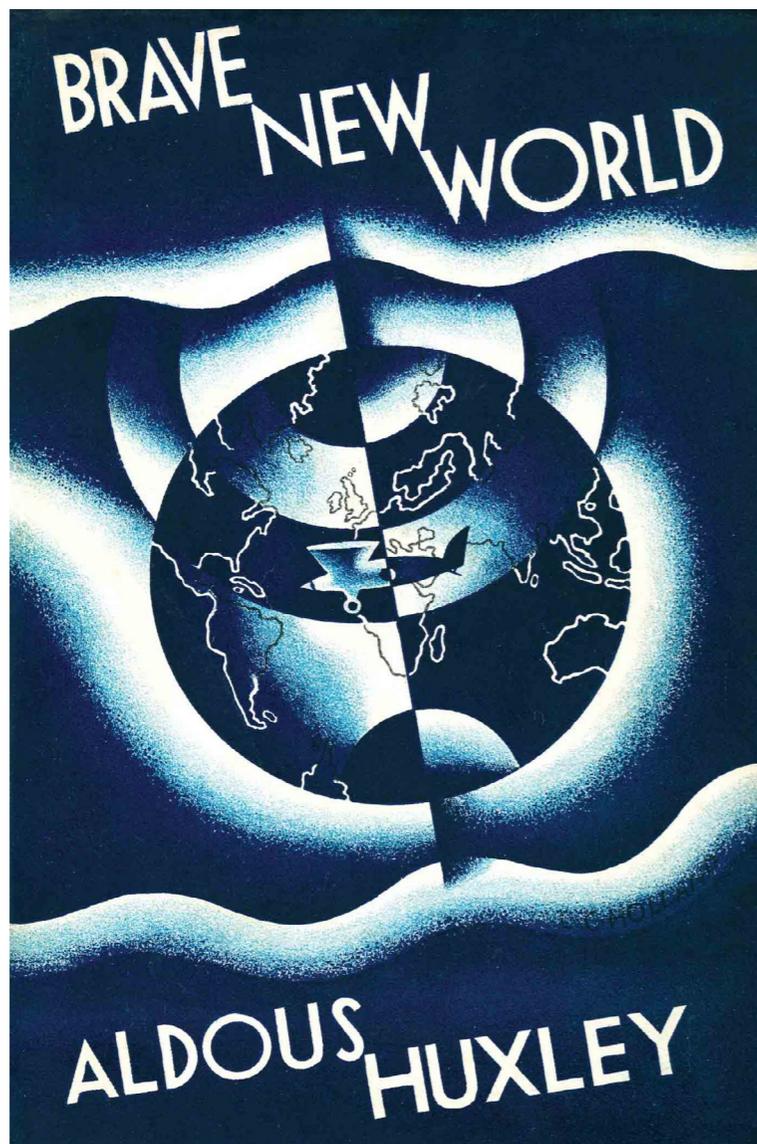
Paulo Tormenta Pinto (coordenador) - Prof. Auxiliar do ISCTE-IUL
José Luís Saldanha- Prof. Auxiliar do ISCTE-IUL

Vertente teórica:

Sandra Marques Pereira- Professora Auxiliar Convidada do ISCTE-IUL

ÍNDICE GERAL

Introdução	04
Vertente teórica	13
Vida e espaço público num bairro histórico de Lisboa: usos e apropriações dos Largos da Mouraria	
Vertente prática	208
Grupo	217
Marca texto espaço- Workshop de lançamento	213
Bafatá- Workshop Guiné-Bissau	229
Amoreiras 2033- Tema I, II, III	253
Individual	299
Espaço público- Tema III	301
Quatro habitações- Tema I	325
Tema IV	367
Anexos	373



Capa da primeira edição do livro em 1932 pela Chatto & Windus editora.

A unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura dividiu-se na componente prática, orientada pelos docentes Arq. Paulo Tormenta Pinto e Arq. José Luís Saldanha, e uma componente teórica – Laboratório de Sociedade e Arquitetura – orientada pela Professora Doutora Sandra Marques Pereira.

O tema principal da cadeira, este ano, foi o “**Mundo Novo**”. Acompanhado pela leitura do livro *O Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley (1932), detivemos o pensamento sobre o que define novos mundos.

Neste caso em concreto a história desenrola-se num futuro hipotético, no ano de 634 DF (depois de Ford), em que a sociedade é controlada por um regime científico totalitário.

A ideia é de demonstrar uma sociedade aparentemente equilibrada em que a anestesia de emoções, previne tensões sociais. A capacidade de sentir, é volátil e capaz de gerar amor e ódio, emoções que podem ser culpadas pelos fracassos das sociedades do passado. Desta forma, os seres humanos são gerados em provetas, têm comportamentos pré- estabelecidos, de forma a ocuparem lugares pré-determinados na sociedade, e a agirem sempre de acordo com o comportamento associado à sua casta.

O conceito de família, religião, monogamia, privacidade e criatividade são considerados crime, enquanto a promiscuidade é moralmente obrigatória e a higiene, um valor máximo.

Qualquer desconforto relativo a qualquer assunto é dissipado pelo “soma”, droga permitida e distribuída pelo Estado em doses convenientes para consumo.

Bernard Marx embora gerado por esta sociedade, sente que não encaixa. Numa visita a uma Reserva Selvagem, onde a vida “original”, antiga e imperfeita ainda existe, encontra Linda, uma mulher nascida na nova civilização mas que vive de acordo com a antiga, que habita com o seu filho John. Bernard vê uma oportunidade para ganhar respeito social, se os apresentar como exemplar dos selvagens à sociedade científica e civilizada. Mas quando o faz é gerado um fascínio à volta de John, pelas suas impressões humanas e sensíveis que faz alguns questionarem-se sobre a sociedade que julgavam perfeita.

John não conseguindo enquadrar-se nesta nova sociedade foge. O seu esconderijo

mais tarde é descoberto e a morte a única forma que encontra para afirmar a sua liberdade e individualidade perante o mundo. É através dela que encontra a dignidade, recusando-se a participar numa sociedade massificada em que nem o seu desejo por solidão é respeitado.

O livro faz um paralelo entre a vida “moderna” e a “antiga”, criticando o desenvolvimento da ciência que gera problemas que nem sempre são resolvidos. Nem sempre é encontrado o equilíbrio entre a vertente científica e tradição. Huxley chama também à atenção para a manipulação da vontade humana.

Nesta sociedade não era necessário recorrer à repressão pois não existiam revoltas por cada indivíduo estar feliz com o papel que representa na sociedade, embora completamente pré-formatados para isso. Pensamentos e dúvidas eram compensados com “soma”.

A ideia de Novo Mundo está associada a uma realidade diferente, seja pela sua localização, escala, perspectiva, pela sua tecnologia, período no tempo, dimensão da realidade, etc. Um Mundo Novo oferece sempre um sentido de descoberta e de exploração, expansão e de eventual intervenção.

O trabalho que nos foi proposto sob o tema “**Marca, Texto e Espaço**” invocou-nos para uma realidade abstrata onde uma marca gráfica e um texto são capazes de definir uma unidade espacial, um ambiente à escala humana.

A marca deixada a partir de um objeto diário embebido em tinta-da-china num papel e um texto que faz um paralelo entre as intensidades de uma mancha e os jogos de luz e sombra num espaço, permitiram-nos organizar um espaço de forma a poder ser habitado.

Espaço define um lugar que nos pode remeter para outros mundos, outras realidades.

Bafatá, em Guiné-Bissau foi uma destas realidades. Muito distinta a nível social, cultural, económico, político, climático e ao nível dos seus recursos.

Pela proximidade da comemoração dos 90 anos do nascimento de Amílcar Cabral, fundador do Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), foi-nos pedido que projetássemos um Centro Interpretativo através de recursos locais,

integrando-o na paisagem e na estrutura urbana de Bafatá, um elemento polivalente de interesse comunitário.

A nossa abordagem surge da reinterpretação da planta das habitações tradicionais guineenses, dos traçados dos aglomerados nativos e até mesmo da forma de interação das pessoas, que se definem pela sua organização em circunferência.

Estruturalmente, a solução encontrada resolve questões climatéricas através do uso de recursos locais criando diferentes sombreamentos e organizando funcionalmente o espaço.

A proposta de intervenção na encosta das **Amoreiras** também surgiu como uma abordagem nova, uma nova visão da realidade.

Uma zona iconizada pelo Complexo das Amoreiras (1980-87), projeto do arquiteto Tomás Taveira, é um edifício funcional destinado a escritórios e comércio que gerou a criação de um novo centro urbano, originando a renovação da estrutura urbana e da imagem de Lisboa. Edificado sob uma perspectiva inovadora, tecnológica e futurista, contribuiu para a regeneração de uma zona, na medida em que a evolução da cidade passaria por ali.

O desafio passou por diferentes fases. Primeiro propõe-se uma leitura prospetiva em relação à sociedade- ano 2032 – (Tema I), o estabelecer e repensar a relação entre a macro e a micro escala urbana (Tema II), a projeção de 4 habitações (Tema I) e do espaço público envolvente (Tema III).

O perfil social envolveu um desejo de futuro. Requereu repensar a sociedade do ponto de vista da sua rotina, tendências de evolução e o desejo de mudar esta evolução noutro sentido- mais positivo, de maior racionalidade na interação humana e para com o ambiente. Repensamos económica, política e culturalmente, repensamos a sua organização, recursos naturais e famílias, os seus hábitos. Uma nova comunidade e o seu espaço privado e público, a sua cidade e a sua estrutura.

O desafio foi interessante na medida em que nos fez pensar no problema da organização do homem no espaço urbano, a escala de vida do homem, o que a envolve, integra e o seu impacto num ambiente construído de e para o Homem. Levou-nos a questionar sobre a evolução do modo e espaço habitacional e a pensá-la quase como

uma máquina, na medida em que, com a vida agitada, a casa não precisaria de ser mais do que um sistema de resposta às necessidades básicas do seu utilizador, que cada vez menos tempo permanece na sua habitação.

Desta forma o sentimento de apropriação pela casa é diferente e os espaços de convívio remetidos para o exterior.

Pelo carácter global e transitório que projetamos para a sociedade do futuro, os indivíduos terão as famílias de mais reduzida dimensão e mais dedicação às suas carreiras, desenvolvidas a nível internacional.

Propomos um reforço de transportes públicos, para a redução de transporte individualizado. Projetamos duas estações de metro, uma a norte – Estação de Campolide- e outra junto ao Complexo das Amoreiras – Estação das Amoreiras- e uma rede de trolleybus de forma a devolver à zona um domínio pedonal.

As zonas de intervenção escolhidas por cada membro do grupo reforçam a leitura feita em conjunto e funcionam como operações de carácter cirúrgico, de restauro e reabilitação.

A minha zona de intervenção, denominada Zona 5, localiza-se entre a Av. Engenheiro Pacheco, a Travessa das Águas Livres e Travessa Léguas da Póvoa, a Rua das Amoreiras e a Rua da Artilharia 1. Originalmente uma quinta do séc. XVIII, hoje todas as suas características praticamente deixaram de existir ou estão subvalorizadas. A zona atualmente encontra-se sob especulação imobiliária que desenvolve-se pelo interior do quarteirão.

A minha proposta de intervenção pretende recuperar novamente o encanto, através de requalificação, criação de espaços verdes e estruturas que devolvam carácter à zona. Proponho a manutenção de parte do interior de quarteirão como zona de desafogo da densificação envolvente e como zona de lazer.

As habitações que projetei desenvolvem-se a partir de uma linha de construção que remata o lado Sul da rua, indo ao encontro dos muros de betão que acompanham o percurso, servindo também como embasamento dos edifícios do seu lado posterior.

Viradas para o interior verde do quarteirão, as habitações desenvolvem-se segundo duas lógicas distintas criadas em função do perfil social prospetivo para daqui a

duas décadas.

Estas diferentes lógicas separam as quatro habitações em dois conjuntos de duas unidades. Um primeiro conjunto desenvolve-se segundo uma lógica de vida em comunidade em que toda a área comum das habitações é única e partilhada pelos diferentes habitantes.

O segundo conjunto desenvolve-se segundo uma lógica mais flexível em que pode funcionar como uma única habitação, ou como duas em que apenas o espaço comum da cozinha é partilhado.

O objetivo é a criação de espaços versáteis, com possibilidade de encadeamento entre eles ou de atingir dimensões diversificadas permitindo um ajuste à vida multifacetada destes habitantes.

Esta proposta, ao nível público e privado, é organizada segundo uma métrica enunciada pelo edificado do lado posterior. Esta métrica também faz surgir vãos e momentos de luz e sombra, que deixam ver ou ocultar uma relação entre estes dois tipos de espaço. Desta forma o muro surge como elemento limítrofe mas que permite um alcance visual, uma ligação, entre estes dois mundos.

Para o desenvolvimento da minha intervenção foi importante a aula dada pelo docente Arq. Paulo Tormenta Pinto sobre “Arquitetura de Mediação – Espaços habitados”. Esta aula fez-me questionar sobre o conceito de “muros habitados” e sobre qual a definição de “vão”. Um rasgo para passarmos? Para vermos?

Estes pensamentos foram explorados no meu projeto.

Em acompanhamento com os professores foi ainda feita referência à obra do Arq. Paulo David. Obras como a Casa das Mudas, a Piscina das Salinas, ambas na Madeira, ajudaram-me na contínua reflexão sobre este tipo de arquitetura.

Em Laboratório explorei um outro mundo, muito próprio, bem no coração da cidade – o Bairro histórico da **Mouraria**. Em grupo, incentivados pelo convidado Luís Mendes, investigador do ISCTE-IUL, que falou sobre fenómenos sociais na zona, despertou-nos o interesse que, juntamente com visitas ao local, nos propusemos a explorar.

Para a **dissertação** explorei a Mouraria pelas suas características únicas. A sua origem e evolução fizeram com que se tornasse num território muito diversificado

ao nível social, e ao nível urbanístico. Na sua malha apertada e orgânica, que se molda sobre uma topografia dinâmica, surgem espaços de desafogo, de convivência, os Largos. Foi sobre este espaço público que debrucei o meu estudo.

O objetivo desta pesquisa foi estudar como os utilizadores deste espaço – os mourenses e a população exterior ao Bairro- usam e apropriam segundo condicionantes sociais, geográficas e morfológicas.

Foram selecionados quatro casos de estudo pelas suas diferentes características e localizações.

Através deste trabalho, em que foi muito importante a componente do trabalho de campo, concluí que a utilização e apropriação do espaço pelos seus utilizadores depende diretamente da sua configuração espacial e da distribuição funcional dos objetos no espaço. Desta forma a o papel do arquiteto exerce uma influência decisiva devendo a sua leitura do local a intervir ser cuidada, planeada e envolvente.

O **tema IV** foi lançado com o intuito de criarmos um elo de ligação entre os diversos trabalhos.

Interessei-me em estabelecer uma ligação entre territórios tão diferentes na cidade de Lisboa, como as Amoreiras e a Mouraria.

O que teriam, à partida, dois territórios tao diferentes em comum?

Estabeleci uma analogia em relação ao perfil social futuro para o território das Amoreiras e à componente histórica da Mouraria, encontrando algumas características em comum. Concluí também que ambos os “territórios” poderiam aprender um com o outro na medida da adaptação das suas estruturas à sociedade, de forma a responderem melhor à suas necessidades e evolução.

Este ano letivo revelou-se muito interessante, na medida em que os trabalhos desenvolvidos foram muito diversos e os pontos de vista sobre os territórios diferentes.

Isto permitiu-me ficar com um maior leque de conhecimentos, de leitura e intervenção em espaços e sociedades distintas, contribuindo para um reforço da minha personalidade enquanto arquiteta.

Foi também muito importante o reforço da componente de trabalho de grupo, na medida em que nos tornou mais fortes ao nível do pensamento sobre os assuntos em questão e a constante aprendizagem a vários níveis.

**vertente
teórica**

**VIDA E ESPAÇO PÚBLICO NUM BAIRRO HISTÓRICO DE LISBOA:
USOS E APROPRIAÇÕES DOS LARGOS DA MOURARIA**

Era uma vez,
um pequeno novo mundo desconhecido...

... este é o mundo novo para o qual despertei... que acabou como uma história,
um testemunho de uma realidade, um lugar pelo qual me apaixonei...

ÍNDICE

Introdução	33	4. Usos e apropriações dos Largos	138
1. A conceptualização utilizada		4.1 Largo da Severa	139
1.1. Espaço Público	38	4.2 Largo do Terreirinho	148
1.2. Largo	41	4.3 Largo da Achada	161
2. A contextualização da Mouraria		4.4 Largo dos Trigueiros	168
2.1. Território	43	5. Conclusão	186
2.2. História	51	Bibliografia	191
2.3. Sociedade	60	Índice de imagens	196
3. A metodologia aplicada e a seleção dos Largos	72	Anexos	209
3.1 Morfologia e configuração dos Largos			
3.1.1 Largo da Severa	80		
3.1.2 Largo do Terreirinho	96		
3.1.3 Largo da Achada	112		
3.1.4 Largo dos Trigueiros	124		

RESUMO

A dissertação que aqui se apresenta foi desenvolvida no ano letivo de 2012/2013 no âmbito do Laboratório de Sociedade e Arquitetura orientado pela Professora Doutora Sandra Marques Pereira. Esta disciplina apresenta-se como componente teórica da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura, do último ano do percurso académico como estudante de arquitetura. O Projeto Final de Arquitetura teve a orientação dos docentes Arq. Paulo Tormenta Pinto e Arq. José Luís Saldanha.

O tema central do Laboratório foi “Tradição e Modernidade: a co(h)abitação em territórios metropolitanos” desenvolvendo-se a investigação sobre o território e indivíduos num bairro residencial da área metropolitana de Lisboa. Pretendeu-se uma abordagem que privilegia o carácter social da arquitetura, tanto do ponto de vista dos modelos produzidos, como dos seus utilizadores, e das suas atividades relativas ao espaço que ocupam.

A Mouraria despertou o interesse por ser um bairro diferente, e é-o há séculos.

Desde 1147, data da conquista de Lisboa aos mouros por D. Afonso Henriques, que a circunscrição destes a uma área exterior à muralha da cidade, fez nascer a Mouraria e fez com que ela se tornasse num bairro com cambiantes únicas. Depois, a substituição de uma população moura e judia, dada a sua expulsão no séc. XV, por uma cristã; o *boom* populacional devido ao êxodo rural, entre o séc. XVIII e o séc. XIX, na altura da época industrial; e a intensificação da multiculturalidade, a partir do séc. XX, com a chegada ao Bairro de população africana retornada, no contexto da independência das colónias portuguesas, tornaram este Bairro histórico num território de transitoriedade social, tornando-o único, bem no coração da cidade. Esta distinção continuou até ao presente com o estabelecimento de imigrantes provenientes do continente asiático. O Bairro vai sentindo cada vez mais necessidade de estar em interação com a Cidade e a prova disso é a abertura do Centro Comercial da Mouraria, em 1988.

Em termos urbanísticos a Mouraria reforça também a sua diferença. Com uma malha apertada, sinuosa, orgânica, molda-se num território topograficamente dinâmico.

Contudo, surgem espaços de desafogo, de convivência multiétnica e intergeracional, que pontuam este espaço da cidade de Lisboa e que são os Largos, alvo principal deste estudo. O objetivo desta pesquisa é estudar como os utilizadores deste espaço – os mourenses e a população exterior ao Bairro - usam e se apropriam destes espaços segundo condicionantes sociais, geográficas e morfológicas.

Selecionou-se como casos de estudo os Largos da Severa, do Terreirinho, da Achada e dos Trigueiros, pelas suas diferenciadas localizações geográficas, morfologias e, consequentes, dinâmicas de uso.

O trabalho divide-se em cinco partes antecidas pela definição dos objetivos do estudo, da justificação da opção pela investigação presente, e um enquadramento teórico dos temas estudados.

Na primeira parte, e de forma resumida, definem-se os conceitos de espaço público e largo.

Segue-se uma aproximação ao território, localizando-o na cidade e a sua articulação com a mesma. Contextualiza-se histórica e socialmente, desde a sua origem à atualidade, e explica-se fenómenos em desenvolvimento no território como a imigração e a “gentrificação”.

A identificação dos critérios de seleção, definição e fundamentação da metodologia utilizada para a abordagem ao trabalho de campo, caracterização de cada caso de estudo - desde a origem da sua toponímia, às tendências predominantes no local, passando pelo contexto do seu aparecimento, enquadramento nos últimos anos, reabilitações recentes e morfologia - e os elementos em análise (utilizadores e tipo de utilização), constitui a terceira parte.

Segue-se, a demonstração de resultados da análise do levantamento de dados em cada Largo.

Finalmente, e numa quinta parte, as conclusões principais do trabalho e o resultado de toda a análise desenvolvida.

Compara-se os resultados obtidos, interpretando-os e manifestando o contributo que este trabalho trouxe para a minha aprendizagem como futura arquiteta. Conclui-se que a utilização e apropriação do espaço pelos seus utilizadores depende

diretamente da sua configuração espacial e da distribuição funcional dos objetos (mobiliário urbano) no espaço refletindo-se sobre o importante papel do arquiteto.

Interiorizamos a ideia fundamental de que um arquiteto pode ter uma influência decisiva nas tendências ocupacionais ou nas apropriações e usos dos espaços, se a sua leitura do local intervencionado for cuidada, planeada e envolvente. As pessoas ocupam os espaços agradáveis, bem equipados, seguros e os acertos das propostas de intervenção devem ir ao encontro de tais valores.

Palavras-chave:

Mouraria

Espaço Público

Usos e apropriação

Gentrificação

Imigração

ABSTRACT

This dissertation was developed in the 2012/2013 academic year in the Architecture and Society Laboratory, under the direction of Professor Sandra Marques Pereira. It comprises the theoretical component of the Architecture Final Project, the keystone course of the final academic year for architecture students. In the Architecture Final Project course, students benefited from the guidance of docents Paulo Tormenta Pinto and José Luís Saldanha, both architects.

The central theme of the Lab was “Tradition and Modernity: Cohabitation in Metropolitan Areas”. The goal of this work is to broaden the understanding of the territory and individuals in a residential neighborhood in the metropolitan area of Lisbon. We sought an approach that emphasizes the social character of architecture, from the point of view of the structures produced; their users, and the users’ activities related to the space they occupy.

Mouraria (the literal translation is the Moorish Quarter) has sparked interest for being a unique neighborhood, as it has been for centuries.

Since 1147, the date of the conquest of Lisbon from the Moors by D. Afonso Henriques, the development of these mourarias to an area outside the city wall, gave birth to Mouraria and caused it to become a neighborhood with unique nuances.

Later, due to their fifteenth century expulsion, the Moorish and Jewish population were replaced with a Christian one. In the eighteenth and the nineteenth centuries, the population boomed due to the rural exodus at the height of the industrial revolution. In the 20th century, with the Independence of former Portuguese colonies, the neighborhood’s multicultural identity was intensified with the arrival of a returned African population. The district’s history of social transformation, right in the heart of the city, makes it unique. This distinction continues to the present with the current influx of immigrants from the Asian continent. The neighborhood has become increasingly more integrated with surrounding City, as evidenced by the 1988 opening of the Centro Comercial da Mouraria (Mall of the

Moorish Quarter).

Mouraria also reinforces its distinctiveness in urban terms. It has tight knit, sinuous, organic shapes packed within a diverse topography. However, it is the open areas of multiethnic and inter-generational coexistence which dot this area of Lisbon - the Largos, or Squares, which are the main target of this study. The objective of this research is to study how the users of this space - the population that live inside and out of the district – use and appropriate these spaces with their social, geographical and morphological constraints.

The studies cases are Largo da Severa, do Terreirinho, da Achada and dos Trigueiros. These are differentiated by their geographic locations, morphologies and consequential use dynamics.

This work is divided into five parts starting with the definition of the study's objectives; the justification of the research; and a theoretical framework for the subjects studied.

In the first part, concepts of public space and Largo are briefly defined. Next, these are considered with regard to the neighborhood, and its place within the city. They are placed within the historical and social context, from the origins to the present; and explained in light of the current phenomena in development in the territory such as immigration and gentrification.

The identification of selection criteria; definition and justification of the methodology used for the approach to field work; characterization of each case study - from the origin of its toponymy; the prevailing trends in place, from its appearance, to the framework of the recent years; recent rehabilitations and morphology - and the elements under consideration (users and usage); constitutes the third part.

Afterwards is the presentation of our results of the analysis of the survey data in each Largo.

Finally, in the fifth part, the main conclusions of the work and the result of all the analysis developed are presented.

We compared the results, interpreting and demonstrating the contribution that this work has brought to my learning as a future architect.

We conclude that the use and appropriation of space by its users directly depends

on its spatial configuration and distribution of functional objects (urban furniture) in space reflecting the important role of the architect.

We take on the fundamental idea that an architect can have a decisive influence on occupational trends or appropriations and uses of spaces. If the understanding of the selected site is careful, well planned and engaging, people occupy pleasant, well equipped spaces, safe and well designed intervention proposals should meet such values.

Keywords:

Mouraria

Public Space

Uses and appropriation

Gentrification

Immigration

AGRADECIMENTOS

Aos Professores José Luís Saldanha e Paulo Tormenta Pinto, pela orientação e acompanhamento ao longo do ano letivo e do percurso académico.

À orientadora Sandra Marques Pereira pelo apoio direto e sistemático ao longo do desenvolvimento do trabalho, sem o que teríamos mais elevadas dificuldades na sua concretização.

Aos moradores e simpatizantes da Mouraria que sem eles não teria sido possível.

Às arquitetas do Atelier Artéria que permitiram contatos com a Mouraria, a primeira visita guiada ao bairro e uma perspetiva de quem lá convive e confraterniza.

Ao Arquivo Municipal de Lisboa, à Junta de Freguesia do Socorro, à arquiteta Alberta Midões e à Sra. Professora Rosália Guerreiro pela cedência de material para pesquisa.

À Patrícia Oliveira, Rita Rodrigues e Sérgio Sá pelo trabalho desenvolvido em conjunto.

Ao João Pinheiro por me ter ensinado a manipular o programa SPSS, fundamental para a análise de dados.

Ao Antero Silva por me ter ajudado nalguns levantamentos durante o trabalho de campo.

A todos os que não mencionei que direta ou indiretamente contribuíram para o bom desenvolvimento deste trabalho e conclusão deste meu percurso académico. O meu muito obrigada.

Não quero deixar de ter uma palavra de carinho para os meus familiares e amigos. A todos agradeço a confiança depositada no meu percurso académico. Sem os seus conselhos, paciência, encorajamento e entusiasmo, tudo seria mais difícil no dia-a-dia. Na intensidade quotidiana da vida estudantil encontrei sempre disponibilidade, apreço e incentivo. Gratidão é uma palavra pequena para aquilo que sinto e para aquilo que recebi.



Largo do Terreirinho



Largo da Severa



Largo dos Trigueiros



Largo da Achada

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho de investigação é compreender melhor a realidade sócio urbana dos Largos da Mouraria, quem são os seus utilizadores, como o frequentam e qual o seu tempo de permanência. Teremos ainda em atenção a circulação dos utilizadores pelos Largos e o modo como o usam. Pretende-se ainda compreender se existem matrizes de comportamento face à localização geográfica do Largo. Para este fim serão estudados fenómenos sócio urbanísticos e o desenvolvimento histórico-espacial do território.

A população alvo da nossa pesquisa divide-se em dois grupos: os residentes locais-autóctones, imigrantes e *gentrifiers*¹- e os utilizadores exteriores à zona- turistas e outros.

Selecionou-se para estudo os Largos da Severa, do Terreirinho, da Achada, e o Largo dos Trigueiros.

A seleção obedeceu a três critérios diferentes: a sua localização geográfica (geral e relativa), ou seja, pela sua posição a Norte ou a Sul do bairro, a sua centralidade, envolvente, acessibilidade e elementos de destaque de atração. O segundo critério foi a morfologia distinta de cada espaço, fundamental para a atração de pessoas, e, o terceiro, a intensidade e dinâmica de utilização.

Foi realizado trabalho de campo de observação direta e registo no local sob vários tipos de anotações servindo como referência para a elaboração de uma base de dados para posterior análise e interpretação.

O interesse pelo Bairro da Mouraria advém do facto de ser um bairro histórico e tradicional, bem no coração de Lisboa, mas único no que se refere à sua história, população e morfologia. É um dos bairros mais antigos e em crescente valorização, predominantemente habitacional. Mas a dinâmica da sua população, dos seus fenómenos sociais em correlação com a sua estrutura urbana, atraíram a nossa atenção. É uma zona de bastante transitoriedade populacional, em que a sua moldura arquitetónica e urbana parece adaptada às constantes necessidades da sua diferenciada população, em cada momento histórico. Interessou o papel do espaço público, que surge por entre a cerrada malha urbana da Mouraria. Pretendeu-se uma análise articulada do seu conjunto, cons-

tituído pelo cheio (construído), vazio (espaço público) e população, procurando o melhor entendimento de uma inter-relação secular dinâmica.

Os fatores que condicionam a utilização do espaço público estão relacionados com questões arquitetónico-urbanísticas, relacionadas com a localização e morfologia do espaço, mas também com questões de ordem sociológica (além de outras pessoais e climatéricas). Para a realização desta investigação, achei por bem fazer uma pesquisa bibliográfica sobre quatro temáticas que me pudessem suportar na estudiosa reflexão: a **História do Bairro**; a **“Gentrificação” e Imigração**, em geral e em particular na Mouraria; o **Espaço Público** em geral; e outras obras específicas sobre estudos que já se tivessem debruçado sobre as temáticas da **Mouraria e o seu Espaço Público** em conjunto. Desta forma a questão da utilização do espaço público, neste território em particular, seria entendida de forma mais profunda indo ao encontro da componente arquitetónica-urbanística e social da Mouraria em específico.

Sobre o **enquadramento histórico**, para o entendimento do processo de aparecimento e evolução do Bairro, património e gentes, bem como a importância que o espaço público assume ao nível das épocas de festividades, foi realizada a consulta da obra “Socorro, Freguesia Mourisca, O Berço do Fado”, de Vera Mendes, cedida pela Junta de Freguesia do Socorro. Esta obra, devido ao extenso aprofundamento sobre o Bairro da Mouraria verificou-se fundamental.

Sobre a temática social, da **“Gentrificação” e Imigração**, em geral e em particular da Área Metropolitana de Lisboa e da Mouraria, para a caracterização do contexto e dinamismo social da Mouraria, relativas aos fenómenos e agentes que se desenvolvem na zona de estudo, revelou-se fundamental o estudo GEITONIES (*Generating Interethnic Tolerance and Neighbourhood Integration in European Urban Spaces*), desenvolvido entre 2009 e 2011, liderado por Maria Lucinda Fonseca, da Faculdade de Letras, numa análise comparativa entre 3 Bairros da Área Metropolitana de Lisboa – o da Mouraria, Costa da Caparica e Monte Abraão – que incide sobre modos de coexistência multi-étnica em sociedade. Ainda dentro desta temática foi consultada a obra de Malheiros (et. al., 2012) “Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo de ajustamento ou prática emancipatória num bairro do centro histórico de Lisboa?”, artigo publicado na

Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em que demonstra a análise de dois processos de transição sócio-urbanística- a fixação de imigrantes e de *gentrifiers*- e as suas relações sociais, que têm levado a uma maior diversificação do campo cultural e étnico em Lisboa. O seu caso de estudo é o Bairro, onde estuda a materialização das relações e interações, ainda com um terceiro grupo, os autóctones.

Costa (2011), em “Globalização, diversidade e “novas” classes criativas em Lisboa – Economia etnocultural e a emergência de um sistema de produção etnocultural”, artigo publicado em *Sociologia, Problemáticas e Práticas*, refere as dinâmicas comerciais e o turismo etnocultural que a vinda de população imigrante não europeia para o Martim Moniz tem proporcionado, referindo as vantagens desta multiculturalidade numa cidade cosmopolita como Lisboa.

Nesta fase do trabalho, consultei ainda elementos escritos e desenhados através de projetos e artigos de revistas de entidades no território, como o Relatório do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria de 1996 e o artigo “Reabilitação Urbana – Bairros Históricos de Lisboa”, da revista *Architecti* do Gabinete Técnico da Mouraria, que permitiram uma aproximação à realidade da década 1987- 1997 e ao reforço social, urbano e arquitetónico praticado na altura. Devo referir que para esta fase foi importante o trabalho de grupo desenvolvido no primeiro semestre, no âmbito da componente teórica de Projeto Final de Arquitetura. Este trabalho centrou-se na contextualização do Bairro e na compreensão dos fenómenos emergentes do impacto da fixação de três tipos de habitantes (imigrantes, autóctones e *gentrifiers*) e as estratégias de reabilitação/revitalização urbana da referida unidade territorial. Numa tentativa de aproximação ao local e aos seus habitantes, e de forma a aprofundarmos a investigação, foram realizadas visitas (algumas guiadas) ao território, entrevistas e visitas a habitantes locais. Procurou-se testemunhos sobre a realidade local e as interações entre os vários tipos de habitantes.

Foi fundamental o estudo do **Espaço Público** nesta investigação para compreender as limitações que, além das sociais, estão associadas à frequência, intensidade e modos do uso e apropriação, por parte dos utilizadores. O espaço público é um tema que tem vindo a ser explorado ao longo de já algum tempo, e portanto, efetuei uma pesquisa de referências úteis na criação de premissas de estudo e entendimento do espaço público

em geral e em particular na Mouraria, das componentes morfológica e social, pelas diferentes vertentes de “olhar” a cidade e a sua habitabilidade, demonstradas por cada autor.

Whyte (1980), em *The Social Life of Small Urban Spaces*, fascinado pelo comportamento de pessoas comuns nas ruas da cidade, preocupava-se em torná-las mais habitáveis e fê-lo transmitindo algumas ferramentas para análise dos espaços públicos e da “habitabilidade” do espaço urbano.

Cullen (1961), em *Paisagem Urbana*, define que o objetivo fundamental dos urbanistas é o diálogo entre o público e a vida dos espaços que desenham. Ao longo do livro enumera elementos que compõem o espaço urbano e conceitos de leitura do mesmo, demonstrando relações visuais, configurações espaciais que considera exemplares, articulações da estrutura viária com a pedonal e a importância dos elementos de mobiliário urbano, bem como a “riqueza” presente noutros elementos do espaço.

Lynch (1960) contribui com a sua obra *A Imagem da Cidade*, através da enunciação de elementos fundamentais na organização e mapeamento da cidade para os transeuntes.

Responsive Environments de Alcock (et. al., 1985) é um trabalho que foi desenvolvido com o intuito de servir como ferramenta de trabalho e ajudar os designers de cidade a criar espaços vitais, em que o ambiente físico ajuda a sustentar a vida humana e de comunidade. Contribuem para a pesquisa enumerando qualidades do ambiente construído que condicionam as escolhas dos utilizadores da cidade.

A Morfologia Urbana e Desenho da Cidade (1995) de José M. Ressano Garcia Lamas explica a cidade através de uma espécie de dicionário, explicando e dando exemplos das partes que a compõem através de fundamentos históricos.

Sobre a **Mouraria e o Espaço Público** foi importante a leitura de obras que exploram ambos os temas. *Mouraria, Retalhos de um Imaginário - Significados Urbanos de um Bairro de Lisboa* de Menezes (2004) confronta as vivências efetuadas no local, na altura das festividades, com as que existem no imaginário das pessoas (de dentro e de fora do Bairro), passando pela sua história, limites, diferentes espaços e interações sociais.

Marta Rodrigues (2012) estuda o espaço público enquanto contexto e consequência das diferentes formas de espacialização cultural, escolhendo como caso de estudo um

troço da Avenida Almirante Reis, entre a Praça Martim Moniz e a Igreja dos Anjos, e áreas envolventes.

Nesta fase do trabalho foi, também, fundamental a consulta do Programa de Ação do Quadro de Referência de Estratégia Nacional (PA QREN)- Mouraria Junho 2010- e do Plano de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria (PDCM), disponíveis *online*, bem como a consulta de artigos em jornais e revistas de cobertura mediática recentes relativas ao território em estudo.

Foram também consultados e analisados os dados dos Censos de 2011, do Instituto Nacional de Estatística (INE), para uma aproximação à localização das concentrações dos fenómenos e agentes no território.

A reunião e articulação destes argumentos, embora maioritariamente específicos a tempos e espaços, e por razões relacionadas com a mudança das cidades, foram considerados de forma a se ajustarem ao estudo da Mouraria, conferindo-lhe uma leitura mais clara.

Este estudo é inovador na medida em que se centra numa parte específica do espaço público, os Largos, enquanto zonas de permanência formal por oposição à rua. Assim, observa-se, relata-se, quantifica-se e traduz-se as relações entre utilizadores e entre estes e o espaço, evidenciando comportamentos e/ou tendências de acordo com a localização, a morfologia e/ou o grupo social. Este estudo traz, pois, novos dados sobre um Bairro onde ocorrem fenómenos sociais, e que se distingue das abordagens que têm sido feitas com um carácter mais genérico e abrangente.

1. A conceptualização utilizada

1.1. Espaço Público

“O espaço público é um lugar estratégico para se aprofundar o conhecimento da relação entre espaço e sociedade, já que é um espaço de mediação que possibilita a criação e a contestação de identidades, isto é, um espaço onde as práticas culturais que ali se desenvolvem fazem parte do nosso conhecimento da cidade” (Fyfe,1998; Crouch,1998 em Menezes, 2004: 10).

O espaço público está associado a uma cultura agregadora e de partilha entre os cidadãos, que compõem uma heterogênea sociedade urbana.

Cullen (1961) justifica que o Homem é social e que, portanto, é natural que se reúna. Explica que “a noção de cidade como um local de reunião, de contacto social, de ponto de encontro, foi assumida como incontroversa através da história da nossa civilização até ao século XX. Essa reunião poderia surgir tanto no Fórum de Pompeia como à volta do pelourinho, sem no entanto perder o seu carácter de ritual próprio do homem; tratava-se simultaneamente de um rito e de um direito. Nem sequer, de uma maneira geral, se tornava necessário explicar se os motivos eram litúrgicos ou profanos” (Cullen, 1961:105). Alerta para que o perigo de os locais de reunião desaparecerem devido à má gestão do espaço, e que com ele, possivelmente o ajuntamento de pessoas.

Alcock (et. al., 1985) afirma que na projeção dos espaços públicos é necessário aliar as intenções de desenho ao próprio tecido urbano, tornando os espaços responsivos, enriquecendo oportunidades e maximizando o grau de escolha. Neste sentido critica arquitetos como Le Corbusier (1887-1965) e Gropius (1883-1969) achando-os incapazes de produzir cidade qualitativa, em que a vivência humana é valorizada, sendo apenas cheia de ideais não ligados ao ambiente construído.

Cullen (1961) explica que o homem é o objeto mais móvel na cidade, mas que a sua presença normalmente ancora-se em atividades exteriores, comerciais, recreativas e

sociais. Mas prever espaços livres para que estas atividades possam simplesmente existir, não é suficiente. O espaço livre precisa de ser ocupado com elementos de modo a separar fluxos diferentes de pessoas, em grupos. Uma árvore ou um mercado são um exemplo, por providenciarem sombra e abrigo. “Porque o homem é gregário, mas para o ser totalmente necessita do pretexto, do incidente ou de uma âncora” (Cullen, 1961:106). No entanto a âncora é mais do que uma atração puramente de carácter utilitário.

Whyte (1980) forneceu indícios fundamentais do que entendia serem os fatores que condicionam a utilização do espaço público, bem como uma interpretação das razões por detrás das formas de uso deste. Observou que muitos espaços projetados não tinham tanta gente como outros que não o foram. Definiu, portanto, princípios indicativos da potencialidade de utilização do espaço em que se destacam cinco: “espaços para sentar”, “sol, vento, árvores, água”, “comida”, “rua” e “triangulação”. Desta forma, foi muito importante a assimilação e utilização de conceitos.

“Espaços para sentar” são o elemento que considera mais fundamental. Sem estes, por mais convidativo que seja o espaço, não é possível lá permanecer. Sejam dispositivos projetados, ou a existência de outros como degraus, muros, relva, elevações topográficas, ou outro elemento que tenha uma altura acessível e fisicamente confortável. Interessa também que seja “socialmente” confortável, ou seja, que permita um leque de possibilidades para os momentos de convívio – sentar de frente, de lado, de costas, ao sol, à sombra, em grupos, sozinho.

Zonas que permitam um ameno contacto com os Elementos ao longo do dia e do ano, proporcionando conforto. Áreas solarengas no Inverno e frescas no Verão, abrigadas do “Vento”, e com “Árvores” que permitam sombreamento, fornecendo proteção e resguardo. A proximidade do elemento “Água” pelo seu som, toque e frescura também transmitem uma sensação de tranquilidade.

A proximidade de dispositivos de venda de “Comida” e bebidas, mesmo que provisórias, também servem como atrativos. Promovem o aparecimento de pessoas e, com o tempo de mais vendedores e de mais gente. São como que fornecedores da vida no exterior, que não obedecendo às leis do mercado regulado para os estabelecimentos comerciais, promovem o aparecimento de vida no espaço público.

A proximidade, visibilidade e acessibilidade à “Rua” é fundamental. O autor considera “Rua” como a zona mais próxima, onde existe mais movimentação, potencialmente comércio, montras, esplanadas, diversidade de acontecimentos, sítios que atraíam a atenção, gerando conforto, segurança, distração e sentido de pertença. Pode ser interessante a “Rua” e a Praça (ou Largo) se misturarem, fundindo-se e não se distinguindo uma da outra. Mas o fato de se poder ver a Praça a partir da “Rua” também pode estimular o impulso de uso e, fazendo uma pausa, ou andando mais devagar, decidir se quer fazer parte daquele sítio, daquele lugar e daquela atividade.

A existência destes fatores pode provocar a “Triangulação”, fenómeno gerado pela curiosidade. É quando algo inesperado acontece, criando à sua volta um conjunto de pessoas que observam, tornando-se num grupo cada vez maior. Pessoas atraem pessoas.

A rua é considerada o espaço público por excelência, por ser o elemento de ligação entre localidades e pessoas. Lynch (1960) reforça a sua importância, dizendo que por ser o local por onde se transita, é por onde se entende a organização e mapeamento da cidade. É por onde se forma a sua imagem, aliando a percepção urbana à forma física das cidades. “Pois, ao caminhar os pedestres nomeiam, narram e relembram a cidade de forma improvisada, inventiva e, assim conseguem evadir-se dos constrangimentos e das imposições colocadas pelo planeamento urbano” (Menezes: 2004, 8).

Alamedas e parques, praças e largos, surgem na estrutura pública da cidade conferindo aos espaços urbanizados e edificados, áreas verdes e de lazer.

1.2. Largo

Na Mouraria não existem espaços públicos planeados de origem. São vazios urbanos que surgem acidentalmente e não são desenhados propositadamente para terem uma forma e cumprirem uma função. É por isso que estes espaços são chamados Largos e não Praças. O Largo e o Terreiro podem surgir de vazios, ou do alargamento ou confluência de traçados, que com o tempo foram apropriados (Lamas, 1995; Menezes, 2004). “A praça pressupõe a vontade e o desenho de uma forma e de um programa. (...) é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas.” (Lamas, 1995: 100 e 102).

A definição de Praça obriga a uma relação entre espaço/vazio e edifícios/fachadas que limitam e definem o espaço caracterizando-o como “espaço coletivo de significação importante (...) de valor funcional e político-social, (...) de cenário urbano, (...) um dos seus atributos principais e que a distingue dos outros vazios da estrutura das cidades.” (Lamas, 1995: 102 e 176, *itálico nosso*).

Mas Lamas (1995:102) refere que Morris distingue 3 categorias de recintos: (1) os destinados ao trânsito e que fazem parte da estrutura viária principal, usada tanto para peões como para viaturas; (2) os espaços residenciais, pensados só para acesso pelo tráfego local aos edifícios, e com propósitos recreativos; (3) os espaços exclusivamente pedonais. Nesta categorização poderíamos classificar o Largo do Terreirinho do primeiro tipo pois surge e existe como espaço de confluência de diversas ruas utilizadas por ambos, pedestre e automóvel. Os restantes Largos seriam do terceiro tipo embora ocasionalmente sejam ocupados por um dispositivo automóvel (indesejado).

Na Mouraria, a densidade construtiva não permitiu espaços verdes públicos, existindo apenas alguns poucos logradouros privados.

Os espaços públicos são praticamente todos trapezoidais, à exceção de um ou outro Largo de forma triangular ou linear, e são todos resultantes de confluência de ruas, da

derrocada de edifícios, ou de espaços não edificadas. À exceção da Praça do Martim Moniz nenhum outro espaço público de encontro foi antecipadamente projetado para o efeito, no Bairro (Menezes, 2004: 76). Independentemente deste fator é lá que muitas vezes a população se encontra, e usufrui do espaço como de convívio. Embora despojados (não existindo equipamentos de lazer como esplanadas, zonas lúdicas e zonas verdes) já foi iniciado um esforço neste sentido. Já se começou a colocar mobiliário urbano e a surgirem alguns equipamentos de lazer e de cultura (incluídos no Plano do QREN 2012). É preponderante que este esforço continue, de forma a permitir uma abrangente resposta às necessidades e exigências de uma população sempre diferente e sempre em transitoriedade.

2. A contextualização da Mouraria

2.1 Território

Todos já ouviram falar, certamente, da Mouraria. Outros já a viveram e sentiram. Contudo, torna-se interessante verificar que a Mouraria é mais do que um conceito administrativo e cai na esfera de área ou zona urbana que se entrelaça em diferentes freguesias.

A Mouraria localiza-se junto ao coração da capital portuguesa, a Baixa de Lisboa. Os limites que definem o Bairro é que não são tão claros. Estudiosos como Menezes (2004), Mendes (2012), Fonseca (2012) e Rodrigues (2012) e os próprios moradores consideram este lugar com “limites muito diferenciados”.

Menezes (2004), em entrevista, explica que ao nível administrativo não existe local com este nome:

“A Mouraria não é o mesmo que a freguesia do Socorro que tem limites administrativos.

A Mouraria é uma zona, indo para além desses limites. (...)

Sr. Augusto, aproximadamente 45 anos, representante da Junta de Freguesia do Socorro, nascido e criado no bairro, mas há muitos anos vive fora dali.” (Menezes: 2004, 83).

Foi outrora o nome de um dos bairros fiscais, restando apenas as freguesias e as políticas do território da cidade, perdendo-se o perímetro de definição do Bairro. A sua localização estende-se por diferentes freguesias, desde a Colina do Castelo e da Graça até ao vale do Martim Moniz, e é anunciada pelo seu posicionamento junto às muralhas que cercaram a cidade e pelo seu tecido urbano. Outra forma de a encontrar é através da toponímia, pela nomenclatura dada a edifícios (como ao centro comercial e a estabelecimentos locais), pelas referências ao bairro constantes em guias turísticos e, até,

à vivência típica da zona ao nível das “práticas (...) rituais, a existência de um comércio de revenda controlado por indianos e chineses, etc.” (Menezes, 2004: 77 e 79).

“Até onde é a Mouraria (...), isto é um bocado complicado! A Mouraria é isto tudo, isto aqui também é Mouraria (estávamos na Rua Marquês de Ponte de Lima). (...) Desde que seja freguesia do Socorro é Mouraria.

(Sr. Vasco)” (Menezes: 2004, 81).

“A Mouraria é isso tudo (faz um gesto com os braços abrangendo uma área circundante, apontando a Rua da Mouraria e o Lg. do Martim Moniz). A Rua do Benfornoso também é, e vai até lá cima, antes do Castelo. (...)

Sr. Karim, 49 anos, é comerciante indiano que veio de Moçambique em 1979 com pais e irmãos. A família instalou o seu negócio na Rua Benfornoso.” (Menezes: 2004, 80 e 81).

Os limites que considerei a Norte do Bairro são também considerados por estudiosos como Mendes (et. al., 2012), Fonseca (2012) e Rodrigues (2012). Considerei como Bairro a zona da encosta do Castelo, albergando o centro histórico da Mouraria, a Norte, e uma zona mais a Sul, a Mouraria expandida. Não considerei como fazendo parte do Bairro o lado Este da Praça do Martim Moniz. Os limites que considerei a Sul são definidos pela Freguesia de S. Cristóvão e S. Lourenço, zona esta referida em entrevistas exploratórias como importante. De facto, é considerada a área de maior concentração de *gentrifiers*, pelo fato de se localizar imediatamente ao lado da baixa da cidade.

As atuais Escadinhas da Saúde são por onde outrora passava a Muralha Fernandina, separando o Norte e o Sul do Bairro.

Planta 01. Localização da área de estudo considerada, casos de estudo e Freguesias.



Uma rede rodoviária fundamental para a cidade, situa-se na envolvente urbana do Bairro sendo a mais importante a que atravessa a sua periferia no sentido Norte-Sul.

Esta rede de eixos principais de circulação que ligam a cidade à Mouraria, é constituída pela Avenida Almirante Reis e as ruas da Palma, do Arco do Marquês do Alagrete, do Poço do Borratém e da Madalena. O eixo secundário de circulação à escala da cidade, situa-se a meia encosta e é constituído pelo Largo de S. Cristóvão e as ruas das Farinhas e Marquês de Ponte do Lima, liga a parte Norte e Sul da Mouraria atravessando-a a meio, partindo do Largo do Terreirinho.

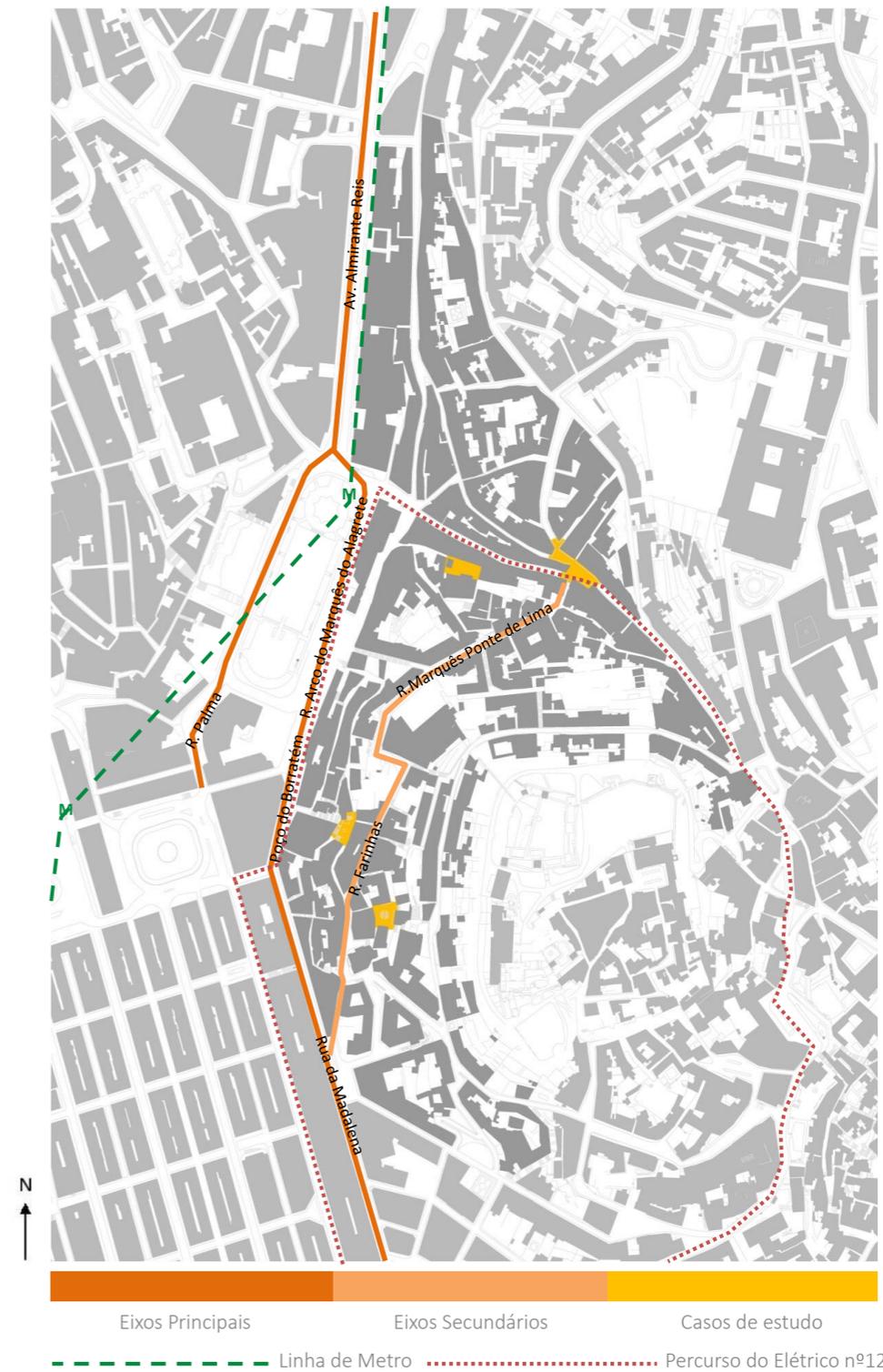
Considera-se portanto o grau de acessibilidade rodoviária ao bairro fraca, devido às limitações colocadas pela Cerca Fernandina, por só a partir dos finais do séc. XIX se ter dado a abertura da Rua Marquês Ponte do Lima (Menezes, 2004: 76 e 77), pela sua acentuada topografia e malha apertada.

O Metropolitano de Lisboa, desde 1966 serve a Mouraria, sendo dos poucos bairros históricos a usufruir do mesmo e que liga o bairro não só à cidade mas também ao mundo, agora com a abertura da estação do Aeroporto. O único transporte público que percorre o Bairro, é o elétrico nº 12, que passa pelo Largo do Terreirinho (Rua dos Cavaleiros/Calçada de St. André) (Menezes, 2004: 60 e 77).

Assim, podemos concluir que a acessibilidade a todo Bairro pelos transportes públicos, é apenas possível pela Praça do Martim Moniz e de uma forma geral encontra-se relativamente bem servido.

À escala do núcleo do bairro uma outra estrutura de eixos organiza a circulação. Os eixos principais desenvolvem-se segundo os talvegues (linhas de água) constituídos pela Rua da Mouraria, eixo estrutural mas de trânsito condicionado a cargas e descargas de mercadorias; Rua do Benfornoso, via de saída da cidade que perdeu a importância que outrora teve desde a abertura da Av. Almirante Reis; e a Rua dos Cavaleiros/ Calçada de St. André, via de ligação à parte alta da cidade. Os eixos formados pelas ruas do Terreirinho, Lagares e Cç. Agostinho de Carvalho são também importantes (Menezes, 2004).

Planta 02. Mapa da rede principal de circulação, à escala da cidade. Fonte: da autora. Mapa realizado a partir de referências de Menezes (2004).

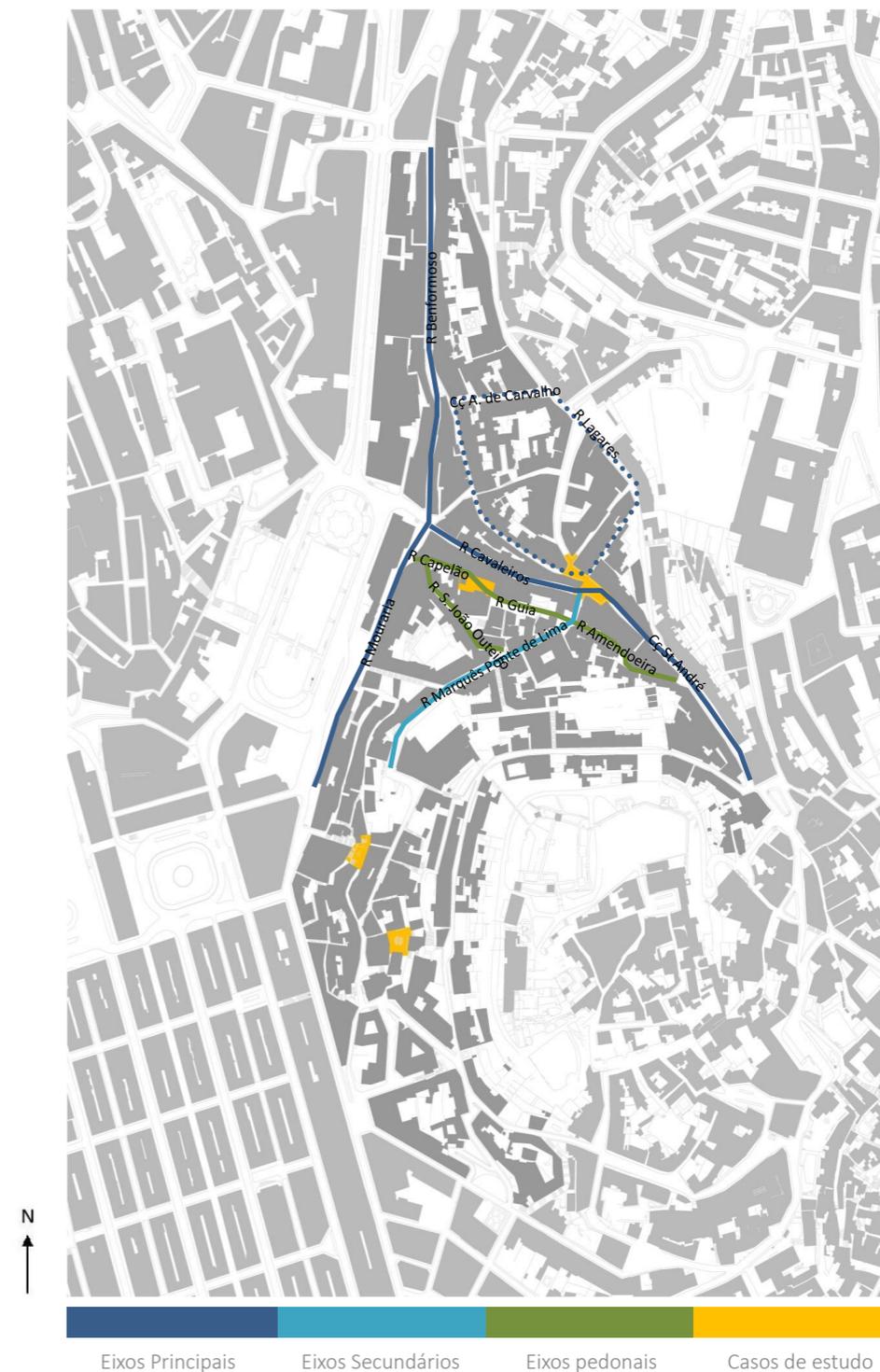


Os eixos secundários no núcleo do bairro desenvolveram-se segundo as curvas de nível da Colina do Castelo e da Graça, e convergem para a Calçada de St. André e Largo do Terreirinho. A Rua Marquês Ponte de Lima é considerada o principal eixo de atravessamento de tráfego viário do bairro.

As ligações transversais no bairro são maioritariamente pedonais, e normalmente feitas por longas escadarias e muitas vezes em forma de becos. Os eixos transversais são formados pela Rua da Amendoeira, Guia, Capelão e João do Outeiro.

O estacionamento no bairro é diminuto, sendo que existe um grande parque de estacionamento subterrâneo na Praça do Martim Moniz, mas raramente utilizado pelos habitantes (Menezes,2004: 77).

Constata-se portanto que o Largo do Terreirinho, à escala da cidade como da do Bairro, é um importante local de atravessamento de eixos e de confluência de ruas - o único caso de estudo com movimentação rodoviária e o com mais afluência de ruas, de toda a Mouraria. O Largo da Severa é também um importante eixo de atravessamento à escala pedonal.



Eixos Principais Eixos Secundários Eixos pedonais Casos de estudo

Planta 03. Mapa da rede principal de circulação, à escala do bairro. Fonte: da autora. Mapa realizado a partir de referências de Menezes (2004).

“Ficaram em alguns logares grandes d’este reino, depois de ganhados aos mouros pelo braço dos primeiros reis, bairros inteiros povoados dos mesmos mouros vencidos e sujeitos, onde d’antes eram senhores. Devia ser tenção dos reis, que ficassem assi, ou para ajudarem a cultivar a terra, (...) com a companhia dos catholicos, abrindo os olhos à verdade, e deixando a falsa seita. (...) E como lhes deixaram bairros separados para a sua moradia, em que ainda hoje dura o nome de “Mourrarias”, permitia-lhes também a singeleza dos tempos antigos conservarem entre si as mesquitas” (Sousa,1623-78, in Mendes, 1996:15).

2.2 História

Após a conquista de Lisboa em 1147, inserida no movimento político-militar e religioso, de dimensão peninsular, conhecido como Reconquista Cristã, os mouros foram autorizados a permanecer na cidade, mas circunscritos a um território exterior às muralhas, conhecido como “arrabaldes”. Era aí, que num regime de semi-isolamento estavam destinados a permanecer os mouros enquanto povo vencido, limitado espacial e socialmente. Desde esta altura, e por razões evidentes, a Mouraria torna-se um bairro diferente dos restantes, uma cidade dentro de outra. “Determinados elementos do urbanismo muçulmano são identificáveis na toponímia (por exemplo: Borratém, Capelão, Olarias, Cavaleiros), no traçado estreito das ruas, nos becos sem saída e em algumas casas térreas.” (Menezes, 2004: 26).

Nos fins do séc. XV -1496- D. Manuel I promulga o Édito de Expulsão dos mouros e judeus de Portugal, e assim uma nova população cristã regenera o Bairro com novas intervenções, algumas de cariz palafítico, como é o caso do Palácio do Marquês de Alegrete, em 1694, em pleno atual Martim Moniz (Matias, 1996:64).

“O Terramoto de 1755 atingiu sobretudo a zona *baixa da cidade* (...) Desde então observa-se que o crescimento urbano destas diferentes zonas seria marcadamente distinto das épocas anteriores (Marques,1967). Já que a “empresa pombalina, na sua brutal operação cirúrgica, marca uma etapa fundamental, separando duas Lisboas – a medieval e barroca e a moderna, que o século XIX desenvolverá” (França,1989:53). Na verdade, o empreendimento pombalino remeteu para o esquecimento as áreas mais antigas da cidade, indiretamente acelerando as dinâmicas de degradação e segregação espacial. Na delineação desse novo quadro urbano, a zona da Mouraria saiu particularmente prejudicada.

O terramoto pouco alterou a malha urbana da Mouraria.” (Menezes, 2004: 35, *itálico nosso*), provocando danos principalmente ao nível de fachadas e coberturas.

A Mouraria, por isso não foi tida em conta como parte relevante e integrada no Plano para a renovação da Baixa da cidade.

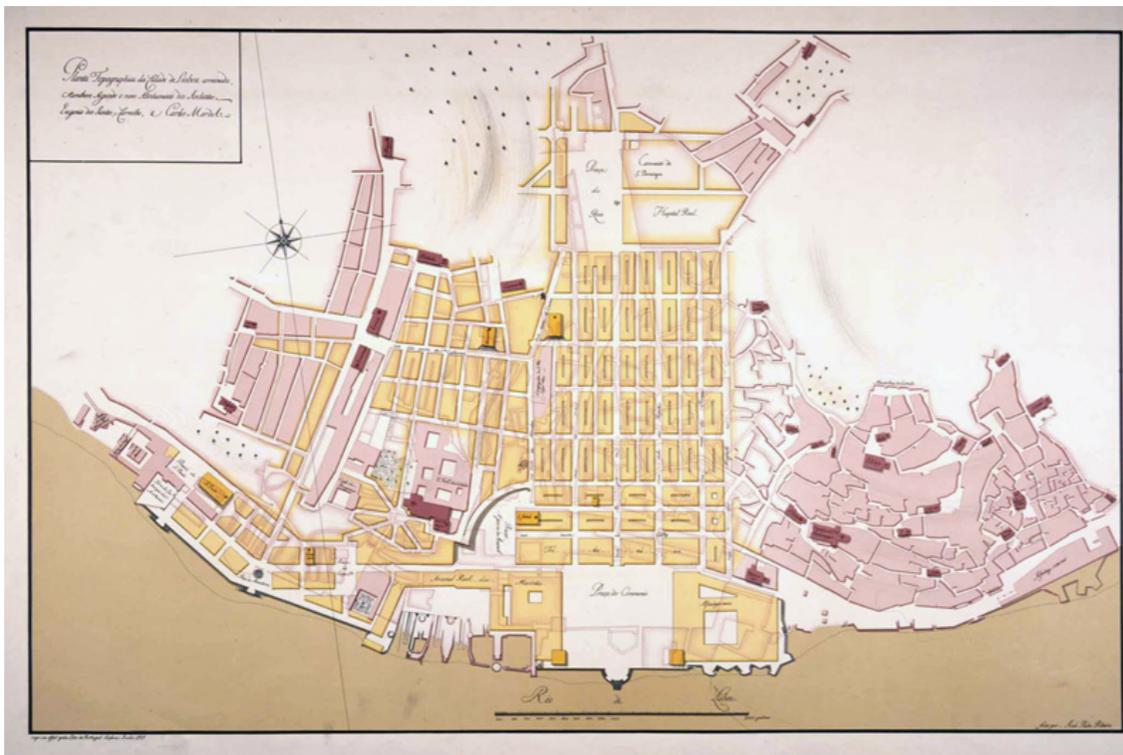


Figura 01. Plano de Carlos Mardel de 1756.
Fonte: http://www.ordemengenheiros.pt/fotos/editor2/historias_engenharia/ing89_3.jpg.



Figura 02. Planta Topográfica de Lisboa de 1780.
Fonte: <http://lx1.cm-lisboa.pt/lx1/>.

Parte da malha da Mouraria foi deliberadamente “cortada” em função do Plano Pombalino para a Baixa da cidade, sendo a Rua da Madalena o eixo de separação entre estas zonas.

Ultrapassado o trauma urbano, causado pelo terramoto, entre o séc. XVIII e o séc. XIX dá-se um *boom* populacional provocado pelo êxodo rural, aumentando a densidade construtiva, também em altura, dominando áreas verdes (Menezes, 2004: 37), e comprimindo muitas famílias numa área reduzida. Com vivências e realidades muito diferentes constroem “villas”, construções recolhidas e recatadas em materiais baratos, e “pátios” onde uma harmonia de elementos compõe a sua estrutura de casas simples, trazendo para a malha apertada alguma da vivência campestre alegórica às origens dos novos moradores (Mendes, 1996:50-52) e um novo tipo de habitação industrial da época.

É neste contexto que se desenvolve a imagem de bairro popular, como resultado de misturas socioculturais, condições de vida precárias e insalubres, de grande densidade de gentes das classes operárias, de onde têm origem os arraiais, as marchas e o fado (Menezes 2012:74).

A partir da queda do Estado Novo - 1974 - a multiculturalidade intensifica-se no Bairro, com a chegada de população africana retornada, no contexto da independência das colónias portuguesas, e nas décadas seguintes com o estabelecimento de imigrantes provenientes do continente asiático, que continua a decorrer até à atualidade, acentuando a diversidade social, cultural e étnica.

Apesar da sua riqueza urbanística, a decadência dos bairros típicos levou a que fosse efetuado um processo de reconversão urbanística da área ocidental do bairro de forma a promover melhorias na higienização, circulação e ligação à restante cidade, demolindo (por exemplo o Palácio do Marquês de Alegrete, em 1946) e criando estruturas organizadoras do espaço urbano (Menezes 2012:74,75,76). Até à altura as intervenções urbanísticas caracterizavam-se essencialmente por demolições e/ou intervenções em edifícios ou conjuntos isolados do património arquitetónico. A partir dos anos 50 deu-se início ao pensamento do núcleo histórico como repositório de cultura e património singular, e desenvolve-se um pensamento crítico em relação às práticas anteriores (Menezes, 2005: 65,66).

Nas décadas de 70 e 80 do séc. XX, após as políticas de reformulação higienista do território, efetuadas pelo Estado Novo, o bairro da Mouraria e as áreas confinantes constituíram focos de interesse no âmbito das políticas de modernização da cidade.

Em 1982 é realizado um concurso público baseado no Plano de Renovação Urbana do Martim Moniz, promovido pela Empresa Pública de Urbanização de Lisboa (EPUL), com o objetivo de criar uma nova ligação à cidade, através da criação de equipamentos, comércio, escritórios, instalações culturais e habitação. Deste Plano, apenas foram construídos o Centro Comercial da Mouraria (1988) e o Centro Comercial do Martim Moniz (1989), com um traçado arquitetónico muito distinto da imagem característica do Bairro (Menezes, 2009: 307,308), com o intuito de modernizar a zona, convidando residentes e imigrantes a socializar no mesmo espaço.

Em 1987 criam-se os Gabinetes Técnicos que promovem a recuperação de habitações em bairros degradados respeitando-os segundo as novas lógicas de intervenção e evitando a sua desertificação. O intuito destes Gabinetes é a realização de “intervenções ligeiras de emergência, casuísticas, sem projeto e muitas vezes com carácter provisório, até às intervenções profundas por edifício ou frente de rua, (...) compatibilizando o “antigo” e o “novo”” (Midões, “Reabilitação Urbana – Bairros Históricos de Lisboa”, em *Architétí*. Nº 52, 2000, pp.108) possibilitando novos usos, sem esquecer a sua traça local e intervindo no bairro como um todo, indo ao encontro do carácter diversificado de cada parte. Procuram otimizar as condições de vida dos residentes, através de melhores condições de habitabilidade e salubridade, contando com a participação ativa do residente no processo. Era efetuado um levantamento das habitações e prédios em questão, com um conhecimento aprofundado dos sistemas e materiais construtivos, redes de água, esgotos e elétrica.

Nas últimas décadas, e cada vez mais, tem-se verificado um esforço por parte de diversas entidades em promover uma valorização da imagem multicultural da Mouraria, com investimento em iniciativas sociais e em intervenções urbanas fazendo crescer a atenção sobre um território outrora apagado da memória, como fazendo parte integrante da cidade.

O QREN “Mouraria- As cidades dentro da cidade” foi o último programa de

reabilitação no terreno. Foi aprovado em 2009, e ainda está em finalização. António Costa, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa (CML) deu ouvidos a esta população que há muito tempo chamava por atenção e, recentemente, até se mudou para o Bairro. Ao todo, foram recuperadas dezassete ruas, travessas, largos e trinta e seis fogos municipais (Ferreira, “A Nova Mouraria”, em *Expresso*. Nº 2117, 25 Maio 2013, pp. 26-27).

“Percebemos desde o início que já havia uma série de gente a tentar mudar o bairro e que se trabalhássemos em conjunto o processo era mais célere. Tem sido uma intervenção muito integrada, holística e adaptada”

(João Meneses, coordenador do Gabinete de Apoio ao Bairro de Intervenção Prioritária da Mouraria (GABIP) (Ferreira, “A Nova Mouraria”, em *Expresso*. Nº 2117, 25 Maio 2013,26)).

A intervenção procura requalificar o espaço público segundo uma rede de percursos, melhorando a acessibilidade e mobilidade tendo em atenção a população envelhecida. Também promove a identificação de património arquitetónico e a conservação e restauração de estruturas de valor histórico mourense, como a Muralha Fernandina, o Quarteirão dos Lagares, o Sítio do Fado na Casa da Severa e a Igreja de S. Lourenço. Promove a higienização, o ambiente, a sensibilização junto da população e a sinalética direcional. Pretende ainda reabilitar edifícios de habitação, revitalizar a Praça do Martim Moniz e adaptar o Antigo Mercado do Chão do Loureiro a silo automóvel e de lazer. Com este incentivo, as empresas privadas também desenvolvem gosto em participar nesta requalificação, não só urbana mas social. A Associação Renovar a Mouraria irá promover visitas guiadas, livros (de banda desenhada e gastronomia local), cd’s de Fados e o Festival Multicultural “Há Mundos na Mouraria” (PA QREN Mouraria Junho 2010).



“A abanar os ombros, com trejeitos de fadista castiça, participou na primeira apresentação pública da turma da *Escola de Fado no Grupo Desportivo da Mouraria*, e foi aplaudida com fervor pelos nativos do bairro e pelos inúmeros visitantes que já não dispensam a animação cultural desta renovada Mouraria. O que só comprova a teoria do “António da Ginjinha”: Há quem não acredite quando conto que até os chineses e os indianos gostam de cantarolar fado de vez em quando, mas é verdade. Este bairro é um caso mesmo muito especial.”

(Ferreira, “A Nova Mouraria”, em *Expresso*. Nº 2117, 25 Maio 2013,22-31, *italico nosso*).

Fotografia 01. Haruna Izutani, japonesa, estudante de arquitetura, aspirante a fadista.
Fonte: Ferreira, “A Nova Mouraria”, em *Expresso*. Nº 2117, 25 Maio 2013, pp. 26.

A Associação Casa da Achada, no Largo do mesmo nome, promoverá atividades de carácter cultural e transmissão de conhecimento, como cinema ao ar livre, guias culturais e sessões de leitura (PA QREN Mouraria Junho 2010). Paralelamente foram criados os Pastéis da Mouraria e o Centro de Inovação da Mouraria, a ser construído num antigo palacete, que pretende ser uma incubadora de ideias e de empreendedorismo no Bairro. Surgiram, ainda, lojas, ateliers, laboratórios, espaços de formação que prestam um dinamismo singular a toda a área. Esta mudança cultural também se verifica pelo aparecimento de cozinhas de cariz popular onde todos podem cozinhar e comer num espaço de partilha de diferentes experiências. A Mouraria hoje é uma zona de encontro, cultura e atividades de inclusão de toda a população (Ferreira, "A Nova Mouraria", em *Expresso*. Nº 2117, 25 Maio 2013, pp. 22-31).

O PDCM, instrumento de intervenção municipal, pretende atingir objetivos que em parte já se verificam no terreno ao referir que se procura melhores oportunidades de qualificação e formação profissional, mais empregabilidade, maior capital social, maior fruição do espaço público, promoção da identidade e valorização da Mouraria, capacitação das instituições disponíveis, maior coesão social e qualidade de vida, maior autoestima, maior diversidade socioeconómica, segurança e instituições mais robustas e participativas (PA QREN Mouraria Junho 2010).

Mas é onde começam os espaços privados que a resposta da Câmara acaba e muitos proprietários privados optam por deixar as suas propriedades ao abandono embora surjam cada vez mais pessoas interessadas em comprar casa na Mouraria. Em Outubro de 2012, durante o open day muita gente visitou os apartamentos construídos pela EPUL junto à Praça Martim Moniz e na Rua do Benfornoso. Zona que até há dois anos as pessoas tinham medo de passar (Ferreira, "A Nova Mouraria", em *Expresso*. Nº 2117, 25 Maio 2013, pp. 26).

sábado 13 julho
NOITE GUINÉ
MÚSICA AO VIVO
JANTAR

contactos:
 Beco do Rosendo, 8
 922 191 892 / 218 885 203
 mouraria@renovamouraria.pt

DAVID CABRAL
 22h30
 entrada livre

Caldo de Tchêbe
 7.50
 RESERVA

as noites da mouraria
 luz, arte, cultura.

não acredita?
 vá passear.

n o o r **mouraria**
light walk

18-19-20 Julho [t](#) [f](#) [i](#) /mourarialightwalk

Venha descobrir a Mouraria numa nova luz.

VHS VIDEO HABITUAL DA SEMANA

MOURADIA
 BECO DO ROSENDO, N.º 8

3ª FÉLIXES • 21h30 ★★★★★

DIA 16 JULHO
PARIS, TEXAS de WIM WENDERS

Associação Renovar a Mouraria - Beco do Rosendo, nº 8 e 10
 geral@renovamouraria.pt - 218 885 203/922 191 892

VHSMOURARIA.TUMBLR.COM

Largos da Mouraria

4/5
 Quinta/Sexta 21h30
Teatro
 Largo da Achada
Romancero Gitano
 A partir da obra de Federico Garcia Lorca, um espectáculo com encenação de António Pinho.

6
 Sábado 21h30
Música
 Largo do Intendente
Diabo na Cruz
 Os Diabo na Cruz continuam de novo com dois mais cravados, inovadores e estimulantes projectos de música que se faz actualmente em Portugal.

HA ARRA'AL MOURARIA
JUNHO 2013

31/5 A PARTIR DAS 19H
 GASTRONOMIA DO MUNDO
 CONCURSO DE QUINARIAS

21/6 CABACE
 22/6 HA FADO NA MOURARIA
 23/6 EXPEDIENTE LIBERTINO
 24/6 TRIO ALCATRA
 25/6 ALDO MILA & BAND

VISITAS CANTADAS TOURS WITH FADO
 JULHO AGOSTO SETEMBRO JULY AUGUST SEPTEMBER
ALFAMA & MOURARIA

PATROCÍNIO de: LISBOA | FADO | HERITAGE OF HUMANITY

MUSEU DO FADO

VISITAS CANTADAS EM ALFAMA
 TOURS WITH FADO IN ALFAMA

JULHO 2013

1. Sábados & Domingos, 18h30
 ALFAMA & MOURARIA, 18.30PM

AGOSTO 2013

1. João Manuel Barroso
 2. Joana Amândia
 3. Escola da Mouraria
 4. Despedida com Ana Maurício e Luís de Matos
 5. Escola da Mouraria
 6. Miguel Caspito
 7. Escola da Mouraria
 8. Maria Amália Proença
 9. Escola da Mouraria
 10. Pedro Galvão
 11. Concecção Ribeiro
 12. António Pinto Basto

AGOSTO 2013

1. João Manuel Barroso
 2. Joana Amândia
 3. Escola da Mouraria
 4. Despedida com Ana Maurício e Luís de Matos
 5. Escola da Mouraria
 6. Miguel Caspito
 7. Escola da Mouraria
 8. Maria Amália Proença
 9. Escola da Mouraria
 10. Pedro Galvão
 11. Concecção Ribeiro
 12. António Pinto Basto

SETEMBRO 2013

1. Escola da Mouraria
 2. Filipa Cardoso
 3. Lina Rodrigues
 4. Pedro Mourinho

Figura 03. Pósteres de eventos culturais promovidos pela Associação AiMouraria. Fonte: <http://www.renovamouraria.pt/>.

2.3 Sociedade

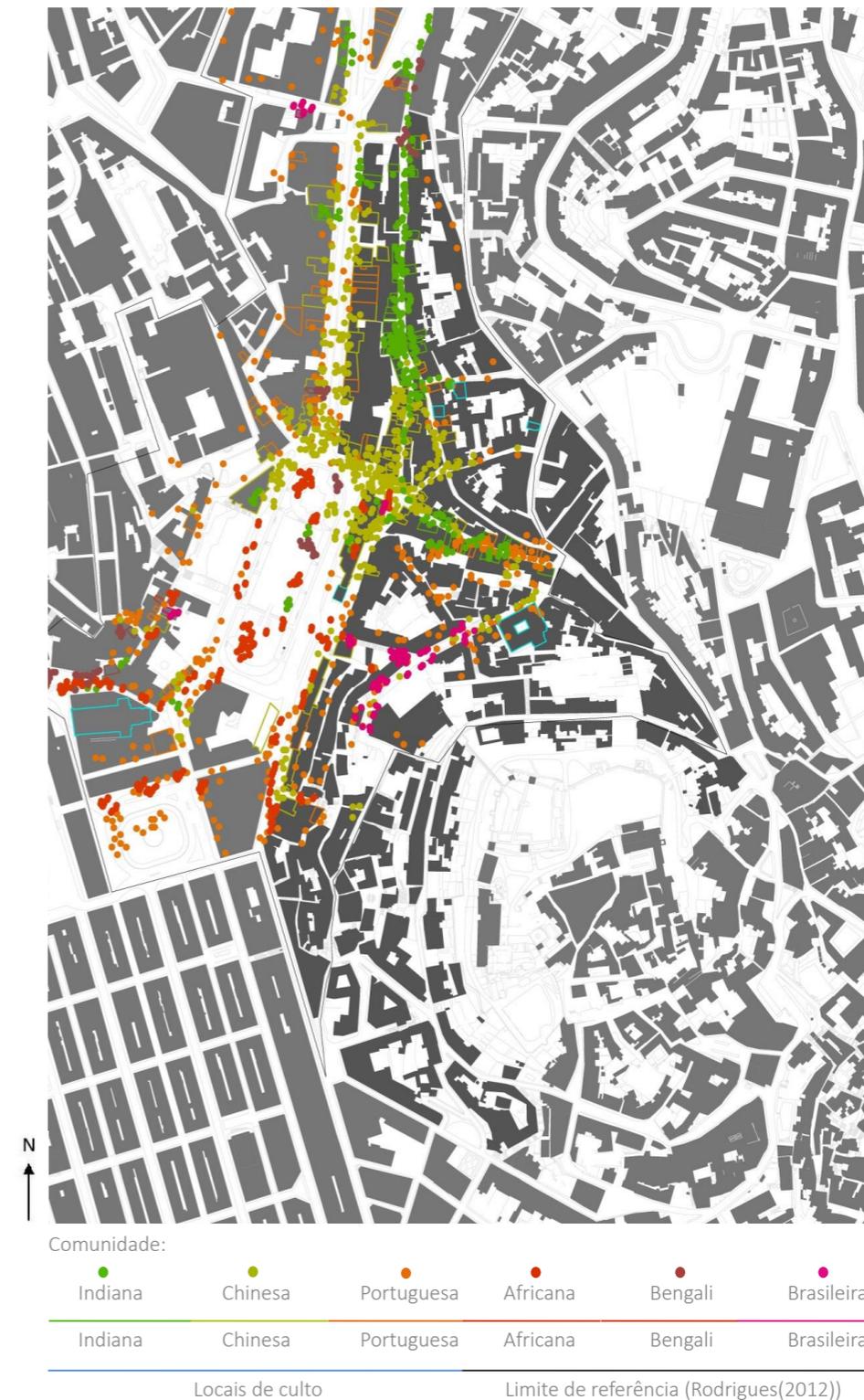
A Mouraria, devido à sua história, tornou-se um espaço tradicional de transitoriedade social e de fixação imigrante, observando-se uma forte presença étnica desde há muito tempo. Tal situação verifica-se com a apropriação por grupos étnicos como indianos, chineses, africanos, brasileiros, entre outros, da quase totalidade dos centros comerciais e grande parte das ruas principais (desde a Praça do Martim Moniz à Praça do Chile), funcionando como ponto de referência para os indivíduos da mesma etnia que vão chegando à cidade (Malheiros, 2008:149).

A partir de meados dos anos 70 a situação intensifica-se, aliada à oferta de rendas baixas em habitações antigas e degradadas, observou-se a chegada de jovens imigrantes de espírito empreendedor, que desenvolvem estratégias de inserção económica, apoiadas numa lógica familiar, em atividades de baixa qualificação, incentivando a formação das gerações seguintes em função do negócio (Malheiros, et. al., 2012:99).

Um estudo desenvolvido por Rodrigues (2012) levou a cabo o mapeamento de comunidades e programas relativos à zona de estudo (repare-se que com um limite diferente, não albergando toda a parte Sul da Mouraria).

Planta 04. Mapa de dinâmicas no território: concentrações de comunidades, estabelecimentos comerciais e locais de culto.

Fonte: da autora. Mapa realizado a partir de referências de Rodrigues (2012).

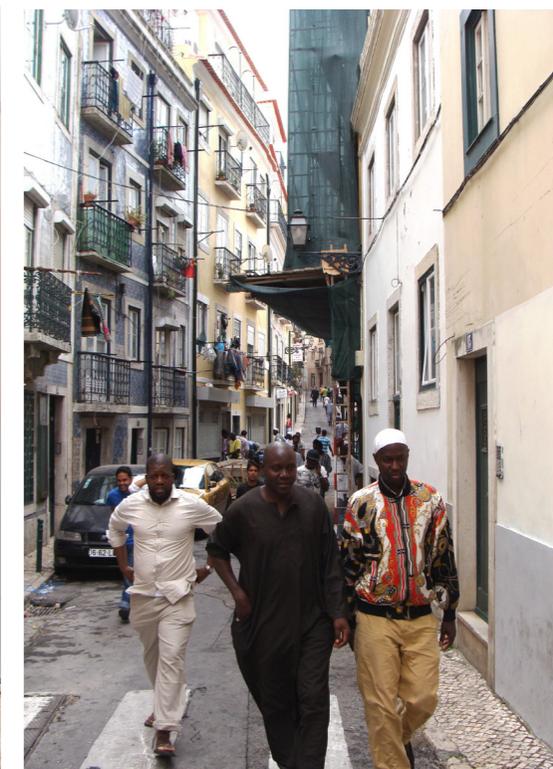


A ocupação geográfica do terreno por diferentes nacionalidades conduz a diferentes zonas comerciais representando uma diversidade “bem como a concentração de diferentes etnias – como a chinesa e a indiana- em torno dos principais eixos viários, permitindo uma maior compreensão das suas dinâmicas ocupacionais” (Rodrigues, 2012:82).

A chegada da comunidade chinesa, que expandiu a sua área comercial e social para a Rua da Palma, fez com que a comunidade indiana se redistribuísse, organizando-se em redor dos eixos viários principais, como a Avenida Almirante Reis, e dos espaços públicos. A comunidade portuguesa que anteriormente frequentava a Praça Martim Moniz, agora considera-a como uma zona de atravessamento, por ser ali que estes diferentes mundos, que agora existem no Bairro, se encontram em termos de convívio. Aliás esta Praça serve de cartão de atração ao turismo multiétnico, convidando turistas ao seu desfrute.

Os locais de culto dividem-se em dois segmentos, uns de religião católica e outros “representativos da instalação miscigenada que atualmente pontua a zona” (Rodrigues, 2012:92) (os locais de culto não católicos são os dois, referenciados no mapa, mais a Norte). Estes espaços de ritos espirituais e culturais, são pontos importantes de encontro e convívio não só para as próprias comunidades, mas também como pontes culturais de mediação entre os patrimónios de origem e os do novo contexto.

A população muçulmana atual “improvisa” mesquitas à maneira que a comunidade cresce. Há uns anos a mesquita localizava-se numa habitação na Rua do Benfornoso e acolhia 30 pessoas, agora na Calçada Agostinho de Carvalho a Mesquita *Baitul Mukarram* acolhe 300 pessoas, e é a segunda mais importante da cidade de Lisboa (sendo apenas suplantada pela Mesquita Metropolitana) (Rodrigues, 2012).



Fotografia 02. Fotografias junto à Mesquita Baitul Mukarran. Saída dos ocupantes após o momento religioso. Fotografias tiradas a 12 de Julho 2013.

Não sendo ainda suficiente para albergar toda a comunidade muçulmana que a frequenta, as mulheres têm de celebrar, por exemplo, o Ramadão em casa, embora seja a principal festa do grupo étnico. Durante o dia a mesquita é utilizada para o ensino do Corão a crianças (Rodrigues, 2012:93-94).

Como religiões minoritárias, ao contrário da arquitetura religiosa católica em que os edifícios são propositadamente construídos para esta finalidade, nas restantes confissões religiosas são quase sempre utilizadas habitações adaptadas, por vezes até mais do que uma, sendo comunicantes pelo interior. A sua identificação exterior não é fácil na maioria dos casos.

Apesar da prevalência do catolicismo, visível nas igrejas, ermidas e conventos, há outros exemplos desta espiritualidade como o Templo Daoísta, no rés-do-chão de um edifício de habitação, na Rua Regueijão dos Anjos, ou as caves de edifícios que foram adaptadas por chineses e brasileiros a espaços de culto. Apesar da exiguidade física dos locais, hoje em dia estes são espaços que recebem pessoas de raízes diferentes, como é o caso dos portugueses que a estes locais se associam. A multiplicidade religiosa e cultural constitui, assim, um fator de desterritorialização de ritos (Rodrigues, 2012).

As comunidades multiétnicas localizam as atividades comerciais, os locais de culto e, por consequência, a sua zona residencial a Norte do território em estudo. Este fator pressupõe que, pelas suas ocupações e atividades diárias, manifestas nas dinâmicas, intensidades, usos e apropriações do espaço público, se irão verificar comportamentos diferentes a Norte e a Sul do Bairro.

“Gentrificação” é a tradução literal da palavra *gentrification*, em inglês, também denominada por nobilitação urbana que significa, literalmente, o enobrecimento ou elevação social de uma região da cidade, verificando-se uma visível e sentida substituição da população autóctone, ou coabitação desta com um novo tipo de habitante.

Malheiros (2012) explica que, segundo Savage e Warde (1993), a ocorrência do fenómeno da nobilitação urbana depende da coincidência de quatro processos: 1) uma reorganização do estrato social nas áreas centrais da cidade, com substituição de um grupo social por outro de estatuto mais elevado; 2) um reagrupamento espacial de

indivíduos com estilos de vida e características culturais semelhantes; 3) uma transformação do ambiente construído e da paisagem urbana, através da criação de novos serviços e da requalificação residencial; e 4) uma mudança de ordem fundiária, relativa à elevação dos valores.

Nos últimos anos tem-se assistido a uma valorização das zonas centrais históricas da cidade de Lisboa, como resultado de nas últimas décadas ter-se desertificado o centro, deixando-o degradar-se e aumentando o envelhecimento demográfico, em função do crescente processo da suburbanização da Área Metropolitana. A crescente valorização da componente urbanística, cultural e económica do Bairro tem tido os seus “frutos” na atenuação do ritmo de perda demográfica, observada pelos dados dos Censos (para a Freguesia de São Cristóvão e São Lourenço valores inferiores a 30% entre 1991 e 2001, e apenas 16,81% entre 2001 e 2011) e recuperação de população (para a Freguesia de Socorro, a taxa de variação de população residente, entre 2001 e 2011, é de 14,58%; para a Freguesia de S. Cristóvão e São Lourenço de 16,81%, e Santa Justa 27,29%, segundo os dados do INE, Censos 2011).

Cada vez mais, os poderes públicos estão atentos investindo, na imagem da cidade, na limpeza urbana e na preservação e reabilitação do património, revalorizando-o e de alguma forma publicitando-o, tornando-o alvo de diferentes atenções num esforço de procura de novos habitantes, visitantes e investidores privados, apelando ao retorno ao centro histórico. Esta revitalização e reinvestimento gradual em áreas centrais desvalorizadas da cidade tem sido acompanhada pela chegada desta nova população, manifestamente de forma mais acentuada nos últimos dez anos, que atraídos pela singularidade e tipicidade do urbanismo e arquitetura dos bairros históricos tradicionais, pelas suas gentes, pelo seu cosmopolitismo e pelo comércio de proximidade e de pequena escala, vêm viver para o Bairro. Normalmente alojam-se em habitações vagas, gerando mudanças só à escala da reabilitação, exclusivamente protagonizadas por eles próprios (Malheiros, 2012).

“Estão a vir mais jovens portugueses para a Mouraria. Casas que estão à venda, já conseguiram ser vendidas a estes jovens. (...) São simpáticos, mas não convivem muito, porque naturalmente trabalham. (...) Para nós é um grande estímulo ver jovens portugueses.”

Autóctone, 80anos, entrevista, 07/12/2012. Fonte: Entrevista realizada durante uma visita a um habitante local. Trabalho de grupo realizado no 1º semestre.

Mas no caso do Bairro da Mouraria a nobilitação urbana ainda se encontra numa fase pioneira denominada de “gentrificação marginal”, típica do Sul da Europa, e está a mudar o carácter populacional e cultural do Bairro. O que caracteriza esta fase do movimento são jovens adultos de áreas profissionais sociais, intelectuais e artísticas, bem como comunidades com orientação sexual diferente da tradicional que procuram um “estilo de vida não-conformista e de ambiente urbano social e etnicamente misto e tolerante dos bairros da cidade, recusando a normatividade suburbana” (Malheiros et. al., 2012: 103), na qual as relações de vizinhança estão ainda presentes, renunciando ao que interpretam como estilo de vida suburbano das famílias de classe média. Estes indivíduos caracterizam-se por serem menos privilegiados nas “novas classes médias”, apresentando um nível de formação e de cultura elevado, mas mais baixo no que diz respeito ao capital económico, caracterizados, por vezes, por situações profissionais instáveis.

Embora este movimento promova a mistura social por parte das diferentes culturas existentes no local, por serem socioeconómica e etnicamente diferentes, estas tendem a concentrar-se em locais diferentes do território. De facto, no dia-a-dia as suas interações são muito residuais por não partilharem dos mesmos locais de trabalho, meios de transportes, não frequentarem os mesmo locais, nem mesmo os espaços públicos, e por terem estruturas familiares diferentes, assim como expetativas e aspirações quanto à vida. Por haver um relacionamento e estilo de vida de acordo com o seu grupo social, raramente surgem laços sociais entre as suas classes e nacionalidades (Malheiros, et. al., 2012: 102,103, 106).

De forma única, o Bairro da Mouraria tem sido marcado pela coexistência destes dois processos demográficos (imigração e “gentrificação”), socioculturais, mas também geo-urbanísticos fazendo-os coabitar com a população “tradicional” do bairro, os autóctones, que é predominantemente feminina e idosa.



Planta 05. Mapa indicativo da percentagem de população com idade superior a 65 anos. Fonte: da autora. Planta realizada a partir dos dados dos Censos de 2011, por subsecções, do INE.

Na planta destacam-se as zonas, com uma percentagem de população idosa muito superior à das restantes zonas da área em estudo (entre 55% e 93,3%), e verifica-se que esta população se encontra dispersa pelo território. É de salientar que destas, as duas zonas mais envelhecidas têm uma percentagem muito baixa de população masculina (21,88% e 20%). Este grupo de população portuguesa, maioritariamente envelhecido, caracteriza-se por um nível de qualificação mais baixo e com fortes valores conservadores.

Através do estudo GEITONIES, é visível a importância da Mouraria como local de “elevada transitoriedade residencial associada à permanência de curta duração de alguns destes imigrantes” e “a crescente consolidação da importância da Mouraria enquanto espaço de receção de populações estrangeiras” (Malheiros, et. al., 2012:108).

É notória a presença de elementos do sexo masculino nas ruas, nas soleiras das portas e esquinas à conversa, enquanto que no interior dos estabelecimentos se encontram as mulheres, que utilizam a rua quase só para fins de circulação (Rodrigues, 2012:98).

Através dos dados dos Censos, nota-se um crescimento demográfico maioritariamente masculino, principalmente na freguesia do Socorro, uma zona de tendencial fixação de população imigrante (crescimento demográfico masculino de 32,65% e feminino de apenas 0,69%, INE, Censos de 2011). Esta diferença tão discrepante entre percentagem da variação de população masculina e feminina deve-se ao facto de, no caso dos imigrantes, o homem normalmente ser o primeiro elemento da família a chegar, de maneira a poder garantir empregabilidade, habitação e rendimento, para poder proporcionar novas oportunidades, educação e melhores condições de vida para a sua família, dando-se o reagrupamento familiar, mais tarde, na nova comunidade. Desta forma, embora a população autóctone seja maioritariamente idosa e feminina, os novos processos estão a trazer população predominantemente jovem e adulta masculina.

“Aqui no segundo andar já chegaram a estar seis pessoas. Seis homens. Indianos. Agora estão três muito simpáticos. Mas não compreendem as coisas.”

Autóctone, 80anos, entrevista, 07/12/2012

Fonte: Entrevista realizada durante uma visita a um habitante local. Trabalho de grupo realizado no 1º semestre.



Planta 06. Mapa indicativo da percentagem de população com ensino superior completo. Fonte: da autora. Planta realizada a partir dos dados dos Censos de 2011, por subsecções, do INE.

Estes valores também anunciam o fenómeno de “Gentrificação”, pois este também é um movimento predominante masculino, fundamentado nos dados dos Censos 2011.

Na planta observa-se que este fenómeno tende a localizar-se mais na zona Sul do bairro, mais cosmopolita, por estar-se junto ao centro da cidade.

A Mouraria sempre foi uma zona de carácter muito diversificado, pela receção de migrantes, tornando-se cada vez mais num chamariz para populações alternativas, diversificadas, ou consideradas até “marginais”. Apesar dessa crescente característica liberal e cosmopolita do bairro, existem poucas evidências que demonstrem interações significativas entre essa mistura social, ou seja entre as diversas comunidades imigrantes, e entre estas os *gentrifiers* e os autóctones.

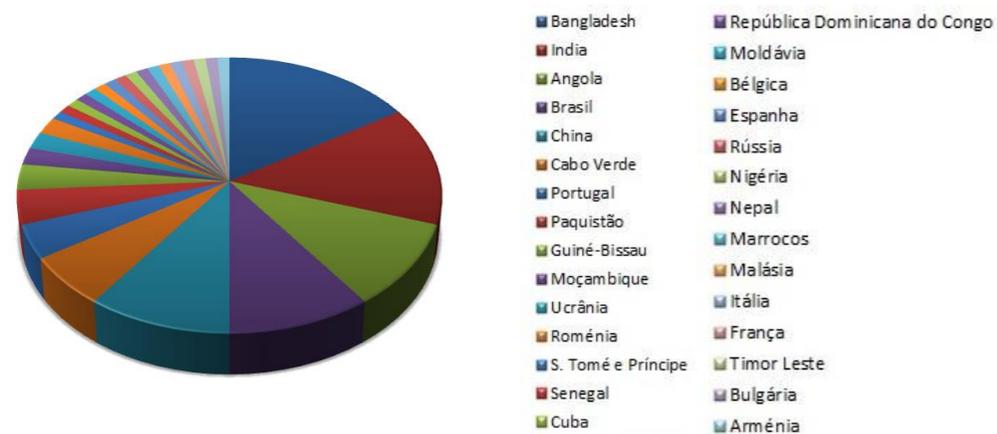


Gráfico 01. Gráfico indicativo das origens de imigrantes, registados aquando de um questionário com uma amostra de 100 pessoas (apresentação dos países por ordem decrescente).
Fonte: Geitonies, Lisbon Survey 2009/2010.

“A Praça do Martim Moniz, em Lisboa, é lugar de homens que estão de passagem ou de encontro marcado. Carregam heranças do Paquistão, do Benim ou da China, mas cada legado tem sítio certo: caril não se mistura com *chop suey*; mandioca não combina com tofu; sari não se confunde com bubu.”¹ (Catulo, 2006, em Rodrigues, 2012:97).

A coexistência de grupos tão díspares (96% dos 100 inquiridos, no estudo Geitonies, têm origens exteriores a Portugal, sendo 29 diferentes países de origem identificados) realça o sentido de pertença que cada grupo exerce no quotidiano, no sentido em que cada um faz parte de um “*puzzle*” social, formando um caleidoscópio imagético, onde cada um encaixa como uma peça, mas no seu devido lugar, não interagindo entre os demais (Rodrigues, 2012; Rodrigues, 1992).

A comunidade de portugueses nasceu e/ou cresceu na Mouraria, e que é um grupo etário mais idoso, confronta-se com as diversas mudanças sociais. Os imigrantes, culturalmente distintos, têm os seus modos de viver voltados para as suas comunidade num território que não lhes pertence. Enquanto os novos habitantes procuram mais uma “sensação de proximidade face à diversidade e ao genuíno, do que uma efetiva experiência destes valores” (Malheiros, et. al., 2012:122). Por outro lado, os *gentrifiers* têm contribuído para a componente social do contexto onde se inserem, funcionando como elementos de mobilização coletiva, através da criação de associações (Associação Renovar a Mouraria), espaços comunitários (PDCM, no âmbito do QREN Mouraria), organizações de eventos de animação sociocultural e a contribuição para operações de regeneração tornando-se cada vez mais um bairro apetecível (Malheiros, et. al., 2012:123).

“Foi gueto de mouros, judeus, drogados, marialvas e prostitutas. Mas nos últimos dois anos tornou-se um dos bairros lisboetas que está na moda, onde já não falta quem lá queira investir em comércio ou comprar casa. O futuro da cidade passa por ali.” (Ferreira, “A Nova Mouraria”, em Expresso. Nº 2117, 25 Maio 2013,22-31).

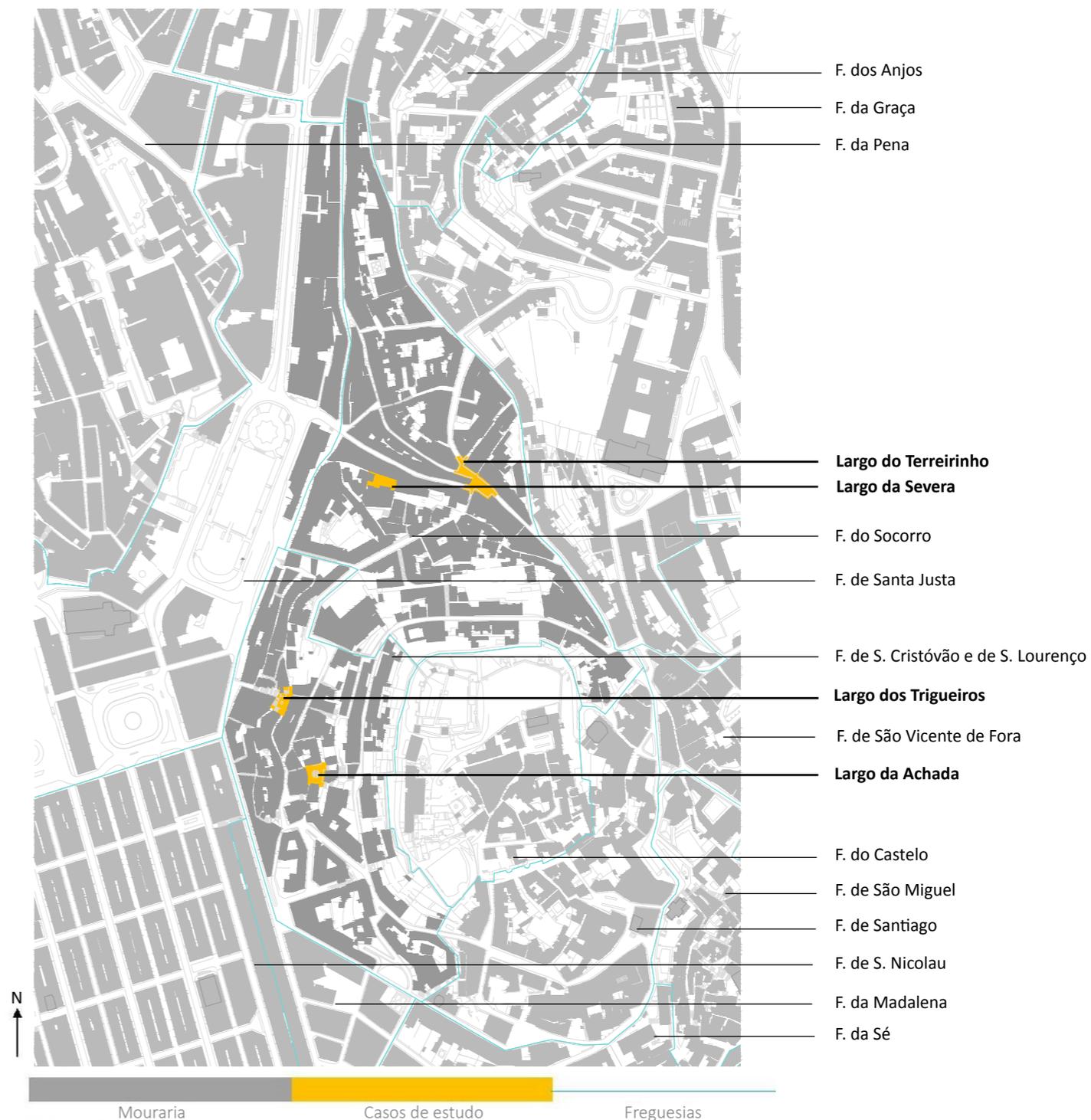
1 - *Chop suey* é uma comida típica chinesa constituída por carnes e legumes. Caril é uma mistura de especiarias muito utilizada na culinária de países como a Índia e Tailândia. Mandioca é um legume originário do Brasil. Tofu é um legume muito comum na culinária japonesa. Sari é um traje típico das mulheres indianas e consiste em 6 metros de pano que envolvem todo o corpo. Bubu é o traje típico de África, de cores muito guerridas, com motivos geométricos, aparentemente sem costuras, largo e esvoaçante.

3. A metodologia aplicada e a seleção dos Largos

Selecionou-se para o trabalho, os Largos da Severa, do Terreirinho, da Achada, e o Largo dos Trigueiros.

O interesse no estudo sobre este território reside no facto de se debruçar sobre uma região com fenómenos sociais em transformação e um espaço público muito particular.

Os critérios de seleção utilizados para os Largos foram a sua localização geográfica geral e relativa, e a sua morfologia, por ser dos fatores principais que condicionam as formas e intensidades de utilização no espaço. Por localização geral entende-se a sua localização a Norte ou a Sul do Bairro que supõe leituras diferentes de ocupações do espaço por diferentes tipos de população consoante os fenómenos em urgência. Por localização relativa entende-se a relação do Largo em função das zonas envolventes mais movimentadas, e dos eixos viários principais, evidenciando acessibilidades e centralidades diferentes. A morfologia, distinta em cada espaço, assume articulações diferenciadas entre as zonas de circulação e de estadia.



Planta 07. Localização da área de estudo considerada, casos de estudo e Freguesias.

Recorreu-se a estudos realizados sobre o espaço público como forma de suporte ao trabalho de campo efetuado para compreender as limitações associadas à utilização do espaço.

O caso mais marcante e o que mais indícios forneceu sobre métodos de análise, foi a obra *The Social Life of Small Urban Spaces* de William Whyte (1980). Compila um estudo de nove anos onde relata as tendências de comportamento das pessoas conforme o espaço em que se encontram, analisando elementos que compõem o espaço urbano, enumerando e explorando fatores de ordem arquitetónica e urbanística, que podem conduzir ao uso do espaço, revelando-se uma grande ferramenta para a pesquisa.

Procurou-se neste trabalho um suporte teórico para a definição da metodologia aplicada, tendo sido utilizados um conjunto de conceitos definidos e desenvolvidos pelo autor.

O estudo desenvolvido por este autor centrou-se em casos reais de espaços, uns mais utilizados do que outros, de forma a compreender o que induzia ao seu uso. O método que utilizou para efetuar este estudo baseou-se na observação direta dos movimentos das pessoas no espaço e o seu registo sob diferentes formas, de forma a compreender padrões diários de ocupações e circulações. Para este fim optou pela utilização de câmeras em registo *time-lapse*², por relear a sobrelotação do espaço no caso de observação direta pela sua equipa, e assim permitir a filmagem de vários espaços ao mesmo tempo, a posterior visualização e comparação direta das filmagens. Sendo a pesquisa que aqui se apresenta de carácter exploratório e realizada individualmente, apresentou limitações diferentes. Na Mouraria a sobrelotação não era um fator viável à partida, bem como o acesso a habitações para filmagens a partir de um nível superior. Devido às pequenas dimensões dos Largos em estudo, o registo tanto de filmagem como de fotografia, limitava e alterava a atividade natural das pessoas no espaço. Desta forma, a observação direta foi a solução encontrada e efetuada com o maior rigor possível, com registos no local.

Os períodos de observação dividiram-se em dias de semana e fim de semana, sendo neste caso escolhido o Domingo. Em cada Largo fez-se registos de três horas consecutivas em períodos distintos (manhã, almoço e tarde) procurando uma sistematização idêntica a todos os Largos e uma leitura global do seu uso pela população utilizadora.

² *Time-lapse* - processo em que é produzido um filme através da sequência de fotografias a grande velocidade.

	Largo da Severa	Largo do Terreirinho	Largo da Achada	Largo dos Trigueiros
3 de Maio Sexta	Manhã 11h-12h Almoço 12h-13h Tarde 13h-14h			
5 de Maio Domingo		Manhã 11h-12h Almoço 12h-13h Tarde 13h-14h		
6 de Maio Segunda			Manhã 11h-12h Almoço 12h-13h Tarde 13h-14h	
10 de Maio Sexta				Manhã 11h-12h Almoço 12h-13h Tarde 13h-14h
12 de Maio Domingo	Manhã 11h-12h Almoço 12h-13h Tarde 13h-14h			
13 de Maio Segunda		Manhã 11h-12h Almoço 12h-13h Tarde 13h-14h		
19 de Maio Domingo				Manhã 11h-12h Almoço 12h-13h Tarde 13h-14h
26 de Maio Domingo			Manhã 11h-12h Almoço 12h-13h Tarde 13h-14h	

Tabela 1. Calendário dos períodos de observação direta no local de estudo.

A observação direta durou oito dias, totalizando 24 horas. Recolheu-se muita informação de modo a construir uma base de dados segura. Fizeram-se também muitas visitas para registos fotográficos e conseguiram-se outros elementos resultantes da vivência presencial que também se mostraram importantes para o estudo.

Seguiu-se uma fase de análise e reflexão sobre o que cada movimento mostra e significa, de forma a conseguir-se obter respostas. Após a escolha cuidadosa das matrizes a cruzar, que pudessem permitir uma leitura sintetizada dos dados relativos ao comportamento da população estudada, foram efetuadas tabelas e gráficos analíticos, com o auxílio do programa de *software SPSS Statistics (Statistical Product and Service Solutions)* que permitiu verificar a relação entre fatores, e a posterior comparação de

resultados entre horas, dias e Largos que após tratamento e análise nos permitiram conclusões da amostra.

A observação foi acompanhada de uma planta de cada local, onde se mapeava os percursos e sentidos efetuados, bem como a localização de cada pessoa sentada (**Mapa de Trajetórias e Permanências**). Juntamente com o auxílio de uma **Tabela de Trajetórias** (Anexo I) e **Permanências** (Anexo II), realizada em paralelo, sistematizou-se a informação recolhida relativa ao percurso, sentido, número de transeuntes, em grupo ou individual, utilizador (género, faixa etária, grupo social), atividade exercida, demora, hora, clima e temperatura ambiente. Estes mapas e tabelas também tiveram como referência os utilizados no ano letivo 2011/2012, na cadeira de Sociedade e Arquitetura, da responsabilidade da Doutora Sandra Marques Pereira, para o levantamento das dinâmicas de trajetórias e permanências nos Largos no Vale de S. Bento, que, por sua vez, tiveram como referência a obra de Whyte (1980).

Como referi, o interesse desta investigação residia no fato de se debruçar sobre um território socialmente diferenciado, ao nível genérico do Bairro e específico de cada zona (Norte ou Sul). Assim era fundamental também o estudo dos seus utilizadores e, por isso, a compreensão dos diferentes “tipos” de pessoas que frequentavam os espaços. Desta forma, foi efetuada uma classificação dos ocupantes. Visto que não se poderia inquirir os ocupantes, senão alterar-lhes-ia a utilização natural do espaço, e não existindo maneira rigorosa de saber exatamente a faixa etária e o grupo social/nacionalidade a que cada utilizador pertencia, foi efetuada uma classificação baseada nas minhas perceções em relação a cada utilizador no local. Admite-se o carácter subjetivo, presente em qualquer registo estatístico, e meramente indicativo dos dados, referindo uma vez mais, que esta era a única forma de se proceder à classificação e filtragem da amostra. De outra forma o registo ficaria apenas relativo ao género dos utilizadores e ao seu percurso, sentido, permanência e se em grupo ou individual, e assim o facto de ser realizado na Mouraria não traria maior benefício do que em qualquer outro sítio.

A terminologia utilizada para a definição dos diferentes perfis foi: em relação à faixa etária “bebé” os utilizadores que aparentassem ter entre meses de idade e 5 anos, “criança” se entre os 6 e os 17 anos, “jovem” se entre os 18 e os 29 anos de idade, “adulto”

se entre os 30 e os 60 anos e “idoso” a partir dos 61 anos de idade.

Para o grupo social considere “étnico” os utilizadores imigrantes não europeus, e descendentes, moradores ou não; “turista” os utilizadores de diferentes características físicas, indumentária, língua e maneira de percorrer o local (pela desorientação, constante fotografar, curiosidade e admiração, procura de informações); “turista português” os que apresentavam as mesmas características que os anteriores mas que ouvia-se falarem português; “*gentrifier*” jovens ou adultos, portugueses ou estrangeiros, de características diferentes da maioria, como “alternativas” pelo seu estilo artístico associado à sua indumentária, acessórios corporais, e/ou cabelo, mas que mostravam um à vontade no percorrer o local que só quem vive ou frequenta regularmente o tem; “morador português” aqueles que mostravam um à vontade no percorrer do local que só quem vive ou frequenta regularmente o tem, que saíam das habitações locais, de todas as faixas etárias menos idosa; por fim considere “autóctone” aqueles que reuniam as mesmas condições que os anteriores mas que devido à sua idade encaixavam num outro perfil. Considerei como “outros” pessoas que não encaixavam nos perfis definidos, como pessoas exteriores ao bairro, trabalhadores de construções, etc.

A possibilidade de atividades diversas num espaço, também indicados nesta obra, é um fator importante, indiciando flexibilidade por parte do espaço e um à vontade por parte dos utilizadores. As atividades observadas eram muito diversas daí que as generalizei considerando “outras” ao pensar, bocejar, ver horas, arrastar malas de viagem, varrer o chão, etc.; “brincar” ao correr, jogar à bola, jogo do saco, vandalizar, etc.; “desporto” ao ciclismo, *jogging*, e outros.

Os percursos daqueles que saíam das suas habitações foram indicados e incorporados nos percursos maioritariamente definidos. Todas as permanências foram registadas, mas nem sempre o percurso até à permanência e de saída da mesma. Não foi considerada circulação automóvel.

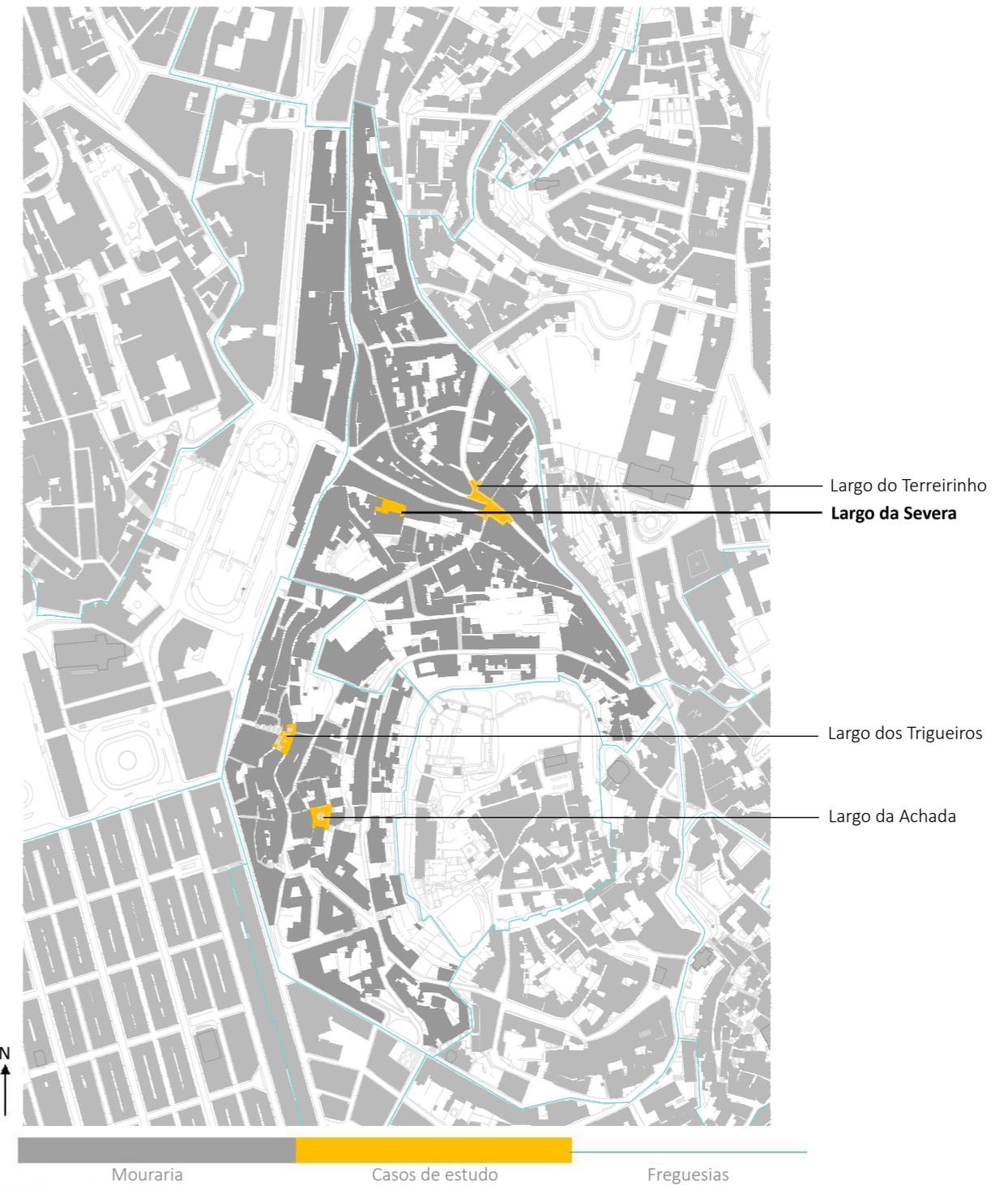
Fez-se também um **levantamento do local e envolvente próxima**, através do registo fotográfico e em mapa/planta, de modo a compreender a apreensão do local pelo utilizador ao chegar e ao percorrer o espaço (Hillier (1984), Alcock (1985)); a sua configuração espacial; os elementos no espaço que possam ser considerados de destaque e/ou focos de

interesse e os componentes convidativos à permanência (Whyte (1980), Cullen (1961), Lynch (1969)). As outras características consideradas foram zonas para sentar (projetadas ou não); a existência de mobiliário urbano; vegetação; iluminação natural e sombreamento; acessibilidade e circulação; obstruções (visuais ou no percurso); serviços e equipamentos; estado de conservação do Largo; fácil orientação no local e proximidade; presença do elemento água e as relação entre estas características. O fator segurança também foi considerado importante.

Foram ainda realizadas **entrevistas exploratórias** a alguns utilizadores (Anexo III) permitindo relatos na primeira pessoa relativos às vivências no Bairro, em que se pretendeu saber se o entrevistado morava na Mouraria, com que frequência frequentava o espaço, o que pensava sobre ele, e as razões por detrás da sua presença.

3.1. Morfologia e configuração dos Largos

3.1.1. Largo da Severa



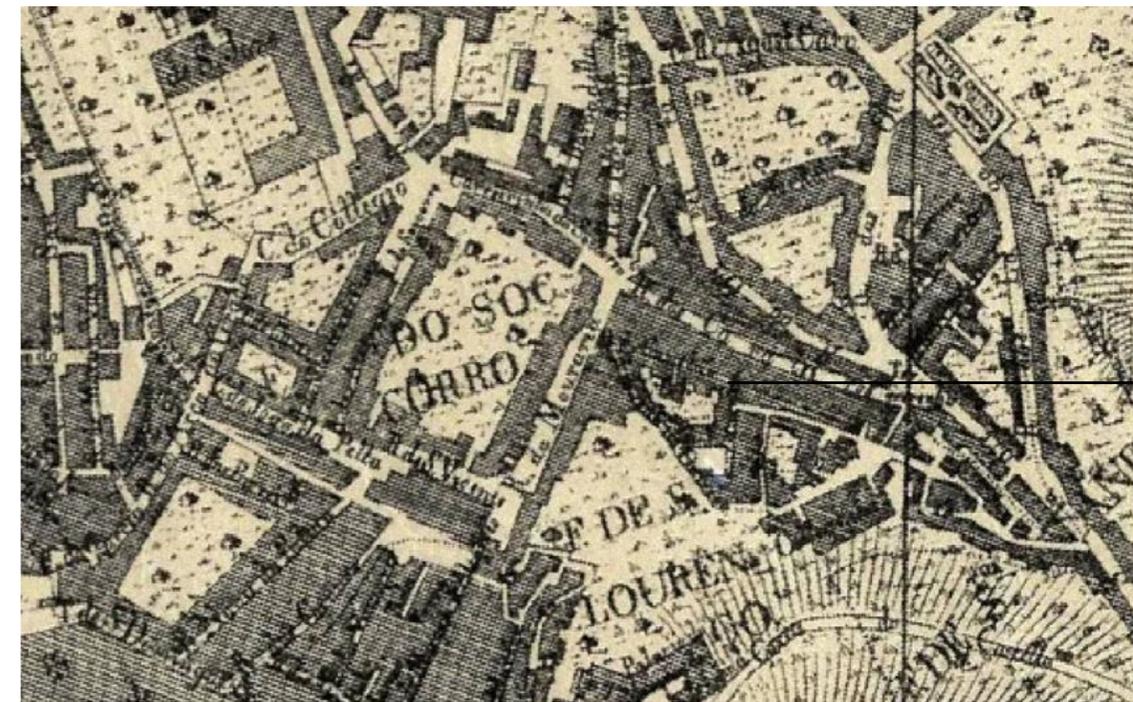
Planta 08. Localização do Largo da Severa.



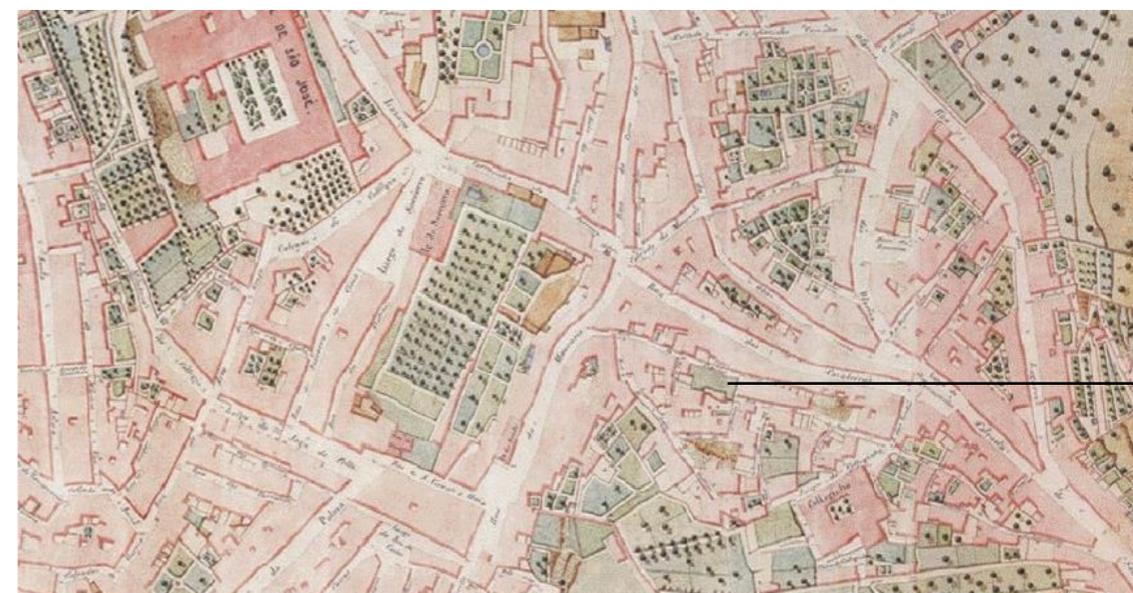
O Largo da Severa localiza-se a Norte do Bairro, junto da zona mais socialmente diversificada e comercialmente ativa que conota esta zona próxima à Praça do Martim Moniz.

É um Largo que só surge no séc. XIX a partir da derrocada de estruturas construídas, provavelmente um conjunto de habitações, entre 1807 e 1858, e que foi lentamente apropriado como espaço público, vindo a tornar-se num recinto retangular linear.

Figura 04. Localização do Largo da Severa.
Fonte: Imagens manipulados a partir do Google Earth (data das imagens 23.06.2007).



Largo da Severa



Largo da Severa

Figura 05. Última planta registada antes do aparecimento do Largo da Severa. Planta de Lisboa 1807 de Duarte Fava.
Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.

Figura 06. Primeira planta registada após o aparecimento do Largo da Severa. Planta de Lisboa 1856/1858 de Filipe Folque. Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.

Historicamente o Largo deve o seu nome a Maria Severa Onofriana (1820-1846), filha de Severo Manuel de Sousa e de Ana Gertrudes Severa. A sua história divide-se entre o mito e a realidade, mas com a Severa nasceu o fado. Embora não tenha nascido no local, lá residiu permanentemente após 1845, altura em que a rua era muito frequentada por “marujada” inglesa e portuguesa e da imagem da Mouraria faziam parte ladrões, prostitutas e rufias. Tida como amante de vários, Severa animou noites e tertúlias bairristas. Afamava os locais que frequentava só pela sua presença e consciente afirmava “A Mouraria sou eu! O fado sou eu!” (Mendes:1996,66). Amália Rodrigues (1920-1999), em 1989, em homenagem à fundadora do fado, dedica uma lápide evocativa na antiga moradia da mesma (Mendes:1996,65,75).



Fotografias 03. (À esquerda) A habitação onde viveu Severa. 1890-1945. (À direita) Largo da Severa, em 1900 aproximadamente.
Fonte: Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa e <http://diversidadesquecidas.blogspot.pt/2011/01/maria-severa.html>.

Entre o séc. XIX e XX existia uma grande compactação populacional e construtiva, originária da migração de pessoas, ao nível nacional, do campo para a cidade em busca de trabalho. É neste contexto que se desenvolve a imagem de bairro popular. Hoje esta área transpõe uma ideia diferente, de uma pequena aldeia global, onde população autóctone coabita com uma grande parte de população multiétnica.

Relativamente às condições físicas do Largo, até há pouco tempo, este não apresentava dispositivos de mobiliário urbano e servia praticamente como rua e parque de estacionamento.



Fotografia 04. Largo da Severa antes das recentes intervenções, s/d.
Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/18887568>.

Atualmente, e após as últimas intervenções do QREN, verifica-se um espaço renovado e equipado, assumindo grande prestígio como espaço de convívio que se abre à cidade, durante as comemorações dos Santos Populares. Não só após as marchas na Avenida da Liberdade, mas também ao longo do dia, convida à sua visita toda a população do Bairro e exterior. Num espírito de comunidade decoram as ruas e reabrem-se espaços, como a Taberna da Barbuda (assim chamavam à mãe de Severa, dona da Taberna). Ainda na sequência destas intervenções, que finalizarão ainda este ano, abrir-se-á o Sítio do Fado na Casa da Severa, espaço cultural dedicado ao fado onde funcionará um café, juntamente com o primeiro parque sénior e infantil da Mouraria, situado na Rua do Capelão (Programa de Ação QREN Mouraria Junho 2010).



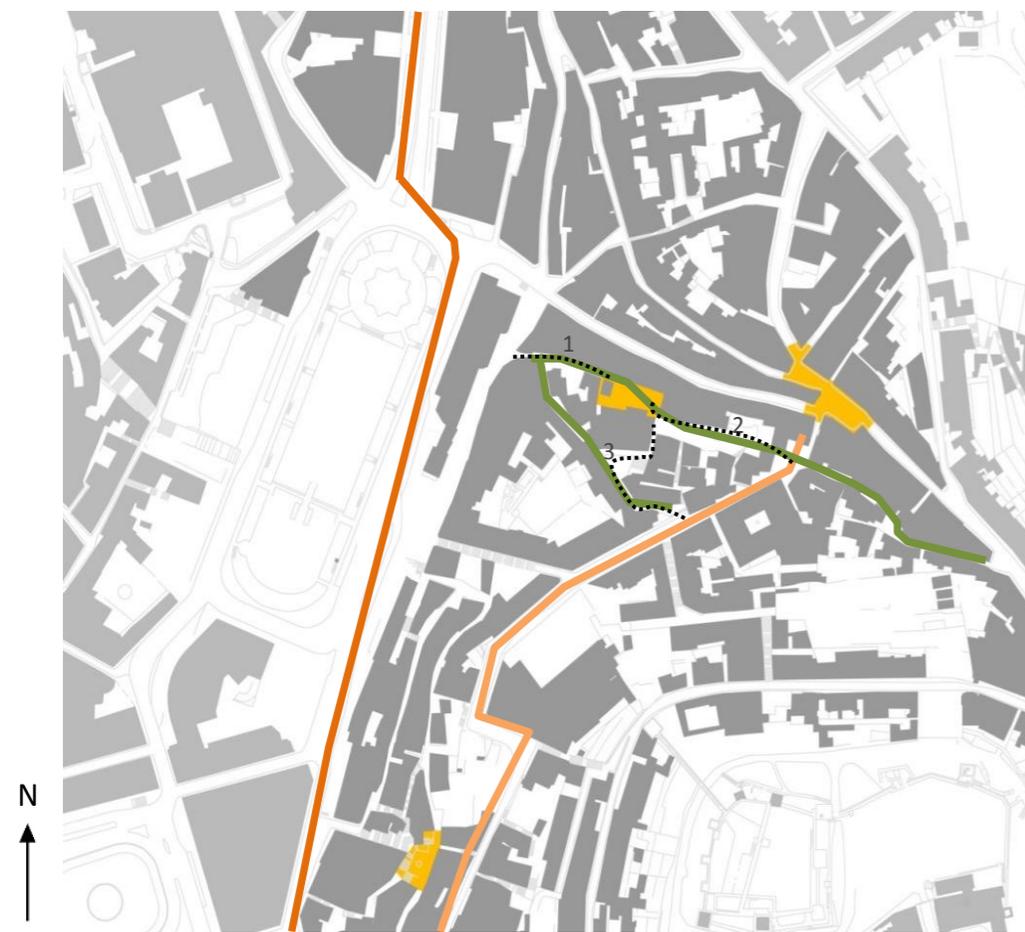
Fotografia 05. Sítio do Fado na Casa da Severa. Largo da Severa a 12 de Junho de 2013.

Nesta sequência já se deu início a iniciativas nesta zona, o que também contribui para o combate à imagem segregada da Mouraria e do Norte do Bairro, através da promoção de atividades culturais, de educação, de convívio e de comércio.



Fotografias 06. Fotografias de visitas guiadas com Fado a 26 de Julho de 2013.
Fonte: <https://www.facebook.com/renovar.a.mouraria?fref=ts>.

Existem quatro vias principais na sua envolvente, que compõem um quadro de acessibilidades ao Largo, dois eixos viários e dois pedonais. A partir destes definem-se três percursos possíveis para acesso ao Largo (1,2,3 no mapa), chegando-se a este por Este e Oeste.



O acesso mais direto entre o Largo e a rede viária envolvente é pela Rua do Capelão (1) por ser o mais curto, o que implica menos mudanças de direção, menor aparecimento de cruzamentos ao longo do percurso, e o que liga à maior quantidade de transportes. Este é o percurso principal de ligação do Largo à Cidade. Ao chegarmos ao Largo por este acesso, o Largo não enuncia a sua presença sendo que só por se encontrar uma construção, que à primeira vista parece bloquear a continuação do percurso, é que se percebe que algo de diferente irá acontecer na sua continuidade.

Ao chegar ao Largo a sua presença surge de rompante com a abertura e leitura imediata de todo o espaço.

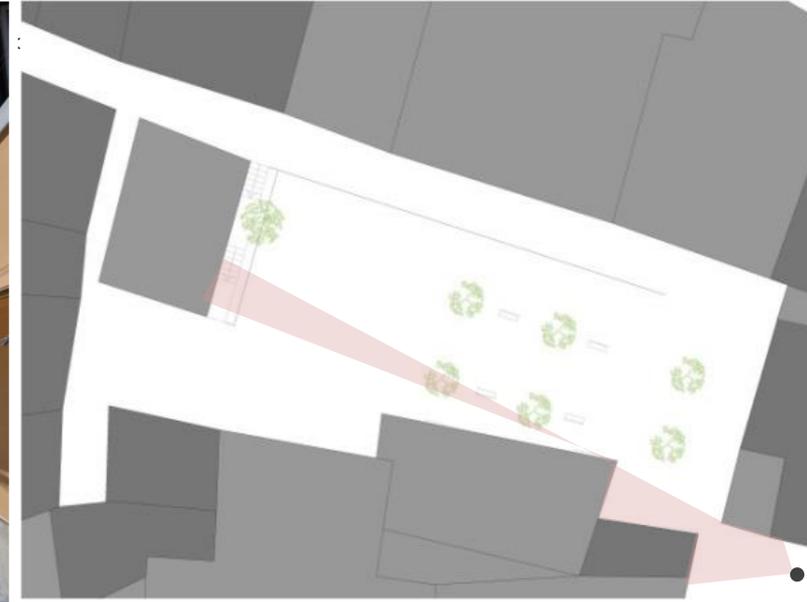
Pela Rua da Guia (2) e Rua do S. João do Outeiro (3), algo similar acontece, sendo que percebe-se um bloqueio, com mais antecedência no percurso, e uma pequena fresta que deixa perceber uma mudança de direção do percurso para a direita.

Também por este acesso quando é possível um domínio visual sobre o Largo, é total percebendo-se imediatamente o percurso a seguir para o atravessamento e ultrapassagem do espaço.



Habitacões. Restantes equipamentos. Área visual abrangida Visitante

Fotografia 07 e Planta 10. Perspetiva que se tem do Largo da Severa pelo acesso pela Rua do Capelão (1).
Fotografia tirada a 12 de Junho de 2013.



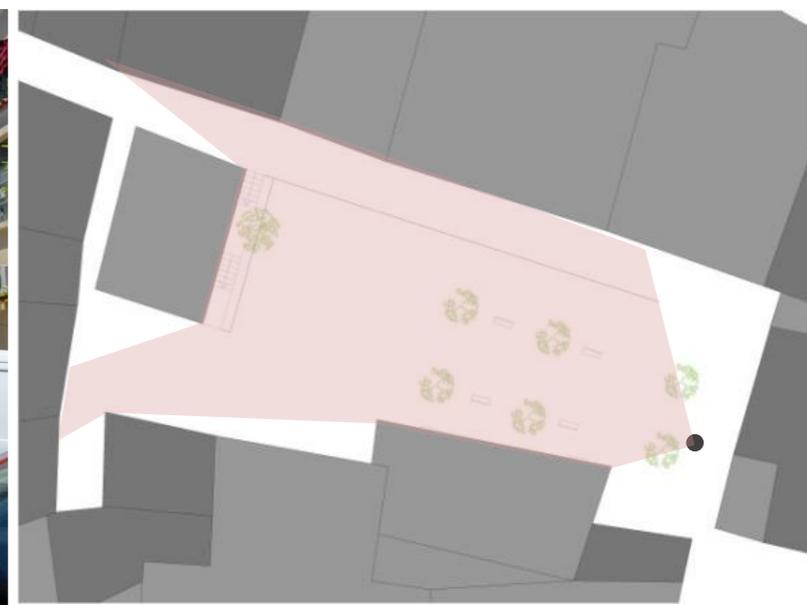
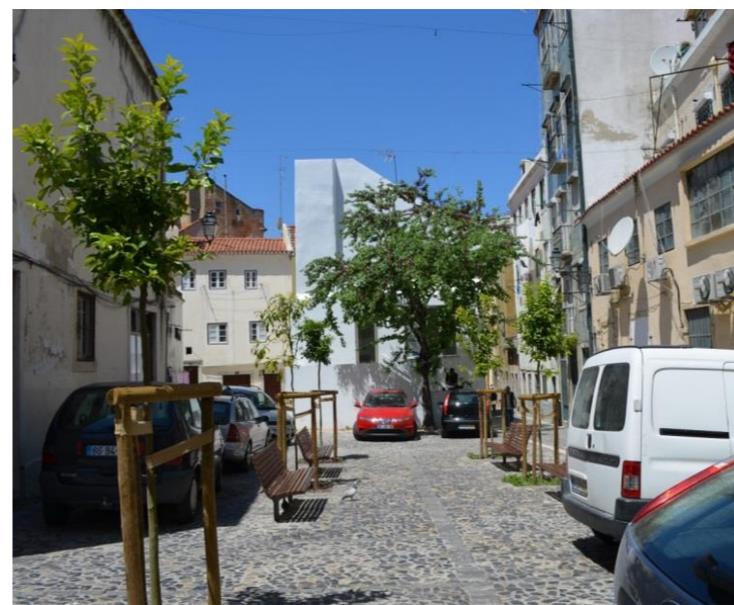
Habitacões. Restantes equipamentos. Área visual abrangida Visitante

Fotografia 09 e Planta 12. Perspetiva que se tem do Largo da Severa pelo acesso pela Rua da Guia (2).
Fotografia tirada a 12 de Junho de 2013.



Habitacões. Restantes equipamentos. Área visual abrangida Visitante

Fotografia 08 e Planta 11. Perspetiva que se tem do Largo da Severa, à chegada, pela Rua do Capelão (1).
Fotografia tirada a 12 de Julho de 2013.



Habitacões. Restantes equipamentos. Área visual abrangida Visitante

Fotografia 10 e Planta 13. Perspetiva que se tem do Largo da Severa, à chegada, pela Rua da Guia (2).
Fotografia tirada a 12 de Junho de 2013.

Morfologicamente o Largo é um espaço retangular em que se destaca um volume saliente da sequência de fachadas e um outro isolado. O espaço é rodeado por construções que têm entre dois a cinco pisos e cujo carácter funcional é de cariz habitacional e de armazenamento. O único serviço de apoio social existente no local é uma sapataria já moribunda.

No local encontram-se três edifícios de cariz cultural: O Sítio da Casa da Severa (A), a Taberna da Barbuda (B) e a casa onde viveu o, também fadista, Fernando Maurício (C).



A- A casa onde viveu a fadista e que brevemente abrirá como centro cultural.
 B- A Taberna da Barbuda.
 C- A casa onde viveu outro fadista de renome, Fernando Maurício (1933-2003).

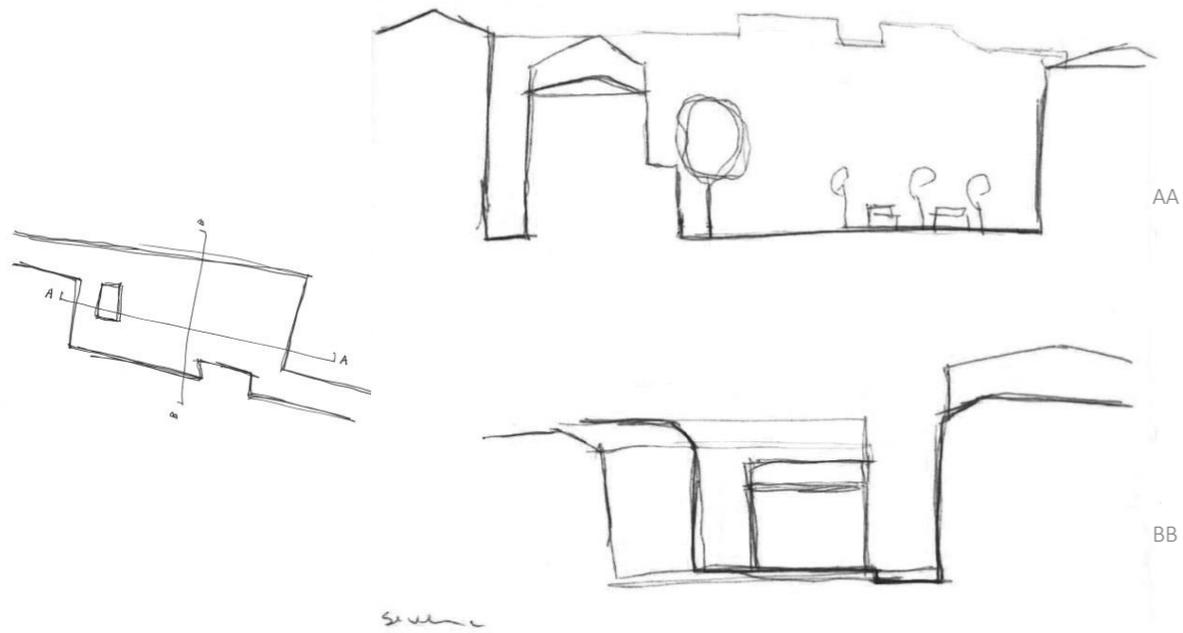
Fotografias 11. Esquema programático do Largo da Severa. Fonte: Fotografia A- Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa. Fotografia B e C – tirada a 12 de Julho de 2013.



Planta 14. Esquema programático do Largo da Severa. Fonte: Fotografia A- Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa. Fotografia B e C – tirada a 12 de Julho de 2013.

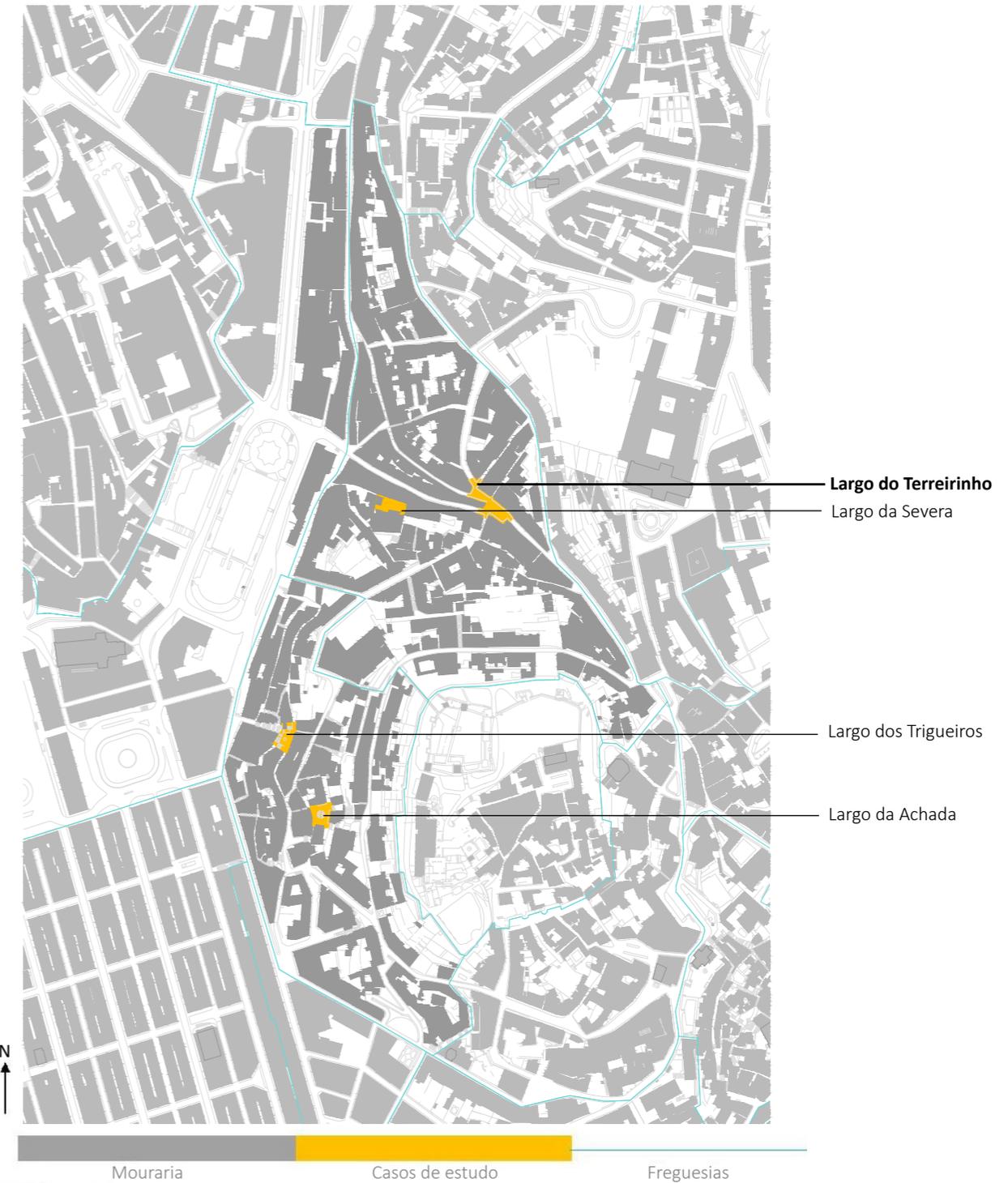
Ao nível do mobiliário urbano existem quatro bancos colocados no centro do Largo e sete árvores (seis de pequena dimensão e uma mais antiga e maior junto à Casa da Severa).

A topografia do Largo é praticamente plana e o percurso sem obstáculos, existindo um declive quase impercetível e um pequeno degrau apresentando bastante acessibilidade, até mesmo para quem tem mobilidade reduzida.

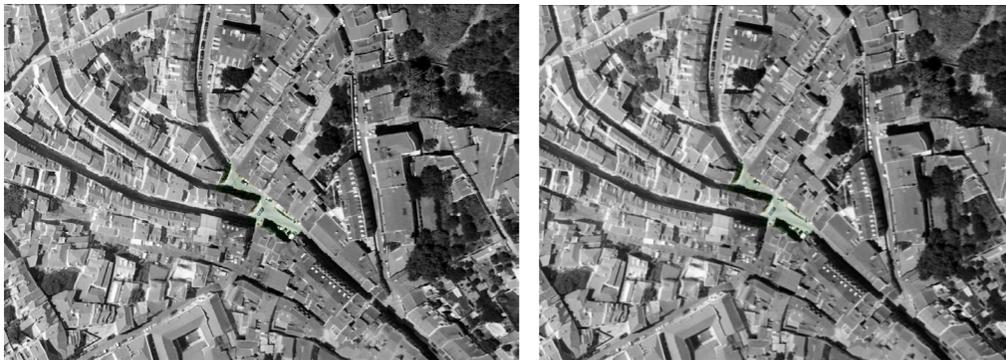


Esquiço 01. Corte longitudinal e transversal do Largo da Severa.

3.1.2. Largo do Terreirinho



Planta 15. Localização do Largo do Terreirinho.



O Largo do Terreirinho localiza-se a Norte do Bairro em estudo na zona que atualmente fortemente marcada pela diversidade multicultural de uma população residente na envolvente.

Historicamente, e como referido, é entre o séc. XVIII e o séc. XIX que se dá o êxodo rural para a capital, resultando na densificação intensiva da malha e do perfil aéreo (*skyline*) do Bairro. “É neste período que se dá a consolidação e edificação do troço Sul da

Figura 07. Localização do Largo do Terreirinho.

Fonte: Imagens manipuladas a partir do Google Earth (data das imagens 23.06.2007).



Largo do Terreirinho



Largo do Terreirinho

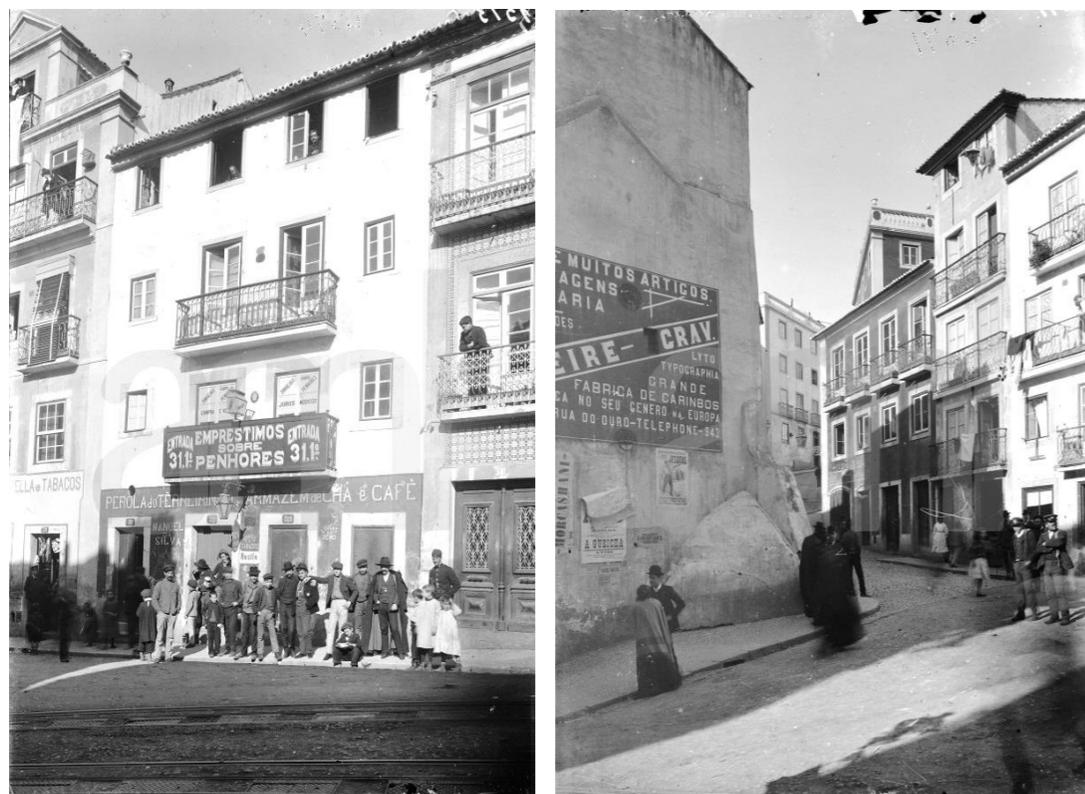
Rua dos Cavaleiros e a ligação dessa rua com a Calçada de St. André, o que implicou o derrube de alguns edifícios e a abertura do atual Largo do Terreirinho.” (Menezes, 2004:37). Por esta razão a Rua que atravessa com maior predominância o Largo, tem o nome de Rua dos Cavaleiros no troço entre a Praça do Martim Moniz e o Largo, e a Calçada de Santo André a partir dele.

Figura 08. Última planta registada antes do aparecimento do Largo do Terreirinho. Planta de Lisboa de 1761 de Guilherme de Menezes. Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.

Figura 09. Primeira planta registada após o aparecimento do Largo do Terreirinho. Planta Topográfica de Lisboa de 1780. Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.

Este Largo foi desde sempre um importante local de atravessamento, à escala da cidade e do bairro, porque resulta de uma confluência de diversas ruas e do confronto entre percursos pedonais e viários, que em vez de condicionar a dinâmica no Largo, incentiva-a.

A população do bairro tem-se alterado ao longo do tempo e isso reflete-se nas vivências no Largo. Num ambiente de vida operária, no início do séc. XIX, crianças e adultos, maioritariamente masculinos, encontravam-se no Largo em frente aos estabelecimentos. Nesta altura, estes de cariz bem português que bem à moda da época, pintavam os anúncios nas fachadas dos prédios.



Fotografia 12. Ambiente vivido no Largo do Terreirinho entre 1898 e 1908.

Fonte: Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa.

No final do referido século já se notava mais população feminina nas ruas e menos aparato ou pompa ao nível dos anúncios comerciais, ficando estes reduzidos, na maioria dos casos, a simples placas.



Fotografia 13. Ambiente vivido no Largo do Terreirinho em 1971.

Fonte: Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa.

Atualmente verifica-se um Largo degradado, com edifícios fechados, má pavimentação e um uso remetido não só, mas também, para fins de estacionamento.



Fotografia 14. Comparação entre o ambiente no Largo entre o início do séc. XX (entre 1898 e 1908) e atualmente.
Fonte: (esquerda) Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa. (Direita) Fotografia tirada a 05 de Maio de 2013.

Ao nível social a população residente na envolvente no Largo também mudou, sendo que agora coabitam portugueses, com população maioritariamente de origem imigrante não europeia. Tal como o Largo aqui a população apresenta traços de segregação social, com alguma presença de comportamentos desviantes. Por estas razões o estudo neste Largo não foi muito facilitado. As pessoas mostraram-se completamente desconfortáveis, e ameaçadas até, com a minha presença, observação e registos. Tentei ser discreta mas tornou-se difícil por não ser da zona.



Fotografia 15. Comparação entre o ambiente no Largo entre a década de 50 e 70, e atualmente.
Fonte: (esquerda) Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa. (Direita) Fotografia tirada a 05 de Maio de 2013.

“Podes tirar fotos aí aos velhotes, aos mais velhos, mas não tires a nós jovens, ‘tás a ver? Estamos aqui de chapéu e capuz e não gostamos disso.”

Jovem “étnico”, 20 anos, no local, 05/05/2013.

“Praticamente ninguém do bairro menciona abertamente o Largo do Terreirinho, mas toda a gente sabe que é ali, a portas meias com este gabinete do inMOuraria (*situado nas Olarias, dedicado a migrantes e a toxicodependentes*) que persiste o nervo central de tráfico de droga do bairro. (...) “Vem muita gente de fora cá comprar. É uma economia paralela que vem de geração em geração, difícil de contornar de um dia para o outro. (...)”, conclui o presidente da GAT (*Grupo Português de Ativistas sobre Tratamentos de VIH/Sida*). A poucos minutos das cada vez mais discretas movimentações de carros topes de gama e rapazes de boné daquele largo, há uma esquadra da PSP. “De vez em quando sobem a rua, mas a atividade mantém-se firme” contam baixinho alguns dos moradores, como se de um segredo se tratasse.” (Ferreira, “A Nova Mouraria”, em Expresso. Nº 2117, 25 Maio 2013, 22-31, *itálico nosso*).

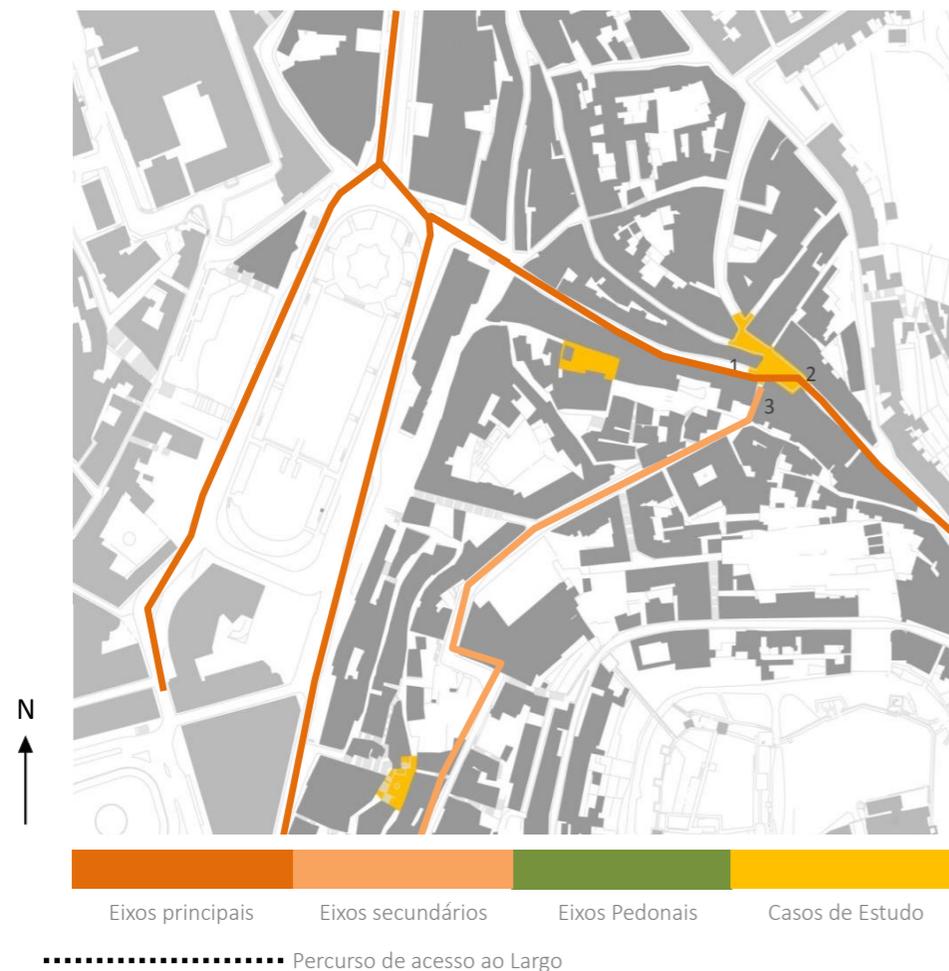
O comércio também mudou, antes nacional, agora maioritariamente etnocultural.

Independentemente disto, por lá passam algumas festividades, nomeadamente a Procissão do Nosso Senhor dos Passos da Graça, que se celebra no dia 24 de Fevereiro, desde 1587, pela existência de uma ermida no Largo, e as comemorações dos Santos Populares, que com a marcha da Mouraria, traz fama e convivência aos habitantes do Bairro (Mendes, 1996:85).

Fotografia 16. Ambiente nas comemorações dos Santos Populares.
Fotografia de Susana Neves, tirada a 12 de Junho de 2013.

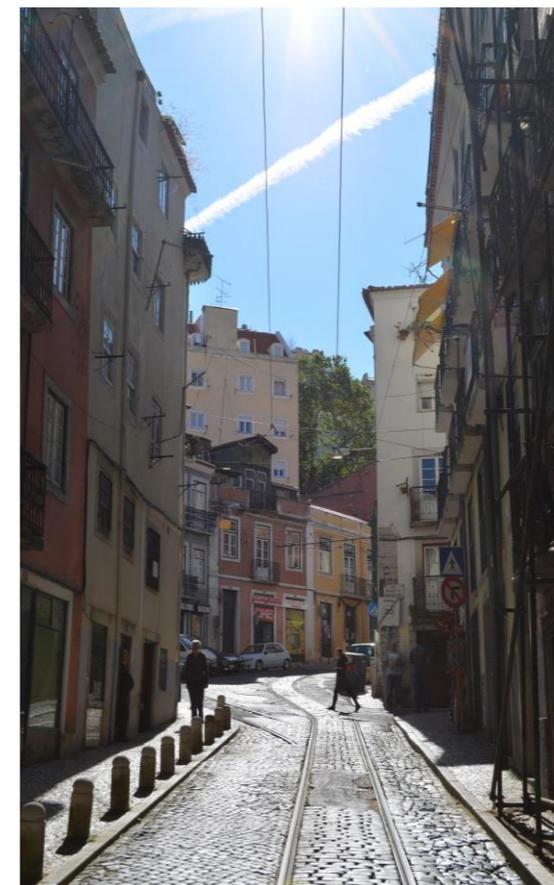


Ao nível da acessibilidade, e pelo cariz do Largo, este faz parte integrante da rede principal de acessos que atravessam o Bairro. É por lá que passa a importante artéria da Rua dos Cavaleiros/Calçada de St. André no sentido transversal ao Bairro, e que surge a Rua do Marquês Ponte de Lima no sentido longitudinal.



Planta 16. Acessos mais diretos ao Largo do Terreirinho, a partir dos eixos principais de circulação, na envolvente imediata. (1) Rua dos Cavaleiro, (2) Calçada de St. André, (3) Rua Marquês Ponte de Lima.

Do ponto de vista do peão, quando se acede ao Bairro pela Rua dos Cavaleiros (1) ou pela Calçada de St. André (2) parece que a rua continua sem nenhum momento de exceção. Isso é possível por se observar uma continuação das fachadas, mas na realidade o troço sugerido passa exatamente pelo meio do Largo. Pelo acesso da Rua Marquês Ponte de Lima (3) nos parece direcionar para uma parede enunciando uma mudança de direção no percurso mais à frente.



- Comércio
- Habitações
- Elementos de destaque
- Área visual abrangida ao chegar ao local
- Utilizador



Fotografia 17 e Planta 17. Perspetiva que se tem do Largo do Terreirinho pelo acesso pela Rua dos Cavaleiros (1). Fotografia tirada a 05 de Maio de 2013.

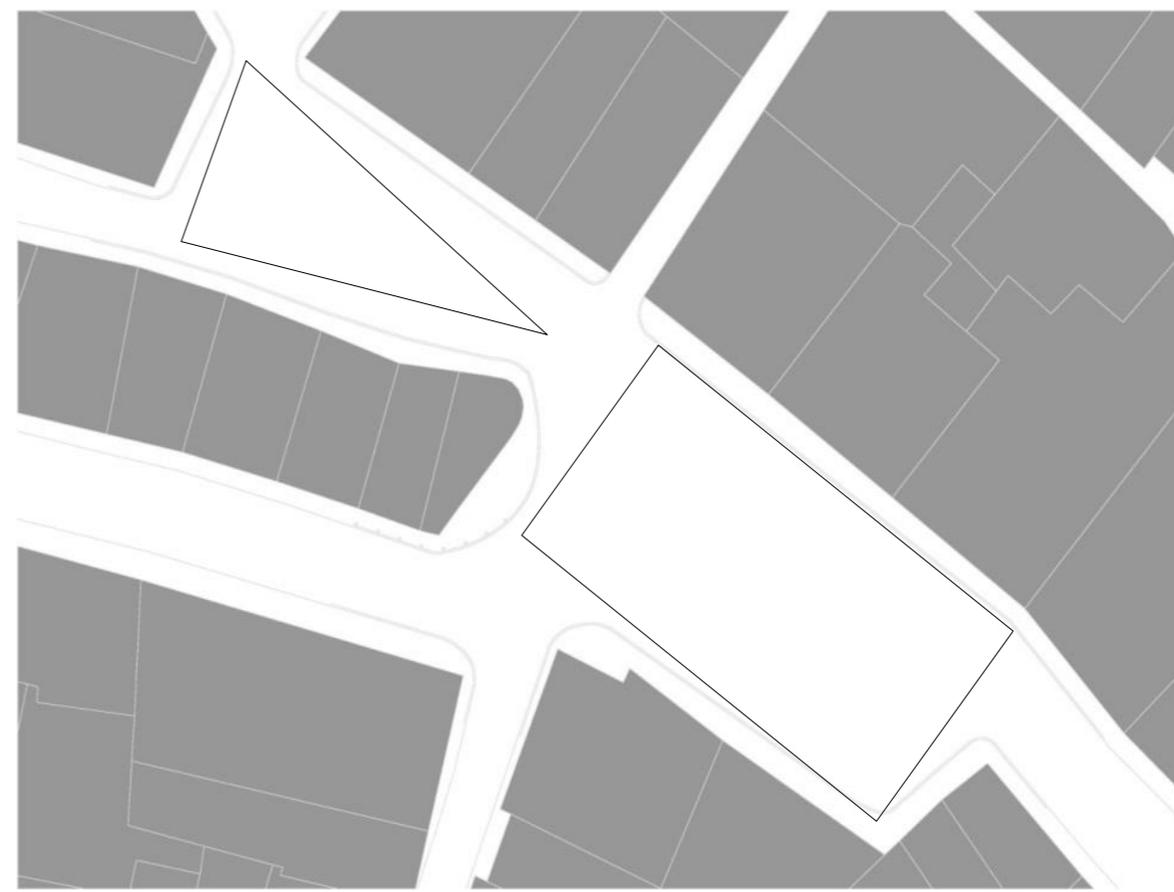


- Comércio
- Habitações
- Elementos de destaque
- Área visual abrangida ao chegar ao local
- Utilizador



Fotografia 18 e Planta 18. Perspetiva que se tem do Largo do Terreirinho pelo acesso pela Calçada de St. André (2).
Fotografia tirada a 05 de Maio de 2013.

Morfológicamente o Largo surge com uma forma muito irregular pelo seu carácter, parecendo uma forma retangular e triangular que se unem.



Planta 19. Planta demonstrativa da morfologia do Largo do Terreirinho.

Topograficamente o Largo é rampeado, sendo a sua inclinação constante e a cota mais baixa do lado da Praça do Martim Moniz.



Fotografia 19. Fotografias demonstrativas da topografia do Largo. Fotografias tiradas a 05 de Maio de 2013.

Por não ser um espaço público projetado para convívio e lazer, não existem zonas de permanência formais nem qualquer tipo de vegetação.

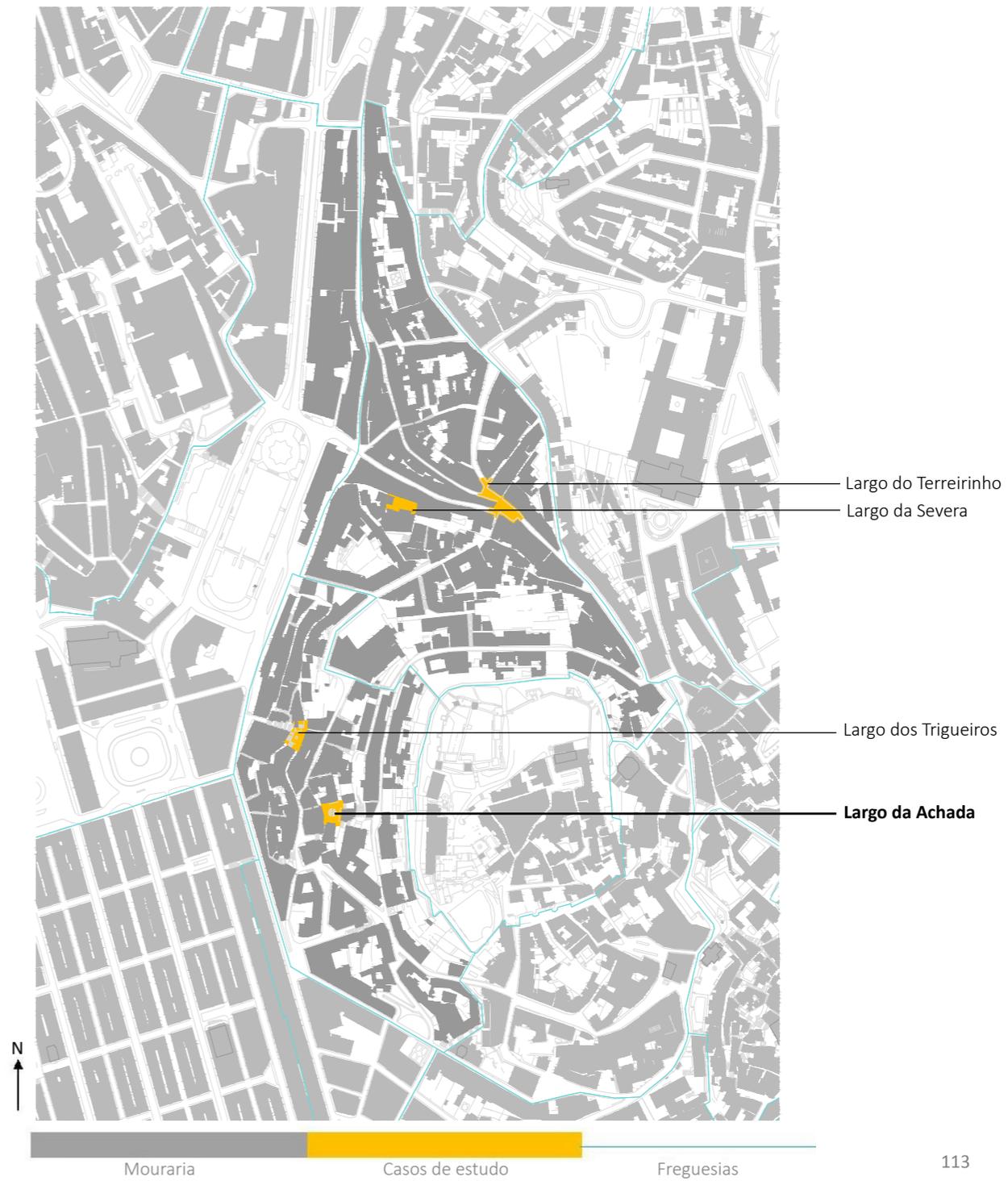
Mas, e de um ponto de vista económico, a falta de cuidado ao nível das infraestruturas urbanas e a presença de população segregada, não é impeditiva de os habitantes tirarem partido da atividade comercial existente, facilitada pela acessibilidade ao Largo, sendo aquele que mais comércio possui comparativamente aos outros largos.



É rodeado por construções entre os três e os cinco pisos que, ao longo do dia permitem sombreamentos diferentes, no Largo. Os estabelecimentos comerciais que mais influência têm no espaço estão abertos de semana e ao fim-de-semana, e são três mercearias (B, E, L), uma churrascaria (Q), um café (K) e uma taberna (J).

Planta 20. Planta programática do Largo do Terreirinho.

3.1.3. Largo da Achada



Planta 21. Localização do Largo da Achada.



Este Largo encontra-se a Sul do Bairro, onde seriam os arrabaldes mouros anteriores à conquista por D. Afonso Henriques. Este é um Largo mais recolhido, distanciando-se um pouco das vias principais, mas que permite uma ligação entre o Largo de S. Cristóvão e a Encosta do Castelo.

O Largo da Achada sempre existiu, na sua origem sob a forma de uma planície, mantendo-se sempre à maneira que foram surgindo construções de estruturas na envolvente.

Figura 10. Localização do Largo da Achada.
Fonte: Imagens manipuladas a partir do Google Earth (data das imagens 23.06.2007).



É devido às suas características topográficas que este espaço sempre esteve associado ao nome Achada, existindo também a Rua, o Beco e as Escadinhas do mesmo nome. Lê-se em Ruas de Lisboa: Notas para a história das vias públicas lisboenses (Brito, 1935), sobre a toponímia do local:

“Achada (Rua da) - É esta, decerto, uma das mais antigas denominações da via pública lisboense (...). Achada ou Achaada definiu-a Viterbo, em seu Elucidario, “planície, escampado ou terra baixa e plana”, o que perfeitamente conviria ao local, antes da erecção da paroquial igreja daquela invocação (ant. a 1308), edifício pela parte posterior do qual começa esta rua, visto como achadas se chamavam os terrenos planos desdobrados imediatamente ao pendor dos montes ou das serras (...). Um pouco acima do ápice dessas duas betesgas, e no sitio onde elas confluem, (...) está o **largo da Achada**, isto é, os restos da antiga chã, inclinada para a base inferior de toda a montanha, e dividida por edificações que a separam em duas metades. A viela em escadinhas é a própria Rua da Achada, que o autor do Sumário de 1551 Cristóvão Rodrigues de Oliveira, já menciona entre as vias públicas da sobredita freguesia.

Figura 11. Primeira planta registada após o aparecimento do Largo da Achada. Planta de Lisboa de 1761 de Guilherme de Menezes.
Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.

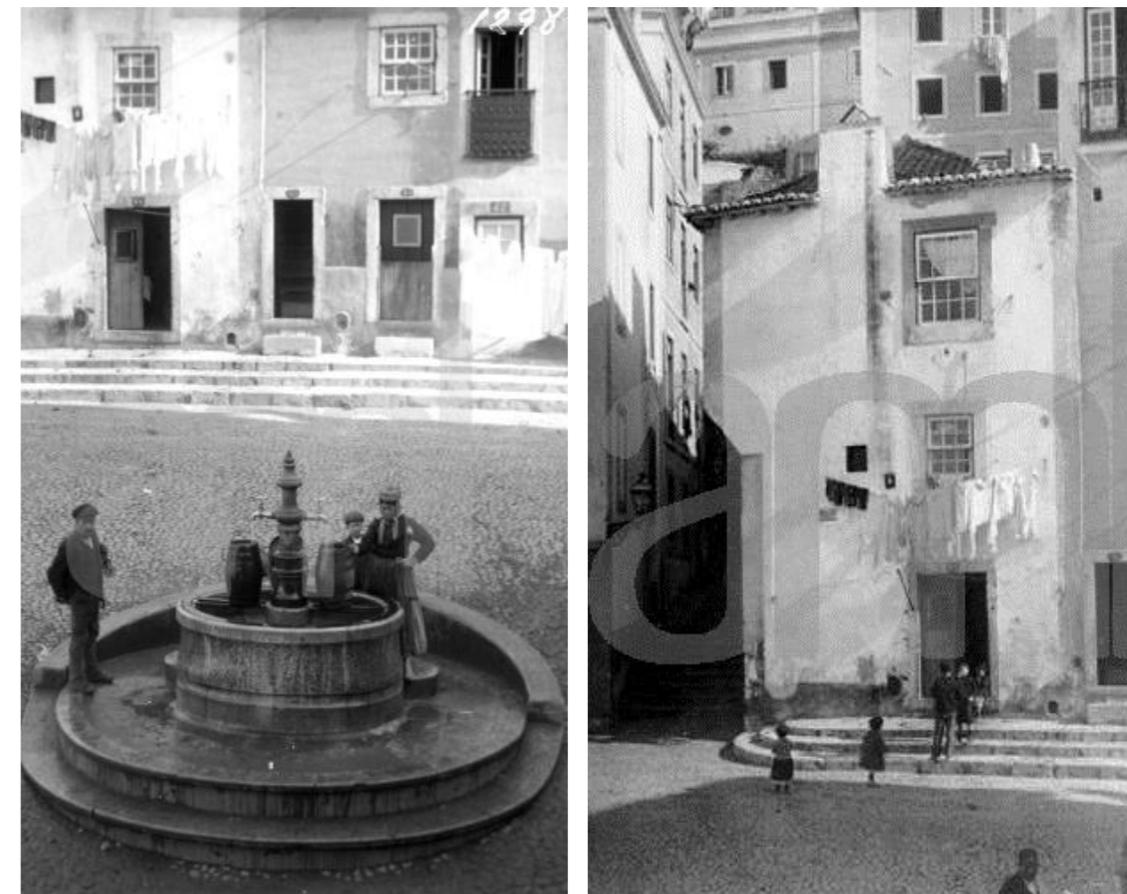
(...) O beco da Axada encontra-se no Livro da Plantas das Freguesias como pertencendo às freguesias de S. Cristóvão e São Lourenço.” (Brito, 1935, in http://www.centromariodionisio.org/casa_da_achada.php, **negrito nosso**).

Embora o Largo sempre tenha existido, este evoluiu sob várias formas. Mais tarde a divisória existente a meio do Largo desapareceu e este adquiriu uma forma trapezoidal.



Planta 22. Planta do Largo da Achada.

Após o Aqueduto das Águas Livres ter entrado em funcionamento, em 1748, e se ter lançado toda uma rede de chafarizes e fontes na cidade, foi colocada uma fonte no Largo. Retirada na década de 40 do séc. XX, foi movida para o Largo dos Trigueiros, substituindo-se por uma outra de mais pequena dimensão.



Fotografia 20. Ambiente do Largo entre 1898 e 1945. (À esquerda) Fotografia com a fonte original. Fonte: Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa. (1) 1898 entre e 1908, (2) meados 1940.

Entre 1930 e 2012 a existência de árvores no Largo era sentida e útil, possibilitando sombreamento e frescura, embora a também existência de estacionamento automóvel limitasse o uso do espaço.



Fotografia 21. Largo da Achada em 1968 e 69. Fonte: Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa.

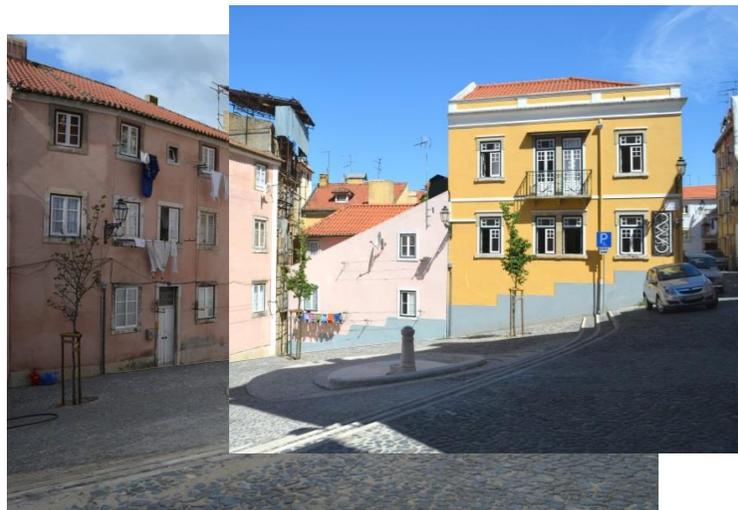
Relativamente às construções na envolvente, além das normais alterações ao longo do tempo, o quarteirão a Norte, sempre esteve em constante mutação. Atualmente, é aí que se encontra a atual Associação Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, fundada em 2008, por simpatizantes de Mário Dionísio (escritor e pintor português do séc. XX) e de Maria Letícia Clemente da Silva, sua esposa. Esta associação nasceu da vontade de tornar público o seu espólio literário e artístico, bem como o seu arquivo pessoal (in http://www.centromariodionisio.org/centro_mario_dionisio.php). Hoje a Casa está aberta ao público, promove eventos culturais no seu interior e exterior, num terreno vago em frente à Associação ou no próprio Largo. Parte da Casa está reservada para desenvolvimento de investigação. É o único serviço existente no Largo, sendo as restantes estruturas de cariz unicamente habitacional, tendo entre dois a quatro pisos.



Fotografia 22. Alteração da construção a Norte do Largo da Achada. Fonte: (duas fotografias da esquerda) Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa. Largo da Achada em 1898 e 1969. (À direita) Fotografia tirada a 5 de Maio de 2013.

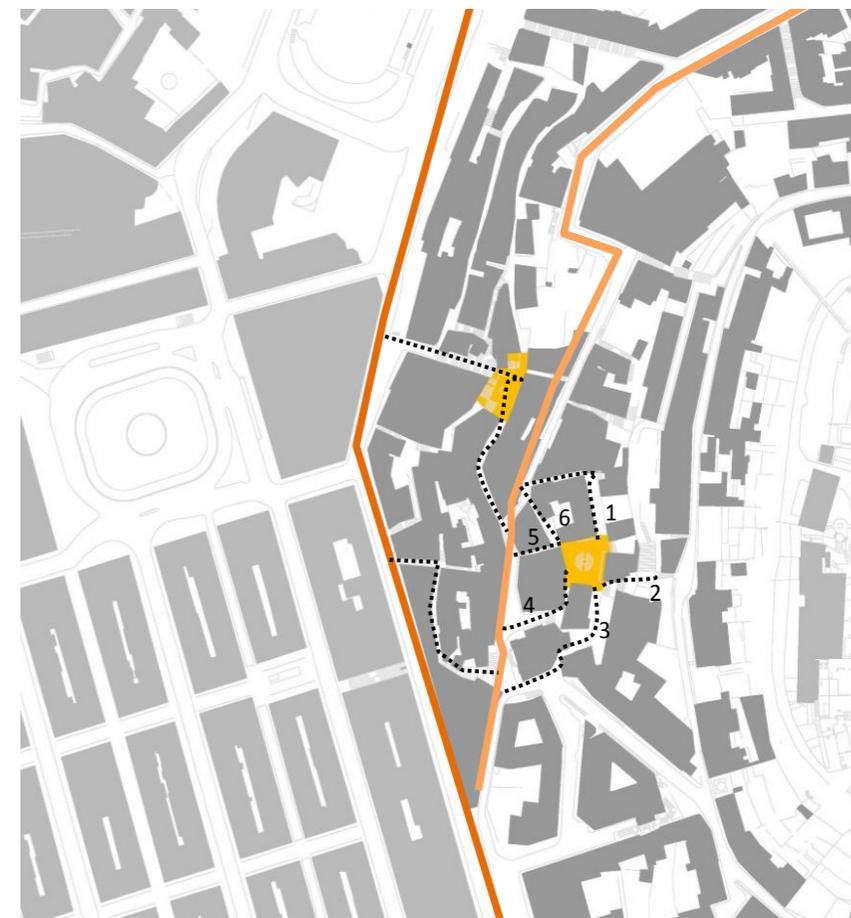
Nas imagens percebe-se também alterações na topografia do Largo, que como é acentuada está em constante modificação na tentativa de torná-lo mais amplo e plano de forma a permitir um maior domínio e usufruto.

Com as últimas intervenções efetuadas através do plano do QREN, criou-se um novo jogo de patamares/cotas, vencidas por diferentes conjuntos de escadas que formam uma espécie de socacos; substituiu-se o pavimento e replantou-se novas árvores que substituíram as anteriores. Esta última substituição faz com que o Largo esteja exposto à luz solar durante a maior parte do dia. Verifica-se a completa ausência de mobiliário urbano, além da iluminação artificial. Com estas últimas intervenções deixou de ser permitida a circulação automóvel, devolvendo o Largo às pessoas.



Fotografia 23. Fotografias atuais do Largo da Achada, tiradas a 27.10.2012 e a 05.05.2013.

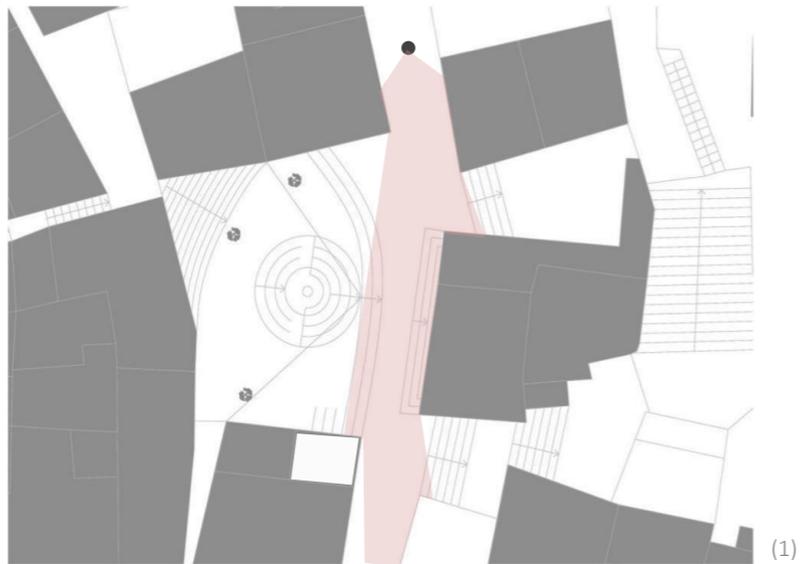
A acessibilidade ao Largo existe a partir dos principais eixos da rede de circulação viária envolvente. Seis acessos são possíveis mas principalmente de cariz pedonal, pelas suas dimensões e pela existência de escadas.



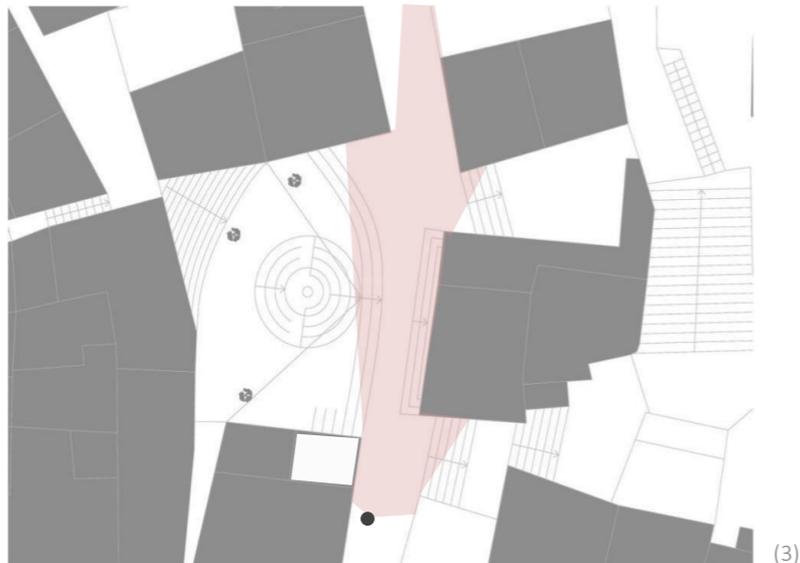
Eixos principais	Eixos secundários	Eixos Pedonais	Casos de Estudo

----- Percurso de acesso ao Largo

Planta 23. Acessos mais diretos ao Largo da Achada, a partir dos eixos principais de circulação, na envolvente imediata. Beco das Flores, (2) Escadinhas da Achada, (3) Rua da Achada, (4) Beco de S. Francisco, (5) Beco Jasmim, (6) Beco Galhas.



(1)



(3)



(4)

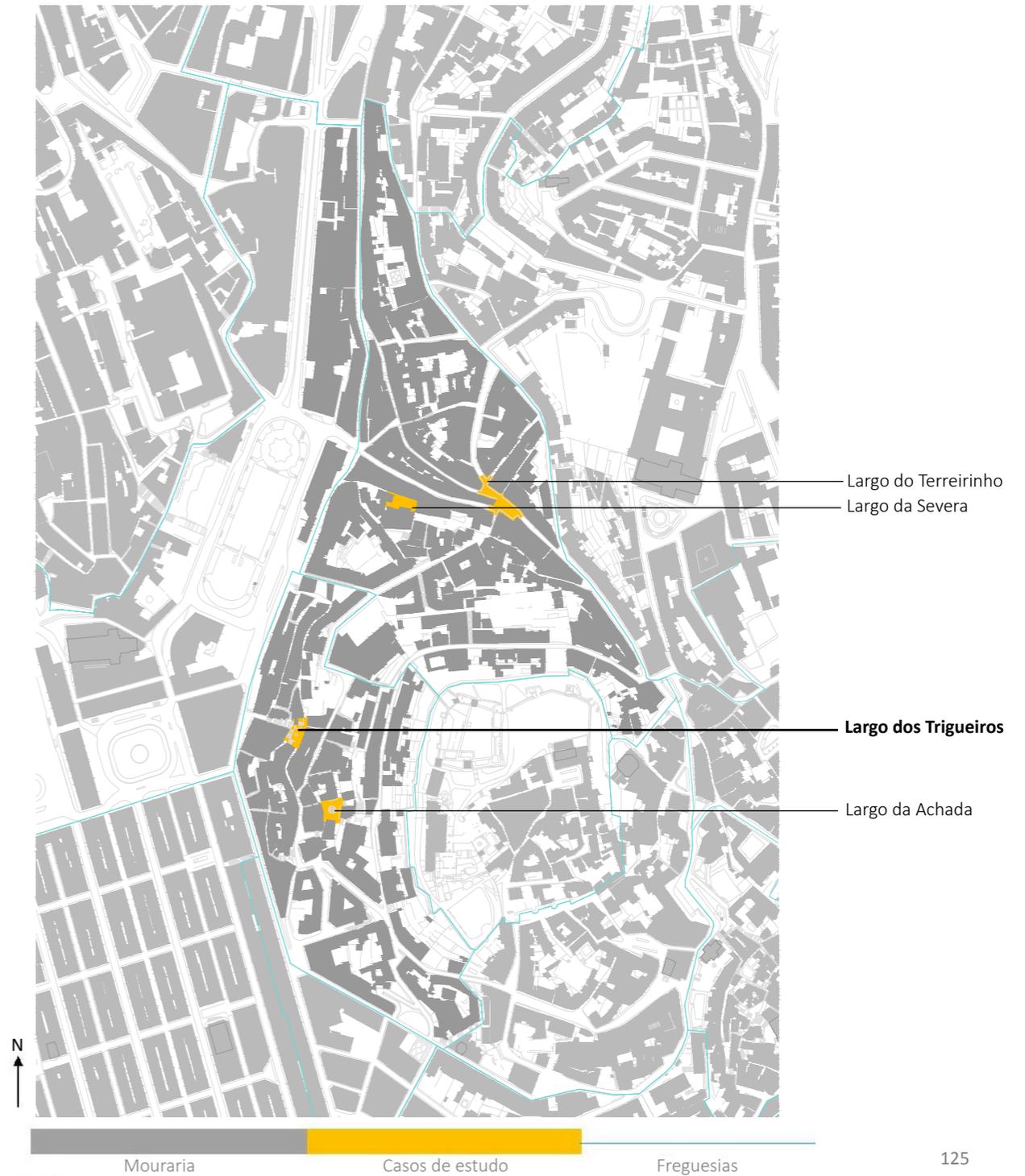


(5)

Do ponto de vista do peão, ao caminhar na direção do Largo, através dos acessos a Nordeste e Sudeste (1 e 3), não existe nenhuma manifestação de que o Largo irá surgir, parecendo que a rua continua sem interrupção. Já pelos restantes acessos (2, 4, 5 e 6), ao chegar, percebe-se uma situação urbana diferente por aparecerem obstáculos mais à frente no percurso.

Fotografia e Planta 24, 25, 27 e 28. Perspetiva que se tem do Largo da Achada pelo acesso pelo Beco das Flores (1), pela Rua da Achada (3), pelo Beco de S. Francisco (4) e pelo Beco Jasmim (5). Fotos tiradas a 05 e 13 de Maio de 2013.

3.1.4. Largo dos Trigueiros



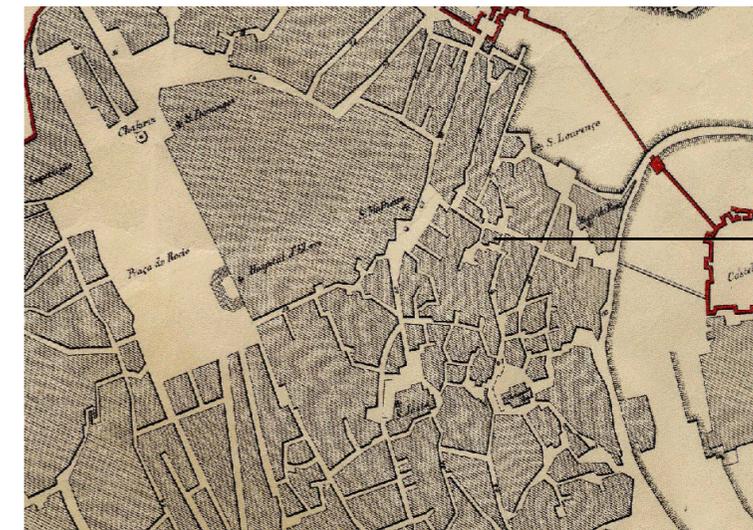
Mouraria Casos de estudo Freguesias

Planta 29. Localização do Largo dos Trigueiros.



O Largo dos Trigueiros encontra-se a Sul do Bairro da Mouraria, onde noutros tempos seria considerada zona moura. Esta zona vive da vantagem não só de fazer parte do bairro histórico mourense, mas também por estar próxima da Baixa da Cidade. Assim encontra-se na proximidade da oferta existente na Praça do Martim Moniz e da sua vivência, e da parte mais cosmopolita da cidade. É onde atualmente se concentra uma diferente mistura social da verificada a Norte, representando o ponto de fusão de uma Mouraria em

Figura 12. Localização do Largo dos Trigueiros.
Fonte: Imagens manipulados a partir do Google Earth (data das imagens 23.06.2007).



mudança.

O Largo dos Trigueiros surge entre 1650 e 1761 a partir da derrocada de um conjunto de estruturas. Na ausência de construção nova, deu-se uma apropriação tornando-se num espaço público.

Figura 13. Última planta registada antes do aparecimento do Largo dos Trigueiros. Planta de Lisboa de 1650 de Tinoco. Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.

Figura 14. Primeira planta registada após o aparecimento do Largo dos Trigueiros. Planta de Lisboa de 1761 de Guilherme de Menezes. Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>.

Até pelo menos 1908, o Largo ainda não possuía todas as estruturas existentes hoje, sofrendo, desde então, um processo de densificação/massificação das habitações, pela criação de mais e do aumento do número de pisos.



Fotografia 29. Largo dos Trigueiros entre 1898 e 1908.
Fonte: Fotomontagem feita a partir de fotografias do Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa.

Até a esta altura o Largo não possuía fonte, sendo colocada, por volta da década de 40, a que se encontrava no Largo da Achada, demonstrando o provimento público de um elemento fundamental: a água.



Fotografia 30. Largo dos Trigueiros entre na década de 40.
Fotografia do Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa. Largo dos Trigueiros s/d. Chafariz do Largo dos Trigueiros em 1947.

Até 2011 o Largo encontrava-se extremamente degradado e era permitida a circulação e estacionamento no Largo, conduzindo-o a um estado caótico de circulação e manutenção. Atualmente esta situação está corrigida por ter sido efetuada uma repavimentação da calçada, manutenção das fachadas e eliminação do tráfego automóvel. Foi também tratada a fonte, que também estava deixada ao abandono, e alterada a sua posição no espaço.



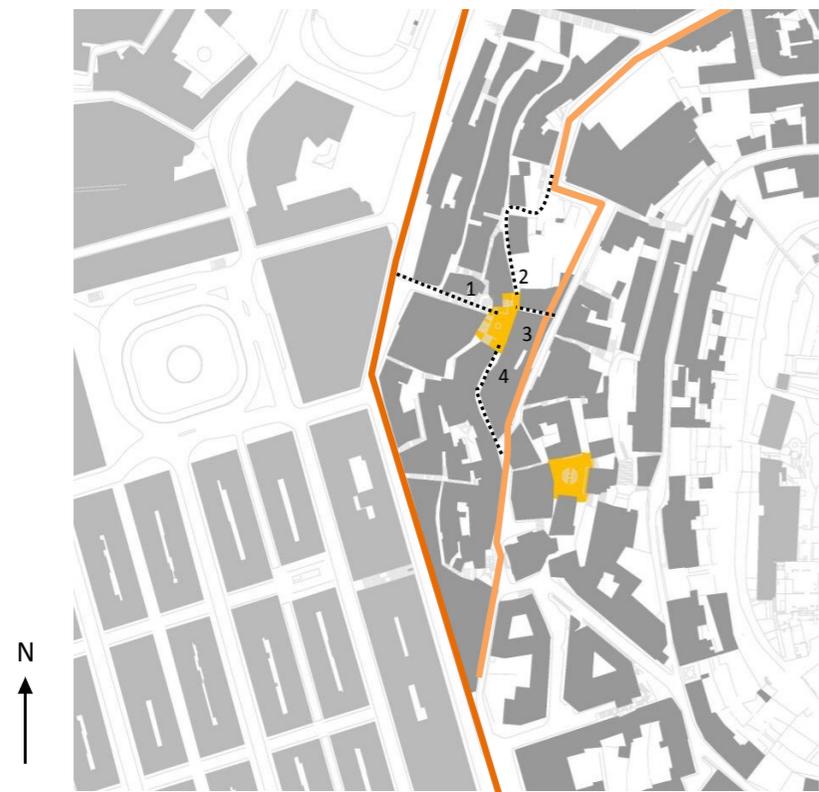
Fotografia 31. Largo dos Trigueiros em 2011.
Fonte: <http://cidadaniaix.blogspot.pt/2011/01/largo-do-terreirinho.html>.

O Largo, assim, foi devolvido às pessoas permitindo um usufruto do seu espaço.

Este é um caso de sucesso de reabilitação de um espaço que agora, renovado, reforça a componente social de encontro, de convívio e de lazer. A altura dos Santos Populares é um exemplo, reunindo a população que comemora as festas.

Fotografia 32. Largo dos Trigueiros. Preparativos para a Festa dos Santos Populares. Fotografia de 12 de Junho de 2013.



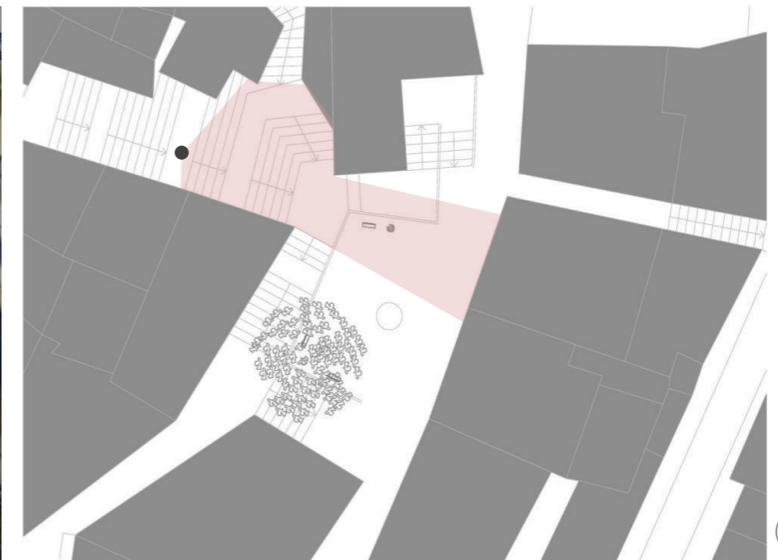


Eixos principais Eixos secundários Eixos Pedonais Casos de Estudo

..... Percurso de acesso ao Largo

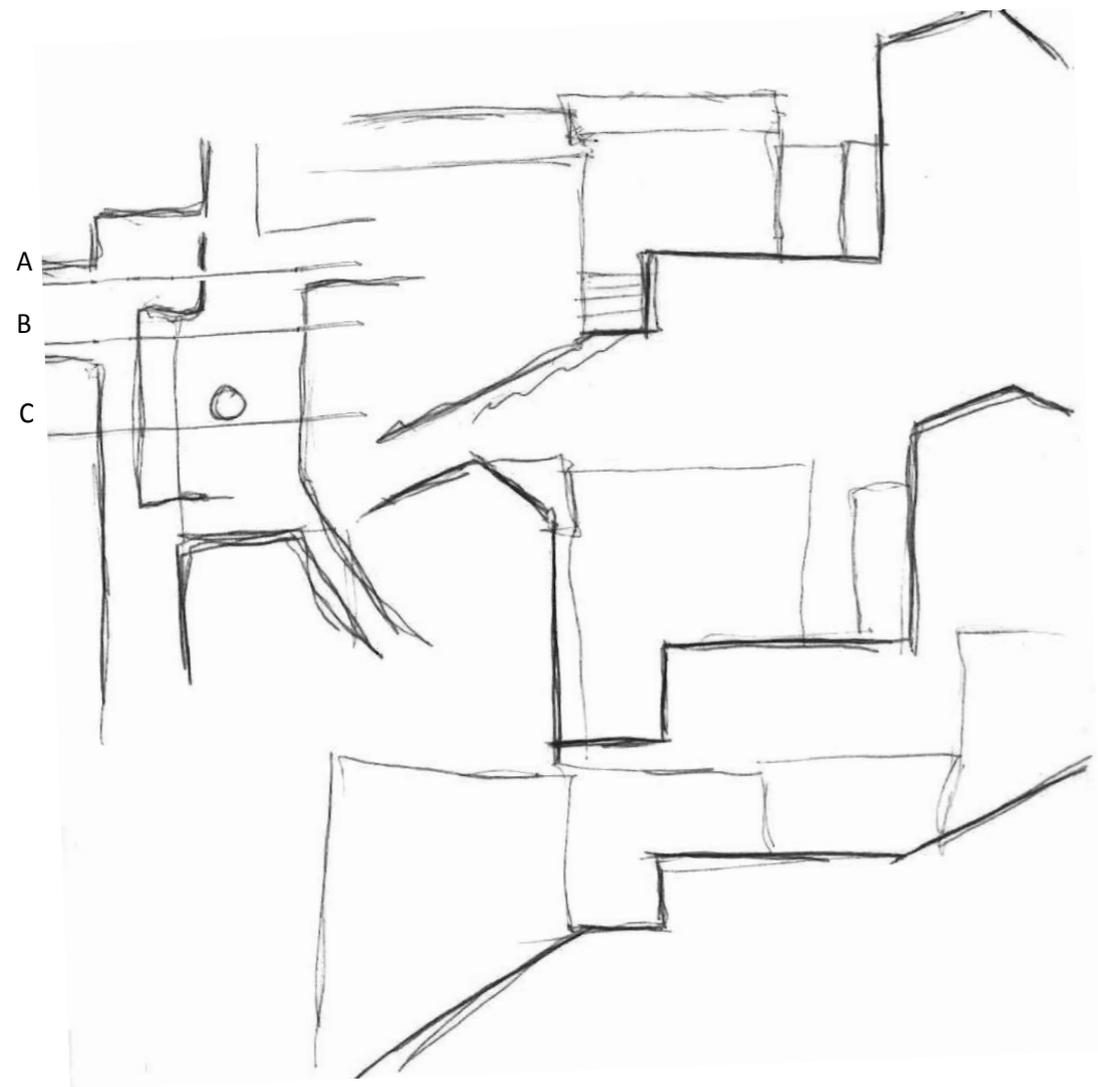
Planta 30. Acessos mais diretos ao Largo dos Trigueiros, a partir dos eixos principais de circulação, na envolvente imediata. Escadinhas dos Surradores, (2) Escadinhas da Rua das Farinhas, (4) Beco das Farinhas.

No domínio das acessibilidades, os eixos principais na zona são a Rua da Mouraria e da Madalena a Oeste, com acesso ao Largo pelas Escadinhas dos Surradores (1) a uma cota mais baixa. O eixo secundário a Este é a Rua do Marquês Ponte de Lima, com acesso ao Largo pela Rua de S. Lourenço (2), Escadinhas da Rua das Farinhas (3) e Beco das Farinhas (4). Só para quem acede por Oeste é que o Largo se enuncia pela alteração da situação topográfica, pela existência de um patamar no decurso do trajeto ascensional. Nos restantes casos, acontece o inverso. Parece acontecer a continuação da rua, pela sucessão das fachadas.



Fotografia 33 e 34 e Planta 31 e 32. Perspetiva que se tem do Largo dos Trigueiros pelo acesso pelas Escadinhas dos Surradores (1) e da Rua de S. Lourenço (2). Fotografias tiradas a 05 de Maio de 2013.

Morfologicamente o que distingue este Largo, é o facto de a sua localização ser numa meia encosta sob um grande declive topográfico, e gerar um patamar, destacando-se das fachadas envolventes.



Esquiço 02. Cortes transversais A, B e C.

B



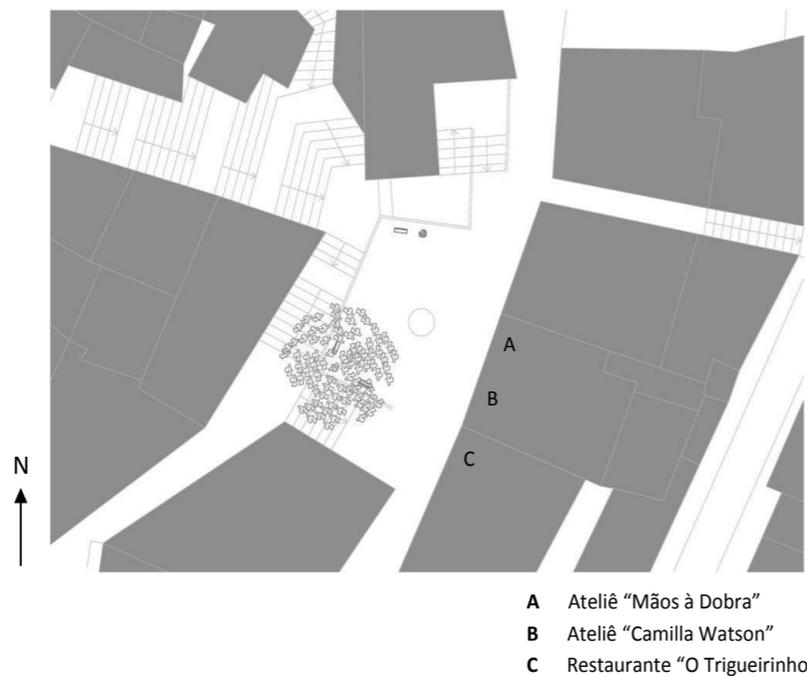
Fotografia 35. Imagens ilustrativas do Largo, a meia encosta. Fotos tiradas a 05 de Maio de 2013.

C

A

A sua morfologia permite as circulações na sua envolvente e uma zona livre no seu centro, separada pela colocação atual da fonte. O Largo apresenta algum mobiliário urbano, nomeadamente três bancos, candeeiros, vasos, caixotes de resíduos sólidos urbanos (RSU) e duas árvores, uma pequena e uma grande. Aqui o casario, de três a cinco pisos, torna o espaço com uma aragem/brisa agradável durante a manhã e à tarde a grande e antiga árvore de folha caduca, mesmo sem folhagem, consegue manter uma sombra agradável (devido á sua dimensão e número de galhos).

O Largo está equipado com serviços, nomeadamente um restaurante (O Trigueirinho), um ateliê de *origami* (Mãos à Dobra) e um ateliê de fotografia (Camilla Watson), estes últimos geridos por gentrifiers moradoras no bairro. Na envolvente próxima existem outros restaurantes portugueses e internacionais, bem como comércio tradicional (mercearias, lojas de recordações, cafés, bares, etc.).



Planta 33. Planta programática do Largo dos Trigueiros.

Assim, este espaço, em boas condições de manutenção e bem equipado, permite uma flexibilidade e um amplo conjunto de atividades ao longo do dia e da semana. Este é um dos Largos mais intensamente vividos a Sul, pela sua morfologia, ambiente convidativo e pela sua localização a meia encosta, fazendo a ligação entre a zona baixa da cidade e a alta. Também é por onde se faz uma ligação entre o Norte e o Sul o Bairro.

4. Usos e apropriações dos Largos

O espaço público é um local de mediação que simboliza a comunidade como a sociedade e a cultura mais abrangente na qual ele se integra. Deste modo, contribui para se pensar a relação entre espaço, cultura e sociedade.

No entanto, não se deve condicionar a análise do espaço à organização da sua forma espacial, pois outro elemento fundamental dessa análise deve ser a organização social. Nessa perspectiva, a especificidade na organização do território é muito mais a expressão das interações resultantes entre espaço, tempo e sociedade de que um simples resultado, por ser flexível em função dos processos dinâmicos de ajustamento cultural. Neste sentido, o problema da percepção do espaço revela a importância da experiência fenomenológica.

Como refere Menezes (2004: 7, 12, 13), o espaço social é um elemento fundamental para o estudo dos processos de construção social de imagens urbanas, interessando compreendê-lo a partir da percepção dos indivíduos e das práticas sociais de uso e apropriação. Podendo a sociedade e a cultura serem manifestadas espacialmente, essa espacialização pode ser lida como um texto que fala de ordem social e cultural. É neste sentido que se parte do princípio de que é estudando o espaço de uma sociedade que se pode clarificar questões tão importantes como o seu sistema ritual e o modo através do qual a sua dinâmica se desenvolve.

4.1 Largo da Severa

Os períodos de observação no Largo da Severa fizeram-se durante o fim de semana, no Domingo dia 12 de Maio, e durante a semana no dia 3 de Maio, entre as 11 e as 13 horas, de forma a observar-se o turno da manhã, do almoço e tarde.

Durante o dia de semana foram observadas mais 97 pessoas do que durante o dia de fim de semana, fator que deve-se à proximidade do Largo à Praça do Martim Moniz onde se encontram os transportes e o comércio (mais dinâmicos durante a semana).

Observou-se com mais frequência no Largo descendentes de imigrantes não europeus, durante o fim de semana, e moradores portugueses, durante a semana, sendo a faixa etária predominante a adulta. Durante o fim de semana observou-se ainda o usufruto do local também por “turistas”, “turistas portugueses”, e famílias com “bebés”, grupos não registados durante a semana.

		Faixa Etária x Grupo						Total
		Grupo						
		Turista	Turista Português	Étnico	<i>Gentrifier</i>	Autóctone	Morador Português	
Faixa Etária	Bebé	0	0	2	0	0	0	2
	Criança	2	2	4	0	0	6	14
	Jovem	2	2	17	6	0	3	30
	Adulto	23	5	53	4	1	20	106
	Idoso	0	0	2	0	5	4	11
Total		27	9	78	10	6	33	163

Tabela 2. Valores relativos aos utilizadores segundo a “Faixa Etária” e o “Grupo”, no Largo da Severa, durante o fim de semana.

		Faixa Etária x Grupo							Total
		Grupo							
		Turista	Turista português	Étnico	Gentrifier	Autóctone	Morador português	Outro	
Faixa Etária	Bebé	0	0	0	0	0	0	0	0
	Criança	0	0	4	0	0	12	0	16
	Jovem	0	0	12	16	0	2	0	30
	Adulto	0	0	70	6	0	96	12	187
	Idoso	0	0	0	0	26	4	0	30
Total		0	0	86	22	26	114	12	260

Tabela 3. Valores relativos aos utilizadores segundo a “Faixa Etária” e o “Grupo”, no Largo da Severa, durante a semana.

O género predominante é o masculino, sendo que ao fim de semana observa-se um pouco mais a presença feminina apenas por parte dos visitantes exteriores ao bairro.

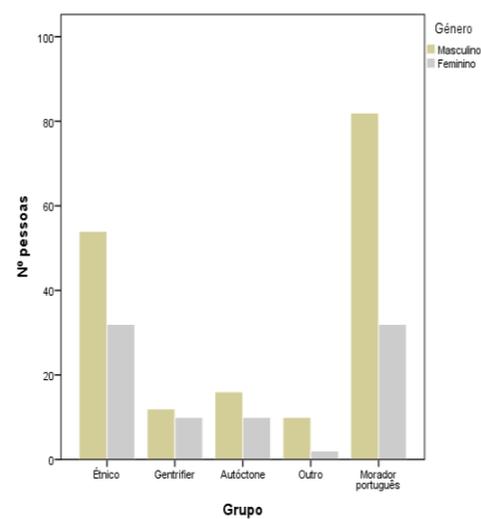
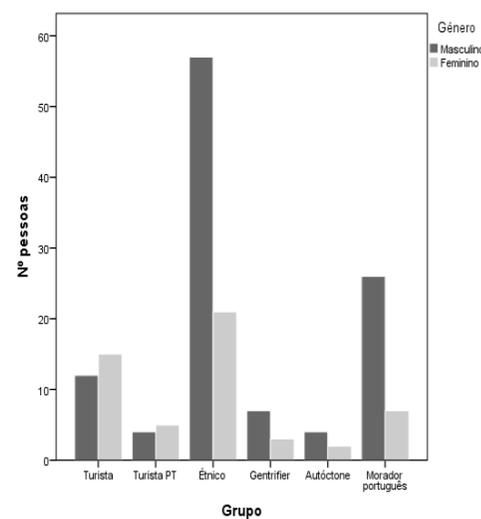
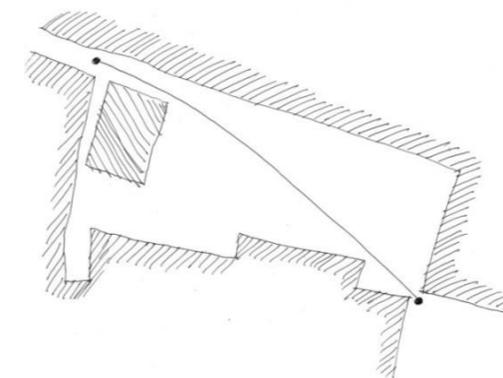


Gráfico 2 e 3. Gráficos relativos aos utilizadores segundo o “Grupo” e o “Género”, no Largo da Severa, durante o fim de semana e a semana.

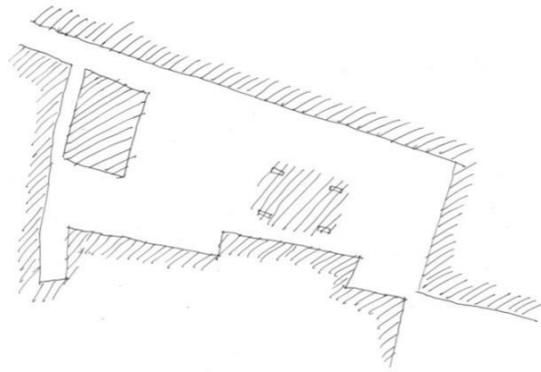
A zona é maioritariamente utilizada para fins de circulação em que 91.5% dos observados durante o fim de semana usam-no como espaço de percurso, a passo rápido ou normal, aproximando a existência do Largo à de uma rua.

As permanências dividem-se em dois tipos, as formais, que são nos locais projetados com esta finalidade, e as informais que são em locais como as escadas e as soleiras das portas. No fim de semana observou-se que o espaços de permanência informais foram utilizados metade das vezes que os formais (sendo o mais utilizado o banco a Nordeste). Este fator deve-se ao facto de pela configuração do Largo, existirem dois pontos de entrada e saída e situarem-se enviesados em relação um ao outro e, portanto, o percurso mais direto obriga ao atravessamento do Largo a meio.



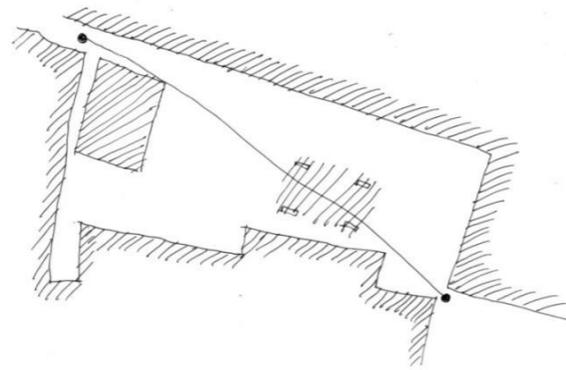
Esquízo 03. Esquízo relativo ao percurso mais direto de atravessamento no Largo da Severa.

As zonas de permanência formais estão situadas a meio do Largo, sendo a amplitude da zona observada (a partir dos mesmos) muito limitada, principalmente por os bancos se encontrarem muito juntos e virados uns para os outros.



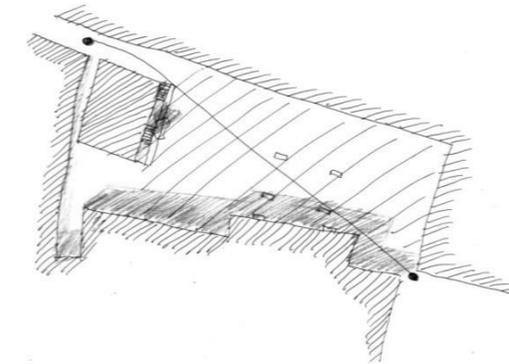
Esquízo 04. Esquízo relativo às zonas de permanência formais e respetiva amplitude visual, no Largo da Severa.

Aliás, é esta situação de grande proximidade do mobiliário urbano que reduz o campo visual da “vida” que ocorre no Largo e torna pouco confortável a utilização deste equipamento. Normalmente as pessoas que permanecem nos Largos desejam um largo campo de observação e isto aqui não acontece.



Esquízo 05. Esquízo relativo ao percurso mais direto de atravessamento do Largo da Severa e zonas de permanência formais, no Largo da Severa.

Por oposição à zona de permanência projetadas, os degraus da Casa da Severa e as soleiras da porta da Taberna da Barbuda, apresentam bons ângulos de visão, abrangem a totalidade do largo, incluindo a zona de circulação e favorecem a permanência. Ainda há a vantagem de que na segunda parte do dia se encontram em sombra.



Esquízo 06. Esquízo relativo às zonas de permanência não formais, respetiva amplitude visual, e zonas em sombra durante a tarde. Largo da Severa.



Fotografia 36. Percepção que se tem do Largo a partir das escadas da Casa da Severa.

Já durante a semana apenas 0,8% das pessoas é que efetuam permanências no local, sendo estas residuais, de muita pouca duração, apenas para uma curta troca de palavras em pé. Contrariamente, as atividades desenvolvidas durante o fim de semana são muito mais diversificadas. Acolhem-se praticantes de desporto (como *jogging*, ciclismo) e cidadãos que simplesmente refletem. Apesar de se verificar algum vandalismo perpetrado por crianças, há uma propensão para o convívio e a permanência.

Grupo x Atividade															
		Atividade												Total	
		Brinca	Come	Conversa	Desporto	Entra em casa	Fala sozinho	Fala telemóvel	Fotografa	Fuma	Nenhuma	Observa	Outras		Ouve música
Grupo	Turista	0	0	20	0	0	0	0	0	5	0	2	0	27	
	Turista Português	0	0	6	0	0	0	3	0	0	0	0	0	9	
	Étnico	0	2	21	0	2	2	1	0	3	35	3	3	6	78
	<i>Gentrifier</i>	0	0	6	2	0	0	0	0	0	2	0	0	0	10
	Autóctone	0	0	0	0	0	0	0	0	0	6	0	0	0	6
	Morador português	8	0	0	0	1	0	0	0	3	18	0	2	1	33
Total		8	2	53	2	3	2	1	3	6	66	3	7	7	163

Tabela 4. Valores relativos aos utilizadores segundo o “Grupo” e a “Atividade”, no Largo da Severa, durante o fim de semana.

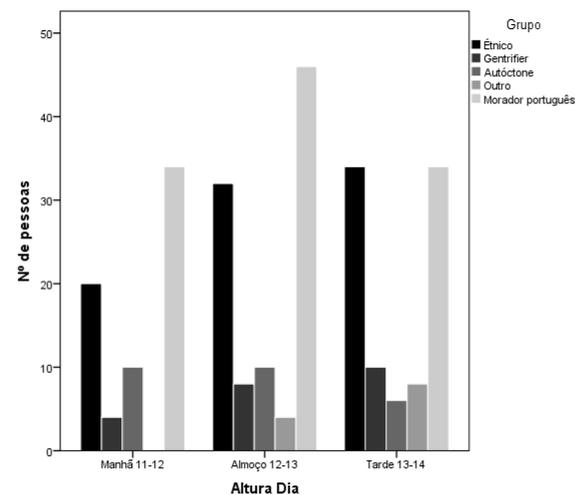
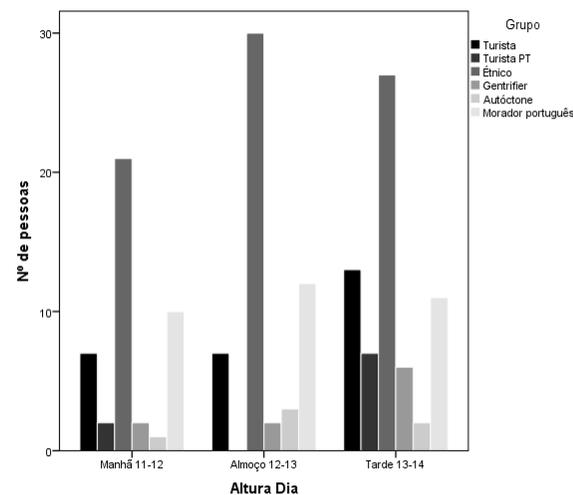
Grupo x Atividade					
		Atividade			Total
		Conversa	Fuma	Nenhuma	
Grupo	Étnico	8	6	72	86
	<i>Gentrifier</i>	2	0	20	22
	Autóctone	4	0	22	26
	Outro	4	0	8	12
	Morador português	14	0	100	114
Total		32	6	222	260

Tabela 5. Valores relativos aos utilizadores segundo o “Grupo” e a “Atividade”, no Largo da Severa, durante a semana.

Os “étnicos”, os “moradores portugueses” e os “autóctones” normalmente atravessam o espaço sozinhos e em silêncio. Os “turistas portugueses” e os “*gentrifiers*” normalmente fazem-no aos grupos de duas ou três pessoas, enquanto que os restantes “turistas” andam maioritariamente aos pares ou com um grupo de cinco ou mais elementos.

A maioria dos utilizadores circula na hora do almoço num passo que denota deslocação entre atividades (habitação/refeição/local de trabalho). Algum do movimento registado nesta altura, deve-se, também, à existência de um pequeno café na Rua da Guia, logo à saída Este do Largo, que oferece refeições típicas e uma esplanada onde, à tarde, alguns idosos reúnem-se para jogar cartas, dominó ou conversar.

À tarde passa mais gente que de manhã, por as pessoas estarem de regresso às suas ocupações.



Gráficos 4 e 5. Gráficos relativos aos utilizadores segundo a "Altura do dia" e o "Grupo", no Largo da Severa, durante o fim de semana e a semana.

Durante o fim de semana, embora o local seja atravessado por menos gente, observou-se a utilização de mais diversidade de percursos (quatro), sendo a maioria no sentido Este-Oeste, na direção da Praça do Martim Moniz. Durante a semana 98,1% das pessoas atravessou o Largo pelo percurso mais direto (percurso 2) e as restantes 1,9% atravessaram pelo percurso 1, evitando o centro, na direção do interior do bairro.



		Trajeto x Sentido da Trajetória		
		Sentido da Trajetória		
		Oeste-Este	Este-Oeste	Total
Trajeto	1	18	9	27
	2	40	82	122
	3	7	4	11
	4	2	0	2
Total		68	95	163

- Percurso mais utilizado
- Percurso pouco utilizado
- Percurso raramente utilizado

Em traços gerais pode dizer-se que predominantemente, no Largo da Severa, circulam mais pessoas durante a semana, sendo estas maioritariamente residentes, de **descendência étnica e portugueses adultos masculinos**, que atravessam o Largo **sozinhos e em silêncio**. Ao **fim de semana** o Largo é **partilhado com pessoas exteriores ao bairro**, observando-se uma maior diversidade de utilizadores, grupos de pessoas, faixa etária, género e atividades.

Embora o Largo esteja atualmente reabilitado e equipado com mobiliário urbano e brevemente por um dispositivo cultural ativo (o Sítio do Fado na Casa da Severa), que pode vir a alterar a realidade pela sua atração, verifica-se que é maioritariamente utilizado para **fins de circulação**. A maioria das pessoas **atravessa o Largo a meio, nos dois sentidos**, por ser o percurso mais direto. A **hora** de maior afluência regista-se à **de almoço**. Tal constatação pode estar diretamente relacionada com o facto de o Largo se situar entre uma zona comercial eclética, com transportes públicos, e uma zona habitacional, não existindo praticamente outros serviços ou equipamentos no local. Para além disto, as zonas de permanência são muito próximas umas das outras, estão localizadas no centro do Largo, e coincidem com o percurso mais direto de atravessamento. A agravar tais factos, todas estão ao sol tornando-se pouco apelativo o seu usufruto. Por estas razões, outros locais que não foram projetados para serem de permanência são utilizados como tal, nomeadamente os degraus da Casa da Severa e as soleiras das portas da Taberna da Barbuda.

Planta 34. Planta esquemática dos percursos mais observados no Largo da Severa.

Tabela 6. Tabela relativa aos utilizadores segundo o "Trajeto" e o "Sentido de Trajetória", durante o fim de semana, no Largo da Severa.

4.2 Largo do Terreirinho

Os períodos de observação no Largo do Terreirinho fizeram-se durante o fim de semana no dia 5 de Maio, e durante a semana no dia 13 de Maio.

Ao contrário do que se podia prever, e contrariamente ao Largo da Severa que se situa mesmo ao seu lado, durante o fim de semana foram observadas mais do dobro das pessoas que durante a semana (509 e 226 pessoas respetivamente).

Durante o fim de semana e a semana a população que maioritariamente ocupa o Largo são adultos e jovens de origem emigrante não europeia em idade ativa, e moradores portugueses maioritariamente adultos. Durante o fim de semana observou-se ainda um grande fluxo de utilização por parte de jovens “*gentrifiers*” (15%) devido à proximidade do Bairro de Alfama, como referiu um jovem em conversa no local.

Outro grupo muito observado foram “turistas” adultos principalmente ao fim de semana que trazem uma maior diversificação à população, inclusive de géneros, que durante a semana é predominantemente masculina.

		Faixa Etária x Grupo						Total
		Grupo						
		Turista	Turista Português	Étnico	<i>Gentrifier</i>	Autóctone	Morador Português	
Faixa Etária	Bebé	1	0	0	0	0	0	1
	Criança	0	0	8	0	0	1	9
	Jovem	17	4	69	62	0	16	168
	Adulto	41	0	83	14	0	128	266
	Idoso	6	0	8	0	51	0	65
Total		65	4	168	76	51	145	509

Tabela 7. Valores relativos aos utilizadores segundo a “Faixa etária” e o “Grupo”, no Largo do Terreirinho, durante o fim de semana.

		Faixa Etária x Grupo						Total
		Grupo						
		Turista	Turista Português	Étnico	<i>Gentrifier</i>	Autóctone	Morador Português	
Faixa Etária	Criança	3	1	6	0	0	0	10
	Jovem	10	0	32	10	0	10	62
	Adulto	15	24	39	13	0	46	137
	Idoso	0	0	7	0	10	0	17
Total		28	25	84	23	10	56	226

Tabela 8. Valores relativos aos utilizadores segundo a “Faixa etária” e o “Grupo”, no Largo do Terreirinho, durante a semana.

A maior parte das pessoas durante o fim de semana atravessa o espaço aos pares, enquanto durante a semana atravessa-o sozinho.

Pela própria forma do espaço, o percurso mais direto, fácil e rápido, com menos mudanças de direção e de topografia, é pelo centro do Largo na direção Norte-Sul e Este-Oeste, nos dois sentidos.



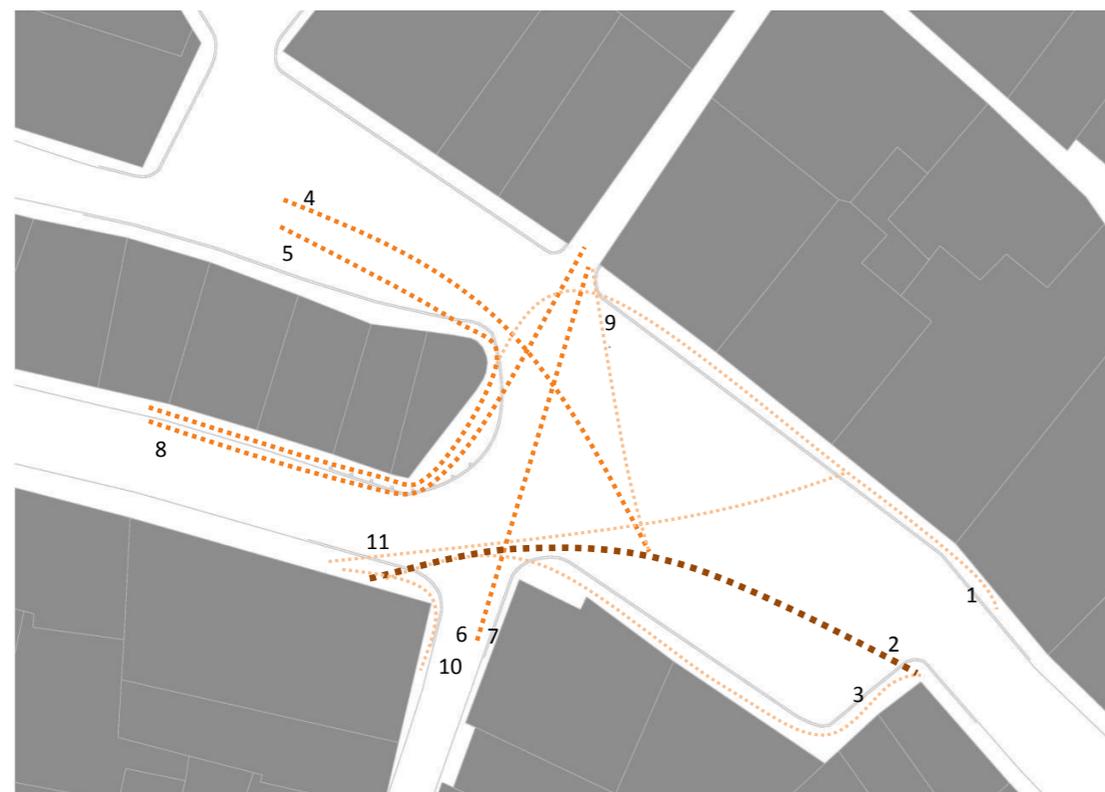
Esquício 07. Esquício ilustrativo dos percursos mais diretos, no Largo do Terreirinho.

Os que circulam no local dividem-se, principalmente, em dois grupos: os que não são moradores na envolvente próxima (do Largo ou Bairro) e os que são. Os do primeiro tipo deslocam-se principalmente entre o Bairro de Alfama e a Praça Martim Moniz, na direção Este-Oeste, em ambos os sentidos (Percursos 1, 2, 3, 4). Este atravessamento permite a ligação entre o interior do Bairro e outras zonas da cidade por a Praça do Martim Moniz apresentar-se dotada de transportes públicos, e também de comércio. Este percurso, a que dei o nome de Percurso 2, prevalece com uma maioria de 48,2% e 56% de utilização em relação a toda a restante circulação efetuada no local, durante o fim de semana e semana respetivamente. Este percurso situa-se a meio do Largo, passando em parte pela via por onde os automóveis circulam, e completamente afastada dos passeios.



Fotografia 37. Largo do Terreirinho. Fotografia tirada a 5 de Maio de 2013.

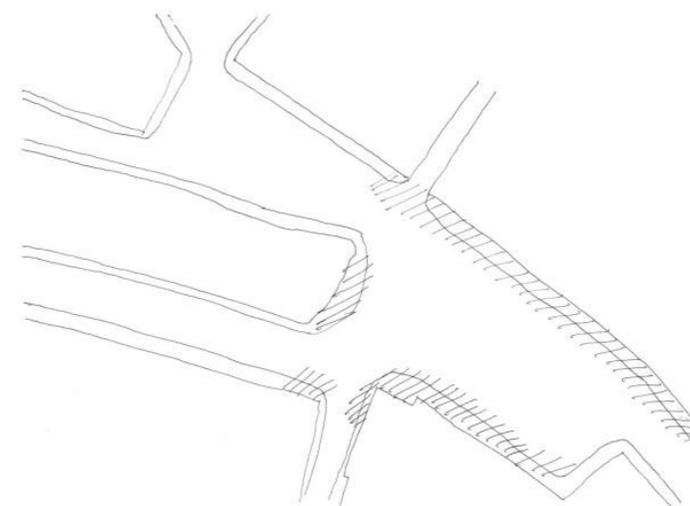
Os que são moradores na envolvente próxima dividem-se entre os que deslocam-se para a sua habitação nas proximidades não trocando nenhuma palavra com os presentes no Largo, e os que permanecem ao longo de todo o dia deambulando no espaço (Percurso 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12) apoiando-se nos vários estabelecimentos e fazendo diferenciadas trajetórias. A mais marcante é a ligação Norte-Sul, nos dois sentidos, que atravessa o Largo a meio.



- Percurso mais utilizado
- Percurso pouco utilizado
- Percurso raramente utilizado

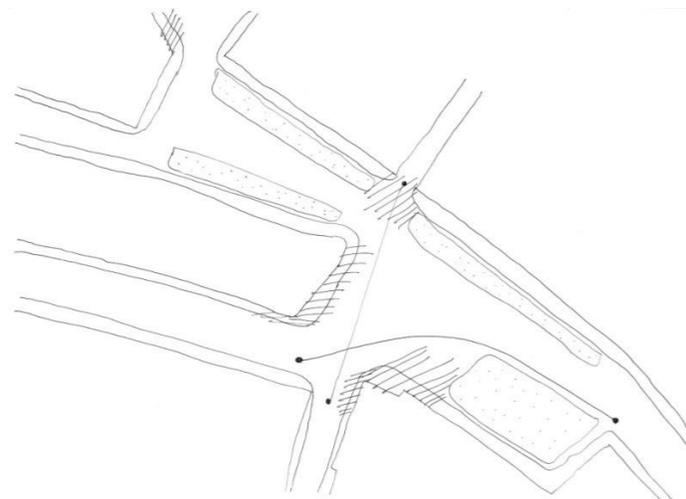
Planta 35. Planta esquemática dos percursos possíveis no Largo do Terreirinho .

Nota-se que a maioria dos que permanecem são pessoas de baixas qualificações, possivelmente desempregadas e em risco de exclusão social. Demonstram sentido de posse dominante pelo espaço que ocupam. A permanência torna-se privilegiada nos limites do Largo, pela potencialidade de observar quem o atravessa, e pela possibilidade de controlar até que ponto se quer ser observado por quem passa.



Esquízo 08. Esquízo relativo às zonas de permanência, no Largo do Terreirinho.

Quando existem automóveis estacionados, que se verifica praticamente sempre, as zonas de permanência e os percursos principais são reajustados à circunstância, de forma a poder manter-se sempre uma amplitude visual abrangente sobre o espaço.



Esquízo 09. Esquízo relativo às zonas de permanência e aos percursos mais diretos aquando do estacionamento de carros. Largo do Terreinho.

Observou-se a existência de grupos que se organizam conforme a sua etnia/nacionalidade, e que entre eles existe uma comunicação muito residual, tanto em transitoriedade como em permanência.

Por não ser um espaço público projetado para convívio e lazer, não existem zonas de permanência formais. A apropriação é espontânea e desenvolve-se sobre o mobiliário urbano existente que é desadequado, antigo e em mau estado, dando-lhe mais do que a função original para que foram colocados, nomeadamente um vaso de flores, caixotes de RSU, e uma caixa de eletricidade. Servem também os pilaretes que dividem a rua do passeio, degraus da portas ou do passeio, ou cadeiras e bancos trazidas do interior dos estabelecimentos comerciais. Também há quem permaneça em pé ou com um pé apoiado. Aqui convive-se, espera-se e vê-se a “vida passar”.

Observou-se bastante permanência por não faltarem dispositivos que o permitam, por ficarem na periferia do Largo, situam-se à sombra, junto do comércio e equipamentos, nos passeios e por permitirem um ângulo de observação do centro.

Foram identificadas cinco zonas de permanência principais. A “zona de permanência 2” é a mais central, e a de maior domínio visual. É de onde mais se observa, e de onde mais se é observado, é o sítio ideal para se encontrar quem se está á procura e para quem procura. É a zona de exceção, pois, não está apoiado por nenhum equipamento em particular, pelo contrário, os seus utilizadores usam vários estabelecimentos e fazem diferenciadas trajetórias, sendo a mais marcante a ligação Norte-Sul, nos dois sentidos, atravessando o Largo. É aqui onde permanecem mais pessoas ao longo do dia, durante o fim de semana e a semana. Verificou-se que são sempre os mesmos indivíduos no local, que ora saem ora regressam várias vezes ao longo do dia. Na “zona de permanência 4”, é onde, a seguir à “zona 2”, se situam mais pessoas. Quem permanece neste espaço não pretende ser observado mas sim observar, uma vez que fica ao lado de uma zona de estacionamento, ficando resguardado por este. Nestas duas zonas o grupo predominante é de origem africana e sul-americana, mas por vezes pode observar-se a presença em pequena escala, de “moradores portugueses”.



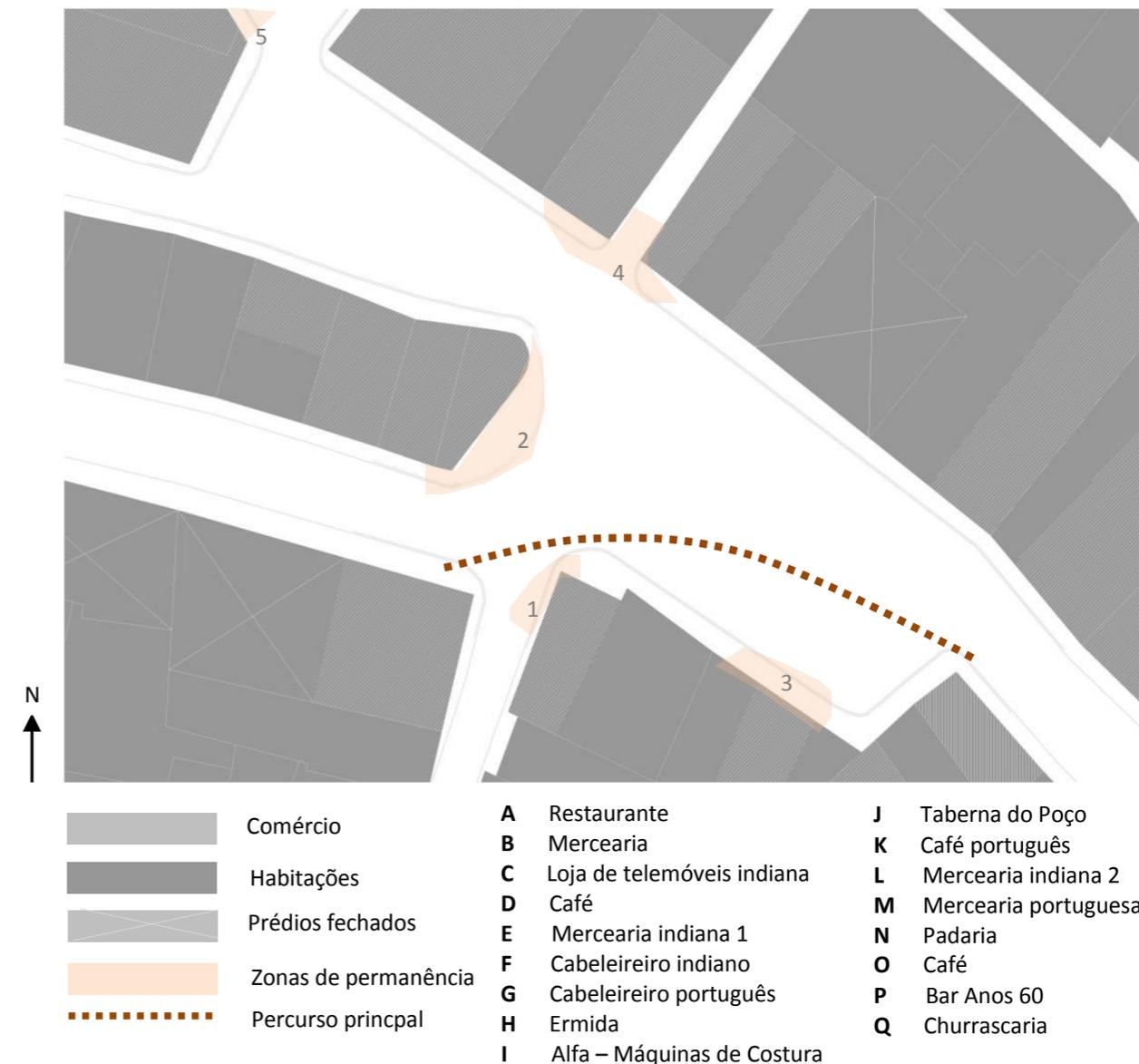
Fotografia 38. Zona de Permanência 2 e 4. Largo do Terreinho. Fotografias tiradas a 5 de Maio de 2013.

A “zona de permanência 1” encontra-se apoiada por um café português e localiza-se num canto, onde se pode observar a movimentação de pessoas vindas de diferentes direções. A “zona de permanência 3” está apoiada por uma taberna portuguesa (Taberna do Poço), “equipada” com um vaso, pilaretes e uma caixa de eletricidade que em frente ao estabelecimento servem como elementos para se sentarem. A “zona de permanência 5” fica na frente de uma churrascaria e uma vez que tem um corrimão que separa a rua do passeio, as pessoas disfrutam do seu potencial para se apoiarem durante um momento de conversa.

O restante comércio, vive um pouco virado para si, no sentido em que os clientes entram e saem sem interferir, ou por outras palavras, interagir com quem se encontra no Largo.



Fotografia 39. Zonas de Permanência 1, 3, e 5. Largo do Terreirinho. Fotos tiradas a 5 de Maio de 2013.



Planta 36. Planta programática do Largo do Terreirinho.

	Zonas de permanência x Altura do dia			Total	
		Manhã	Almoço		Tarde
Zonas de permanência	Trajectórias	149	142	143	434
	Porta cab. português	0	1	1	2
	Meio do largo	0	0	2	2
	Mercearia ind. 1	0	0	1	1
	Mercearia ind. 2	2	0	0	2
	Z.P.1	3	5	4	12
	Z.P.2	8	10	12	30
	Z.P.3	5	1	4	10
	Z.P.4	5	2	7	14
	Z.P.5	2	0	0	2
Total	174	161	174	509	

Tabela 9. Tabela relativa aos utilizadores segundo “Zonas de Permanência” e “Altura do Dia”, no Largo do Terreirinho, durante o fim de semana.

	Zonas de permanência x Altura do dia			Total	
		Manhã	Almoço		Tarde
Zonas de permanência	Trajectórias	68	60	55	183
	Porta cab. indiano	4	0	0	4
	Porta cab. português	2	0	0	2
	Z.P. 1	0	0	3	3
	Z.P.2	8	6	10	24
	Z.P.3	0	3	0	3
	Z.P.4	0	3	4	7
Total	82	72	72	226	

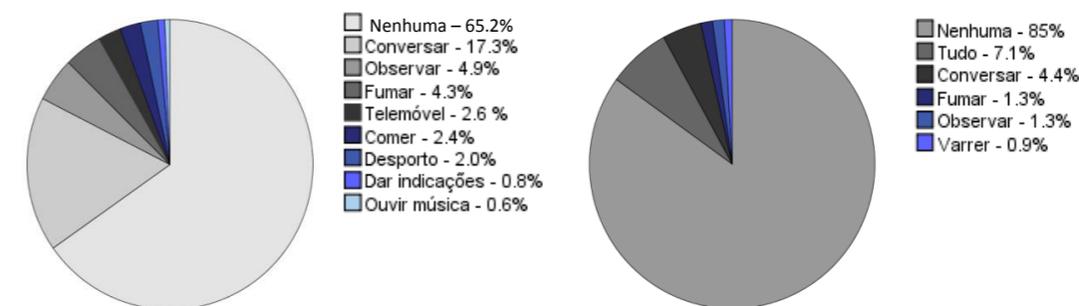
Z.P.- Zona de Permanência
cab. - cabeleireiro

Tabela 10. Tabela relativa aos utilizadores segundo “Zonas de Permanência” e “Altura do Dia”, no Largo do Terreirinho, durante a semana.

Por estas razões pode tornar-se desconfortável atravessar o espaço junto dos grupos que permanecem nos seus limites ocupando os esguios passeios. Esta é mais uma razão para atravessar o Largo pelo meio, na zona mais neutra e segura possível, por não se aproximar de recantos por trás dos automóveis estacionados e enfatizados pelo declive da rua. Por outro lado, o atravessamento a meio permite domínio visual sobre os que permanecem nos seus limites, influenciando-se e incentivando-se mutuamente. Como característica do espaço público, e aqui bem presente, todos observam todos. Por estas razões nota-se que ao invés dos “turistas”, dos “gentrifiers” e dos “moradores portugueses” que atravessam o espaço com naturalidade, são os grupos de imigrantes que não têm representação no local (asiáticos, por oposição ao de descendência africana e sul-americana) que atravessam de forma mais “retraída”.

Os grupos mantêm-se mais ou menos proporcionalmente distribuídos ao longo do dia, havendo sempre uma concentração maior de pessoas de diversas etnias. Na hora de almoço estão menos pessoas presentes e a passar no local, provavelmente porque encontram-se dentro dos estabelecimentos ou das suas habitações na hora da refeição.

Relativamente às atividades desenvolvidas no Largo, verifica-se que maioritariamente conversa-se convivendo e observando. Uma vez que as pessoas permanecem no espaço praticamente todo o dia, as suas atividades variam, desde o comer e beber, fumar, falar ou mexer no telemóvel, ouvir música, etc. O desporto, como o ciclismo e o *jogging*, é praticado por pessoas não moradoras naquela zona, os “gentrifiers”, que se concentram na zona sul do Bairro, mas usam toda a sua área para a prática de desporto.



Gráficos 6 e 7. Gráficos relativos aos utilizadores segundo as atividades desenvolvidas no Largo do Terreirinho, durante o fim de semana e a semana.

Portanto, de forma geral, observa-se mais pessoas no Largo durante o fim de semana, sendo a sua maioria de **descendência étnica não europeia, de idade jovem e adulta, do sexo masculino e portugueses tendencialmente adultos**. Mas é possível notar diferentes movimentações por parte de diferentes grupos.

Em relação aos que **circulam**, verifica-se que os que o fazem, maioritariamente pelo **meio do Largo**, na **direção Este-Oeste** (ou vice versa) são maioritariamente **exteriores ao bairro** e população diversa, desde autóctones a gentrifiers, passando pelas diversas etnias imigrantes. Os que circulam nos **restantes sentidos são residentes portugueses e imigrantes**, sendo o percurso mais utilizado também o meio do Largo mas na direção Norte-Sul, e vice-versa. Em relação aos que **permanecem** dividem-se em grupos de **portugueses e imigrantes de descendência africana e sul-americana**. As comunidades asiáticas não permanecem no Largo, apenas atravessam-no a passo rápido. Esta apropriação do espaço acontece através de uma espécie de **“marcação” do território**, em que os grupos permanecem nas mesmas zonas durante todo o dia, com os **mesmos elementos**, que normalmente são da mesma etnia/nacionalidade. A sua permanência existe apoiada pelos equipamentos nas proximidades, **diversificando as suas atividades** ao longo de **todo o dia**.

Desta forma, este Largo apresenta a maioria dos elementos que os autores de estudos sobre o espaço público identificam como potenciadores do espaço. A relação do Largo com as ruas e os edifícios permite diferentes relações com o sol ao longo do dia e das estações e abrigo do vento, a existência de comércio e serviços que fornecem as necessidades básicas; a sua proximidade com a rua e a vida que nela passa; e lugares para sentar.

Embora haja uma obscurecida visão do Largo do Terreirinho, até chamado de Largo do “Terrorinho” por um dos entrevistados, os moradores afirmam que no bairro só vive boa gente, e que a imagem que existe em sítios como este é causada por pessoas de fora (Ferreira, “A Nova Mouraria”, em Expresso. Nº 2117, 25 Maio 2013, pp. 29). No local até uma vizinha comentou com outra “No outro dia cá aqui e houve um rapazola que me ajudou. É boa gente.”. Isto revela que entre os moradores mesmo que não exista um espírito comunicativo entre comunidades, há respeito mútuo. Talvez o mesmo já não se possa aplicar a quando alguém não é do bairro, como percebi pela reação à minha presença aquando dos registos nos Largos a Norte.

4.3 Largo da Achada

Os períodos de observação no Largo da Achada fizeram-se durante o fim de semana no dia 26 de Maio e durante a semana no dia 6 de Maio.

Durante o fim de semana e a semana foram observados quantidades semelhantes de pessoas, 152 e 130 pessoas respectivamente.

No Domingo quase metade das pessoas que usaram o espaço foram turistas, seguindo-se descendentes de imigrantes não europeus e “moradores portugueses”, na generalidade adultos, mas também jovens. O atravessamento deste local por turistas (que atinge quase 50% das frequências totais ao Largo) deve-se ao facto de existir um acesso às proximidades do Castelo de S. Jorge. O número de “turistas” registados durante a semana é 39% inferior ao de fim-de-semana, enquanto que, curiosamente, o número de portugueses residentes adultos e autóctones registados manteve-se praticamente intacto. Alguma da presença de “étnicos” deve-se ao facto de estarem a decorrer obras de construção numa casa adjacente ao Largo, utilizando-o para circular. Uma vez que decorriam obras, poderá equacionar-se a hipótese de que se estas não ocorressem, num dia normal de semana ocorreria 27% menos da atividade (estima-se que este valor é o relacionado com as obras em desenvolvimento).

“Gentrifiers”, “turistas portugueses”, assim como “bebés” e “crianças” frequentaram pouco o espaço no dia de semana, provavelmente associado ao facto de as observações se desenvolverem em horário útil.

A população registada é maioritariamente masculina.

A maioria da atividade registou-se de manhã, provavelmente estando associada às idas à missa na Igreja de S. Cristóvão, ali ao lado, sendo mais atenuada ao longo do dia.

Faixa Etária x Grupo									
		Grupo							Total
		Turista	Turista Português	Étnico	<i>Gentrifier</i>	Autóctone	Outro	Morador Português	
Faixa Etária	Bebé	0	0	1	0	0	1	1	3
	Criança	16	0	6	0	0	0	1	23
	Jovem	9	0	9	10	0	0	1	29
	Adulto	39	3	9	3	0	0	20	75
	Idoso	7	0	0	0	15	0	1	22
Total		71	3	25	13	15	1	24	152

Tabela 11. Tabela relativa aos utilizadores segundo a “Faixa Etária” e o “Grupo”, no Largo da Achada, durante o fim de semana.

Faixa Etária x Grupo						
		Grupo				Total
		Turista	Étnico	Autóctone	Morador Português	
Faixa Etária	Jovem	22	3	0	2	27
	Adulto	27	38	0	22	87
	Idoso	0	0	16	0	16
Total		49	41	16	24	130

Tabela 12. Tabela relativa aos utilizadores segundo a “Faixa Etária” e o “Grupo”, no Largo da Achada, a semana.

A globalidade das pessoas atravessa o local individualmente mas muitos aos pares. Tendencialmente os turistas andam em casal, mas verifica-se que quando são de uma idade mais avançada andam com frequência em grupo, ou, quando são jovens famílias, em grandes grupos familiares, chegando aos cinco elementos. Os “moradores portugueses” andam normalmente sozinhos.

O tipo de indivíduos observados neste Largo, transparecia um estatuto social diferente. Aqui uma vez mais espaço e sociedade parecem influenciar-se mutuamente.

A maioria das pessoas aproveita o atravessamento ou permanência no espaço para por a conversa em dia com amigos ou vizinhos. Foram também observadas pessoas a arrastar malas de viagem, praticar *jogging*, dar de comer aos pombos, brincar na fonte, fotografar, passear o cão, estender a roupa, almoçar, fazer telefonemas ou, simplesmente, a contemplar o espaço. Há um usufruto dominante mas cuidadoso.

Estas atividades mostram, comparando com as observações feitas nos Largos anteriores, um maior sentido de pertença, pela apropriação do Largo com atividades mais diversas e pessoais, considerando-o como seu espaço e aproximando-se dele, mesmo que nele não permaneçam durante muito tempo.

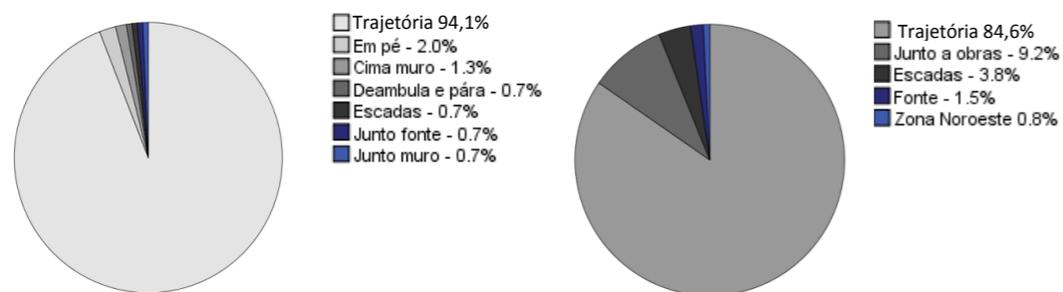
Entrevistou-se um *gentrifier* dinamarquês de 38 anos, que atualmente está a trabalhar na promoção de atividades culturais ligadas ao teatro aberto no Centro Mário Dionísio/Casa da Achada. Em entrevista no local disse que como artista o seu Largo preferido era, sem dúvida, o da Achada por ser “místico, tocando-lhe a alma”.

Uma vez mais, tal como nos Largos anteriormente observados, a permanência e o usufruto é normalmente efetuado pelos mourenses (“étnico”, “*gentrifier*”, “autóctone”, “morador português”). Os restantes utilizadores fazem uso do mesmo como espaço de passagem ou de ligação para chegar a algum lado, uma vez que os Largos surgem na continuação natural das ruas como zonas de desafogo da malha urbana labiríntica. Foi no turno da manhã que se registaram mais movimentações, seguindo-se a tarde e depois a hora do almoço.

As permanências, que são efetuadas em minoria, estão normalmente associadas a uma pausa para conversar com vizinhos ou amigos durando apenas alguns minutos. Poucos permanecem a conversar durante horas no espaço aproveitando as suas mais-

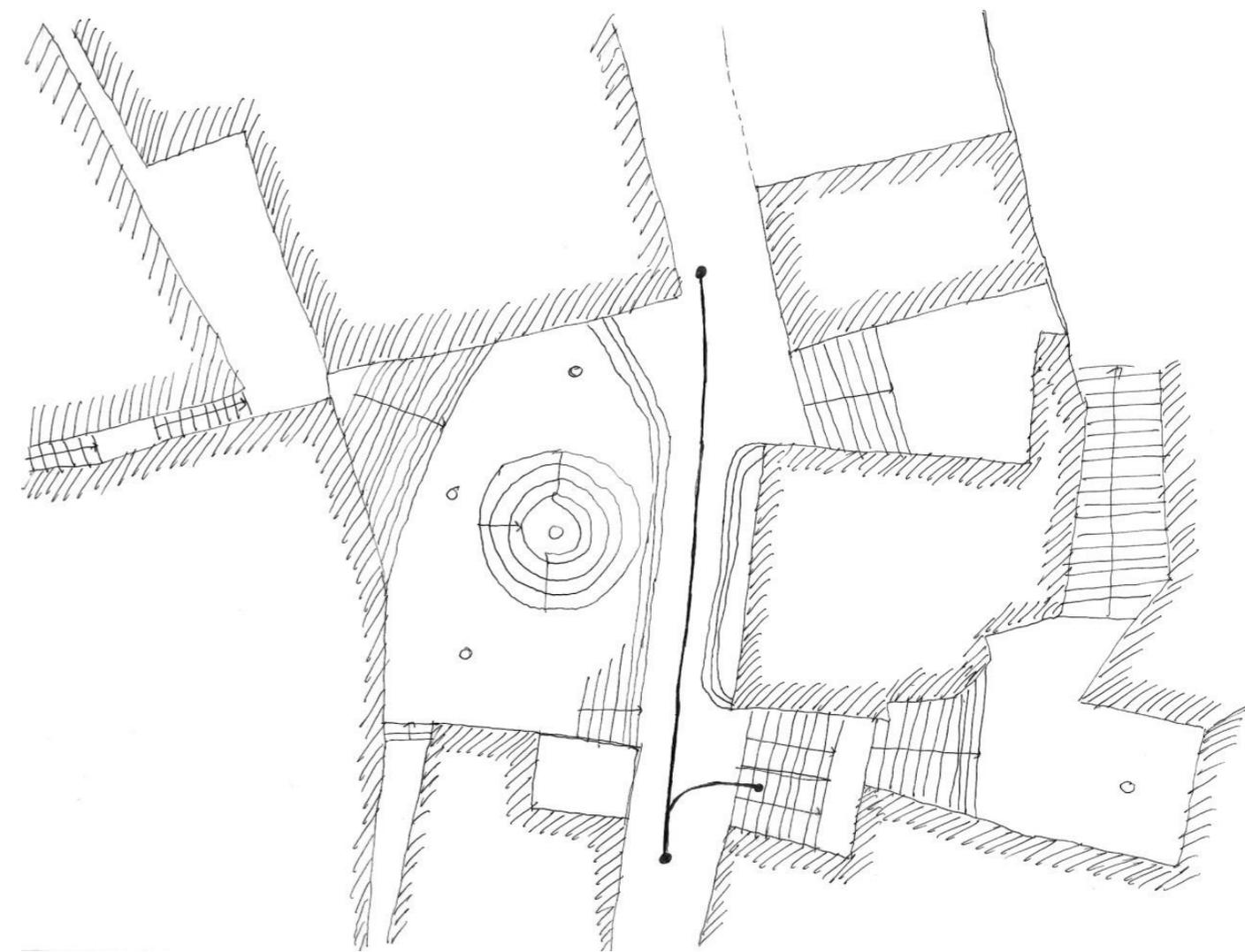
valias, e os que o fazem são os “gentrifiers”.

Cerca de 85% das pessoas transitam no Largo, demorando apenas alguns segundos a atravessá-lo, sendo que as restantes permanecem, mas é possível que 9% das permanências estejam relacionadas com as obras que decorriam no local, ao longo de todo o dia. Desta forma registam-se uns restantes 6%, ou seja 8 pessoas, que permaneceram no Largo, durante alguns minutos.



Gráficos 8 e 9. Gráficos relativos aos utilizadores segundo “Zonas de Permanência”, no Largo da Achada, durante o fim de semana e a semana. Ver juntamente com planta 37.

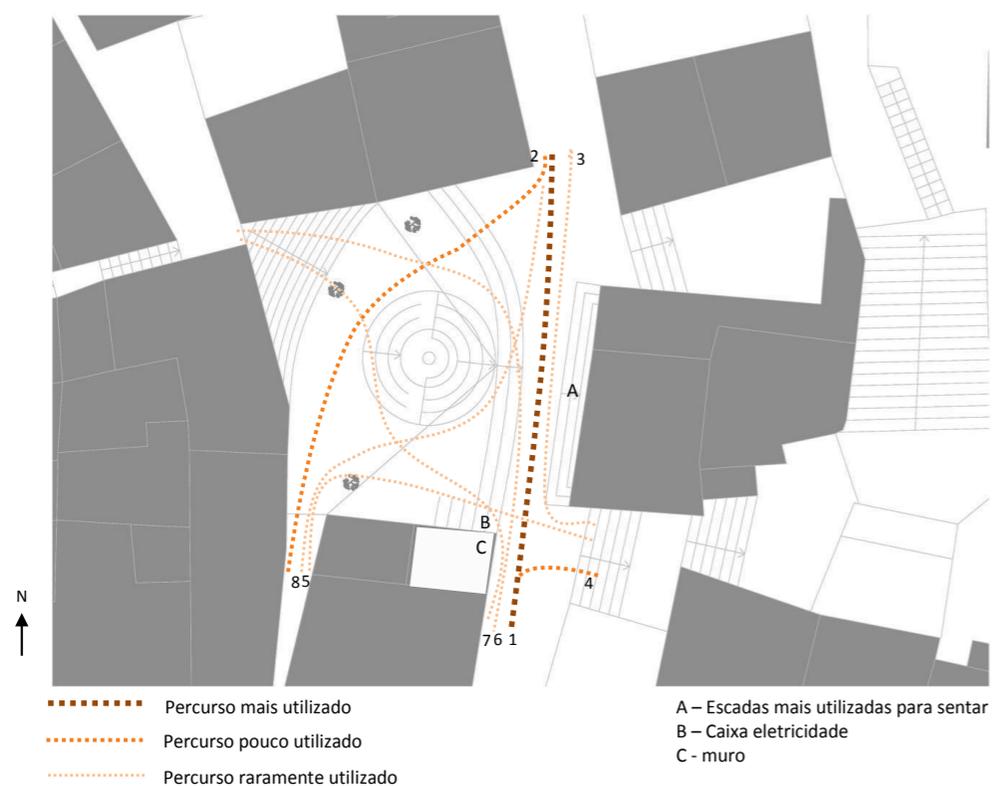
Comparando com os Largos anteriores em que o percurso mais direto atravessava o Largo a meio, na diagonal, neste caso não se verifica a mesma situação. Pela organização dos percursos na envolvente ao Largo, e pela sua topografia, esta faixa de circulação mais efervescente localiza-se na tangente.



Esquiço 10. Esquiço relativo aos percursos mais diretos no Largo da Achada.

Já os restantes percursos implicam um atravessamento do Largo, mas por serem menos diretos são usados com menor frequência.

Foram definidos 8 percursos possíveis. O percurso mais utilizado para circulação no local é o “Percurso 1”, mais linear e direto, mais fácil e prático, ligando Norte e Sul do bairro, sendo pela mesma razão a direção mais realizada. Durante o fim de semana a diversidade de percursos utilizados é maior, sendo que durante a semana apenas foram utilizados os percursos 1, 2 e 4.



Planta 37. Planta esquemática dos percursos mais observados no Largo da Achada e localização das permanências mais frequentes.

Trajeto	Fim de Semana		Semana	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
1	49	32,2	78	60,0
2	26	17,1	19	14,6
3	20	13,2	33	25,4
4	17	11,2		
5	20	13,2		
6	6	3,9		
7	6	3,9		
8	6	3,9		
Total	152	100,0	130	100,0

Tabela 13. Tabela relativa ao número de utilizadores (frequência) e percentagem equivalente segundo os Trajetos/ Percursos observados durante o fim de semana e a semana, no Largo da Achada.

Durante o **fim de semana**, o leque de “tipos” de **pessoas e faixas etárias é mais diversificado**, por oposição à semana. A população que mais utiliza o espaço são os **turistas**, que em **pares ou em grupo**, o usam como **passagem** e acesso à Costa do Castelo, pelas Escadinhas da Achada. De seguida verifica-se uma grande maioria de **presença portuguesa moradora**, na generalidade **adulta** e normalmente singular. A população ativa está ocupada durante os dias e as horas úteis, não marcando a sua presença nesta zona, essencialmente utilizada como dormitório durante a semana.

Foi na **parte da manhã** que se registaram mais movimentos no local. As atividades mais desenvolvidas, além do atravessamento simples, foi a **conversa** e a **observação** dos outros ou do Largo no seu estado mais simples. Não se registou muita presença por parte de crianças. Este facto, tal como a pouca permanência por oposição à circulação no espaço deve-se, ao facto de não existirem sombras, bancos e equipamentos na envolvente, além da Casa da Achada, que suportem a utilização do espaço. As únicas zonas de permanência são as **escadas**, elemento muito presente no espaço pela sua topografia, e outros elementos como uma caixa de eletricidade junto a um muro.

4.4 Largo dos Trigueiros

As observações neste Largo fizeram-se no dia 19 de Maio, durante o fim de semana em que foram observadas 210 pessoas, e no dia 10 de Maio durante a semana, observando-se um valor semelhante de 246 pessoas.

Como já observado, pelas várias visitas ao local, a população que muitas vezes ocupa os Largos é moradora no Bairro, eventualmente junto ao Largo (48% e 65%, durante o fim de semana e a semana, respectivamente). Os indivíduos identificados como “étnicos”, neste caso, dividem-se em dois grupos. Um já bastante ocidentalizado, apresentando um estatuto social e económico bem diferente dos indivíduos observados a Norte do território, e outro relacionado com uma obra que se desenvolvia numa habitação no próprio Largo. Verificou-se também um grande número de turistas (43% e 24%), pela proximidade do Largo ao Castelo, e pessoas exteriores ao Bairro (9% e 11%), principalmente na hora do almoço.

Ao contrário do observado até ao momento, registou-se uma grande presença de uma faixa etária marcadamente mais jovem, em idade ativa, durante a semana mas principalmente durante o fim de semana - adultos (61% e 45%), jovens (17% e 24%) e crianças (6,5% e 21%) – pela maior disponibilidade que apresentam neste período, pontuando o Largo.

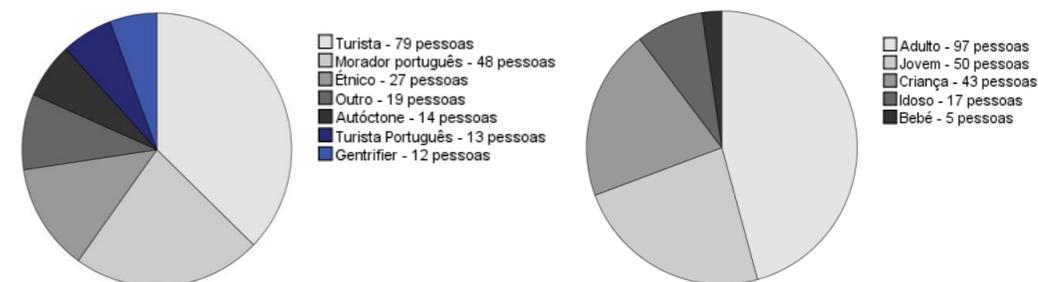


Gráfico 10 e 11. Gráficos relativos aos utilizadores segundo o “Grupo” e a “Faixa Etária”, no Largo dos Trigueiros, durante o fim de semana.

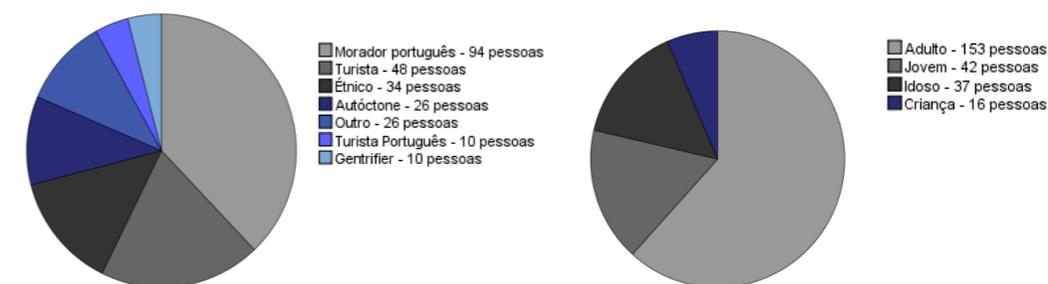


Gráfico 12 e 13. Gráficos relativos aos utilizadores segundo o “Grupo” e a “Faixa Etária”, no Largo dos Trigueiros, durante a semana.

As zonas de permanência estão diretamente associadas às alturas do dia e atividades desenvolvidas nestas alturas. De manhã não se observa permanência praticamente nenhuma.

Os turistas circularam no local principalmente na parte da manhã. Já à hora do almoço nota-se a vinda de mais gente para a zona, principalmente exterior ao Bairro, por causa das zonas de restauração (no Largo e envolvente, abertas durante a semana), sendo que alguns permanecem no espaço para conversar, fumar, esperar ou, nos bancos, comerem a sua refeição. Foi muito interessante observar que como um relógio, numa hora permaneciam muito residualmente, na outra todos se sentavam para, pausadamente, desfrutarem da hora do almoço sendo esta, por isso, a altura mais movimentada do dia prolongando-se pelo período da tarde. No final da hora do almoço, no fim de semana, já perto da hora da tarde, apareceu um grande número de crianças moradoras, dividindo-se entre portuguesas e “étnicas”, que se deslocaram para o Largo para brincar, permanecendo ao longo de todo o dia.

As permanências das crianças não se cingiam aos bancos, os bancos serviam de apoio, mas as suas brincadeiras abrangiam todo o Largo. Os bancos serviam para os pais observarem as crianças ou para almoçar.



Fotografia 40. Crianças moradoras do Bairro que costumam brincar no Largo dos Trigueiros.

	Permanência	
	Fim de Semana	Semana
Banco 1	12	6
Banco 2	5	3
Banco 3	7	4
Junto Restaurante	4	6
Largo	31	2

Tabela 14. Tabela relativa ao número de utilizadores em “Permanência”, no Largo dos Trigueiros, durante o fim de semana e a semana.

“Encontram-se no local 18 pessoas, de ambos os géneros, com idades compreendidas entre os 6 e os 60. Crianças brincam à bola, ao jogo do saco, a atirar pedras por cima de muros, outras desenham. Os adultos permanecem observando as crianças, conversando, auxiliando-as a beberem água da fonte, confeccionando até, através de mesas colocadas a meio do Largo. Aqui uma criança das mais novas, deslocou-se até mim, apresentou-se e muito feliz e orgulhosa mostrou-me o seu desenho a aguarela. Disse que estava à espera da mãe que estava a fechar o restaurante, perguntou-me o nome e o que estava a fazer. Poucos minutos depois a mãe e um homem chegaram e prosseguiram caminho.

E sempre mais pessoas de várias idades e etnias, chegavam e juntavam-se à algazarra.”

Excerto do diário de campo. 12 de Maio, fim de semana.



Fotografia 41. Brincadeiras no Largo dos Trigueiros. Fotografias tiradas a 12 de Maio, fim de semana.

Registou-se também uma interação forte com os elementos que constituem o Largo, ou seja, um grande sentido de apropriação pelo Largo e pelo mobiliário urbano, usufruindo de todas as potencialidades que o Largo apresenta.

As atividades no Largo além de mais diversificadas, durante o fim de semana, existem em mais quantidade comparativamente aos outros Largos. É uma zona mais agradável para se permanecer a longo prazo, alternativa às ruas apertadas e sinuosas das redondezas. Ganha, ainda, em relação aos restantes Largos pelo facto de as suas áreas de permanência serem ensombradas e convidativas ao descanso. Este Largo é ponto de encontro por excelência e uma zona de convívio que serve para tudo, onde as crianças brincam muitas vezes sem vigilância dos pais por ser uma zona segura. Deixam-se levar pela imaginação. Os que transitam demoram o seu passar, observam, comentam. Por ter uma grande árvore e sombras diferentes provocadas pelas casas que envolvem o Largo, mantém uma boa temperatura ambiente ao longo de dias quentes.

		Tempo de ocorrência	
		Frequência	Percentagem %
Duração	Segundos	131	61,8%
	Minutos	56	26,4%
	Horas	25	11,8%
Total		212	100%

Tabela 15. Tabela relativa aos utilizadores segundo a o “Tempo” que passaram no Largo dos Trigueiros, no fim de semana.

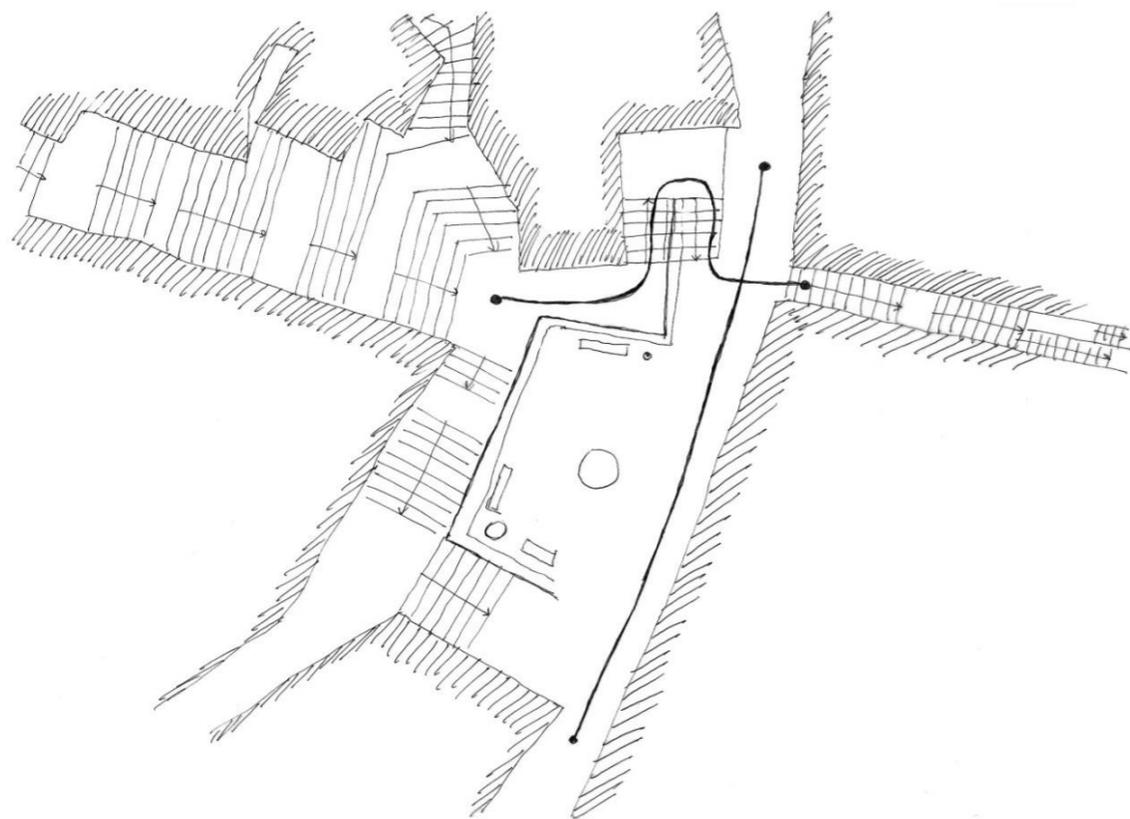
		Grupo x Atividade								
		Atividade								Total
		Nenhuma	Brinca	Come	Conversa	Fotografa	Observa	Outra	Telemóvel	
Grupo	Turista	29	0	6	18	8	16	2	0	79
	Turista Português	0	0	0	10	0	2	1	0	13
	Étnico	14	9	1	0	0	2	0	1	27
	Gentrifier	5	0	4	0	0	2	1	0	12
	Autóctone	9	0	0	1	0	4	0	0	14
	Outro	9	0	0	0	0	0	10	0	19
	Morador português	15	13	1	9	0	3	7	0	48
Total		81	22	12	38	8	29	21	1	212

Tabela 16. Tabela relativa aos utilizadores segundo o “Grupo” e a “Atividade”, no Largos dos Trigueiros, durante o fim de semana.

		Grupo x Atividade							
		Atividade							Total
		Nenhuma	Come	Conversa	Fotografa	Fuma	Observa	Outra	
Grupo	Turista	26	2	8	6	0	5	1	48
	Turista português	3	0	1	2	0	2	2	10
	Étnico	32	0	0	0	1	0	1	34
	Gentrifier	8	0	2	0	0	0	0	10
	Autóctone	18	0	2	0	2	1	1	24
	Outro	11	5	7	0	3	0	0	26
	Morador português	81	0	9	0	1	0	3	94
Total		179	7	29	8	7	8	8	246

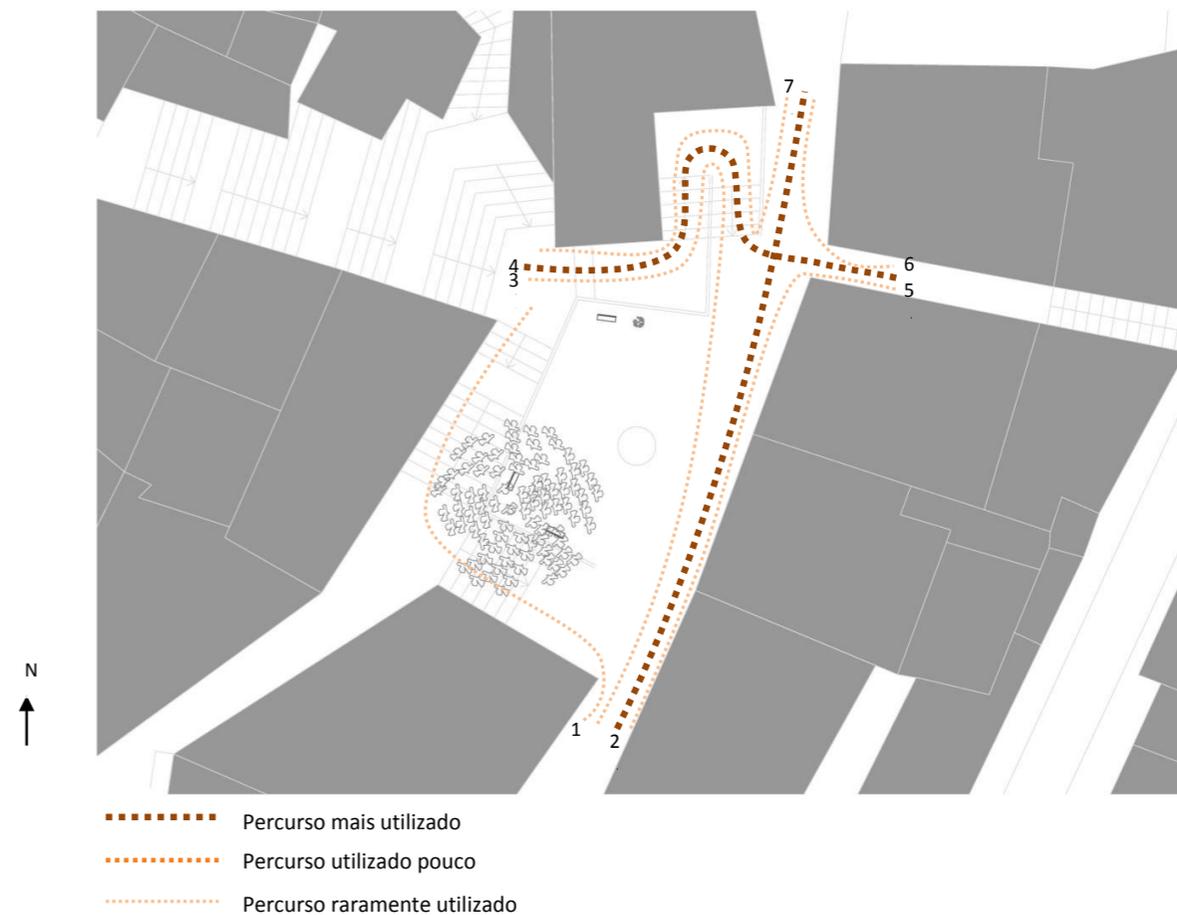
Tabela 17. Tabela relativa aos utilizadores segundo o “Grupo” e a “Atividade”, no Largo dos Trigueiros, durante a semana.

Embora encaixado num acidentado declive topográfico, o Largo, apresenta um grande nível de permeabilidade pedonal fazendo a ligação entre o Norte e o Sul do Bairro e a cota mais baixa do Bairro e a mais elevada colocando as pessoas na Rua das Farinhas, mais perto da Encosta do Castelo, sendo por isso muito utilizado tanto por mourenses como por população exterior ao Bairro. São estes os percursos mais utilizados sendo



Esquiza 11. Esquiza dos percursos mais diretos no Largo dos Trigueiros.semana.

identificados, contudo, sete trajetectos em diferentes direções, usufruindo da capacidade distribuidora que o Largo dispõe para entrar e sair no Bairro. As circulações no Largo são feitas na periferia do seu centro, por ser um centro deslocado, ficando sempre com uma zona de permanência livre, equipada com bancos e a agradável sombra de uma grande e antiga árvore, disponível para qualquer um.

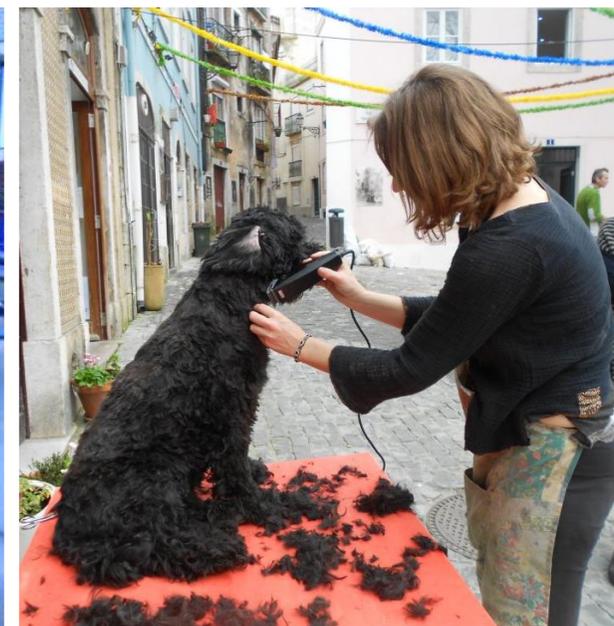


Planta 38. Planta esquemática dos percursos mais observados no Largo dos Trigueiros.

Este Largo é um caso de sucesso. A reabilitação do Largo permitiu a vinda de pessoas e a sua apropriação do espaço, a continuação do prolongamento da vida no interior das habitações para o exterior e a convivência entre diferentes pessoas, gerações e etnias.

Este Largo representa, na minha opinião, o ponto de fusão em que a Mouraria se encontra. Autóctones, imigrantes, turistas e *gentrifiers* convivem uns com os outros harmoniosamente, num espírito de comunidade.

É o Largo mais vivido, mais usado, e com mais usufruto do espaço por parte das pessoas. Não existe apenas como passagem mas também como uma sala, uma cozinha, um quintal, um espaço que é tudo para todos.



Fotografia 42. Atividades desenvolvidas no Largo dos Trigueiros.
Fonte: <https://www.facebook.com/pages/Largo-dos-Trigueiros/263187933804042?fref=ts>.

Um espaço que se passa, que se está, um espaço que é cuidado pelas pessoas como se fosse seu. Esse Largo “é” dos seus habitantes na medida em que é usado, apropriado e cuidado como parte da sua própria casa, sendo uma casa comum, e os seus habitantes uma família.



Fotografia 43. Imagem representativa do espírito de comunidade vivido no Largo dos Trigueiros.
Fonte: <https://www.facebook.com/pages/Largo-dos-Trigueiros/263187933804042?fref=ts>.

Deparei-me, nas minhas pesquisas, com a existência até de uma página no *site* Facebook com o nome de “Largo dos Trigueiros”. É uma página que promove atividades de cariz social desempenhadas pelos comerciantes das lojas que existem no Largo, que envolvem os habitantes e que se desenrolam sempre no espaço exterior que é o próprio Largo, convidando à visita pela população exterior. Estas atividades são desde Fado, ao ensino de jardinagem em pequenos vasos, a pintura, a culinária, a exposições, ou à simples expansão do restaurante local para a esplanada exterior.

Fotografia 44. Imagens das atividades desenvolvidas no Largo dos Trigueiros.
Fonte: <https://www.facebook.com/pages/Largo-dos-Trigueiros/263187933804042?fref=ts>.



A dedicação e envolvimento da população local é tanta, que até têm uma mascote do Largo, o D. Quixote, um cão preto da raça Cão de Água Português da *gentrifier* Camilla Watson.



Figura 15. Poster publicitário de atividades no Largo dos Trigueiros, com a presença da sua mascote D. Quixote.

Fonte: <https://www.facebook.com/pages/Largo-dos-Trigueiros/263187933804042?ref=ts>.

Verifiquei que estas atividades, bem como a promoção do local e parte da exploração dos estabelecimentos locais, são realizadas por população *gentrifier* que, além de viver no local, também trabalha. Sentem-se envolvidos pelo e no Bairro, conforme testemunham:

“Preferia viver na Mouraria do que na Graça...quem sabe um dia não o faço. Aqui há um espírito de comunidade, as pessoas são muito simpáticas. Conhecem-nos uma vez e são amigos para sempre. Sempre que venho aqui, dizem olá. Até sei o nome delas. Aquela menina ali é a Carla, aquela senhora é a D. Sofia (...).”

Gentrifier dinamarquês, 38 anos, em entrevista no local.

O *gentrifier* entrevistado disse que a Mouraria é dos seus sítios preferidos. Que é para o Largo dos Trigueiros que costuma vir conviver ou almoçar, com os seus cinco amigos, por ser muito agradável para se estar e passear pela sua tranquilidade, ou então numa esplanada no Largo de São Cristóvão.

De forma geral, os utilizadores do Largo são maioritariamente **moradores no Bairro**. Esta população divide-se por **diversas faixas etárias, predominantemente ativa** e por **ambos os géneros**.

Verifica-se a presença de **gentrifiers** que ativamente promovem atividades no Largo, ao nível local e até através das redes sociais, introduzindo formas modernas no apelo à ida por população exterior ao Largo. Verificou-se também a existência de **população descendente imigrante** que não só **coabita**, mas interage e participa nas atividades, com os restantes indivíduos, caso único nos quatro Largos estudados. Verificou-se também uma grande quantidade de turistas e pessoas exteriores ao Bairro. A sua localização a meio, quase do Bairro, e a meia encosta, entre a Baixa da cidade e o Castelo, a presença de comércio, as boas condições de manutenção, a existência de equipamento urbano bem colocado com zonas para sentar, a existência de elementos vegetais que proporcionam sombra, o enquadramento espacial que proporciona abrigo, a existência de um corredor de circulação e uma zona livre flexível para a população, a presença e o contato com o elemento água, a segurança a vários níveis e, a simpatia da população, são as razões que segundo Whyte (1980) levam qualquer espaço público a ser altamente vivido, e neste Largo constata-se ser um caso único e de sucesso.

As zonas de permanência estão diretamente associadas às alturas e atividades desenvolvidas ao longo do dia. De **manhã** são principalmente **turistas** que circularam e ao **almoço população exterior** que almoça, no restaurante do Largo, nas redondezas ou no próprio Largo. Ao longo da **tarde** alguma movimentação permanece por pessoas **exteriores ao Bairro**, sendo que durante o fim de semana junta-se bastante **população local para conviver**.

A **circulação** pelo Largo é feita pela sua **tangente**, pelo percurso mais direto, e normalmente **atravessado à conversa** com os vizinhos que se vão cruzando pelo caminho.

Relativamente às **atividades** no Largo, são **bastante diversificadas**, durante o fim de semana, e comparativamente aos outros Largos pela apropriação do Largo **como se fosse seu**, como se fosse propriedade dos moradores, como se fossem uma família unida.

5. Conclusão

Comparando os Largos dois a dois, tanto a Norte – Largos da Severa e do Terreirinho – como a Sul – Largos da Achada e dos Trigueiros –, verifica-se, em ambos os casos, um mais movimentado – a Norte o Largo do Terreirinho, a Sul o Largo dos Trigueiros – e o outro mais recatado – a Norte o Largo da severa, a Sul o Largo da Achada. Observou-se também que em cada par de Largos estudado, dois a Norte e dois a Sul, apenas um apresenta mobiliário urbano, elementos vegetais, equipamentos ou comércio.

Verificou-se de uma forma geral o despojamento dos Largos ou, na existência de mobiliário urbano, uma muito tímida colocação. Este despojamento pode ser positivo na medida em que torna os espaços flexíveis a usos mais diversos, mas são necessários equipamentos que permitam o usufruto pelas diferentes pessoas, faixas etárias, sob diversas formas e horas do dia, servindo como reforço à componente social. Os Largos **que não têm equipamento urbano são apropriados espontaneamente** como zonas de permanência servindo as caixas de eletricidade, muros, vasos, pilaretes, caixotes de RSU, bocas de incêndio, ou cadeiras trazidas por cada ocupante, os suportes da provisória presença.

Embora note-se um gradual cuidado a nível urbano e ao nível da componente social, verifica-se um desequilíbrio quando ambas são pensadas em conjunto. Ou seja, tem havido reforços sociais, com a criação de instituições de apoio, promoção da cultura e apoio à população, mas falta pensar as pessoas como utilizadoras do espaço urbano. Falta pensar em que medida é que o espaço necessita de se adaptar para o seu uso, valorizando e potencializando o património já existente. Uma vez que existe uma relação de inter-condicionamento recíproco entre arquitetura e habitantes, a projeção de espaços sem pensamento na componente social não funciona por si só.

A existência de um tipo de população permite um tipo de uso do espaço, sendo que este, pelas suas condições, permite a existência daquela população, condicionando-se, arquitetura e habitantes, mutuamente. A diversidade espacial promove mecanismos de desenvolvimento social, e consoante a sociedade, é promovida uma mais intensa diversidade de usos e apropriações do espaço, através da sua mobilidade.

Foi interessante poder estudar esta particularidade de perto. A **Norte**, onde a densidade construtiva é maior e a estrutura urbana mais apertada e antiga verifica-se uma **população mais segregada** e/ou **ativa residente na envolvente**, por trabalharem e habitarem na mesma zona, aparecendo uma **maior diversidade populacional** durante o **fim de semana**. Nos Largos a **Sul** verifica-se o **inverso**. A **população ativa** trabalha fora do Bairro durante a **semana**, reaparecendo nos espaços públicos ao fim de semana para atividades lúdicas. Os Largos respiram tranquilidade, crianças brincam, e a cultura é promovida, dialoga-se, fotografa-se, há sombra, árvores e pássaros, sol e fontes com água fresca que pontuam o espaço, cheira a comida, ouve-se risos. Fiquei surpreendida na descoberta de que pelo simples deslocamento de um espaço para o outro no mesmo território – de Norte para Sul ou vice-versa – as realidades mostrarem-se tão distintas. A fronteira entre estas duas vivências parece ser as Escadinhas da Saúde, exatamente onde outrora existia a Muralha Fernandina, separando o centro histórico da Mouraria (a Norte) da Mouraria expandida (a Sul).

Relativamente aos utilizadores, constata-se que nos **Largos a Norte** do Bairro o utilizador médio é de **descendência étnica não europeia** de 2ª ou 3ª geração, i.e. já filhos ou netos de emigrantes, **de idade jovem ou adulta**, e embora tenham sido observados praticamente **ambos os sexos**, este tipo de indivíduo é geralmente do sexo masculino. Este fator justifica-se pelo processo de imigração que é maioritariamente praticado por este género, numa fase inicial. Esta concentração deve-se a séculos de fixação de população imigrante, e segregada, a Norte do território, sendo que é aí que se localizam os estabelecimentos comerciais e os locais de culto de outras religiões que não a católica, que resultam na concentração de uma zona residencial do mesmo tipo e por isso, uma nítida utilização e apropriação dos espaços públicos envolventes por esta população miscigenada.

A presença recorrente dos mesmos indivíduos no espaço leva a entender que a maioria dos utilizadores são moradores na envolvente. Ao fim de semana a presença de população exterior ao Bairro é notável, observando-se uma maior diversidade de utilizadores, grupos sociais, faixas etárias, género e atividades.

Embora um dos Largos (a Norte) se apresente em boas condições de manutenção e com equipamentos urbanos, e no outro a existência de bastante “vida” pelo contato com uma zona movimentada e a existência de estabelecimentos comerciais e serviços, não são o suficiente para serem consideradas boas áreas de permanência. A falta de mobiliário urbano e, no caso da sua existência, a má colocação, a falta de elementos vegetais ou a sua desadequada dimensão, a falta de segurança pela presença de grupos segregados e segregadores, são as razões por detrás da pouca utilização do espaço. Desta forma, os Largos a Norte são maioritariamente utilizados para **fins de atravessamento** (82.5%, em média), geralmente pelo meio, e atravessados por pessoas **sozinhas** e em **silêncio**.

Relativamente ao **Sul do Bairro**, o indivíduo observado em média é **português e adulto**. Mas por a população desta zona ser predominantemente ativa, nota-se uma maior diversidade de faixas etárias e grupos durante o fim de semana. Embora **ambos os géneros** tenham sido quase equitativamente observados, a “gentrificação”, fenómeno concentrado nesta zona, também é um processo predominantemente masculino tendendo a substituir a população idosa e feminina. A estes juntam-se ainda turistas, que em grupos ou aos pares são frequentemente observados no local. Esta situação está relacionada com o posicionamento destes Largos entre zonas de interesse, nomeadamente a Baixa da Cidade e o Castelo de S. Jorge. É também por esta razão que nesta zona se fixam mais *gentrifiers* e uma população, em geral, com uma classe social mais elevada, com bons indícios de empregabilidade, educação e cultura, mesmo por parte de população de descendência étnica. Verifica-se um grande incentivo por parte da comunidade *gentrifier* em promover atividades nos Largos, a vários níveis, convidando à **apropriação do mesmo sob diversas formas**, desenvolvendo pela comunidade um sentido de pertença, tratando o Largo como seu. Isto é, com atividades culturais e lúdicas como a colocação ou elaboração pessoal de elementos que são posteriormente colocados no espaço, decorando-o e tornando-o

personalizado. Por estas razões e por apresentarem todos os elementos (enunciados por Whyte (1980)) convidativos à presença no espaço, as **atividades** no Largo são bastante **diversificadas**, principalmente durante o fim de semana, observando-se também um **maior índice de permanência**.

A circulação neste Largos também é feita pelo **percurso mais rápido e mais direto**, mas por serem morfologicamente diferentes, o seu atravessamento é feito na **tangente ao Largo**, e não a meio como verificado nos Largos anteriores.

O Sul do Bairro representa uma perspetiva atual e contemporânea da Mouraria. Uma Mouraria como centro de interesse por diversos tipos de população que procura tanto um bairro histórico com tradições e “gentes castiças”, como uma vida cosmopolita e moderna, de interculturalidade e misturas étnicas. Esta população procura realçar o que de melhor há no Bairro e mostrá-lo e oferecê-lo a quem procura um pouco da unicidade deste lugar. Aqui a harmoniosa coabitação entre os diversos grupos é notável.

Embora este trabalho encerre fragilidades decorrentes de uma categorização “impressionista” dos indivíduos e, em algumas situações fruto de um registo mais “socializado” do que sociológico, tem contudo o mérito de ensaiar, mesmo que de um ponto de vista exploratório, uma análise sistematizada dos usos e apropriação do espaço. Esta questão é importante na medida em que abre a perspetiva do arquiteto, despertando-o para a importância da vida nos espaços, e para o fato desta não ser uma questão aleatória, mas que decorre de fatores diversos, os quais podem e devem ser racionalizados, discutidos e incorporados na atividade projetual.

Esta pesquisa verificou-se um grande contributo para o meu conhecimento uma vez que centrou o foco não só na arquitetura mas abarcou os utilizadores da mesma, aliando a Sociologia à Arquitetura. Partindo do pressuposto de que o Homem constrói “a cidade” de si para si, e é o responsável pelo seu desenho, tornou-se crucial para mim entender as suas próprias exigências e necessidades no espaço. Foi importante perceber como os espaços públicos são submetidos aos usos, aos modos de habitar, de ocupar e viver a cidade, de habitantes socioculturalmente distintos. Na arquitetura muitas vezes tenta-se prever as possibilidades de utilização do espaço não o deixando “abraçar” as potenciais utilizações diferentes das imaginadas. Este trabalho foi importante na medida

em que permitiu-me o contacto com um urbanismo e arquitetura auto-construtiva e um uso, por vezes, espontâneo e não planeado do espaço.

Ainda que esta análise se tenha feito sobre o ponto de vista de uma existência, e não de uma construção de raiz, trouxe-me muita aprendizagem enquanto estudante finalista de arquitetura. Embora os Largos não sejam estruturas projetadas é necessário equipá-los para que realmente possam servir as pessoas. Estas é que fazem o sítio (como no caso dos Trigueiros), mas sem condições não há pessoas.

Além de me ter possibilitado conhecer de mais perto um território e uma realidade, permitiu-me aprofundar a ideia de que na abordagem aos espaços deve ter-se o maior conhecimento possível da história, do local e dos seus utilizadores. Não só a pesquisa a vários níveis, mas também a permanência no local, demonstra-se fundamental porque só assim é possível entender o *genius loci*³ real do espaço. Só assim se entendem os reais percursos utilizados e as suas permanências, entendem-se os ângulos de visão e as razões por detrás de cada movimento. Desta forma e com um conhecimento pessoal mais aprofundado, a fazer uma intervenção no espaço, a abordagem seria a mais adequada possível, dando utilidade e prestando serviço às pessoas. O caso do Largo dos Trigueiros verificou-se um sucesso na sua abordagem, por ter havido um manancial de conhecimento sobre este tipo de espaço respondendo às necessidades. Esta é a real diferença entre estar e não estar no sítio.

O arquiteto precisa de ver, observar, entender e sentir. Este sentimento permite uma abordagem que reforça o *genius loci* e certamente conduz a um bom projeto naquilo que ele tem de mais profundo: servir bem as pessoas.

Este trabalho, no meio das dificuldades, abriu-me novos horizontes, sendo que entendi que a arquitetura não é só a arte de construir, mas é a arte da comunhão dos homens com os espaços.

*Genius loci*³ - significa o “espírito do lugar”. Refere-se ao conjunto de todas as características que caracterizam um espaço. É um termo utilizado por Aldo Rossi (1931-1997) quando se referia ao local e envolvente das suas futuras construções.

Bibliografia

Alcock, Alan; Bentley, Ian; Mcglynn, Sue; Murrain, Paul; Smith, Graham (1985); *Responsive Environments*, England, Architectural Press

Benedikt, M. L. (1979), “To take hold of space: isovists and isovist fields”, *Environment and Planning B, School of Architecture, University of Texas at Austin, volume 6, pp. 47-65*

Costa, Francisco Lima (2011), “Globalização, diversidade e “novas” classes criativas em Lisboa – Economia etnocultural e a emergência de um sistema de produção etnocultural”, *Sociologia, Problemas e Práticas, 67, pp. 85-106*

Cullen, Gordon (1961), *Paisagem Urbana*, Londres, Edições 70, Lda.

Fidalgo, Andreia Vinhas (2012), *As parcerias para a regeneração urbana – uma análise comparativa*, Tese de Mestrado em Engenharia do Ambiente, Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia- Universidade Nova de Lisboa

Fonseca, Maria Lucinda; McGarrigle, Jennifer; Carvalho, Rui; Esteves, Alina; Malheiros, Jorge; Moreno, Luis; Sampaio, Dora (2012); *Modes of inter-ethnic coexistence in three neighbourhoods in the Lisboa Metropolitan Area: a comparative perspective*, Lisboa, Edições Colibri/ Centro de Estudos Geográficos- GEITONIES

Gabinete Técnico da Mouraria (1996), *Relatório do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria*, Lisboa

Gomes, Bruno Miguel Santos (2011), *A rua e o bairro na construção da imagem de Lisboa*, Tese de Mestrado em Antropologia, Lisboa, ISCTE-IUL

Heitor, Teresa V. (2007), *Avaliação Espaço-Funcional*, Lisboa, Instituto Superior Técnico

Hillier, Bill (1989), *The architecture of the urban object*, Ekistics, London

Hillier, Bill; Hanson, Julienne (1984); *The Social Logic of Space*, London, Cambridge School University Press

Lamas, José M. Ressano Garcia (1995), *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação pela Ciência e Tecnologia

Lynch, Kevin (1960), *A Imagem da Cidade*, Edições 70, Lda

Malheiros, Jorge (2008), “Comunidades de origem indiana na Área Metropolitana de Lisboa – iniciativas empresariais e estratégias sociais criativas na cidade”, in Oliveira, Catarina Reis e Rath, Jan (org.), *Revista Migrações - Número Temático Empreendedorismo Imigrante, Outubro 2008, n.º 3, Lisboa: ACIDI, pp. 139-164*

Malheiros, Jorge, Rui Carvalho e Luís Mendes (2012), “Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo de ajustamento ou prática emancipatória num bairro do centro histórico de Lisboa?”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Imigração, Diversidade e Convivência Cultural, pp. 97-128*

Matias, Ana (2007), *Imagens e Estereótipos da Sociedade Portuguesa Sobre a Comunidade Chinesa, Interação multissecular via Macau*, Tese de Mestrado em História das Realções Internacionais, ISCTE-IUL

Mendes, Vera (1996), *Socorro, Freguesia Mourisca, Berço do Fado*, Lisboa, Câmara

Municipal de Lisboa

Menezes, Marluci (2000) “Do espaço ao lugar. Do lugar às remodelações sócio-espaciais”, *Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 6, n. 13, pp. 155-175, Universidade Nova de Lisboa*

Menezes, Marluci (2009) “A Praça do Martim Moniz: etnografando lógicas socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa”, *Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, pp. 301-328*

Menezes, Marluci (2012) “Debatendo mitos, representações e convicções acerca da invenção de um bairro lisboeta Sociologia”, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural, pp. 69-95*

Menezes, Marluci (2011), “‘Todos’ na Mouraria? Diversidade, Desigualdades e Diferenças entre os que vêm ver o bairro, nele vivem e nele querem viver”, in *XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais- ConLab, Diversidades e (Des) igualdades*

Menezes, Marluci (2000), “Do espaço ao lugar. Do lugar às remodelações socio-espaciais”, *Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Horizontes Antropológicos*

Menezes, Marluci (2004), *Mouraria, Retalhos de um Imaginário - Significados Urbanos de um Bairro de Lisboa*, Lisboa, Celta Editora

Menezes, Marluci (2005), “Património urbano: por onde passa a sua salvaguarda e reabilitação? Uma breve visita à Mouraria”, *Cidades - Comunidades e Territórios, Lisboa: CET - Centro de Estudos Territoriais, pp. 65-82*

Midões, Alberta (2000), “Reabilitação Urbana – Bairros Históricos de Lisboa”, *Revista Architécti*, nº 52, pp. 108

Pereira, Miriam Filomena Filipe da Silva (2011), *Aumento da atractividade e reforço da centralidade da baixa pombalina e bairros históricos*, Tese de Mestrado em Arquitetura, Lisboa, FAUL

Ferreira, António Pedro; Pinto, Paula Cosme (2013), “A Nova Mouraria”, in *Revista Expresso*, 25/Maio/13, 21 17, pp. 22-31

Rodrigues, Marta Sofia Valadas (2012), “*Mouraria alargada*”, em *favor de Babel*, Minho, Universidade do Minho

Rodrigues, Walter (1992), “Urbanidade e Novos Estilos de Vida”, *Sociologia Problemas e Práticas*, Nº12, pp.91-107

Whyte, William H. (1980), *The Social Life of Small Urban Spaces – The Street Corner*, New York, Project for Public Spaces

Documentários

Whyte, William H. (1980), *The Social Life of Small Urban Spaces – The Street Corner*, New York, Project for Public Spaces

Sites consultados

CML- Lisboa Interativa. Disponível em <<http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi>>

Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa. Disponível em <<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/default.asp?s=12079>>

Wikipédia. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org>>

Renovar a Mouraria. Disponível em <<https://www.facebook.com/renovar.a.mouraria>>

Largo dos Trigueiros. Disponível em <<https://www.facebook.com/pages/Largo-dos->

Trigueiros

<http://cidadaniaix.blogspot.pt/2011/01/largo-do-terreirinho.html>.

<http://diversidadesquecidas.blogspot.pt/2011/01/maria-severa.html>.

http://www.centromariodionisio.org/casa_da_achada.php

http://www.ordemengenheiros.pt/fotos/editor2/historias_engenharia/ing89_3.jpg

<http://www.panoramio.com/photo/18887568>.

<http://www.pbase.com/diasdosreis/image/136521385>

Índice de Imagens

Esquiço 01. Corte longitudinal e transversal do Lago da Severa.	94
Esquiço 02. Cortes transversais A, B e C.	134
Esquiço 03. Esquiço relativo ao percurso mais direto de atravessamento no Largo da severa.	141
Esquiço 04. Esquiço relativo às zonas de permanência formais e respetiva amplitude visual, no Largo da Severa.	142
Esquiço 05. Esquiço relativo ao percurso mais direto de atravessamento do Largo da Severa e zonas de permanência formais.	142
Esquiço 06. Esquiço relativo às zonas de permanência não formais, respetiva amplitude visual e zonas em sombra durante a tarde no Largo da Severa.	143
Esquiço 07. Esquiço ilustrativo dos percursos mais diretos, no Largo do Terreirinho.	150
Esquiço 08. Esquiço relativo às zonas de permanência, no Largo do Terreirinho.	153
Esquiço 09. Esquiço relativo às zonas de permanência e aos percursos mais diretos aquando do estacionamento de carros. Largo do Terreirinho.	154
Esquiço 10. Esquiço relativo aos percursos mais diretos no Largo da Achada.	165
Esquiço 11. Esquiço dos percursos mais diretos no Largo dos Trigueiros.	176
Figura 01. Plano de Carlos Mardel de 1756. Fonte: http://www.ordemengenheiros.pt/fotos/editor2/historias_engenharia/ing89_3.jpg .	52
Figura 02. Planta Topográfica de Lisboa de 1780. Fonte: http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/ .	52
Figura 03. Pósteres de eventos culturais promovidos pela Associação AiMouraria. Fonte: http://www.renovamouraria.pt/ .	58

Figura 04. Localização do Largo da Severa. Fonte: Imagens manipulados a partir do Google Earth (data das imagens 23.06.2007). 82

Figura 05. Última planta registada antes do aparecimento do Largo da Severa. Planta de Lisboa 1807 de Duarte Fava. Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>. 83

Figura 06. Primeira planta registada após o aparecimento do Largo da Severa. Planta de Lisboa 1856/1858 de Filipe Folque. Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>. 83

Figura 07. Localização do Largo do Terreirinho. Fonte: Imagens manipulados a partir do Google Earth (data das imagens 23.06.2007). 98

Figura 08. Última planta registada antes do aparecimento do Largo do Terreirinho. Planta de Lisboa de 1761 de Guilherme Menezes. Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>. 98

Figura 09. Primeira planta registada após o aparecimento do Largodo Terreirinho. Planta Topográfica de Lisboa de 1780. Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>. 98

Figura 10. Localização do Largo da Achada. Fonte: Imagens manipulados a partir do Google Earth (data das imagens 23.06.2007). 114

Figura 11. Primeira planta registada após o aparecimento do Largo da Achada. Planta de Lisboa de 1761 de Guilherme de Menezes. Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>. 115

Figura 12. Localização do Largo dos Trigueiros. Fonte: Imagens manipulados a partir do Google Earth (data das imagens 23.06.2007). 126

Figura 13. Última planta registada antes do aparecimento do Largo dos Trigueiros. Planta de Lisboa de 1650 de Tinoco. Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>. 127

Figura 14. Primeira planta registada após o aparecimento do Largo dos Trigueiros. Planta de Lisboa de 1761 de Guilherme de Menezes. Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>. 127

Figura 15. Póster publicitário de atividades no Largo dos Trigueiros, com a presença da sua mascote D: Quixote. Fonte: <https://www.facebook.com/pages/Largo-dos-Trigueiros/263187933804042?fref=ts>. 182

Fotografia 01. Haruna Izutani, japonesa, estudante de arquitetura, aspirante a fadista. Fonte: Ferreira, “A Nova Mouraria”, em Expresso. Nº 2117, 25 Maio 2013,26. 56

Fotografia 02. Fotografias junto à Mesquita Baitul Mukarran. Saída dos ocupantes após o momento religioso. Fotografias tiradas a 12 de Julho 2013. 63

Fotografias 03. (À esquerda) A habitação onde viveu Severa. 1890-1945. (A meio) Largo da Severa, s/d. (À direita) Largo da Severa, em 1900 aproximadamente. Fonte: Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa e http://diversidadesquecidas.blogspot.pt/2011/01/maria-severa.html .	84
Fotografia 04. Largo da Severa antes das recentes intervenções, s/d. Fonte: http://www.panoramio.com/photo/18887568 .	85
Fotografia 05. Sítio do Fado na Casa da Severa. Largo da Severa a 12 de Junho de 2013.	86
Fotografias 06. Fotografias de visitas guiadas com Fado a 26 de Julho de 2013. Fonte: https://www.facebook.com/renovar.a.mouraria?fref=ts .	87
Fotografia 07. Perspetiva que se tem do Largo da Severa pelo acesso pela Rua do Capelão (1). Fotografia tirada a 12 de Junho de 2013.	90
Fotografia 08. Perspetiva que se tem do Largo da Severa pelo acesso pela Rua do Capelão (1). Fotografia tirada a 12 de Julho de 2013.	90
Fotografia 09. Perspetiva que se tem do Largo da Severa pelo acesso pela Rua da Guia (2). Fotografia tirada a 12 de Junho de 2013.	91
Fotografia 10. Perspetiva que se tem do Largo da Severa pelo acesso pela Rua da Guia (2). Fotografia tirada a 12 de Junho de 2013.	91
Fotografias 11. Serviços e equipamentos existentes do Largo da Severa. Fotografias tiradas a 12 de Julho.	92
Fotografia 12. Ambiente vivido no Largo do Terreirinho entre 1898 e 1908. Fonte: Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa.	100
Fotografia 13. Ambiente vivido no Largo do Terreirinho em 1971. Fonte: Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa.	101
Fotografia 14. Comparação entre o ambiente no Largo entre o início do séc. XX (entre 1898 e 1908) e atualmente. Fonte: (esquerda) Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa. (Direita) Fotografia tirada a 05 de Maio de 2013.	102
Fotografia 15. Comparação entre o ambiente no Largo entre a década de 50 e 70, e atualmente. Fonte: (esquerda) Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa. (Direita) Fotografia tirada a 05 de Maio de 2013.	103
Fotografia 16. Ambiente nas comemorações dos Santos Populares. Fotografia de Susana Neves, tirada a 12 de Junho de 2013.	104

Fotografia 17. Perspetiva ao aceder ao Largo do Terreirinho pela Rua dos Cavaleiros (1). Fotografia tirada a 05 de Maio de 2013.	107
Fotografia 18. Perspetiva ao aceder ao Largo do Terreirinho pela Calçada de St. André (2). Fotografia tirada a 05 de Maio de 2013.	108
Fotografia 19. Fotografias demonstrativas da topografia do Largo. Fotografias tiradas a 05 de Maio de 2013.	110
Fotografia 20. Ambiente do Largo entre 1898 e 1945. (À esquerda) Fotografia com a fonte original. Fonte: Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa. (1) 1898 entre e 1908, (2) meados 1940.	117
Fotografia 21. Largo da Achada em 1968 e 69. Fonte: Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa.	118
Fotografia 22. Alteração da construção a Norte do Largo da Achada. Fonte: (duas fotografias da esquerda) Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa. Largo da Achada em 1898 e 1969.	119
Fotografia 23. Fotografias atuais do Largo da Achada.	120
Fotografia 24. Perspetiva ao aceder ao Largo da Achada pelo Beco das Flores (1).	122
Fotografia 25. Perspetiva ao aceder ao Largo da Achada pela Rua da Achada (3).	122
Fotografia 27. Perspetiva ao aceder ao Largo da Achada pelo Beco de S. Francisco (4).	123
Fotografia 28. Perspetiva ao aceder ao Largo da Achada pelo Beco Jasmim (5).	123
Fotografia 29. Largo dos Trigueiros entre 1898 e 1908. Fonte: Fotomontagem feita a partir de fotografias do Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa.	128
Fotografia 30. Largo dos Trigueiros entre na década de 40. Fotografia do Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa. Largo dos Trigueiros s/d. Chafariz do Largo dos Trigueiros em 1947.	129
Fotografia 31. Largo dos Trigueiros em 2011. Fonte: http://cidadaniaix.blogspot.pt/2011/01/largo-do-terreirinho.html .	130
Fotografia 32. Largo dos Trigueiros. Fotografia de 12 de Junho de 2013.	131
Fotografia 33. Perspetiva ao aceder ao Largo dos Trigueiros pelas Escadinhas dos Surradores (1). Fotografias tiradas a 05 de Maio de 2013.	133

Fotografia 34. Perspetiva ao aceder ao Largo dos Trigueiros pela Rua de S. Lourenço (2). Fotografias tiradas a 05 de Maio de 2013.	133
Fotografia 35. Imagens ilustrativas do Largo, a meia encosta. Fotos tiradas a 05 de Maio de 2013.	135
Fotografia 36. Perceção que se tem do Largo a partir das escadas da Casa da Severa.	143
Fotografia 37. Largo do Terreirinho. Fotografia tirada a 5 de Maio de 2013.	151
Fotografia 38. Zona de Permanência 2 e 4. Largo do Terreirinho. Fotografias tiradas a 5 de Maio de 2013.	155
Fotografia 39. Zonas de Permanência 1, 3, e 5. Largo do Terreirinho. Fotos tiradas a 5 de Maio de 2013.	156
Fotografia 40. Crianças moradoras do Bairro que costumam brincar no Largo. Fonte: https://www.facebook.com/pages/Largo-dos-Trigueiros/263187933804042?fref=ts .	171
Fotografia 41. Brincadeiras no Largo dos Trigueiros. Fotografias tiradas a 12 de Maio, fim de semana.	172
Fotografia 42. Atividades desenvolvidas no Largo dos Trigueiros. Fonte: https://www.facebook.com/pages/Largo-dos-Trigueiros/263187933804042?fref=ts .	179
Fotografia 43. Imagem representativa do espírito de comunidade vivido no Largo dos Trigueiros. Fonte: https://www.facebook.com/pages/Largo-dos-Trigueiros/263187933804042?fref=ts .	180
Fotografia 44. Imagens das atividades desenvolvidas no Largo dos Trigueiros. Fonte: https://www.facebook.com/pages/Largo-dos-Trigueiros/263187933804042?fref=ts .	181
Gráfico 01. Gráfico indicativo das origens de imigrantes, registados aquando de um questionário com uma amostra de 100 pessoas (apresentação dos países por ordem decrescente). Fonte: Geitonies, Lisbon Survey 2009/2010.	70
Gráfico 02 e 03. Gráficos relativos aos utilizadores segundo o “Grupo” e o “Género”, no Largo da Severa, durante o fim de semana e a semana.	140
Gráficos 04 e 05. Gráficos relativos aos utilizadores segundo a “Altura do dia” e o “Grupo”, no Largo da Severa, durante o fim de semana e a semana.	146
Gráficos 06 e 07. Gráficos relativos aos utilizadores segundo as atividades desenvolvidas no Largo do Terreirinho, durante o fim de semana e a semana.	159

Gráficos 08 e 09. Gráficos relativos aos utilizadores segundo “Zonas de Permanência”, no Largo da Achada, durante o fim de semana e a semana. Ver juntamente com Planta 37.	164
Gráfico 10 e 11. Gráficos relativos aos utilizadores segundo o “Grupo” e a “Faixa Etária”, no Largo dos Trigueiros, durante o fim de semana.	169
Gráfico 12 e 13. Gráficos relativos aos utilizadores segundo o “Grupo” e a “Faixa Etária”, no Largo dos Trigueiros, durante o fim de semana.	169
Planta 01. Localização da área de estudo considerada, casos de estudo e Freguesias.	45
Planta 02. Mapa da rede principal de circulação, à escala da cidade. Fonte: Da autora. Mapa realizado a partir de referências de Menezes (2004).	47
Planta 03. Mapa da rede principal de circulação, à escala do bairro. Fonte: Da autora. Mapa realizado a partir de referências de Menezes (2004).	48
Planta 04. Mapa de dinâmicas no território: concentrações de comunidades, estabelecimentos comerciais e locais de culto. Fonte: da autora. Mapa realizado a partir de referências de Rodrigues (2012).	61
Planta 05. Mapa indicativo da percentagem de população com idade superior a 65 anos. Fonte: da autora. Planta realizada a partir dos dados dos Censos de 2011, por subsecções, do INE.	67
Planta 06. Mapa indicativo da percentagem de população com ensino superior completo. Fonte: da autora. Planta realizada a partir dos dados dos Censos de 2011, por subsecções, do INE.	69
Planta 07. Localização da área de estudo considerada, casos de estudo e Freguesias.	73
Planta 08. Localização do Largo da Severa.	81
Planta 09. Acessos mais diretos ao Largo da Severa, a partir dos eixos principais de circulação, na envolvente imediata. (1) Rua do Capelão, (2) Rua da Guia, (3) Rua João do Outeiro.	88
Planta 10. Perspetiva ao aceder ao Largo da Severa pela Rua do Capelão (1). Fotografia tirada a 12 de Junho de 2013.	90
Planta 11. Perspetiva ao aceder ao Largo da Severa pela Rua do Capelão (1). Fotografia tirada a 12 de Julho de 2013.	90
Planta 12. Perspetiva ao aceder ao Largo da Severa pela Rua da Guia (2). Fotografia tirada a 12 de Junho de 2013.	91

Planta 13. Perspetiva ao aceder ao Largo da Severa pela Rua da Guia (2). Fotografia tirada a 12 de Junho de 2013.	91
Planta 14. Planta programática do Largo da Severa.	93
Planta 15. Localização do Largo do Terreirinho.	97
Planta 16. Acessos mais diretos ao Largo do Terreirinho, a partir dos eixos principais de circulação, na envolvente imediata. (1) Rua dos Cavaleiros, (2) Calçada de St. André, (3) Rua do Marquês Ponte de Lima.	106
Planta 17. Perspetiva ao aceder ao Largo do Terreirinho pela Rua dos Cavaleiros (1). Fotografia tirada a 05 de Maio de 2013.	107
Planta 18. Perspetiva ao aceder ao Largo do Terreirinho pela Calçada de St. André (2). Fotografia tirada a 05 de Maio de 2013.	108
Planta 19. Planta demonstrativa da morfologia do Largo do Terreirinho.	109
Planta 20. Planta programática do Largo do Terreirinho.	111
Planta 21. Localização do Largo da Achada.	123
Planta 22. Planta do Largo da Achada.	116
Planta 23. Acessos mais diretos ao Largo da Achada, a partir dos eixos principais de circulação, na envolvente imediata. (1) Beco das Flores, (2) Escadinhas da Achada, (3) Rua da Achada, (4) Beco de S. Francisco, (5) Beco Jasmim, (6) Beco Gralhas.	121
Planta 24. Perspetiva do Largo da Achada para quem acede pelo Beco das Flores (1).	122
Planta 25. Perspetiva do Largo da Achada para quem acede pela Rua da Achada (3).	122
Planta 27. Perspetiva do Largo da Achada para quem acede pelo Beco de S. Francisco (4).	123
Planta 28. Perspetiva do Largo da Achada para quem acede pelo Beco Jasmim (5).	123
Planta 29. Localização do Largo dos Trigueiros.	125
Planta 30. Acessos mais diretos ao Largo dos Trigueiros, a partir dos eixos principais de circulação, na envolvente imediata. Escadinhas dos Surradores, (2) Escadinhas da Rua das Farinhas, (4) Beco das Farinhas.	132

Planta 31. Perspetiva do Largo dos Trigueiros para quem acede pelas Escadinhas dos Surradores (1).	133
Planta 32. Perspetiva do Largo dos Trigueiros para quem acede pela Rua de S. Lourenço (2).	133
Planta 33. Localização do comércio no Largo dos Trigueiros.	136
Planta 34. Planta esquemática dos percursos mais observados no Largo da Severa.	146
Planta 35. Planta esquemática dos percursos mais observados no Largo do Terreirinho.	152
Planta 36. Planta programática do Largo do Terreirinho.	157
Planta 37. Planta esquemática dos percursos mais observados no Largo da Achada.	166
Planta 38. Planta esquemática dos percursos mais observados no Largo dos Trigueiros.	177
Tabela 01. Calendário dos períodos de observação direta no local de estudo.	75
Tabela 02. Valores relativos aos utilizadores segundo a “Faixa Etária” e o “Grupo”, no Largo da Severa, durante o fim de semana.	139
Tabela 03. Valores relativos aos utilizadores segundo a “Faixa Etária” e o “Grupo”, no Largo da Severa, durante a semana.	140
Tabela 04. Valores relativos aos utilizadores segundo o “Grupo” e a “Atividade”, no Largo da Severa, durante o fim de semana.	144
Tabela 05. Valores relativos aos utilizadores segundo o “Grupo” e a “Atividade”, no Largo da Severa, durante a semana.	145
Tabela 06. Tabela relativa aos utilizadores segundo o “Trajeto” e o “Sentido de Trajetória”, durante o fim de semana, no Largo da Severa.	146
Tabela 07. Valores relativos aos utilizadores segundo a “Faixa etária” e o “Grupo”, no Largo do Terreirinho, durante o fim de semana.	149
Tabela 08. Valores relativos aos utilizadores segundo a “Faixa etária” e o “Grupo”, no Largo do Terreirinho, durante a semana.	149
Tabela 09. Tabela relativa aos utilizadores segundo “Zonas de Permanência” e “Altura do Dia”, no Largo do Terreirinho, durante o fim de semana.	158

Tabela 10. Tabela relativa aos utilizadores segundo “Zonas de Permanência” e “Altura do Dia”, no Largo do Terreirinho, durante a semana. 158

Tabela 11. Tabela relativa aos utilizadores segundo a “Faixa Etária” e o “Grupo”, no Largo da Achada, durante o fim de semana. 162

Tabela 12. Tabela relativa aos utilizadores segundo a “Faixa Etária” e o “Grupo”, no Largo da Achada, a semana. 162

Tabela 13. Tabela relativa aos utilizadores (frequência) e percentagem equivalente de utilizadores segundo os Trajetos/ Percursos observados durante o fim de semana e a semana, no Largo da Achada. 163

Tabela 14. Tabela relativa aos utilizadores em “Permanência”, no Largo dos Trigueiros, durante o fim de semana e a semana. 171

Tabela 15. Tabela relativa aos utilizadores segundo a o “Tempo” que passaram no Largo dos Trigueiros, no fim de semana. 174

Tabela 16. Tabela relativa aos utilizadores segundo o “Grupo” e a “Atividade”, no Largos dos Trigueiros, durante o fim de semana. 175

Tabela 17. Tabela relativa aos utilizadores segundo o “Grupo” e a “Atividade”, no Largo dos Trigueiros, durante a semana. 175

Anexos

Anexo I - Tabela de Trajetórias

Dia e hora:

Local:

Período de Observação: 1º (-)

Clima:

Temperatura:

Nº Trajetória	Nº de transeuntes / utilizadores (1, 2,3,...)	Género (H/M)	Idade /Faixa etária (Criança/ Jovem Adulto/Idoso)	Velocidade de marcha	Atividade em marcha	Sentido da Trajetória	Tempo da Ocorrência (minutos)
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
8							
9							
10							
11							
12							
13							
14							
Total							

Anexo II - Tabela de Permanências

Dia e hora:

Local:

Período de Observação: 1º (-)

Clima:

Temperatura:

Nº Trajetória	Nº de utilizadores (1, 2,3,...)	Gênero (H/M)	Idade /Faixa etária (Criança/ Jovem Adulto/Idoso)	Atividade em permanência	Tempo da Ocorrência (minutos)
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					
12					
13					
14					
Total					

Anexo III - Entrevistas exploratórias aos utilizadores e habitantes de cada espaço

Dia _____ Hora _____

Local da entrevista _____

Gênero _____

Idade / Faixa Etária _____

A)Residência

Mora na Mouraria? _____

Se sim, há quanto tempo? _____

Suposição do tipo de agente _____

B)Frequência do(s) espaço(s)

Costuma frequentar este espaço? _____

Se sim, porquê? _____

O que o/a atrai neste espaço? _____

Que atividades costuma vir cá fazer? _____

Sozinho (a)? Acompanhado (a)? _____

Se não, porquê? _____

Acha que há alguma coisa que poderia ser feita para tornar este espaço mais agradável para que pudesse passar a frequentá-lo? _____

Costuma frequentar outro na Mouraria? _____

Qual? _____

Porquê? _____

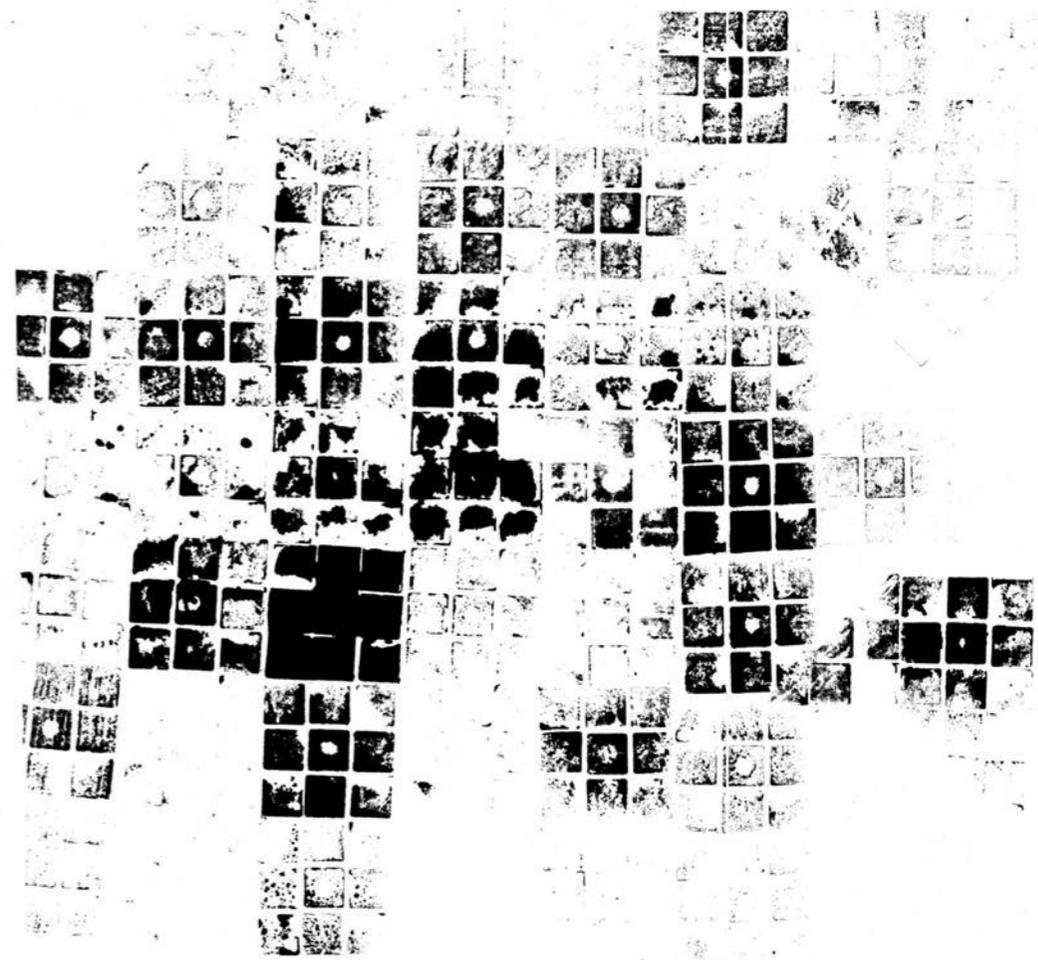
O que o atrai nesse espaço? _____

Ideia associada ao local _____

**vertente
prática**

grupo

marca
texto
espacio



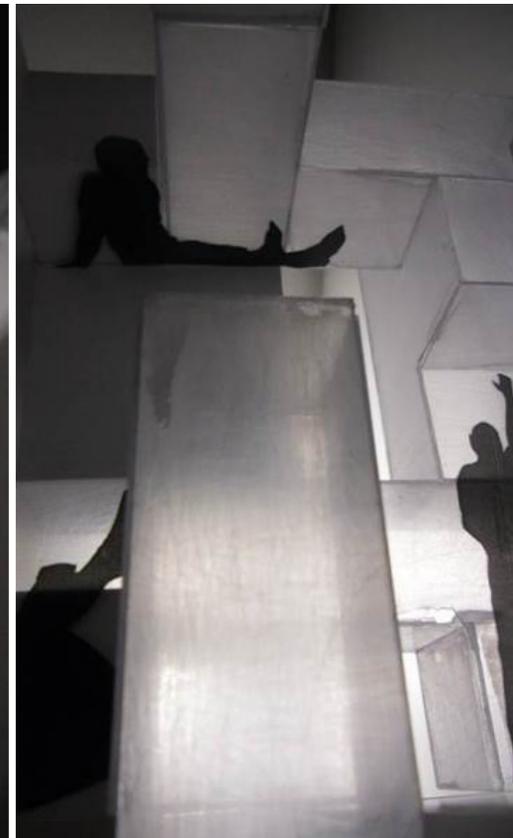
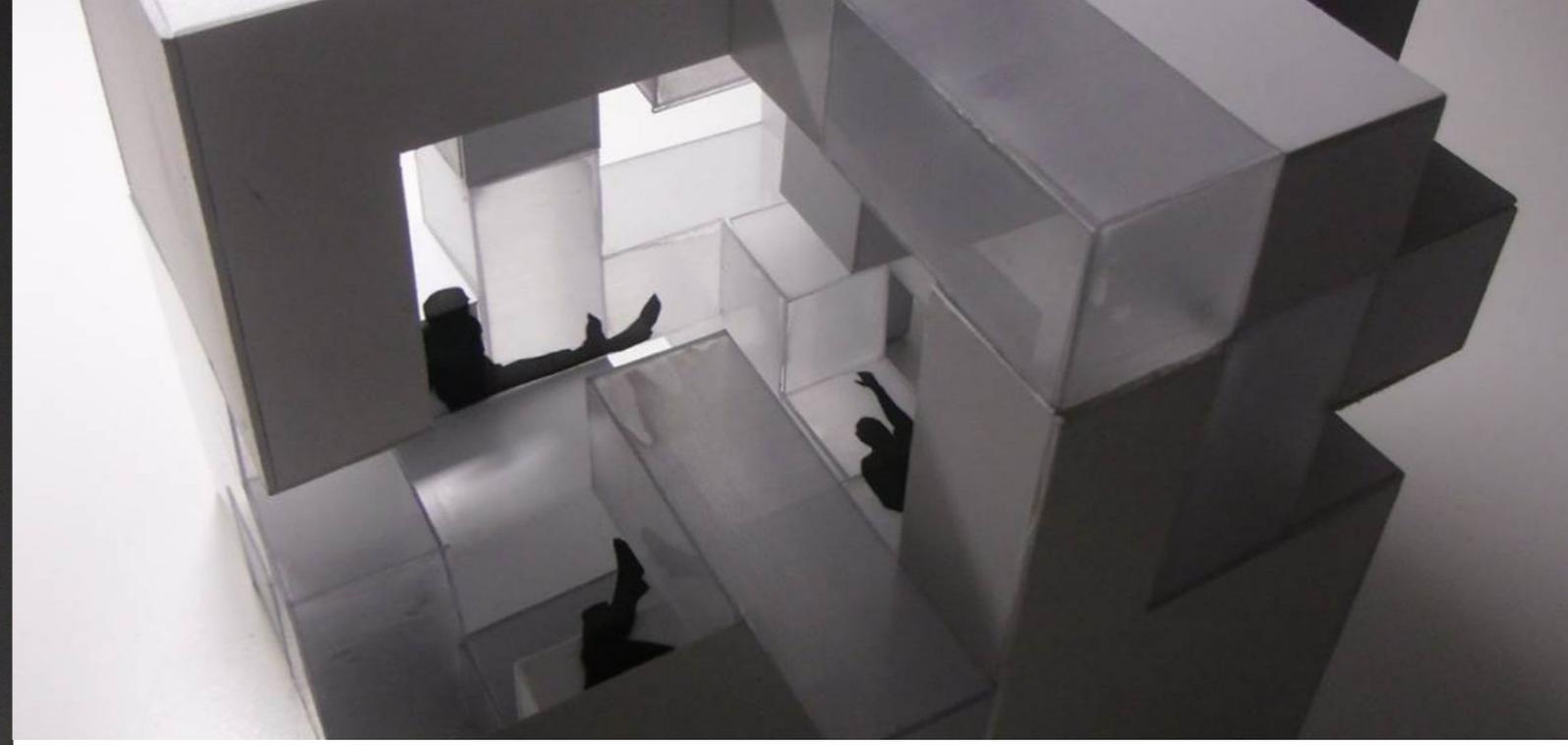
a marca

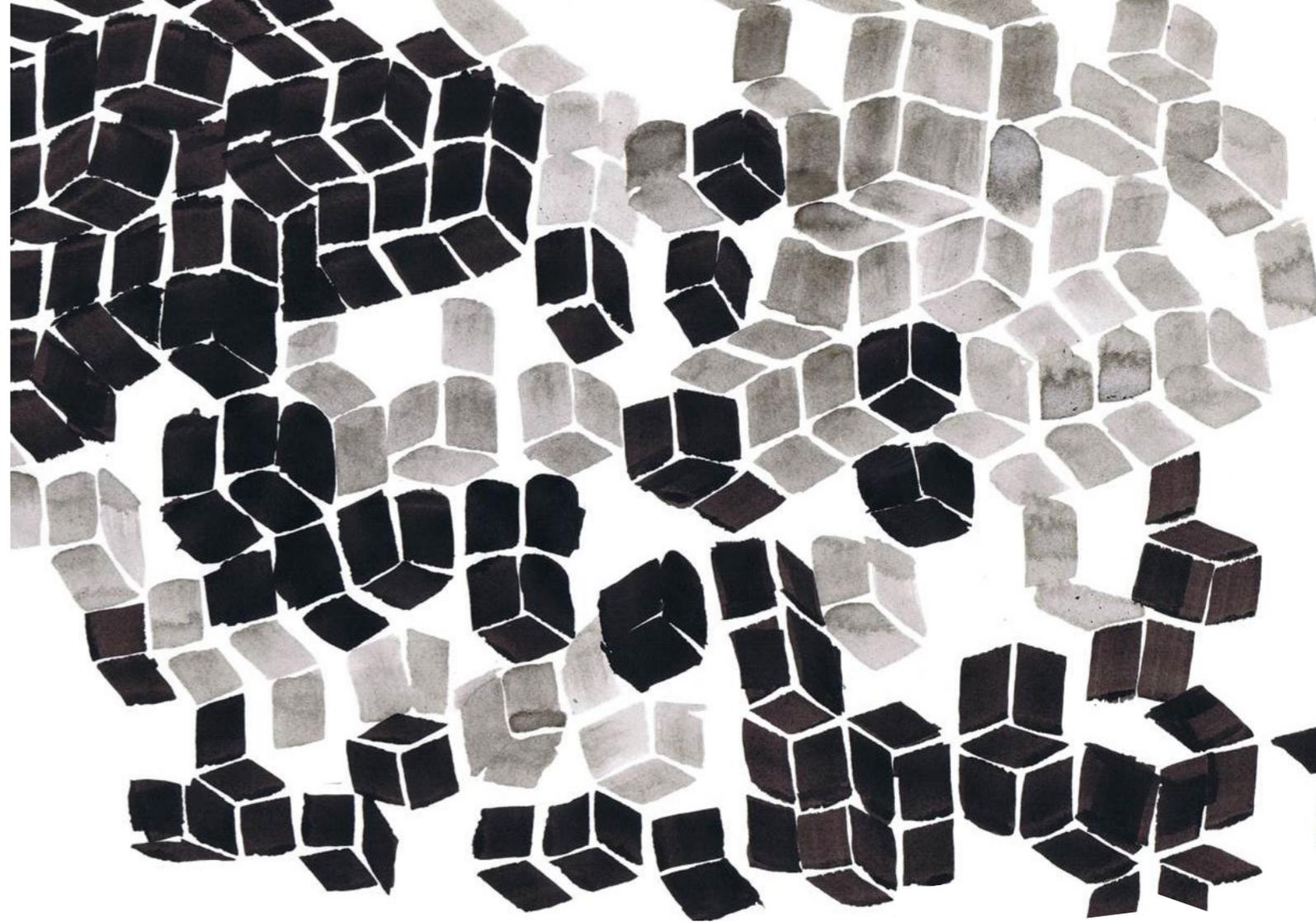
A partir de um objecto de uso comum, o cubo Rubik, produzimos a marca gráfica, usando o cubo como carimbo embebido em tinta-da-china, sobre papel cavalinho, num processo de repetição, sobreposição e rotação do objeto.

“Se comparássemos uma divisão de residência japonesa com um desenho a tinta-da-china, os *shōji* corresponderiam à parte em que a tinta está mais diluída e o *toko no ma* ao sítio em que se encontra mais espessa. De cada vez que contemplo um *toko no ma*, essa obra-prima do requinte, fico maravilhado por constatar até que ponto os Japoneses conseguiram penetrar nos **mistérios da sombra**, e com que engenho souberam utilizar **jogos de luz e sombra**. E isto sem visar especialmente um efeito determinado. Numa palavra, sem outro suporte para além de simples madeira e paredes nuas, compôs-se um espaço recatado onde os **raios luminosos** que aí deixamos penetrar produzem, aqui e além, **recantos** vagamente escurecidos. E no entanto, contemplando as **trevas** escondidas atrás da viga superior, em redor de uma jarra de flores, sob uma prateleira, e sabendo perfeitamente que são sombras insignificantes, experimentamos a **sensação** de que, nesses locais, o ar encerra uma **espessura de silêncio**, que uma **serenidade** eternamente inalterável reina nessa **escuridão**. Afinal, quando os Ocidentais, falam de “mistérios do Oriente”, é bem possível que se refiram a essa **calma** um pouco **inquietante** que a sombra segrega quando possui essa qualidade. Eu próprio, nos meus tempos de criança, quando arriscava uma olhadela ao fundo do *toko no ma* de um salão ou de uma “biblioteca”, que os **sol** nunca aflora, não conseguia evitar uma indefinível apreensão, um calafrio. Mas onde está, então, a chave do mistério? Muito bem, vou trair o segredo: vendo bem, é apenas a **magia da sombra**; expulsem essa sombra que se forma em todos os recantos e o *toko no ma* regressará imediatamente à sua realidade banal de **espaço vazio e nu**. Porque foi aí que os nossos antepassados se mostraram geniais: souberam conferir ao universo de sombra deliberadamente criada, delimitando um espaço rigorosamente **vazio**, uma qualidade estética superior à de qualquer fresco ou decoração. Aparentemente, trata-se apenas de um puro artifício, mas de facto as coisas são muito menos simples que isso.” (Tanizaki, 2008: 45-46).



o espaço

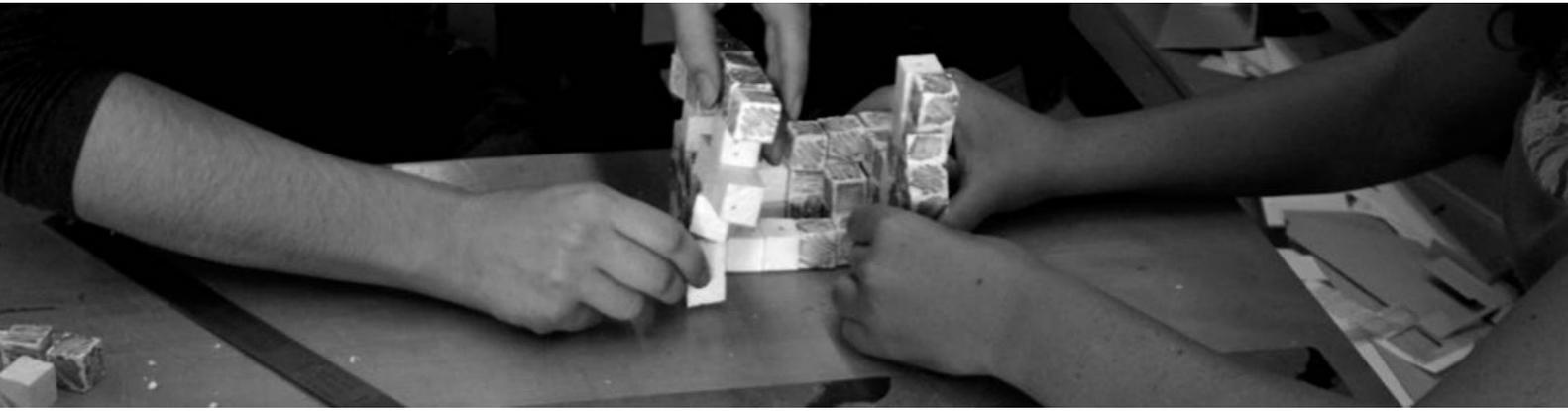




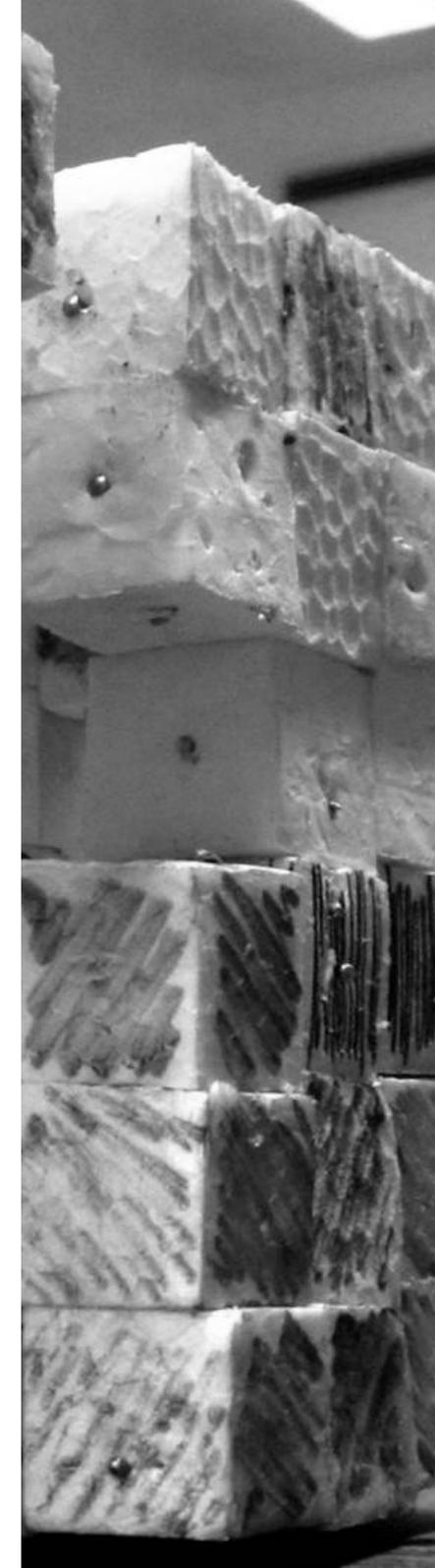
Esquício da espacialidade
tinta da china sobre papel
Vanessa Silva



Secções do objeto



storyboard



Maqueta de estudio

loafalé

Mais do que uma simples resposta formal ao programa, a nossa proposta parte de uma reflexão sobre o sítio. Um confronto entre a arquitetura funcional pré-existente, o hospital, com uma estrutura que, apesar de efêmera, deixa uma marca simbólica da sua presença, oferece um novo caráter à cidade: uma maior abertura à diversidade cultural, muito característica de Bafatá.



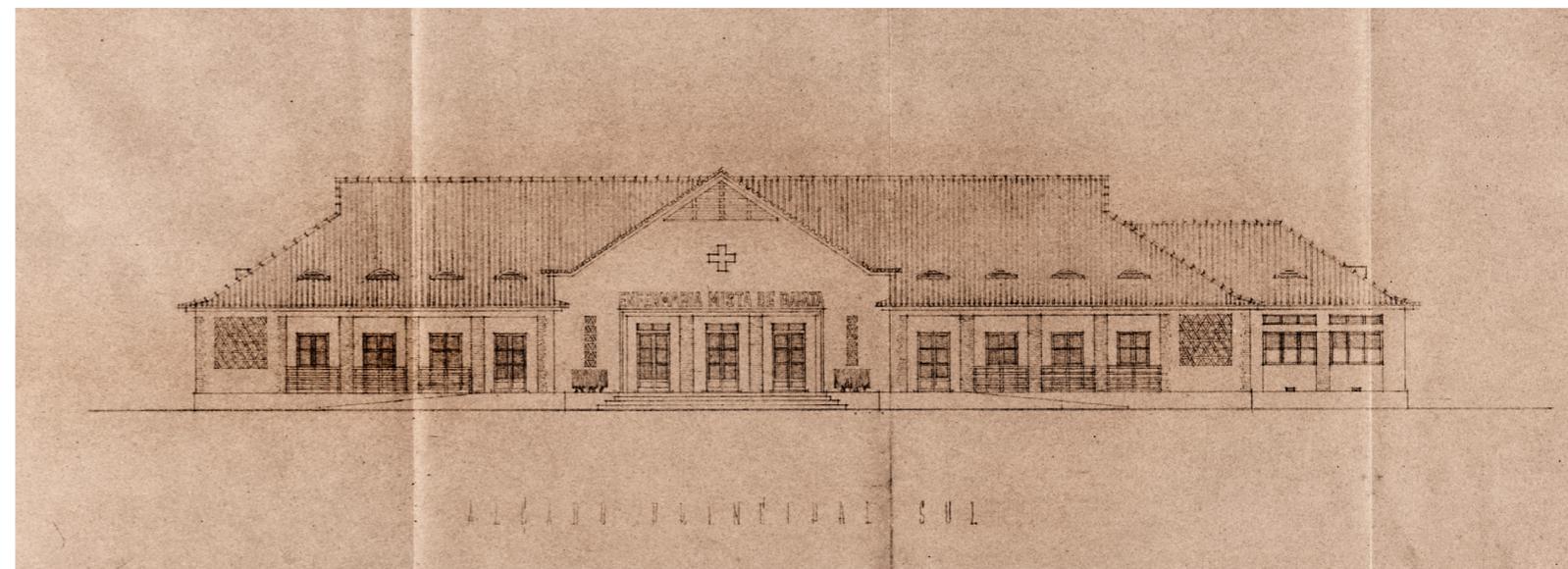
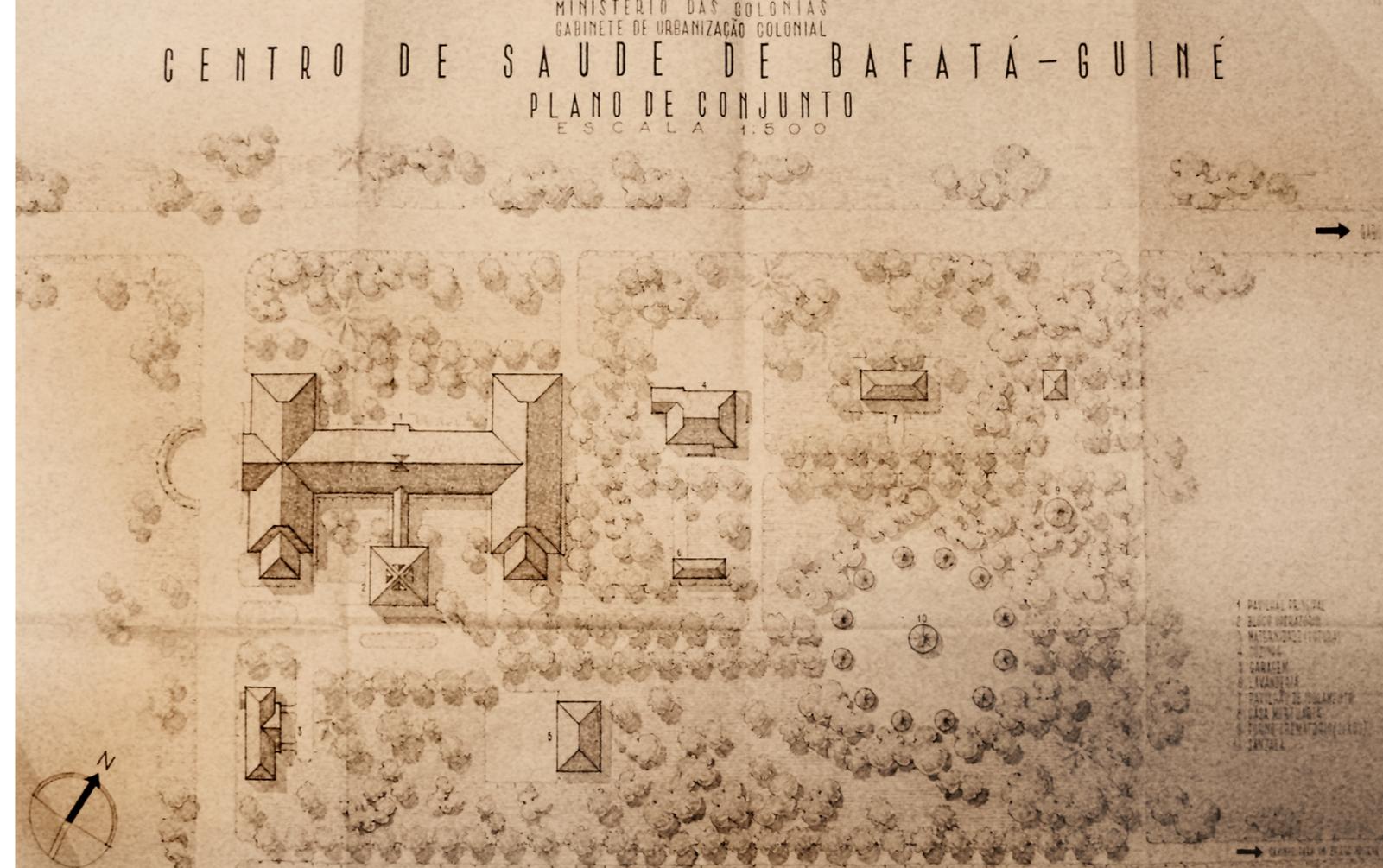


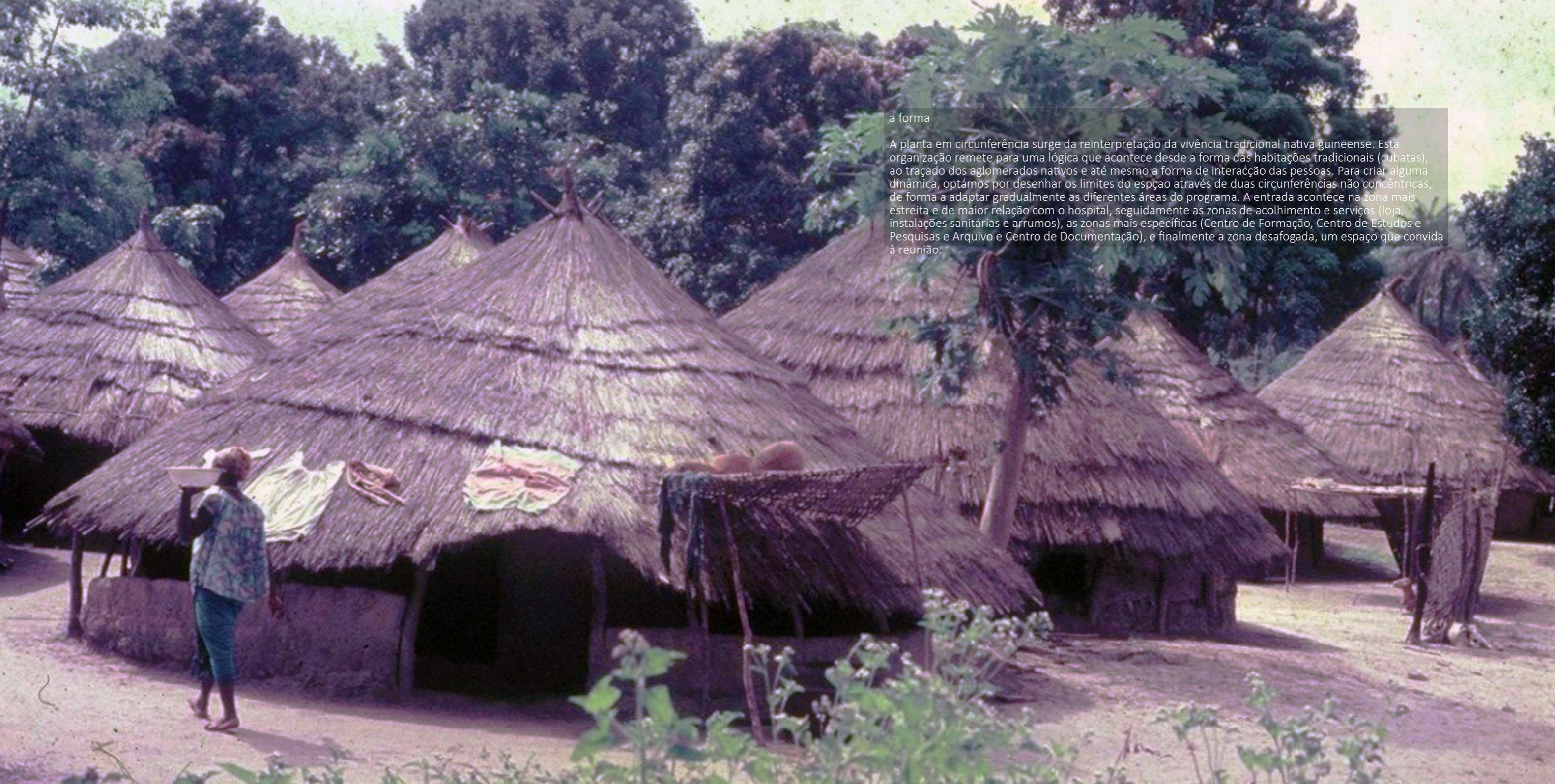
o lugar

O projecto do Centro Interpretativo será implantado junto ao hospital, relacionando-se com a avenida principal da cidade e a rua que culmina na casa onde nasceu Amílcar Cabral. Esta localização é estratégica pela sua proximidade com a entrada da cidade e com o seu eixo estrutural urbano, ao longo do qual surgem os edifícios públicos.

O Hospital de Bafatá, anterior Enfermaria Mista, foi projetado em 1946, pelo arquiteto João Simões enquanto funcionário do Gabinete de Urbanização Colonial. Trata-se de um edifício que se desenvolve apenas num piso térreo, assente sobre um embasamento. Da volumetria simétrica, destaca-se um corpo central de frontão triangular ladeado por galerias alpendradas que permitem a ventilação do edifício e o protegem do calor. O edifício segue uma filosofia de desenho pragmática, que pretende resolver os problemas inerentes ao clima característico do sítio, juntamente com um entendimento moderno do programa com uma linguagem de configuração tradicionalista portuguesa. É possível afirmar que o Hospital de Bafatá é uma obra de arquitetura tropical assente em princípios funcionais, construído, segundo a linha de pensamento de João Aguiar em *L'Habitation dans les pays tropicaux*, “com características especiais adaptadas ao clima, exigindo a adoção de elementos de proteção destinados a contrariar a influência de agentes climáticos” (Milheiro, 2011, p.10). Neste contexto, propomos confrontar a funcionalidade extrema do desenho de João Simões, com a ideologia inerente ao efémero e à forma do Centro Interpretativo, acentuado pela informalidade dos percursos pedonais existentes, integrados na nossa proposta.

Hospital de Bafatá, João Simões, 1946.
Fonte: AHU





a forma

A planta em circunferência surge da reinterpretação da vivência tradicional nativa guineense. Esta organização remete para uma lógica que acontece desde a forma das habitações tradicionais (cubatas), ao traçado dos aglomerados nativos e até mesmo a forma de interação das pessoas. Para criar alguma dinâmica, optamos por desenhar os limites do espaço através de duas circunferências não concêntricas, de forma a adaptar gradualmente as diferentes áreas do programa. A entrada acontece na zona mais estreita e de maior relação com o hospital, seguidamente as zonas de acolhimento e serviços (loja, instalações sanitárias e arrumos), as zonas mais específicas (Centro de Formação, Centro de Estudos e Pesquisas e Arquivo e Centro de Documentação), e finalmente a zona desafogada, um espaço que convida à reunião.

o conceito

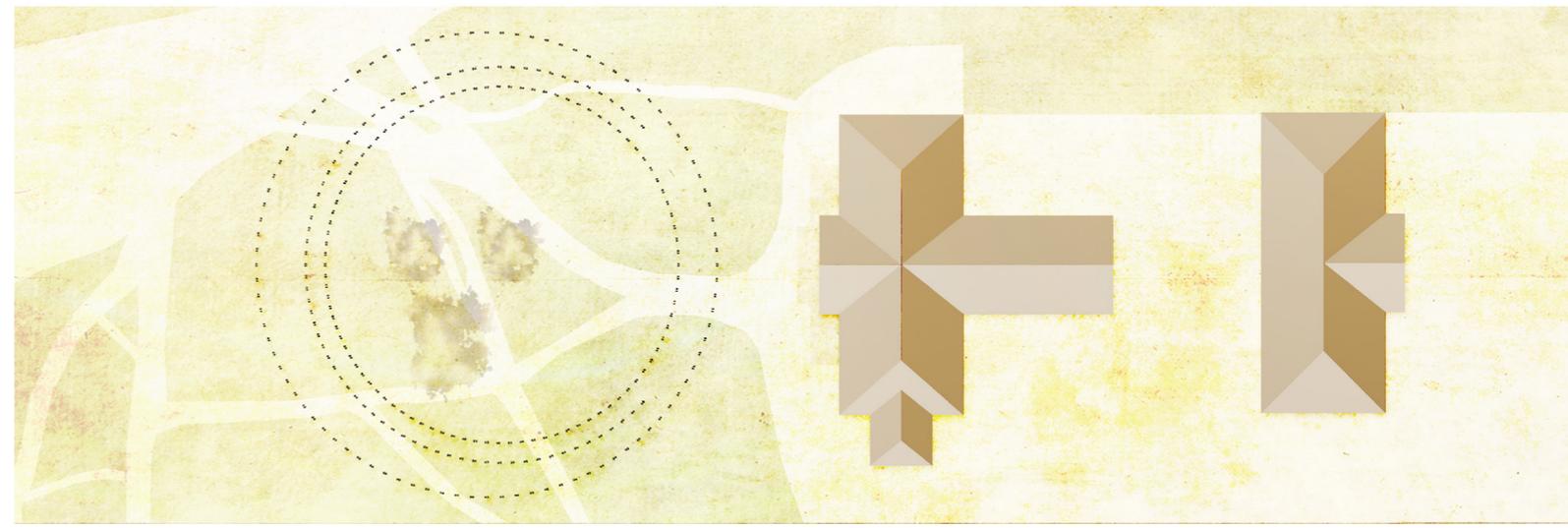
No Exercício de Arranque trabalhamos a ideia da sombra dando-lhe uma lógica de materialização, espacialidade e gravidade. Como referência às ideias desenvolvidas, reinterpretámos esta mesma lógica através da estrutura, onde criamos uma gradação visual que funciona como um filtro, deixando entrar ou não a luz, num jogo de sombras. Todo o projecto é envolvido por uma ideia de convergência gravitacional, relacionando-se constantemente com o seu coração, através de diversos elementos – inclinação da cobertura, galeria, ligação visual, bancos do auditório. Este coração não é formalmente definido, mas sim enunciado pelas árvores propostas e por percursos pedonais que atravessam este espaço, onde funciona o “palco” do auditório.

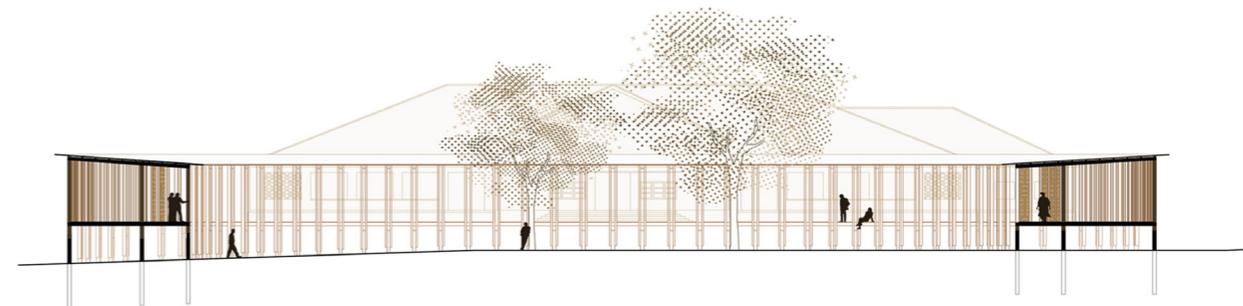
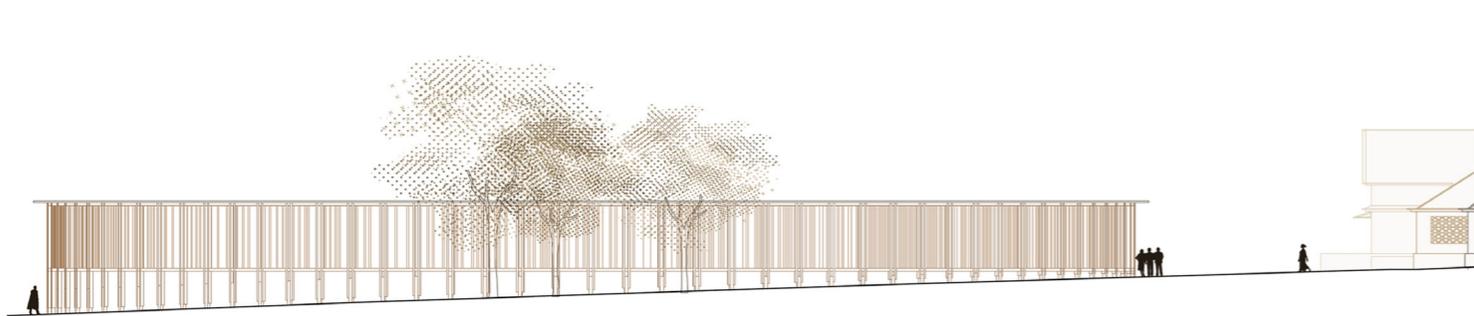




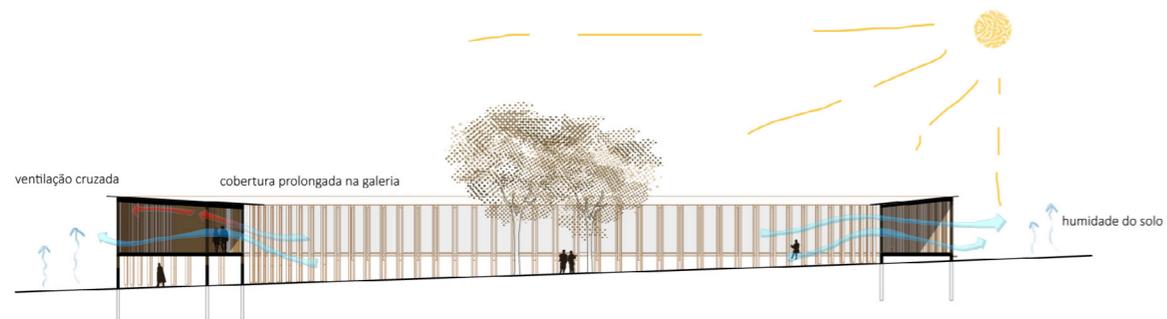
Em cima
planta centro interpretativo

À direita
esquema relação do centro interpretativo com o hospital
(antes, durante e após intervenção)





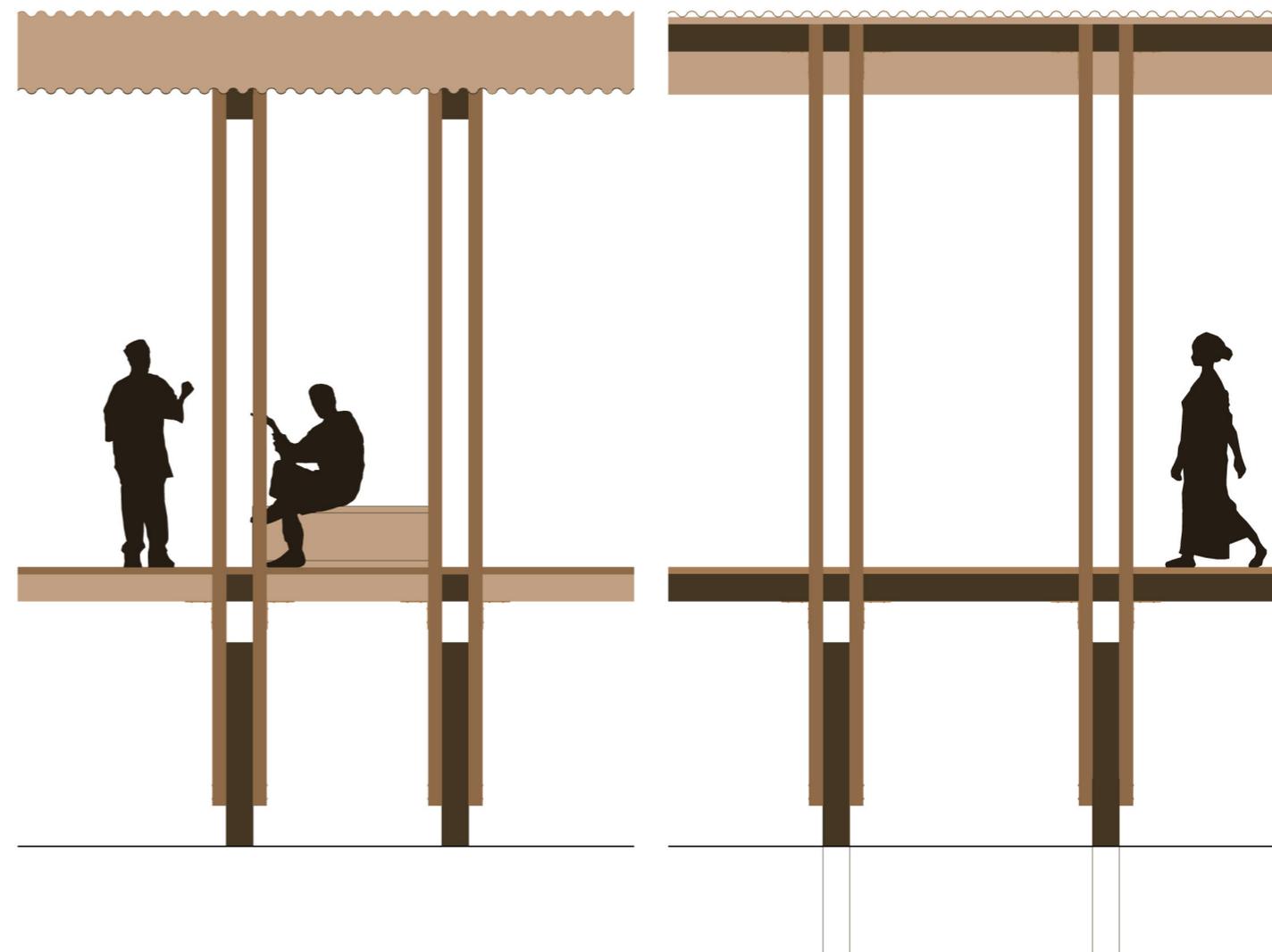
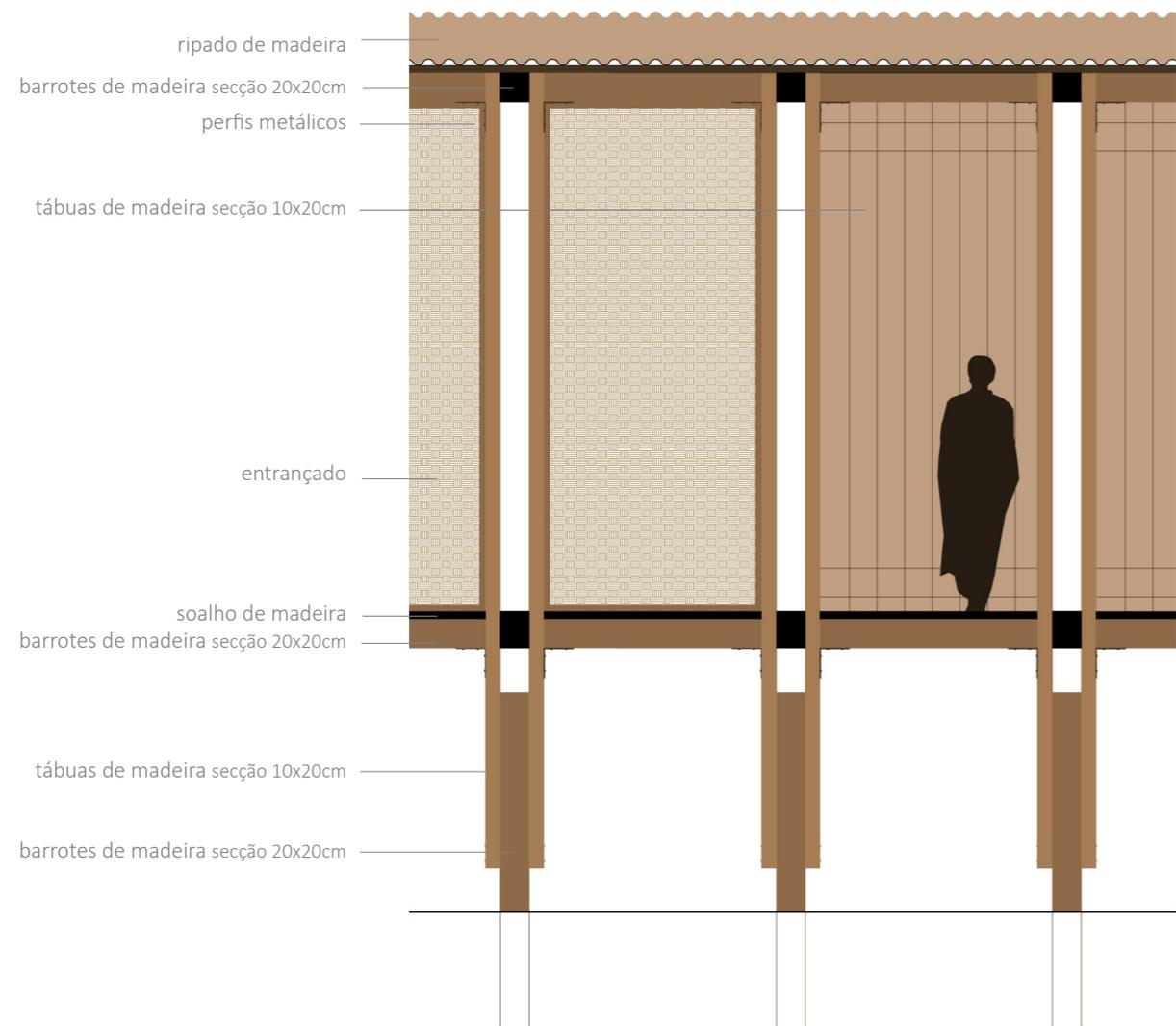
Em cima:
Alçado e .corte
Em baixo:
Planificação interior e exterior

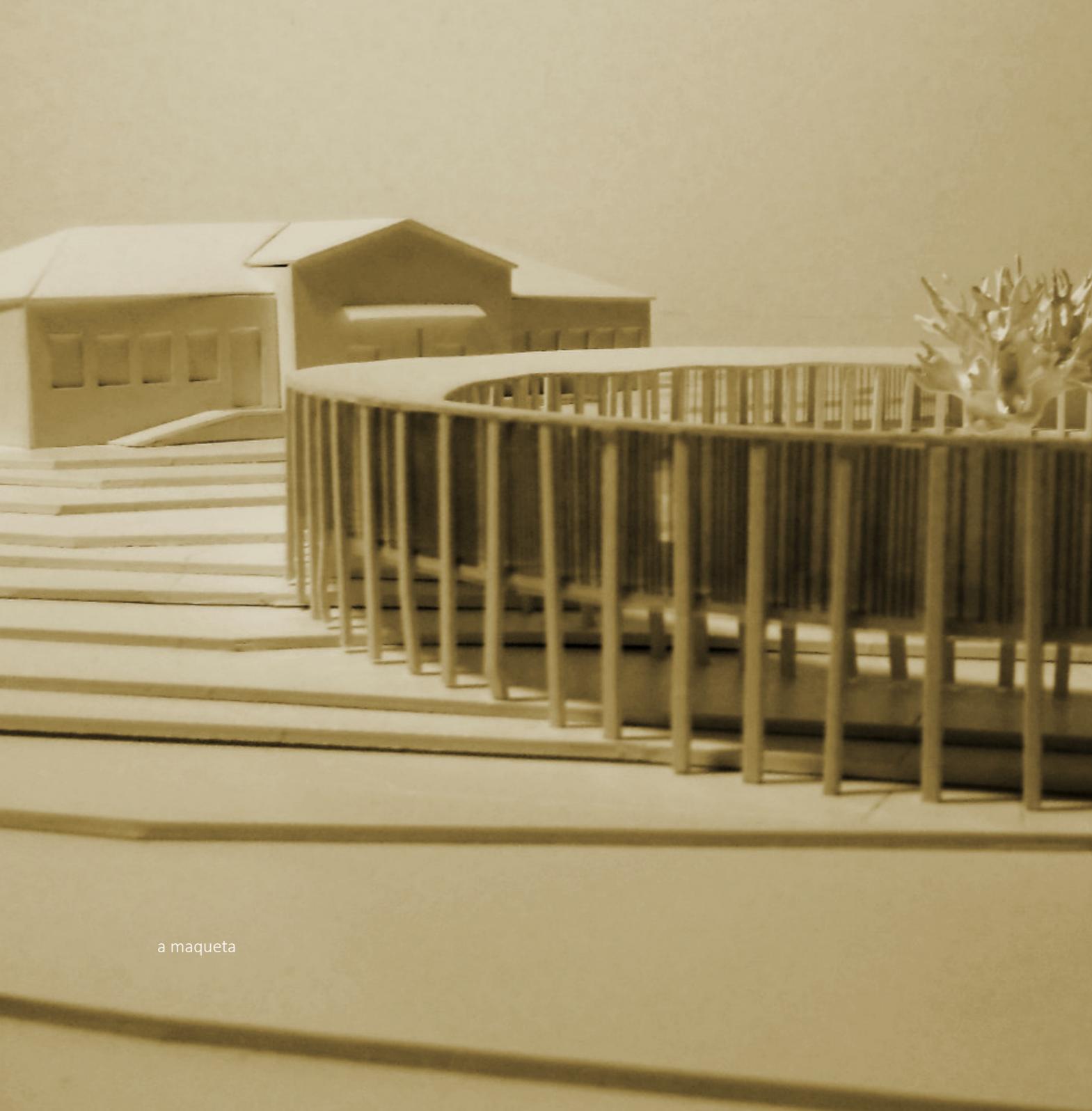


a estrutura

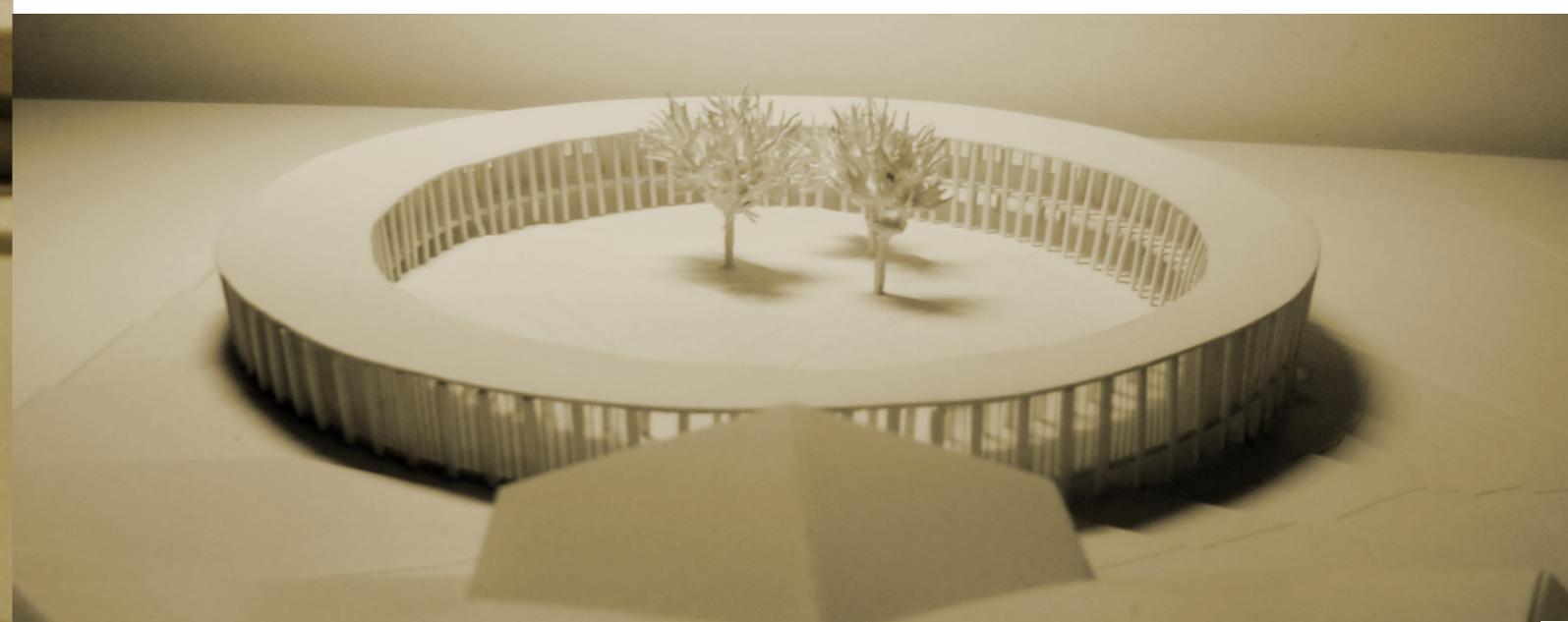
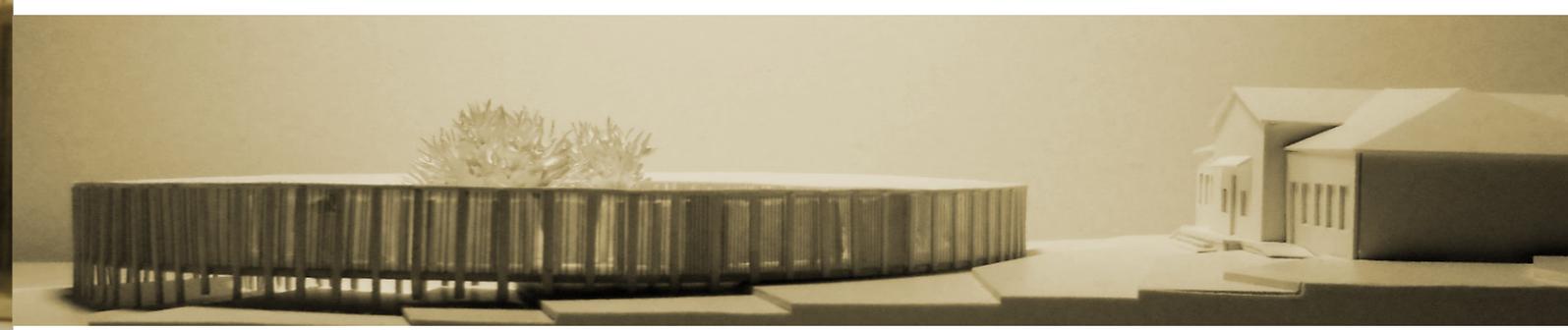
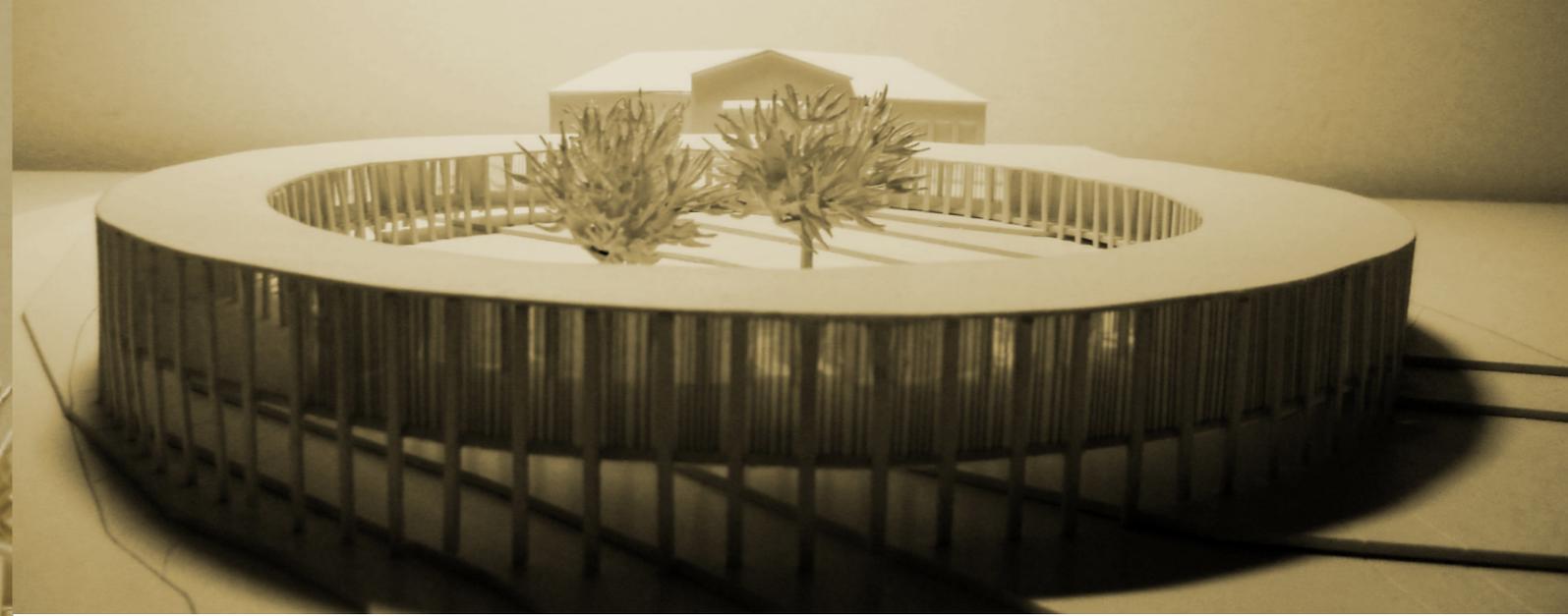
Com o objetivo de acentuar o carácter efêmero da estrutura e distanciar-se do lugar, elevámo-la do terreno através de um sistema de estacas, o que é aproveitado para resolver a questão das cheias e da humidade do solo. Todo o sistema construtivo é composto por elementos de madeira, desde barrotes de fundação, às tábuas que compõem as paredes e suportam a cobertura. Também houve uma preocupação de ir ao encontro dos materiais locais, neste caso a utilização dos painéis de entrançados de bambu que resolvem as paredes da galeria. É no detalhe do sistema construtivo proposto que se encontra o interesse arquitetónico do projeto. Ao mesmo tempo que resolve questões técnicas em resposta ao clima tropical, como por exemplo o espaçamento entre as tábuas que compõem as paredes, cria um jogo de sombras e também permite a ventilação cruzada. Deste modo tentámos conciliar os 3 princípios Vitruvianos- solidez, utilidade e beleza.







a maqueta





a marca

Como marca da presença do centro interpretativo, propomos manter as árvores plantadas, os percursos pedonais e os barrotes estruturais, delimitando um espaço que poderá, posteriormente, ser utilizado para diversas atividades da comunidade.

amoretas
2033

evolução histórica

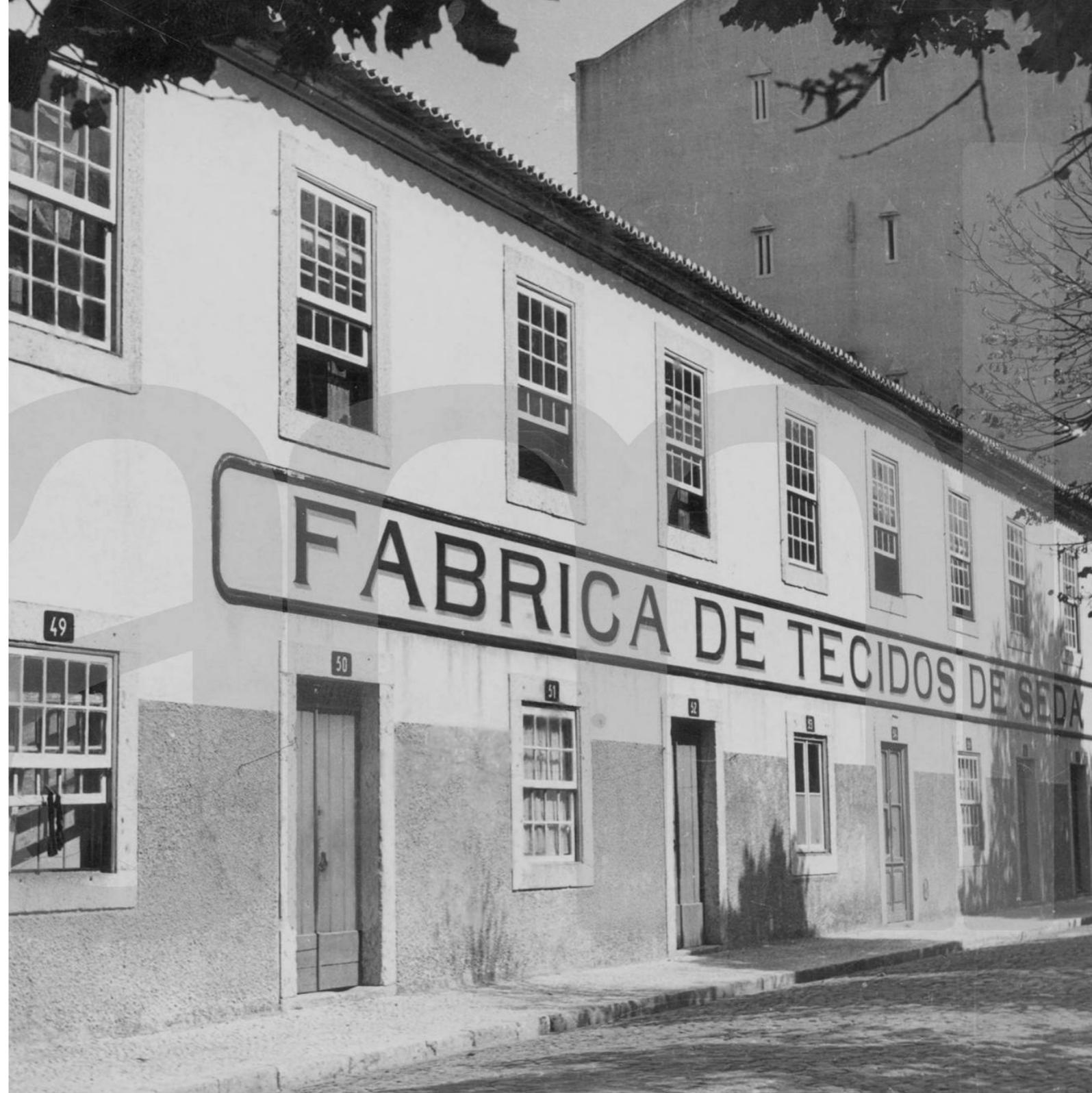
A zona das Amoreiras, atualmente beneficiada quer pela sua proximidade ao centro tradicional quer pela periferia imediata da cidade, deve o seu desenvolvimento mais considerável à presença do Aqueduto das Águas Livres (1713-1748). Até à sua construção, toda a área era isomente ocupada por alguns conventos e quintas, como é exemplo o Convento das Trinas do Rato (1614-1721). O tema da água era de extrema importância ao garantir a autonomia da cidade. A sua qualidade, quantidade e forma de abastecimento eram relevantes nos rituais de implantação, fundação e expansão da cidade, e consequentemente, no seu desenho urbano. De acordo com o *Journal Entranger de Paris*, em 1755, o aqueduto das Águas Livres era a “mais magnífica e a mais sumptuosa empresa deste género sem excluir as dos Romanos e dos Franceses”. A sua construção concedeu ao Largo do Rato um novo carácter: espaço de intercâmbio entre o urbano e o rural. É importante mencionar que o aqueduto, construído sobre uma falha sísmica, foi edificado paralelamente a vestígios encontrados de um aqueduto romano. Apesar do interesse de D. João V na sua construção, a obra foi inteiramente paga pelo tributo da população ao longo de várias décadas. O soberano unicamente zelou pelo andamento da obra e pela justeza dos gastos e estabeleceu que a expropriação dos terrenos deveria ser feita mediante um preço justo. Em simultâneo, foram edificadas casas, fábricas e rasgados novos arruamentos junto ao Largo do Rato.

Zona de intervenção 1856
redesenho sobre o levantamento de Lisboa de Filipe Folque

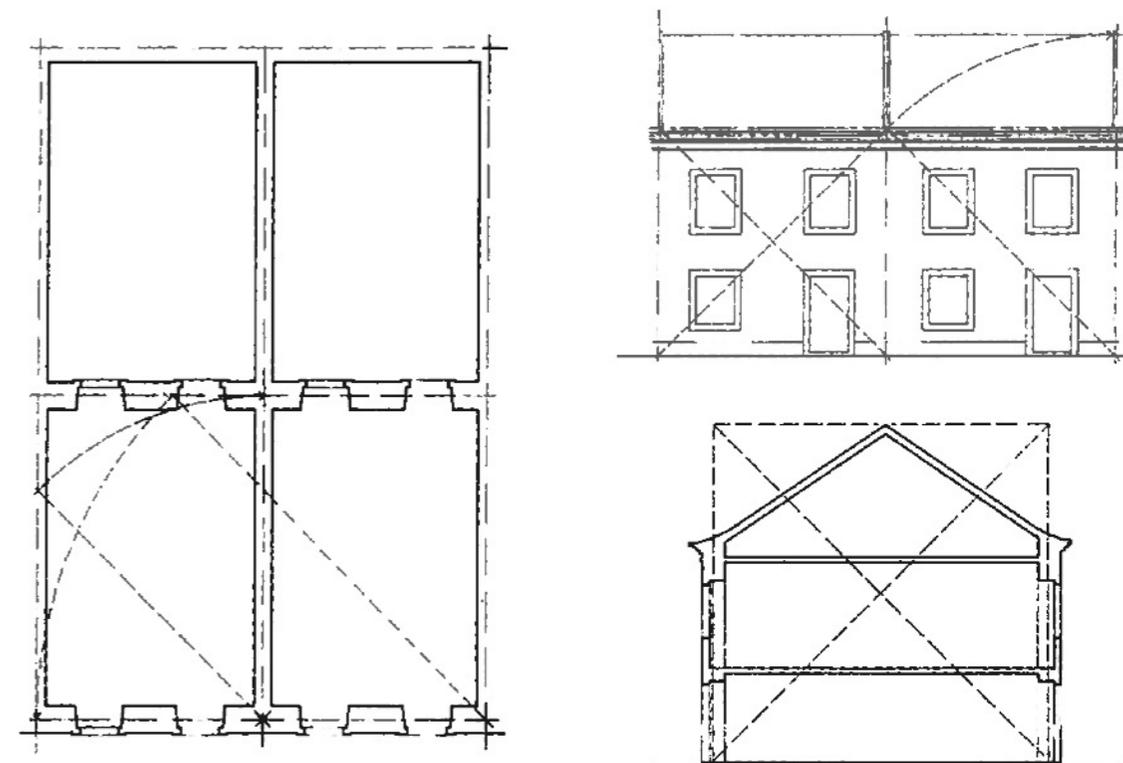


Aquando do terramoto de 1755, a zona das Amoreiras foi uma das mais poupadas na cidade. Conhecidas as suas potencialidades naturais e planeadas, e comprovada a sua segurança em termos sísmicos, o Estado mostrou interesse em construir no local, prevendo o crescimento da cidade sobre o eixo do já existente núcleo joanino da Fábrica das Sedas (reinstalada como Real Fábrica das Sedas em 1757), proibindo qualquer construção dentro dos limites definidos para a cidade. Aí foram instaladas novas indústrias: o Real Colégio das Manufacturas, a Fábrica dos Pentes (1764), a Fábrica dos Relógios (1765) e a Fábrica de Louça do Rato (1767). Foram criadas instalações provisórias para o Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo, na actual Praça das Águas Livres, e para o Convento de São Francisco. A proibição foi repetidamente violada com a construção de barracas no Largo do Rato, nas quintas a norte e na muralha da Mãe de Água e a construção de casa burguesas em toda a zona. A rua das Amoreiras rapidamente foi ladeada de casas até ao Largo de Campolide. Em 1759 foi desenvolvido um plano de urbanização do então conhecido Bairro das Águas Livres, compreendido entre a Mãe de Água, a actual rua Artilharia 1, o Rato e o Campolide. Enquadrando-se na reestruturação da Fábrica das Sedas, a agora Real Fábrica das Sedas “passava a ser uma unidade urbana pombalina de elite”, encarregue da construção de 60 casas com as quais se iniciou o processo de urbanização. A solução adoptada, de Carlos Mardel, datada de 1759, procurava respeitar, na generalidade, o plano anteriormente desenvolvido em 1756, pelo próprio, Eugénio dos Santos, Elias Poppe e Carlos Andreis: “a ideia da praça junto aos arcos e aproveitamento de muro de suporte criada pela Mãe de Água e o alto de São Francisco para nivelamento da encosta; a regularização do traçado da rua que o Rato e a para São Sebastião da Pedreira, actual Francisco Sales e Artilharia 1; o estabelecimento de uma malha ortogonal variada que articulasse as novas praças”. O desenho de Mardel propunha uma malha quadrada uniforme onde a praça correspondia à ausência de 2 quarteirões, marcando o eixo da praça pelo meio da arcaria e fechando por completo no seu limite poente sem libertar os cantos no enfiamento das ruas opostas. O Largo do Rato foi revisto segundo um eixo de simetria do chafariz. A largura das vias era de 40 palmos. Esta solução, em comparação com as restantes, revelava uma “maior calma e maturidade”, assumindo “um maior respeito e capacidade de valorização pela forte presença do conjunto final e monumental do Aqueduto”.

Fábrica de Tecidos de Seda, actual Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva
Fonte: AML



Apenas os 4 quarteirões que ladeiam a praça foram ocupados na época, com um total de 56 fogos. Quanto à construção dos fogos, estes apresentam uma estrutura do “tipo tradicional, com arcos de alvenaria e sobrado”, sendo que o ritmo entre os vãos varia com a mudança do fogo. “A cobertura é em duas águas longitudinais com tacaniças de remate nos topos. O beirado é nas traseiras directamente assente sobre a alvenaria, ao contrário do que sucede nas fachadas públicas. Como único elemento decorativo surgia um pequeno botão em calcário ao lado das portas. As peças de cantaria dos vãos têm dimensões que permitem o uso de uma peça em posições diversas o que, mais uma vez, confirma a produção seriada dos elementos construtivos” (Rossa, 2009, p.27). Cada quarteirão era definido com duas frentes de casas separadas por um pátio. Cada alçado apresentava duas janelas, de guilhotina quadrada, rectangulares no primeiro andar, e uma porta e janela, quase quadrada, no rés-do-chão. No centro da praça foi construído um chafariz, ladeado por 331 amoreiras plantadas pelo Marquês em 1771. No entanto, em 1863, foram substituídos por um jardim romântico e um novo chafariz. Da época desta intervenção é também a Capela de Nossa Senhora de Monserrate (1768), substituindo a barraca de madeira no Alto de São Francisco. De nave oitavada, apresenta no seu exterior uma fachada simples que se estrutura a partir de um quadrado com frontão sobreposto, “procurando inserir os frisos na continuidade dos do aqueduto” (*idem*, 2009, p.). Sobre a porta, com trabalho de cantaria simples, encontra-se uma janela.



Esquemas de composição dos espaços, alçados e volumes originais para os lotes do Bairro das Águas Livres
Fonte: Rossa, 2009, p.27

No século XIX, a Revolução Industrial provocou um considerável aumento da classe operária na cidade de Lisboa. Consequentemente foram construídos novos bairros (Estefânia, Campo de Ourique, o Bairro de Camões e, posteriormente, a Almirante Reis e as Avenidas Novas). A classe operária não tinha capacidade económica para ocupar estes bairros, alijando-se em habitações deprimentes, palácios arruinados e conventos. Foi neste contexto de habitação precária que surgiram os pátios e as vilas operárias. Na zona das Amoreiras destacava-se o Pátio do Biaggi, na rua das Amoreiras, composto por centenas de habitações. Tratando-se de um pátio, é provável que fosse desprovido de qualquer tipo de instalações sanitárias e de abastecimento de água, sem as condições mínimas de salubridade. As vilas eram edificações multifamiliares, sendo estas de dois tipos: edifícios alongados, em forma de corredor, e edifícios tipo bloco, com quatro fachadas de acesso central, em forma de pátio. Muitas vezes, a fachada principal fazia parte de um prédio burguês (pequena burguesia), sendo a vila ou o pátio destinado às famílias do operariado desenvolvidas nas traseiras. De materiais baratos, como o tijolo, o remate das coberturas era presente na maioria das vilas. Na zona das Amoreiras é possível ainda hoje encontrar a Vila Romão da Silva (pátio), a Vila Bagatella (com frente para a rua, de pátio alongado, 1890), o Pátio do Monteiro e a Vila Raul.

zona de intervenção 1910
redesenho sobre o levantamento de Lisboa de Silva Pinto
● vilas e pátios operários



A estrada da Circunvalação de Lisboa, construída em 1886, estabeleceu os novos limites da cidade. No seguimento dos estudos do Plano de Urbanização, iniciados em 1938 por Duarte Pacheco, foram rasgados novos arruamentos na zona das Amoreiras, por exemplo a rua D. João V (1942). Já em 1943, foram construídos vários prédios destinados à habitação da classe média alta, na área compreendida entre a rua das Amoreiras, a rua Silva Carvalho e a rua D. João V. Devido às ordens de Cristino da Silva, responsável por esses empreendimentos, os arquitectos do movimento moderno português, foram obrigados a sacrificar cordatamente ao novo gosto do tempo oficial, em contraste com as suas realizações inovadoras ainda recentes. A construção da Avenida Engenheiro Duarte Pacheco (1940) surge como elo de ligamento entre a Rotunda Marquês de Pombal e a Estrada da Circunvalação, e quebra a zona das Amoreiras em 2 partes.



Nessa mesma zona, entre 1955-1959, foi construído o Bloco das Águas Livres, projetado pelos arquitetos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral em colaboração com artistas plásticos e o arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Teles. Ao desenvolverem o projeto, estes arquitetos inspiraram o seu desenho no Bloco de Habitação de Marselha, de Le Corbusier. Por essa razão, a unidade de habitação, propondo um modo de vida coletivo ou comunitário, impunha-se como edifício moderno, diferente e de grande qualidade em relação à sua envolvente. Este bloco, pensado para ser auto-suficiente, é composto por um corpo principal com 12 piso, dos quais oito são de habitação, um de escritórios e um de comércio, sendo também equipado com uma sala de festas, reuniões e exposições, terraço e habitação para o porteiro. Cada piso tem sete fogos que variam entre quatro diferentes tipologias. A sua fachada nobre foi pensada para os residentes enquanto que a fachada oposta para acesso dos serviços vários.

Bloco das Águas Livres
Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa, 1953
Fotografia de Claudia Diniz



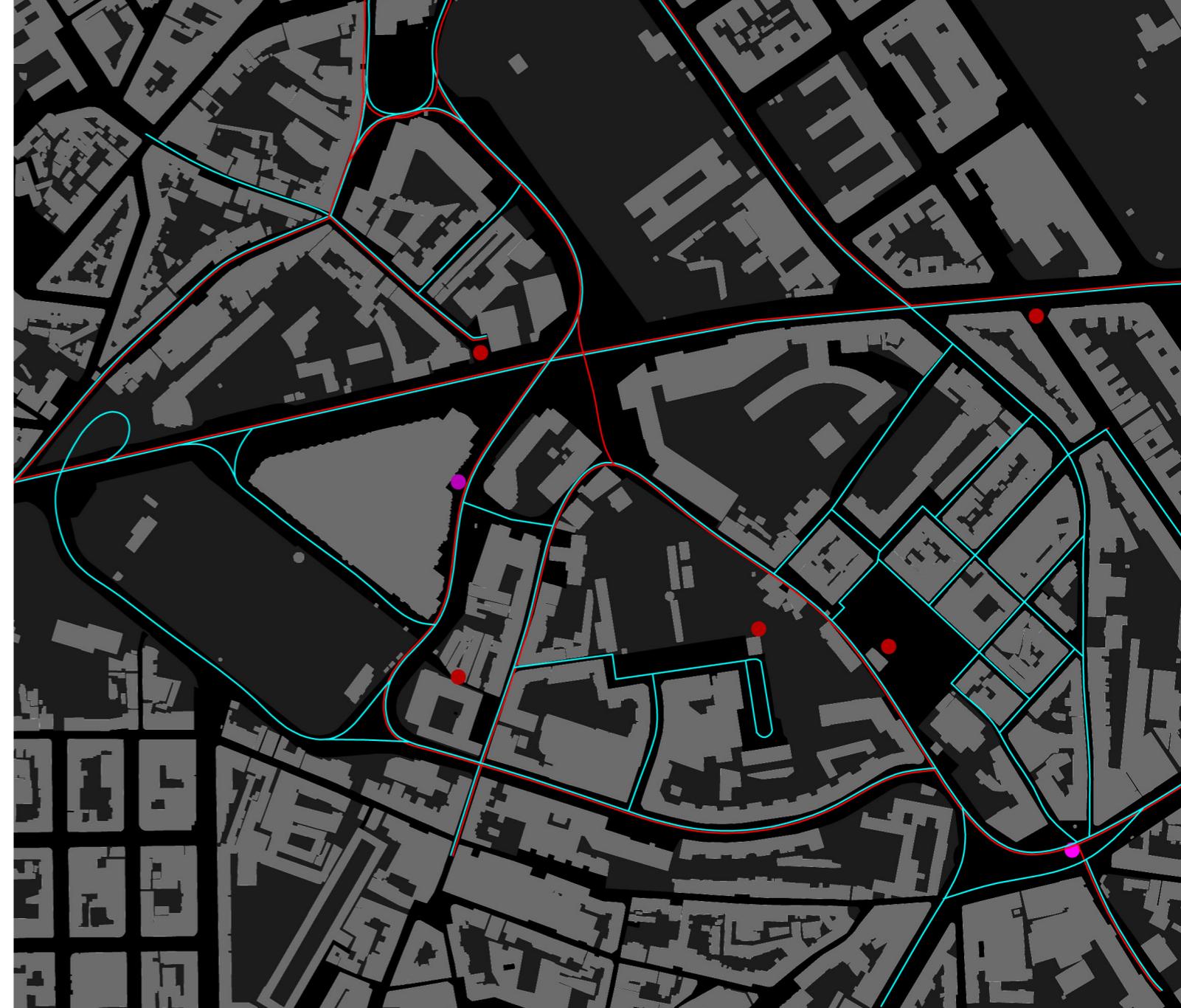
Um dos projectos que maior impacto teve sobre a zona foi o Complexo das Amoreiras (1980-87), pelo arquitecto Tomás Taveira. Este localiza-se na Avenida Engenheiro Duarte Pacheco, no alto da Colina das Amoreiras. Desenvolvido numa altura em que o abandono das actividades ligadas à indústria tinham libertado grandes espaços dentro das cidades, foram construídos edifícios funcionais destinados a escritórios e comércio de modo a renovar essas zonas, criando assim um novo centro urbano. Neste complexo trabalham pelo menos sete mil pessoas em actividades ligadas ao serviço, comércio, actividades culturais e administração. A implantação deste complexo teve impactos consideráveis na zona, como por exemplo no aumento do tráfego, alteração do carácter da área, quer pelas suas formas arquitectónicas, quer pelos usos, e a renovação da estrutura urbana da área, não só reorganizando o espaço urbano privado, como também definindo-lhe um desenho mais compacto. No entanto, o maior impacto deu-se na alteração da imagem de Lisboa quer pela sua localização quer pela sua altura, sendo visível de vários pontos da cidade. A sua implantação fomentou a construção nesta área, contribuindo assim para a sua regeneração: o Diana Park, no novo edifício da Mundifer e o Hotel D. Pedro. Atualmente, a zona das Amoreiras mantém-se uma área da cidade de grande valor imobiliário. Apesar de uma heterogeneidade, quer a nível de usos, quer a nível de população, prevalecem pessoas com algum poder económico. Enquanto que algumas das vilas operárias são ocupadas por pessoas de baixo rendimento, algumas estão a ser transformadas em equipamentos de apoio ao serviço terciário (restauração, comércio). Apesar do abrandamento do desenvolvimento do centro de escritórios causado pelo desenvolvimento da zona da Expo, mantém-se um centro importante na zona que influencia toda a sua envolvente. Ainda é possível encontrar comércio tradicional.

Complexo das Amoreiras
Tomás Taveira, 1980-87
Fotografia de Rita Patinha

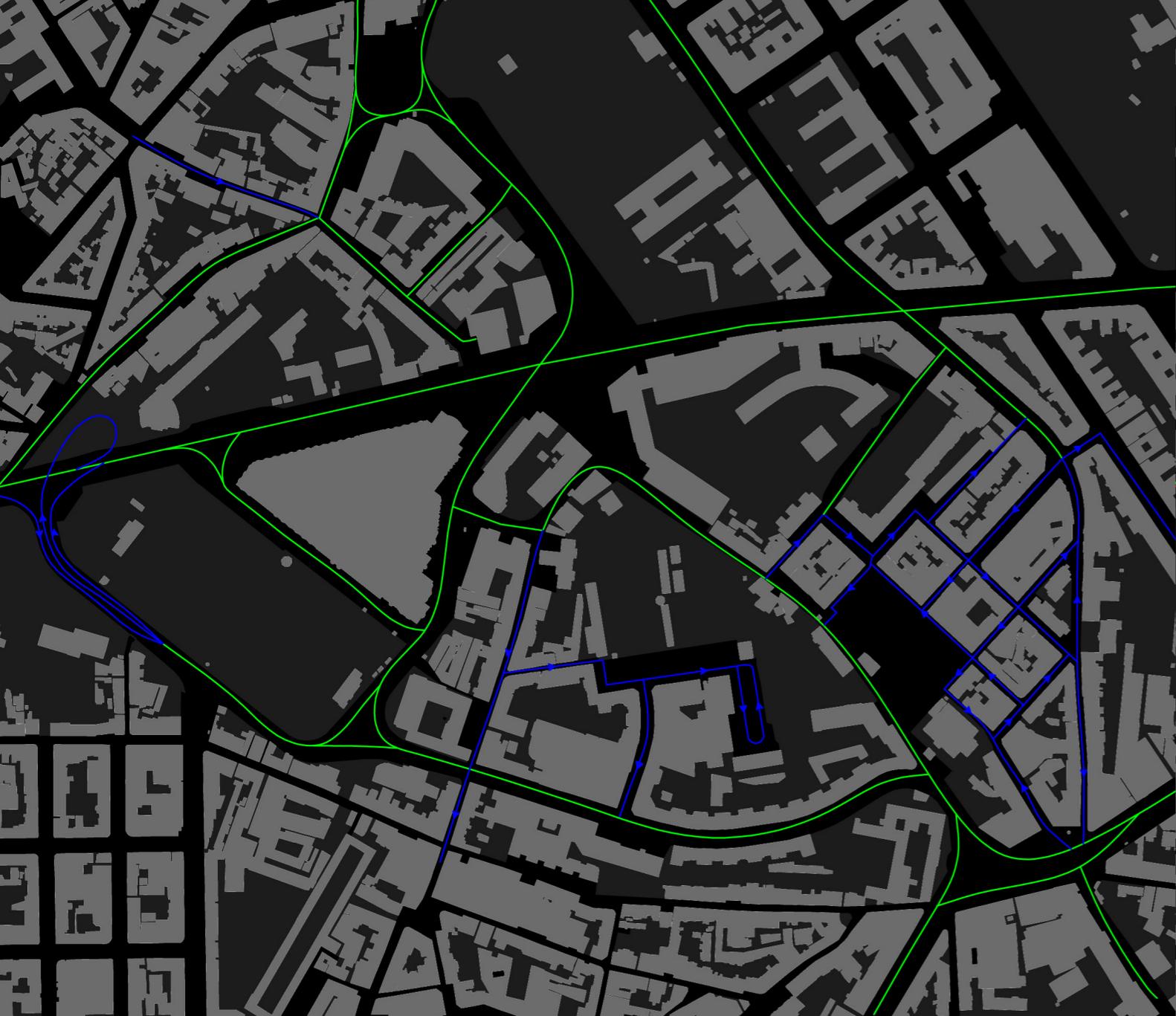


mobilidade

Do ponto de vista do peão, a circulação nesta zona é considerada normal. Sendo que por normal considera-se a privilegiação dos transportes rodoviários, e dada que esta é intensa e em grandes quantidades, por existirem grandes vias e cruzamentos de grande densidade automóvel, mais vezes e mais demoradas são as interrupções no percurso pedonal. O percurso pedonal contínuo (ininterrupto) é inexistente. Não existem ciclovias. O meio de transporte predominante é o carro. A circulação na cidade, ao longo dos anos, tem vindo a aumentar em relação á densidade automóvel. Há 20 anos a circulação na cidade seria mais sustentável e no futuro também deveria ser, privilegiando-se o percurso pedonal, de bicicleta e os transportes públicos eléctricos. Devido à tão vasta rede viária, que vive dentro desta zona, e por as Amoreiras se localizarem praticamente no centro geométrico de Lisboa, a deslocação a partir de qualquer ponto até aqui é feita de forma extremamente acessível: chega-se rapidamente, vindo de várias direcções, através de vários meios transporte e possível a todos os visitantes. O transporte colectivo predominante é o autocarro, cujo maior número de carreiras ligam as Avenidas Novas à periferia da cidade, passando pelas Amoreiras. Existe a necessidade de integrar as Amoreiras na rede de Metropolitano de Lisboa, para aumentar a diversidade do transporte colectivo. Por haver uma dispersa e ampla rede viária, os seus cruzamentos tornam-se frequentes. Estes são de grande dimensão e intensidade, devido à densidade de transportes e às necessárias mudanças de direcções. Assim, o acesso pedonal torna-se limitado de certa forma, e sendo o peão quem vive e constrói a cidade, limita-se a si próprio, pois quem conduz os automóveis, que não ele próprio?



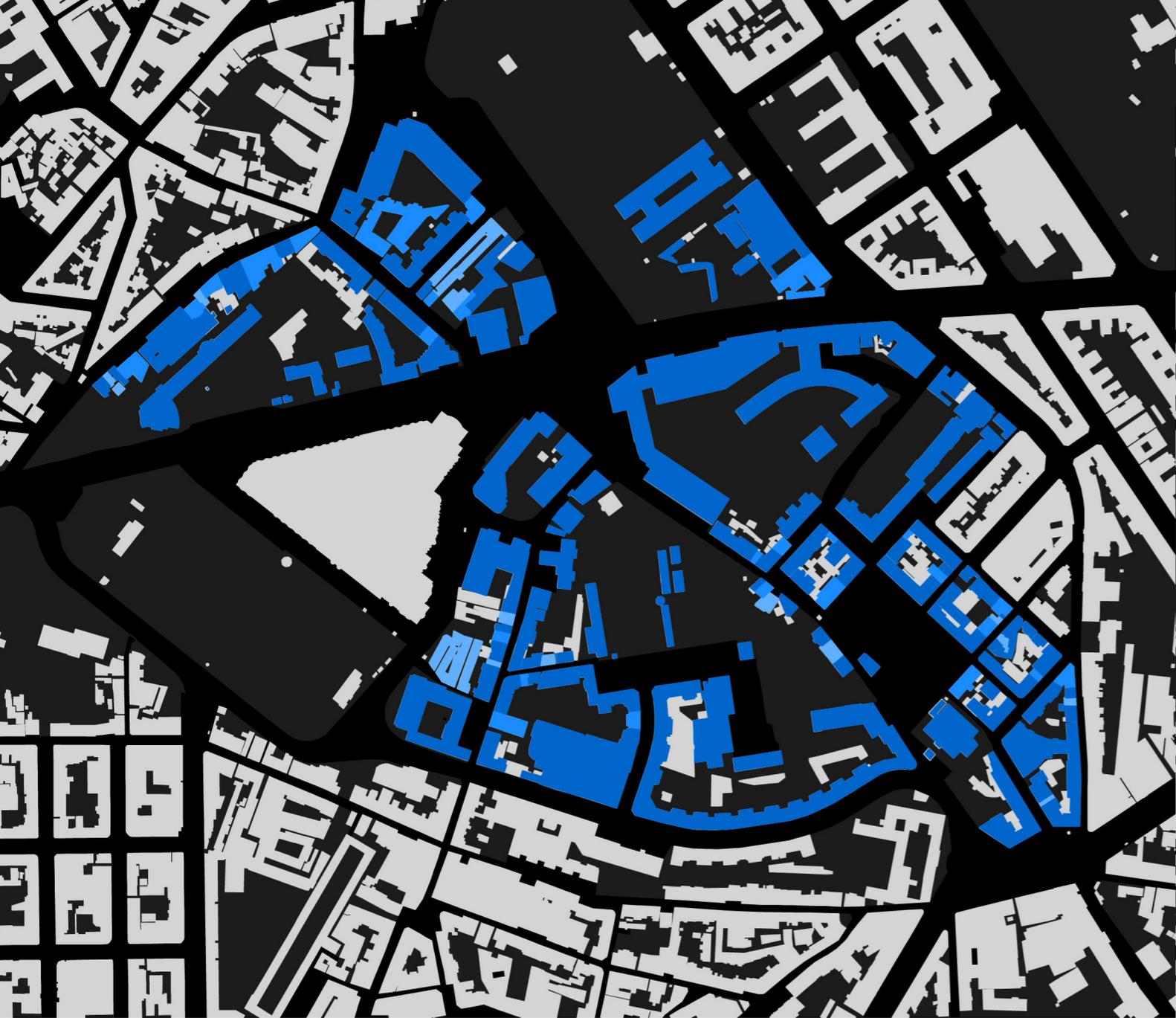
Meio de transporte carros — autocarros — bicicletas ● comboio (estação) ● metro ● pedonal ● táxis



Meio de transporte — 2 sentidos — 1 sentido — sentido



Fluxo/tráfego ● alta densidade automóvel ● média densidade automóvel ● baixa densidade automóvel



bom

intermédio

mau

Estado de conservação do edificado



ocupado

em construção

devoluto

Ocupação do edificado



espectante

equipamentos/estacionamento

largos/pátios

espaços verdes

Espaços vazios



habitação (comércio pontual)

escritórios

serviços

Usos do edificado

aqueduto das águas livres

CONTÁGIO

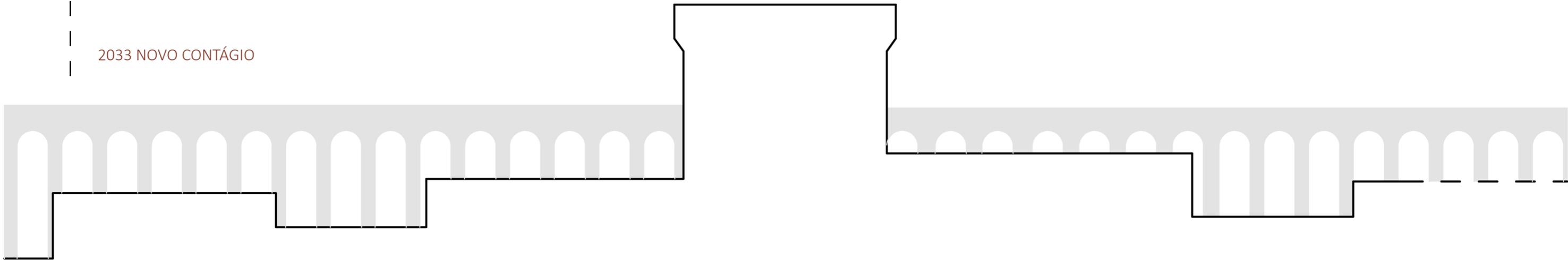
séc. XVIII/XIX/XX INDÚSTRIA
(bairro das amoreiras, pátios e vilas operárias)

anos 40 HABITAÇÕES
para classe média alta

anos 80 COMPLEXO DAS AMOREIRAS

2012-2032 INDIVIDUALISMO

2033 NOVO CONTÁGIO



GLOBAL
COMPANY
GLOBAL
ADS

As Amoreiras, local geograficamente privilegiado na cidade de Lisboa, é caracterizada por uma paisagem urbana heterogénea formada por uma série de ocupações distintas ao longo da história. Interpretámos estes diferentes momentos como vários “vírus” que se sobrepuseram e adaptaram, criando um traçado urbano e arquitetura contrastantes. O Aqueduto das Águas Livres, infra-estrutura impulsora da ocupação da zona, manteve-se inalterado, servindo como elo de ligação entre toda a heterogeneidade: a partir do século XVIII, a indústria fez surgir tanto o bairro das amoreiras, como os pátios e as vilas operárias; nos anos 80, o carácter e escala residencial existentes, viram despontar um novo estímulo, o Complexo das Amoreiras. Consideramos de extrema relevância a manutenção deste carácter heterogéneo, tão evocativo da sua evolução histórica. Contudo, cremos que, em 2033, a globalização e a mobilidade criarão novas formas de vida, de habitar e de utilização do espaço público.

的
餅
乾

東方商務中心

中國大店

中國大店

我們
擁有一切

U
N
I
Ã
O



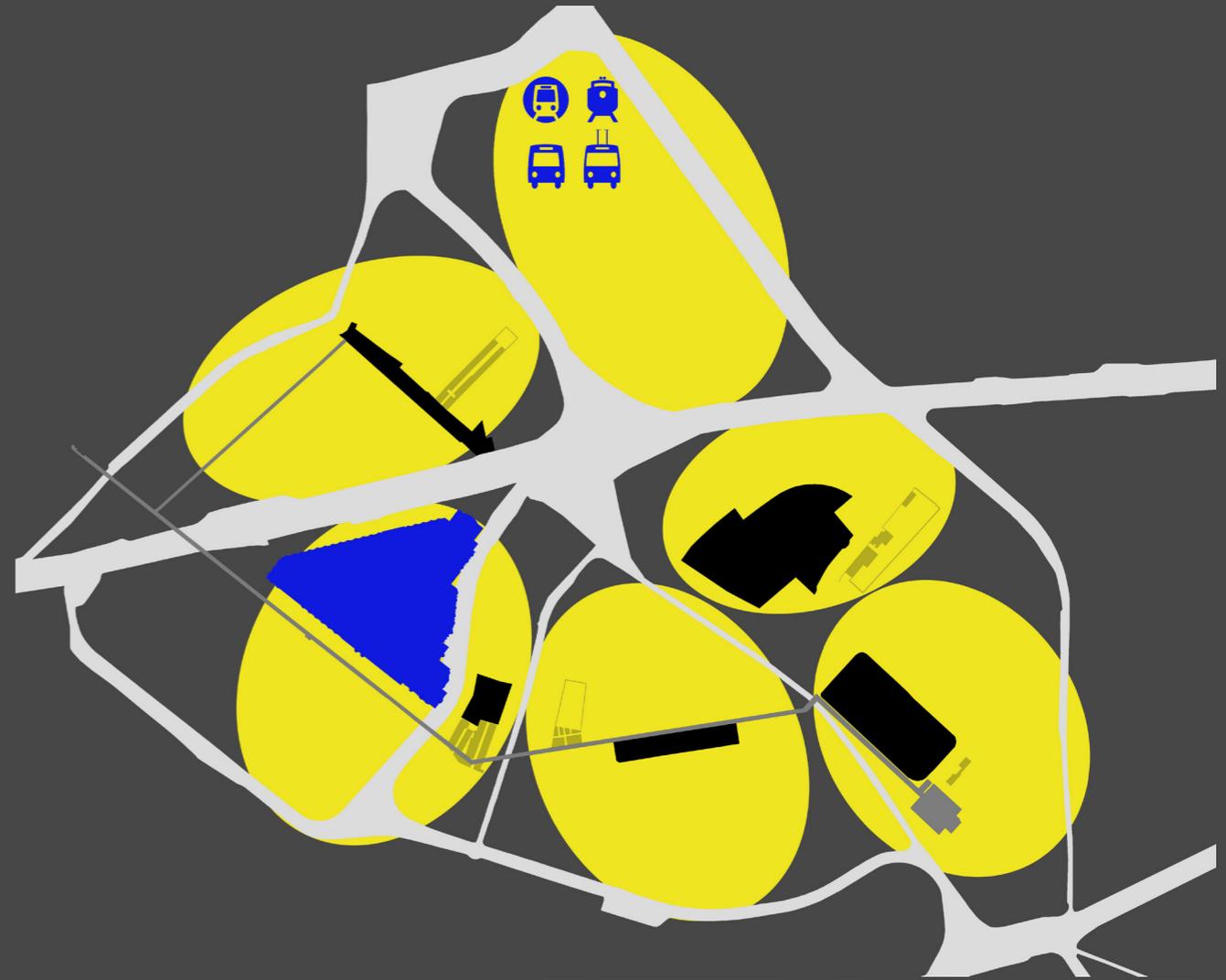
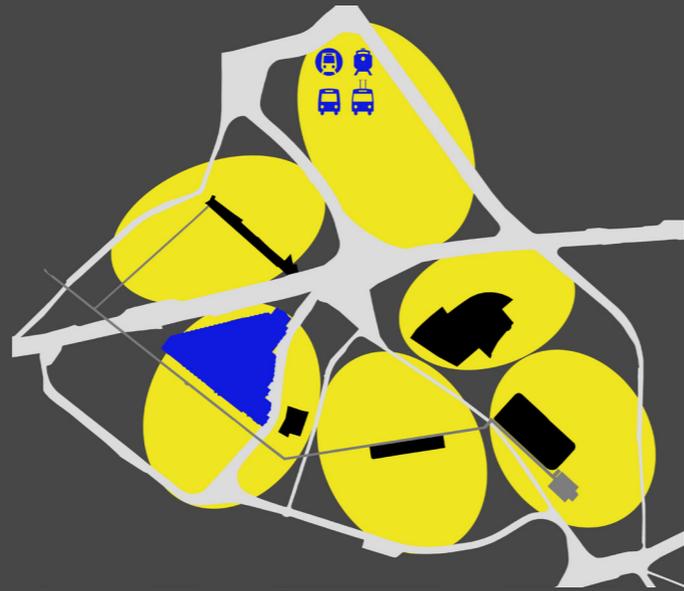
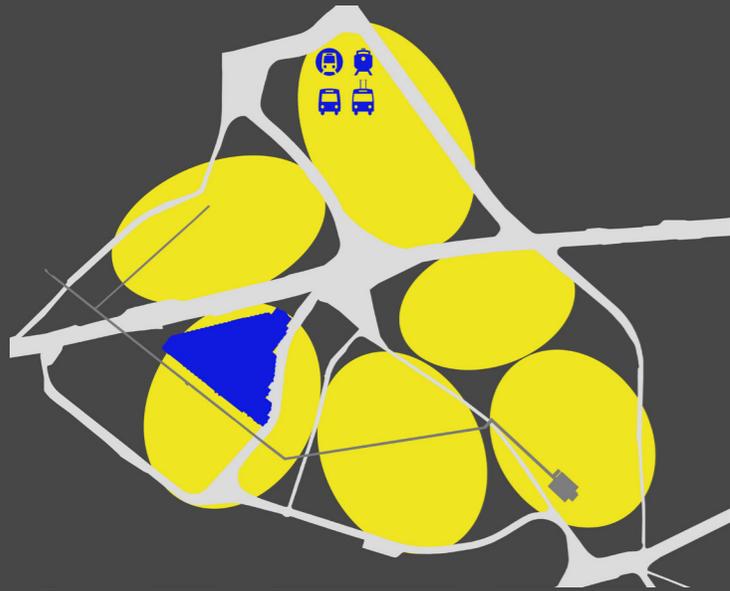
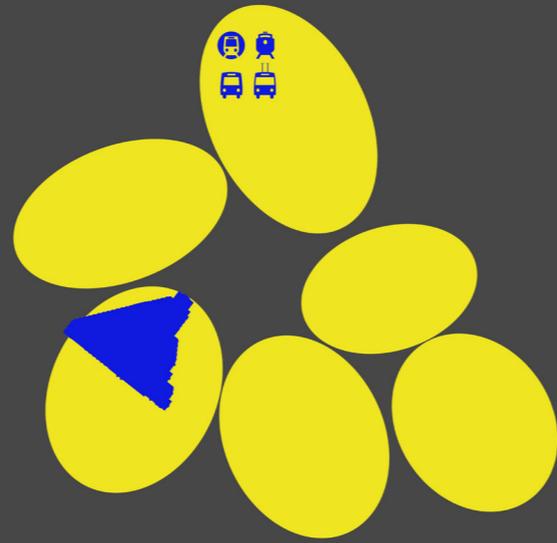
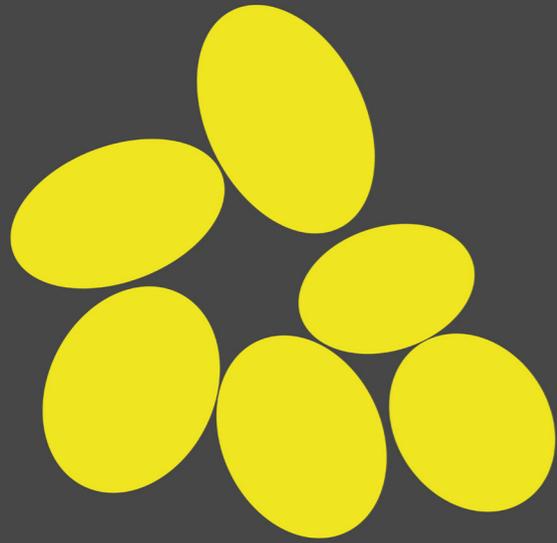
Essa forma de interação com novos territórios, de caráter global e de transição, supõe novos modos de habitar a casa, transformando o sentimento de apropriação do indivíduo. No passado, a casa era um bem que passava de geração em geração e era alterada consoante as necessidades familiares. Atualmente, e com as alterações à lei do arrendamento, essas mesmas necessidades são resolvidas pela troca de residência cada vez mais flexível. Acreditamos que a habitação estaria cada vez mais direcionada para a vida em comunidade, pois serão espaços de transição, onde as zonas privadas servem somente para a satisfação das necessidades básicas dos seus moradores (espaços de áreas mínimas), e as zonas comuns teriam uma maior importância (espaços de convívio, confecção de alimentos, refeição, serviço). Suportado pelas novas tecnologias, a distância entre a casa e o trabalho seria menor. Na cidade surgiriam espaços destinados ao aluguer temporário de gabinetes e salas de trabalho *coworking*, ou até mesmo espaços de trabalho nas próprias habitações.

Em cima: Hotel Cápsula Shinjuku, Japão
Fotografia de Ko Sasaki
Em baixo: *NextSpace Community*

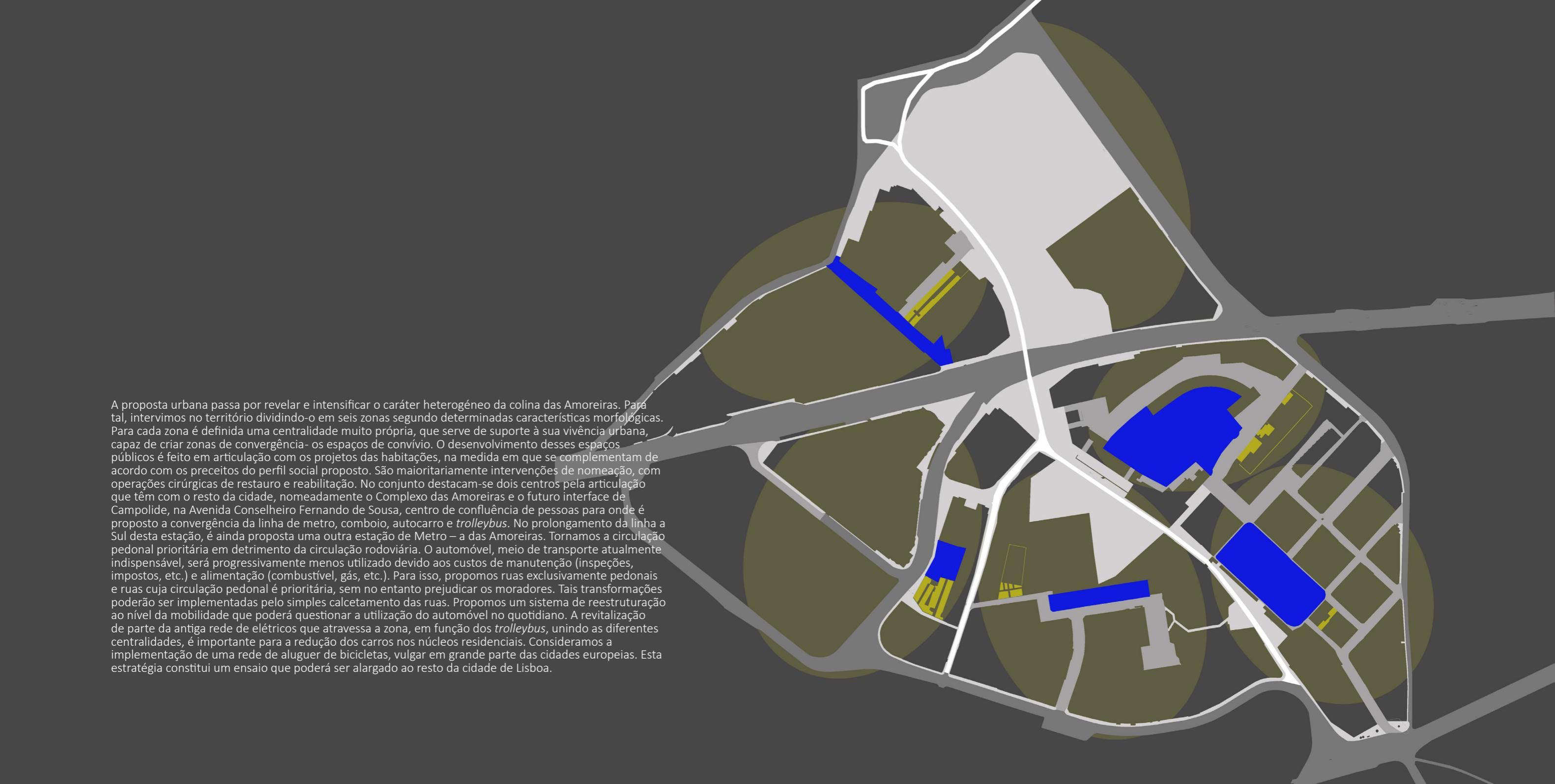




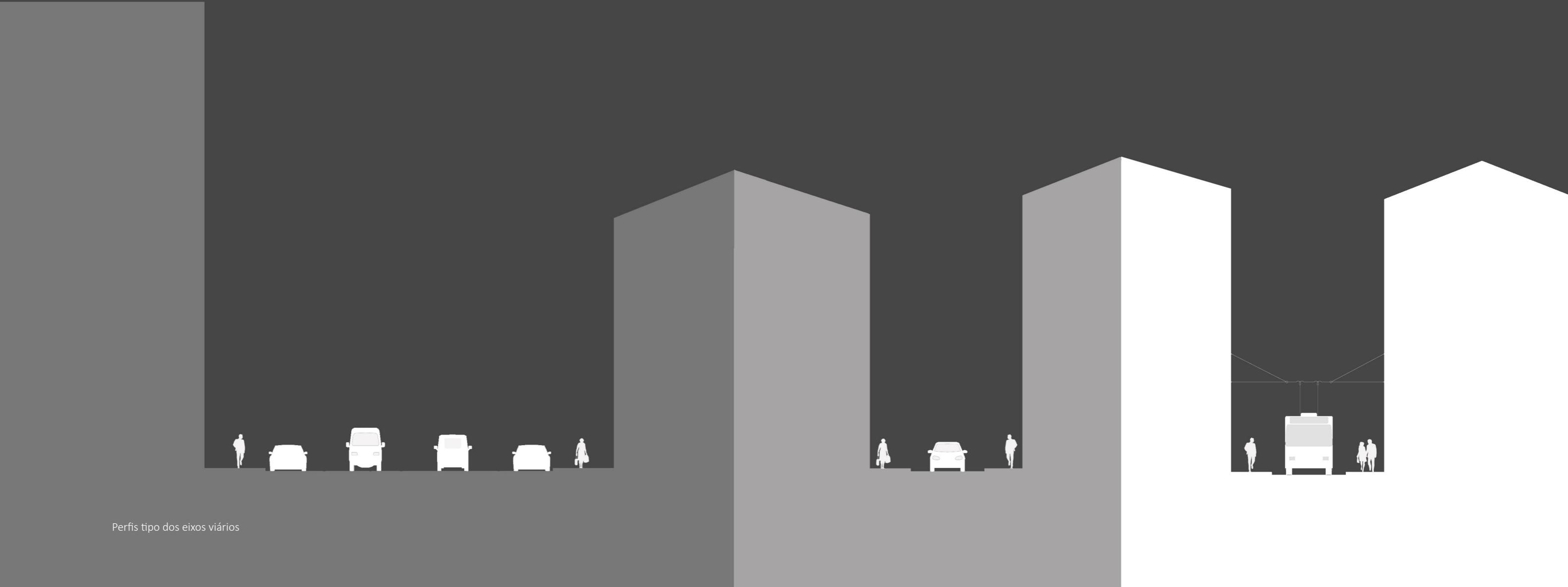
Esta nova forma de habitar pressupõe não só alterações no desenho das casas como também do espaço público. Os espaços de convívio seriam alargados para a vivência no exterior, pois acreditamos que a globalidade e a mobilidade incentivam a um estilo de vida cosmopolita. O espaço público torna-se assim um momento de encontro e reunião, cada vez mais importante na vida social, como forma de integração e convivência (cafés, esplanadas, jardins e novos espaços comunitários).



zonas centros aqueduto vias de circulação centralidades projetos individuais

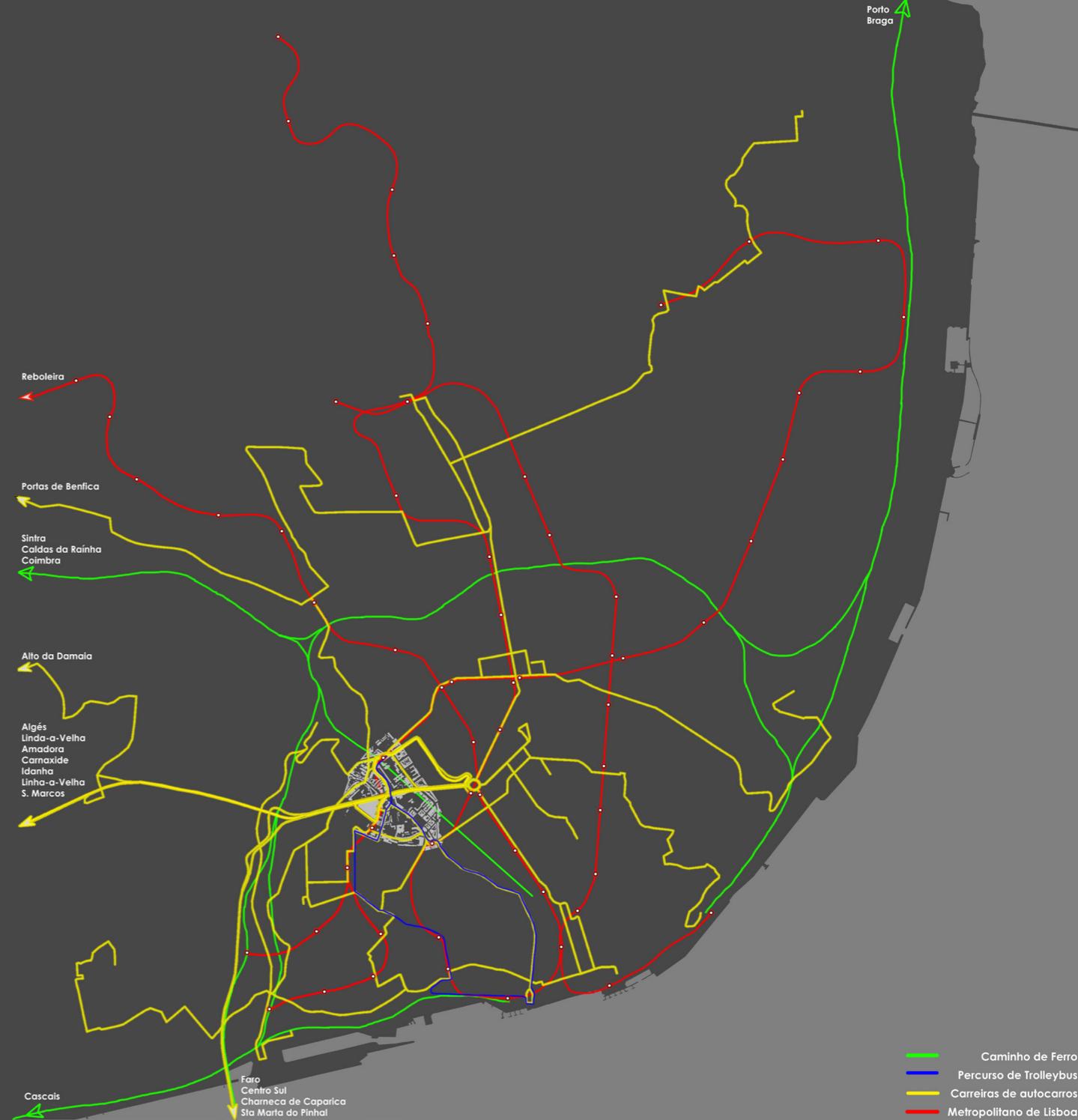


A proposta urbana passa por revelar e intensificar o carácter heterogéneo da colina das Amoreiras. Para tal, intervimos no território dividindo-o em seis zonas segundo determinadas características morfológicas. Para cada zona é definida uma centralidade muito própria, que serve de suporte à sua vivência urbana, capaz de criar zonas de convergência- os espaços de convívio. O desenvolvimento desses espaços públicos é feito em articulação com os projetos das habitações, na medida em que se complementam de acordo com os preceitos do perfil social proposto. São maioritariamente intervenções de nomeação, com operações cirúrgicas de restauro e reabilitação. No conjunto destacam-se dois centros pela articulação que têm com o resto da cidade, nomeadamente o Complexo das Amoreiras e o futuro interface de Campolide, na Avenida Conselheiro Fernando de Sousa, centro de confluência de pessoas para onde é proposto a convergência da linha de metro, comboio, autocarro e *trolleybus*. No prolongamento da linha a Sul desta estação, é ainda proposta uma outra estação de Metro – a das Amoreiras. Tornamos a circulação pedonal prioritária em detrimento da circulação rodoviária. O automóvel, meio de transporte atualmente indispensável, será progressivamente menos utilizado devido aos custos de manutenção (inspeções, impostos, etc.) e alimentação (combustível, gás, etc.). Para isso, propomos ruas exclusivamente pedonais e ruas cuja circulação pedonal é prioritária, sem no entanto prejudicar os moradores. Tais transformações poderão ser implementadas pelo simples calçamento das ruas. Propomos um sistema de reestruturação ao nível da mobilidade que poderá questionar a utilização do automóvel no quotidiano. A revitalização de parte da antiga rede de elétricos que atravessa a zona, em função dos *trolleybus*, unindo as diferentes centralidades, é importante para a redução dos carros nos núcleos residenciais. Consideramos a implementação de uma rede de aluguer de bicicletas, vulgar em grande parte das cidades europeias. Esta estratégia constitui um ensaio que poderá ser alargado ao resto da cidade de Lisboa.



Perfis tipo dos eixos viários

Sendo um dos nossos maiores desejos tornar a circulação pedonal uma prioridade, é importante a redução da circulação automóvel. Para tal, toda a zona tem que ser fortemente servida a nível de transportes públicos. A zona das Amoreiras, tratando-se já de um ponto central na cidade, é já bem servida a nível de autocarros, sendo somente necessário o reforço do transporte local, trolleybus, e a ligação à rede de metropolitano, através das duas novas estações de Campolide e das Amoreiras. Ambas encontram-se integradas na linha vermelha, com acesso directo ao Aeroporto.



A proposta interface de Campolide, onde no subterrâneo se situam a estação de Metropolitano, a estação de caminho de ferro- à cota do actual Túnel ferroviário do Rossio- e à superfície é dada primazia ao peão e ao transporte público: os passeios são alargados em detrimento da circulação automóvel, e são implantadas paragens da linha proposta de trolleybus.



Metropolitano

Comboio

Secção transversal



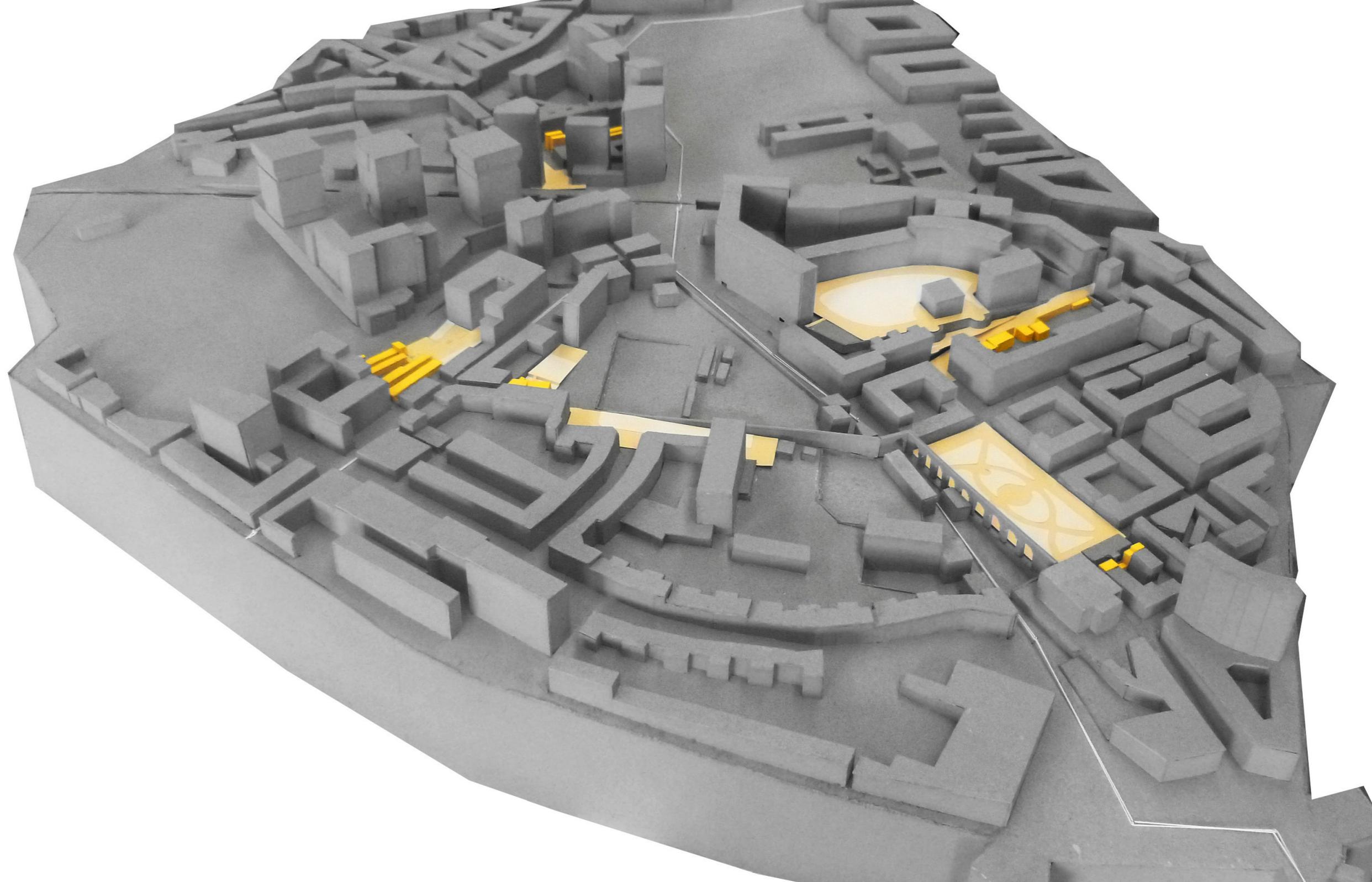
Em cima: Actual
Em baixo: Proposta

10m

Propomos um novo meio de transporte público para o local, o Trolleybus. Tratando-se aparentemente de um comum autocarro urbano, utiliza electricidade como fonte de alimentação. É uma opção mais eco-friendly e reutiliza as catenárias dos eléctricos, actualmente desaproveitadas.



Montagem sobre fotografia de Rúben Viegas



maqueta escala 1/1000

individual

espacio
público

Este exercício aparece como um desafio de reforço da estratégia urbana na colina das Amoreiras.

Surge como uma inter-relação entre a análise do território e a proposta das quatro habitações.

Pretende-se nesta fase uma abordagem que incida sobre o espaço público- espaço de mediação entre a envolvente e a proposta- tendo em atenção as várias escalas entre a cidade e a zona de intervenção, sempre sob uma perspetiva social futura.

Amoreiras Shopping Center.
Fonte: <http://praticoechique.blogspot.pt>.





A área de intervenção escolhida, limita-se a Norte pela Av. Engenheiro Pacheco, a Sul pela Travessa das Águas Livres e Travessa Légua da Póvoa, a Este pela Rua das Amoreiras e a Oeste pela Rua da Artilharia 1.

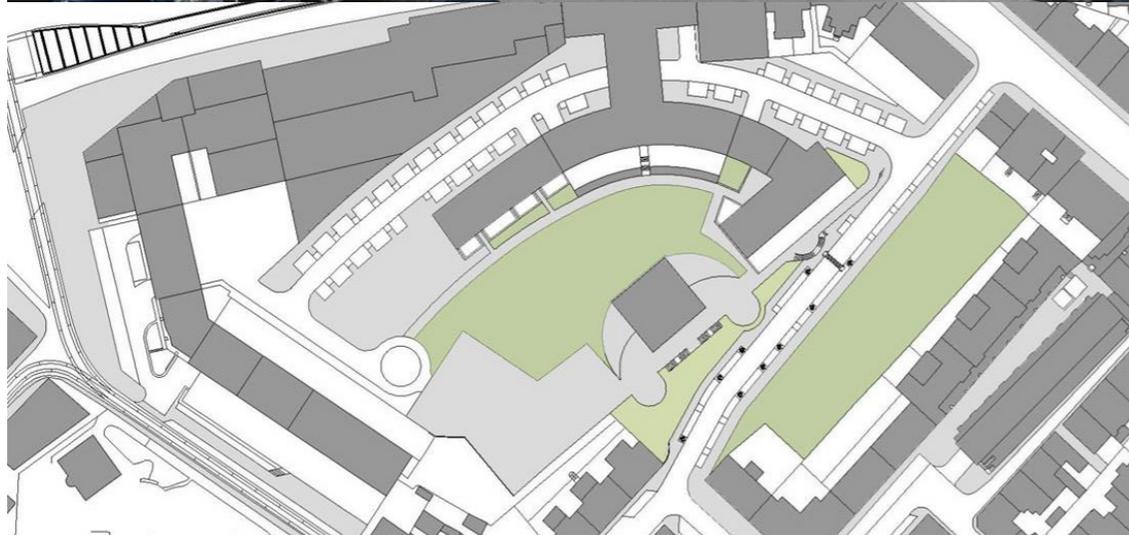
A área de intervenção, originalmente denominada Quinta do Tavares no séc. XVIII, era uma das maiores propriedades na zona. Possuía estufas, jardins, e alguns terrenos de cultivo, no seu ponto mais alto um palacete, que data de 1882. Em 1953 o Externato dos Maristas mudou-se para este palacete e aqui ficou até 1989. Posteriormente este palacete foi deixado ao abandono e só recentemente foi recuperado e convertido num ateliê privado de Arquitetura e Design de Interiores.

Os seus elementos originais, como a vegetação, os seus percursos, as estufas, o tanque, a escadaria em pedra que embasa o palacete foram escondidos, eliminados ou alterados de forma radical. É um exemplo o percurso entre a Rua da Artilharia I e a Rua das Amoreiras, ladeado de um lado por uma linha de enérgica vegetação que se tornou num contínuo muro de betão, e o percurso interrompido por um edifício de alta densidade. A zona foi remetida para um espaço sobrance, uma espécie de cemitério de carros, e embora o Palacete tenha sido recuperado, o seu jardim em frente foi ladeado e abandonado. A riqueza apresentada originalmente foi contornada e segregada, resultando numa zona esquecida no meio de um quarteirão em constante evolução e densificação, no centro da colina das Amoreiras.

Página anterior: Localização da “zona 5”, zona de intervenção e envolvente. Imagem manipulada a partir do Google Earth.

Planta da zona em 1911.
Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi>.



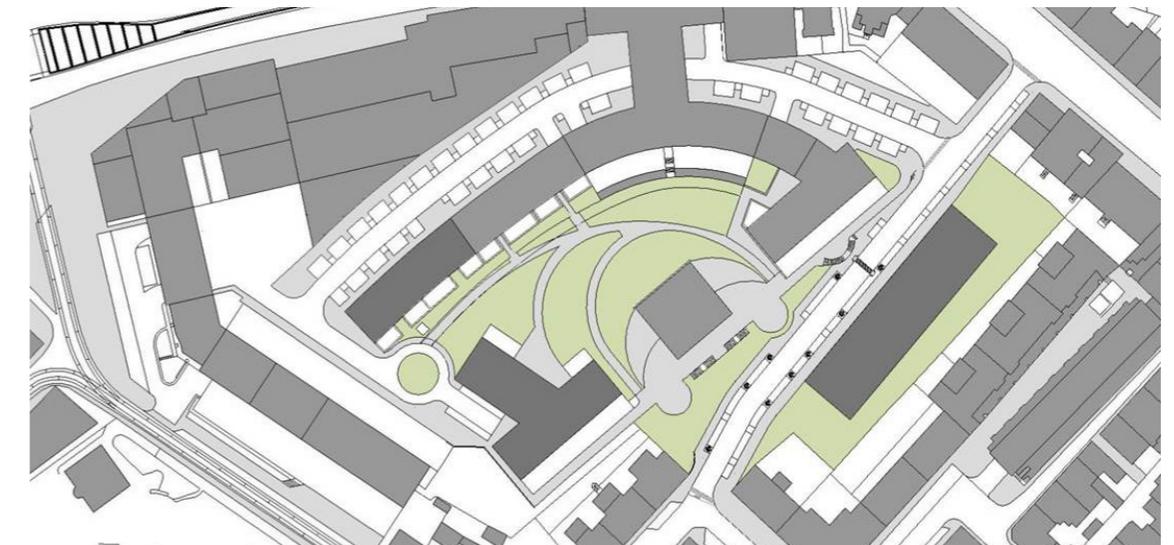


Planta da zona em 2013.

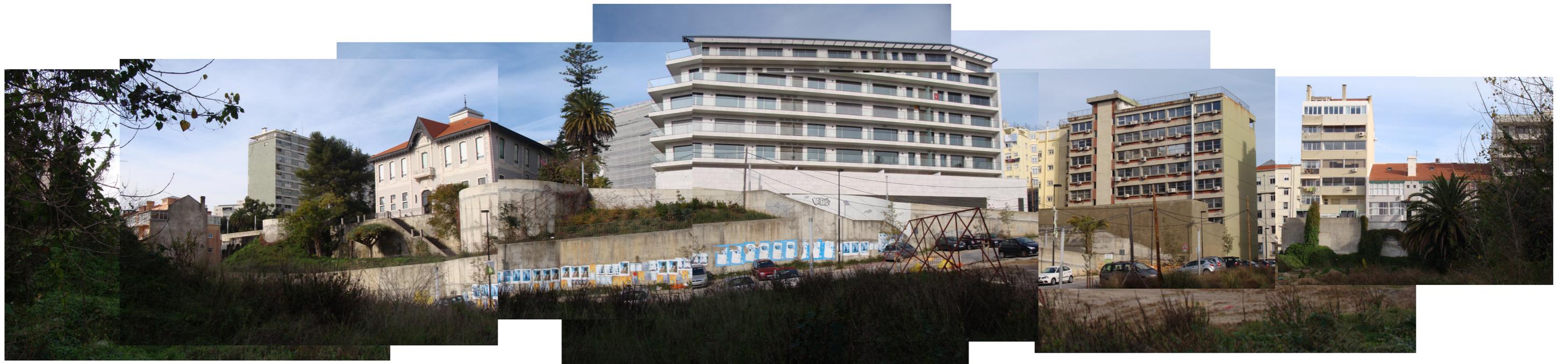
Desde 2007 o local encontra-se em transformação, pela expropriação de terrenos e construção da proposta do Atelier Arquitraço e Broadway Maylan. A sua proposta é, na minha opinião, resultado de especulação imobiliária e uma aposta na densidade, massificação e impermeabilização do território. Propõem hotéis e apartamentos em condomínio privado em que todo o jardim interior do quarteirão é fechado e tornado particular dos compradores.

Este quarteirão tem-se vindo a dividir em dois pelo prolongamento da Travessa das Águas Livres pelo seu interior e o aparecimento de novas estruturas.

Atualmente esta “nova” rua que separa o quarteirão em dois, apresenta-se mal “resolvida” e definida, pelo que a minha proposta de intervenção pretende recuperar novamente o encanto da zona, espaços verdes, redefinir percursos e equipar a zona através de um processo de reabilitação e requalificação de forma “cirúrgica”.



Planta do projeto do atelier Atelier Arquitraço + Broadway Maylan.



Fotomontagem a partir de fotografias do local em 2013. Alçado Norte da zona de intervenção.



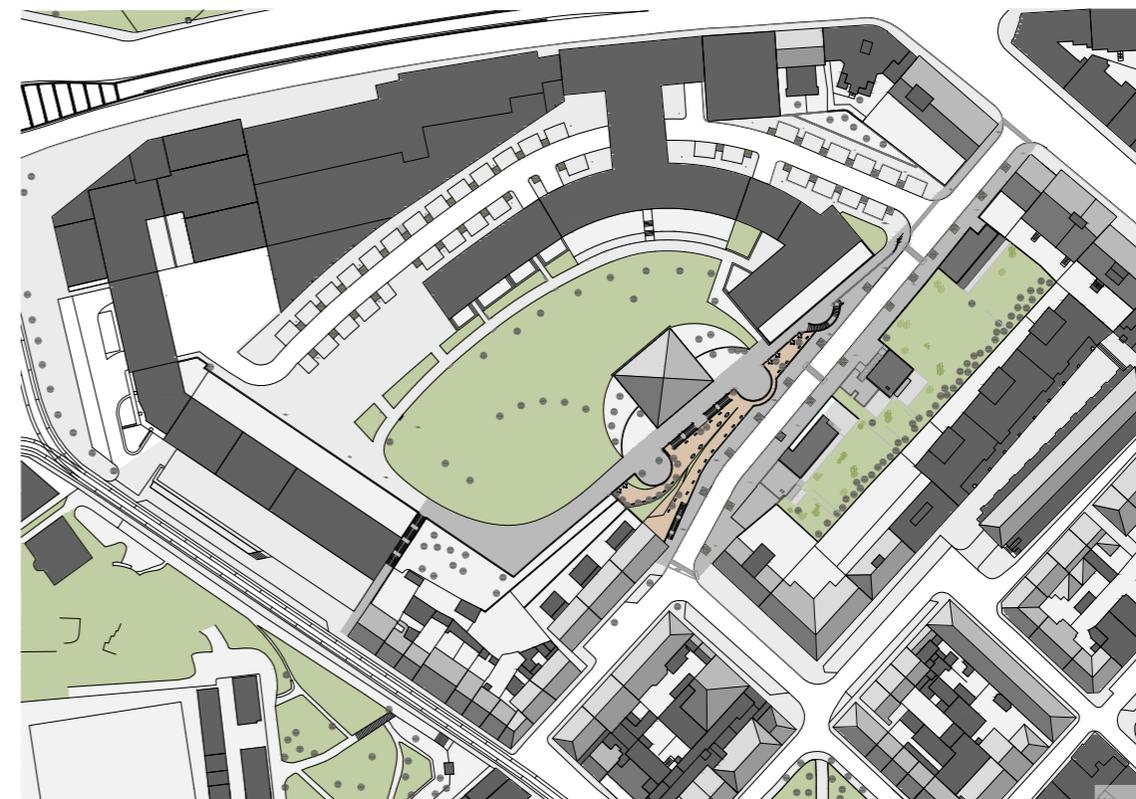
Fotomontagem a partir de fotografias do local em 2013. Alçado Sul da zona de intervenção.



A minha proposta visa a manutenção do espaço interior do quarteirão, atrás do palacete, como zona de desafogo, por oposição à envolvente de *skyline* elevado e já de densa construção.

Proponho a manutenção da zona verde existente, equipando-a com árvores, luminária e devolvendo-a ao usufruto público. Na zona arrelvada proponho a criação de relevos sob diversas formas, de maneira a criar uma maior diversidade de possibilidades de estadia, além da componente lúdica que apresentam.

Esta intervenção qualifica a zona dando programa a um interior de quarteirão tornado público, com uma zona de encontro e lazer.



Planta da proposta.

Proponho recuperar um percurso que passava junto ao palacete, na cota mais alta da zona, fazendo a ligação pedonal entre a Rua da Artilharia I e a Rua das Amoreiras. Este percurso permeabiliza a zona trazendo pessoas até ao novo coração verde do quarteirão, num ressuscitar do acesso outrora existente, com novas qualidades urbanas e paisagísticas.

É redesenhada um acesso direto à Rua das Amoreiras, através de uma escadaria, imprimindo um sentimento de grande amplitude ao chegar ao topo das escadas, pela abertura de toda a zona no meio da grande densidade.

Fotografia do jardim na parte de trás do palacete.

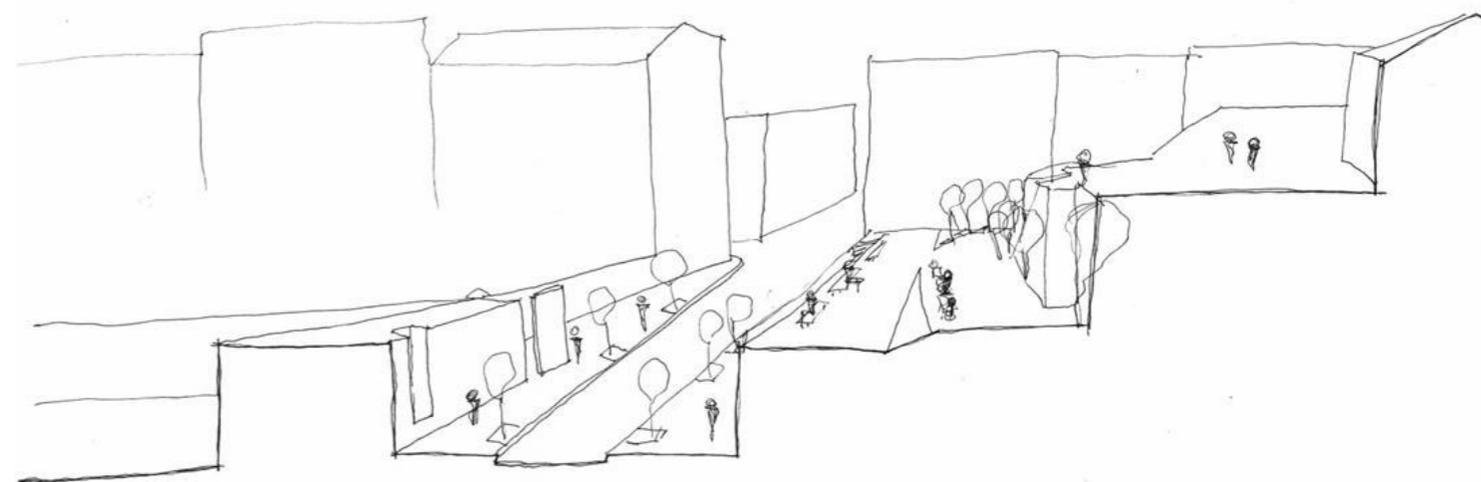
Na cota intermédia entre a rua – prolongamento da Travessa das Águas Livres para o interior do quarteirão- e o palacete encontra-se um jardim fronteiriço que atualmente está deixado ao abandono. Proponho a sua intervenção de forma a dotá-lo de acesso, percursos, programa, vegetação, equipamentos e um renovado valor, dando ênfase à estrutura secular escondida na enérgica cidade. Desta forma, e aberto ao público, permite-se também uma maior permeabilidade podendo, através deste espaço, aceder-se ao jardim na cota superior, e também à Rua das Amoreias ou da Artilharia I. Este leque de escolhas atualmente não existe além de que para aceder à cota mais alta é necessário subir-se toda a rua para contornar o muro, virando depois na direção oposta. Para aceder a este jardim é criada uma escada partir da rua, que surge na sequência do muro existente.

Este jardim é desenhado sobre duas cotas com uma pequena rampa entre elas. São criados ambientes, zonas de permanência, colocadas árvores, flores e um pavimento em cascalho vermelho, que contrasta com a tonalidade esbranquiçada encontrada na envolvente.

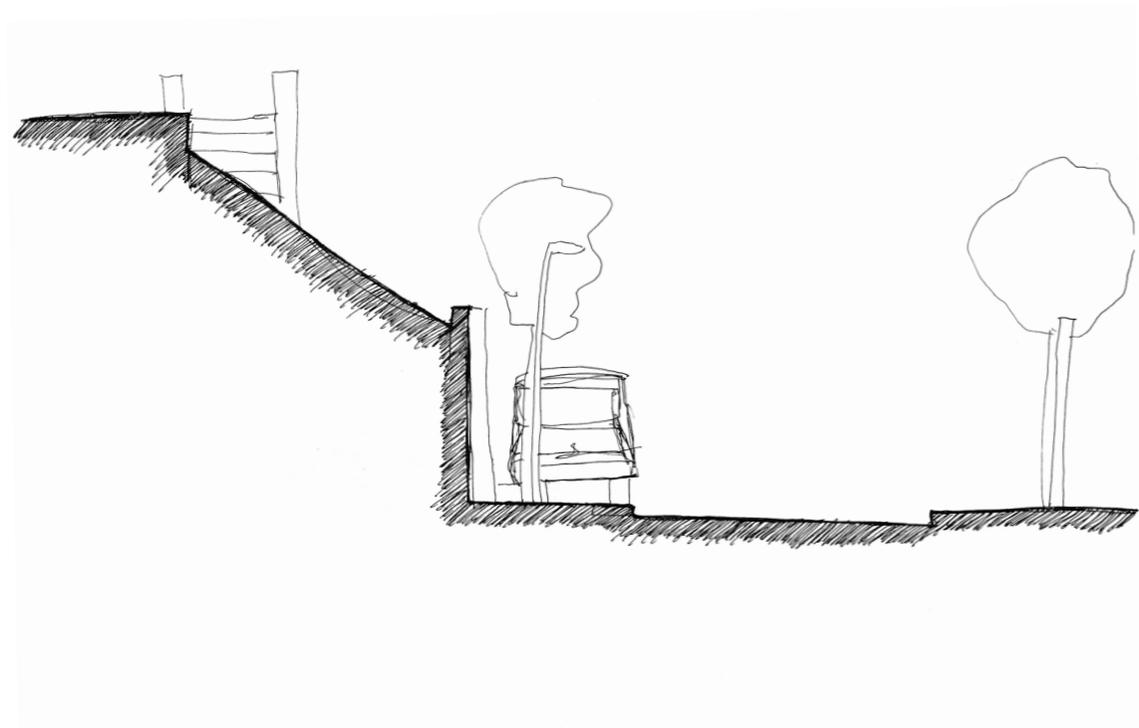
Desta forma recupera-se um ambiente paisagístico dotado de qualidades convidativas à permanência no local.

Estes diferentes espaços públicos distribuídos em diferentes cotas, servem para responder às novas necessidades da sociedade futura. Nesta altura as zonas de encontro serão remetidas para o exterior das habitações, uma vez que estas servirão apenas para responder às necessidades básicas dos indivíduos de uma sociedade em que o dia-a-dia passa pela transitoriedade ao nível global, por razões profissionais ou académicas. Assim, uma vez que a casa é mais pequena e menos direccionada para fins de convívio, é utilizado o espaço exterior e/ou o público como resposta.

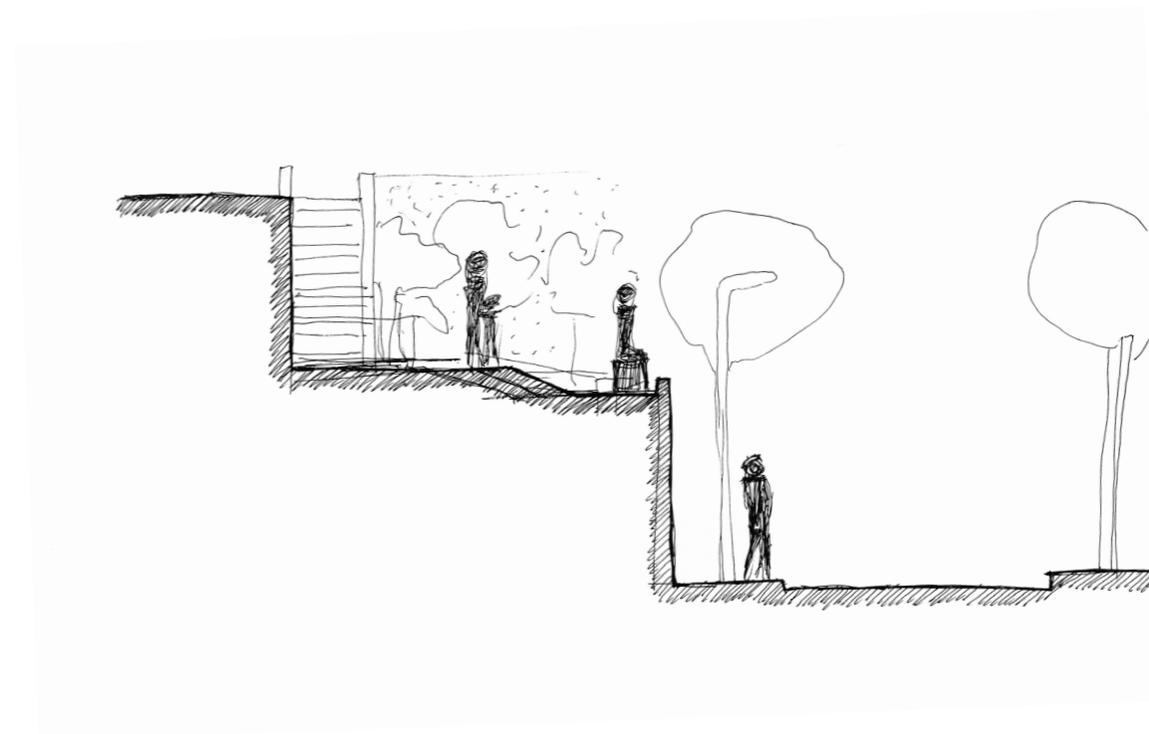
Os passeios da rua existentes apresentam-se amplos e equipados com luminária e elementos vegetais, que foram reajustados e adaptados ao conceito do projeto. As zonas destinadas a estacionamento automóvel foram suprimidas dando primazia aos transportes públicos e aos pedestres, tornando os passeios mais amplos e convidativos ao percurso.



Esquício do espaço público- jardim fronteiriço ao palacete. Corte transversal.



Esquiço do espaço público antes da intervenção- jardim fronteiro ao palacete. Corte transversal.



Esquiço do espaço público depois da intervenção- jardim fronteiro ao palacete. Corte transversal.

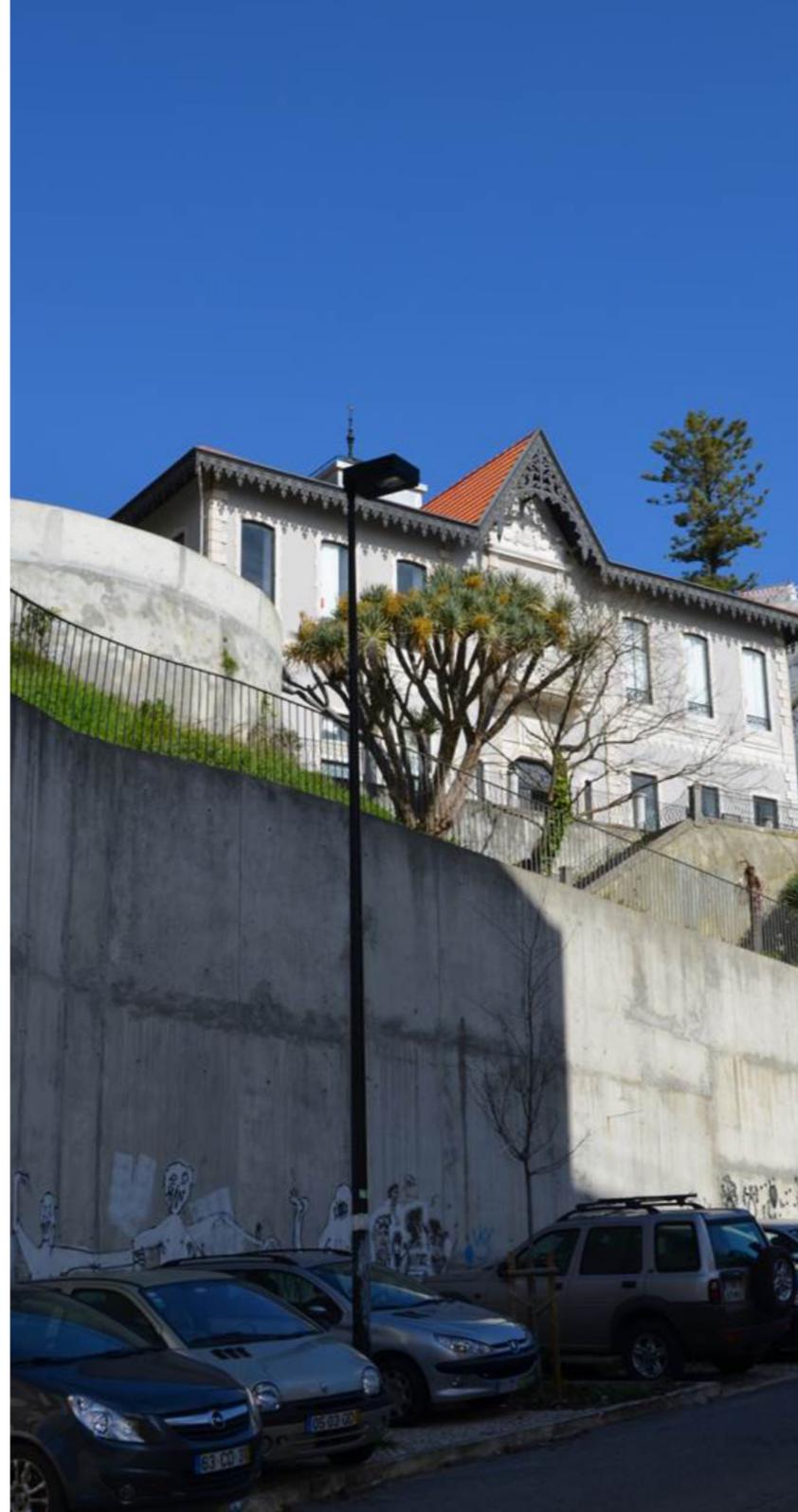
Relativamente às árvores é criado um jogo em relação ao muro e aos vãos que projeto. As árvores aparecem dos dois lados da rua, apenas de um, suprimidas ou remetidas para trás do muro, podendo ser observadas através dele. A intenção é que ao caminhar o pedestre participe neste jogo em que relação com a vegetação muda - pode encontrar-se junto a uma árvore, entre elas ou observá-la num plano mais longínquo.

Toda a estrutura do espaço público – vegetação, passadeiras, equipamentos – bem como as habitações, são organizadas segundo uma métrica, que surge na sequência dos alçados a sul da zona de intervenção.

A métrica organiza um intercâmbio de momentos entre o espaço público e o privado, assumindo-se como a continuação um do outro na medida da continuação dos espaços verdes e das perspectivas visuais.

O meu projeto pretende revalorizar a zona, através da reabilitação e requalificação do património existente, da humanização da escala da zona, dotando-a de mais e melhores qualidades urbanas, recolocando-o no mapa dos percursos urbanos e de zonas de lazer.





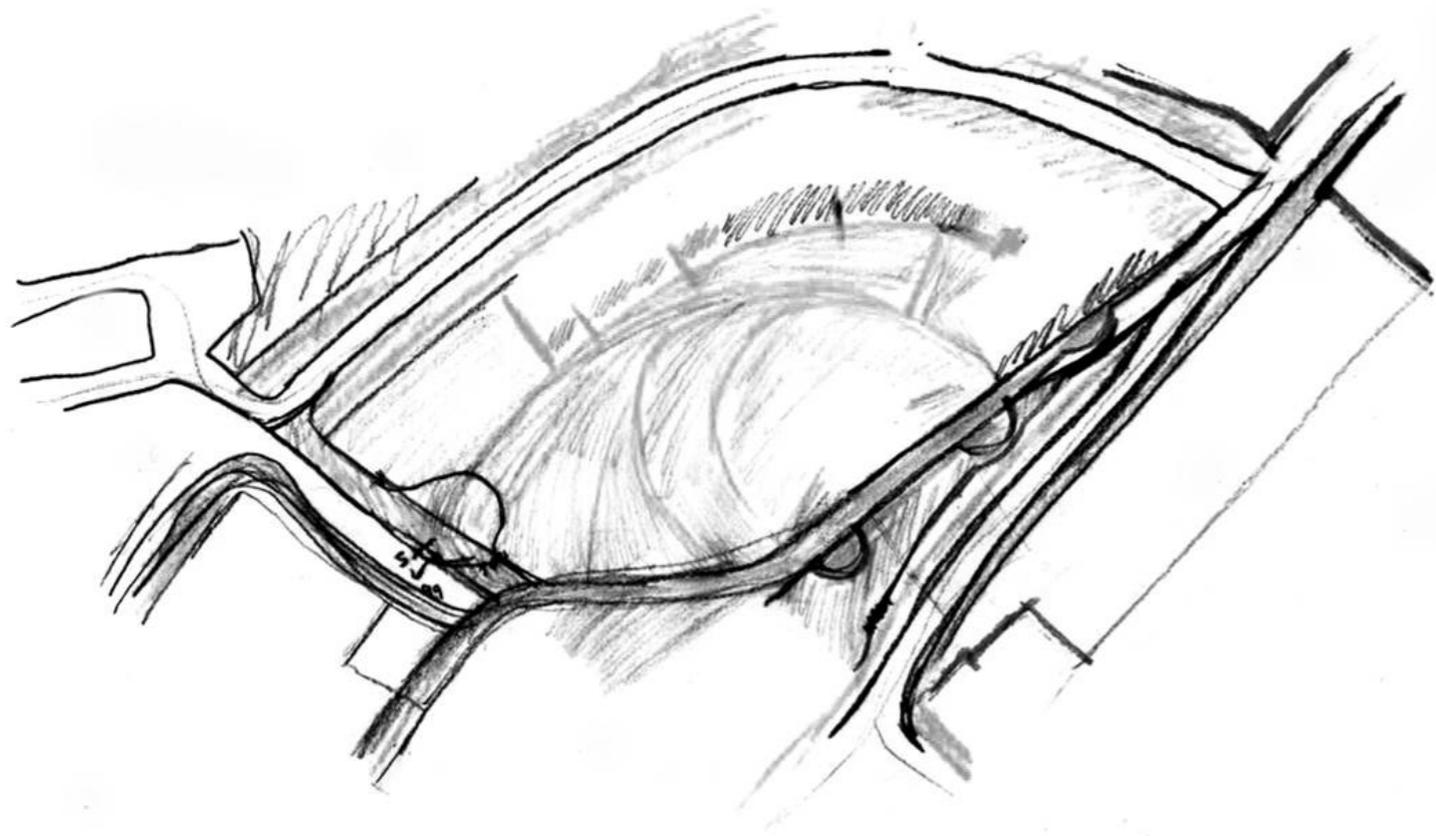
A luminária existente é diferente dos dois lados da rua, sendo que do lado direito é composta por uma estrutura cilíndrica e branca que dá luz no seu comprimento, e do lado esquerdo um poste comprido e fino de cor negra com luz no topo. Achei interessante esta dupla existência por ser uma característica rara e por isso optei por mantê-la como equipamento ao longo da

Fotografias dos dois tipos de candeeiros encontrados no local.

quatro habitações



O espaço público influencia as habitações na medida em que estas foram desenhadas indo ao encontro da componente não edificada da envolvente, do seu vazio e do que o define, como a rua, os muros, os fossos e os jardins. Todo o espaço é uno.



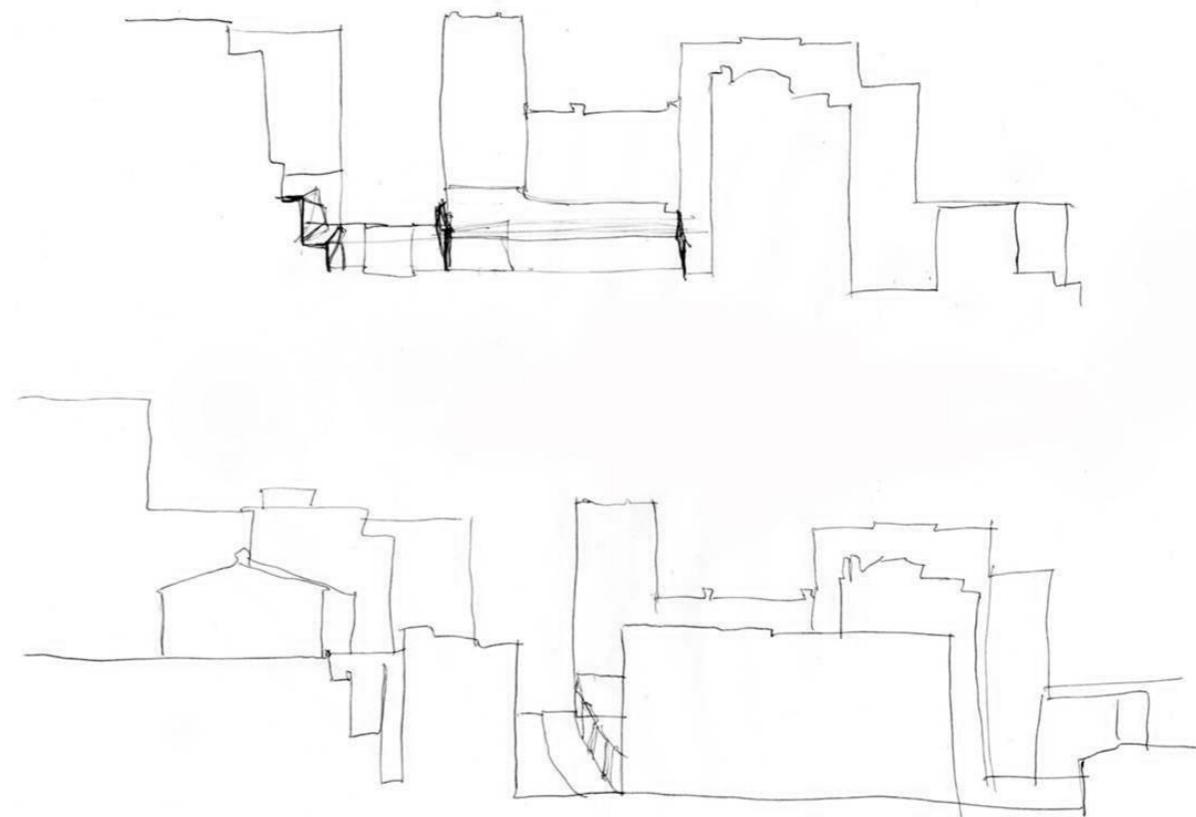
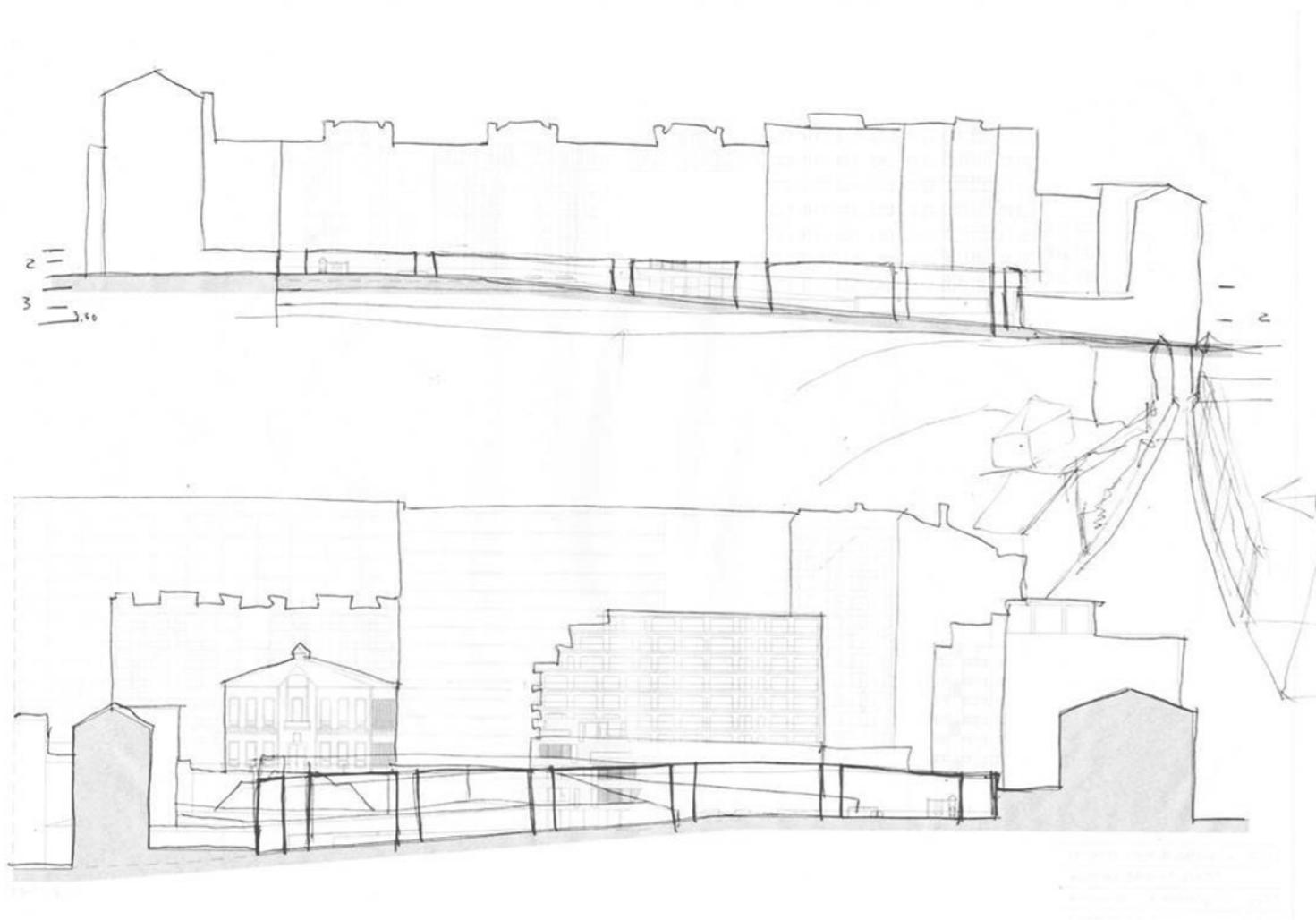
Página anterior: zona de intervenção.
Imagens manipuladas apartir do Google Earth.

Zona de intervenção.
Esquiço dos elementos estruturadores para a proposta.

“Space is a void, a pocket of air that must be contained to define a limit. This precision coincides with an indispensable existence around it, that grants identity. To design spaces is to design the possibilities of life, with limits made material. Space is defined by form, texture, color, temperature, smell, light. Also as a void, a mental process of control over construction where space is at the core: adding subtraction, building excavation. It shifts the center of experience from form to life. At the forefront, space: nearly autonomous, nearly absolute.”

Aires Mateus

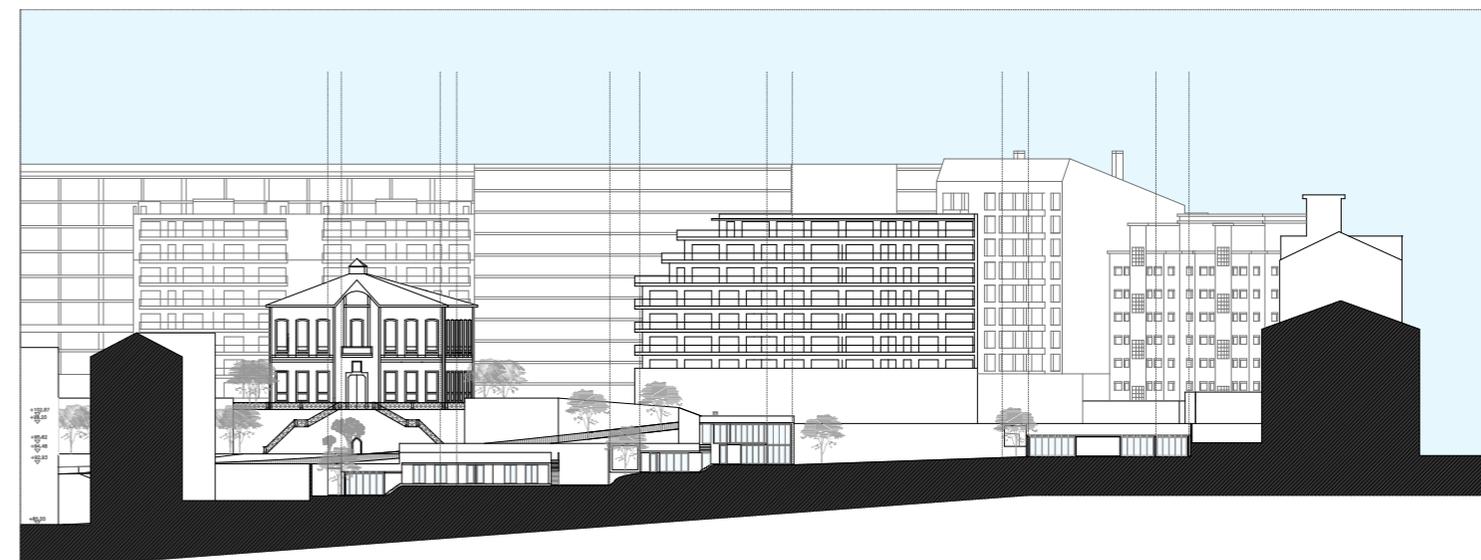
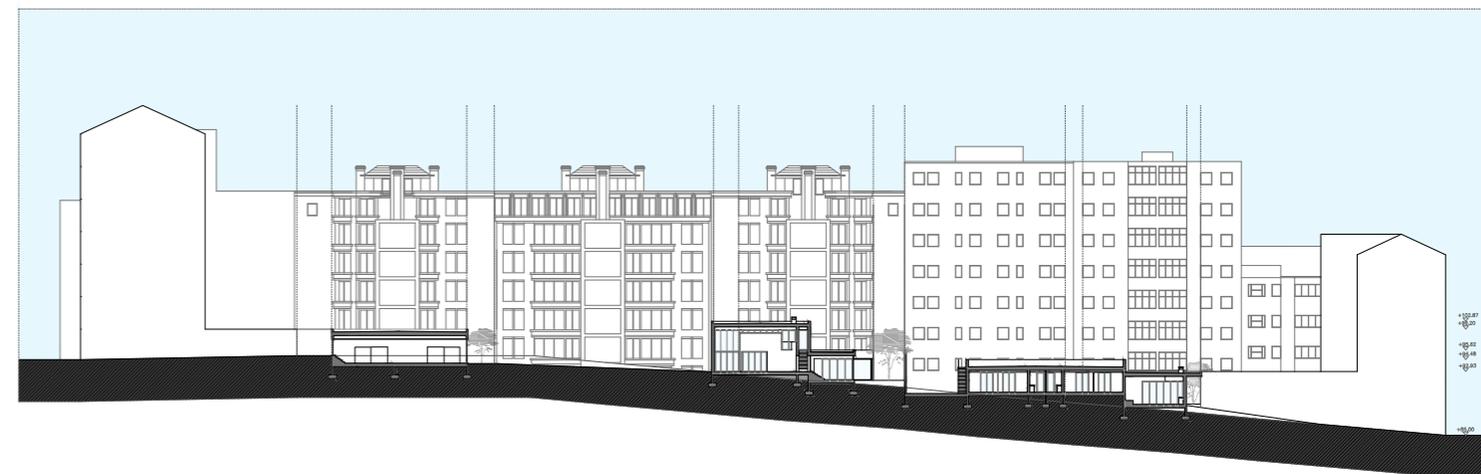
“O espaço é um vazio, uma bolsa de ar que deve ser contido para definir um limite. Esta precisão coincide com uma existência indispensável á sua volta, concedendo-lhe identidade. Desenhar espaços é desenhar possibilidades de vida, com limites tornados materiais. O espaço é definido pela forma, textura, cor, temperatura, cheiro, luz. Também como um vazio, um processo mental de controlo sobre a construção onde o espaço está no núcleo/centro: adicionando subtracção, construindo escavação. Muda o centro da experiência de forma para vida. Na vanguarda/frente/primeira linha, espaço: quase autónomo, quase absoluto.”

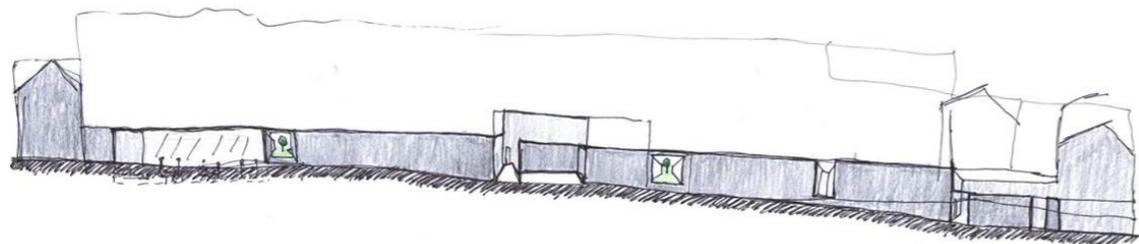


Esquiço da relação da proposta com a envolvente.

A rua é marcada pela presença de grandes muros de betão que acompanham o percurso.

A minha proposta vai ao encontro deste conceito de muro, de forma a através dele rematar a rua, servindo também como de embasamento às traseiras dos edifícios virados para a Travessa da Légua da Póvoa. Desta forma remata-se a rua.





A minha intervenção tem como conceito uma linha de construção, uma espécie de muro habitado que define a rua e enquadra o percurso. É um muro que começa no topo da rua e vai até abaixo tirando partido da variação da topografia, criando uma relação com o outro lado da rua, uniformizando-a.

“The bulding designed path is a wall that naturally rises from the topography: it limits and defines the open space, organizing the entire plot.”

Aires Mateus

“O caminho desenhado pelo edifício é um muro que se eleva naturalmente a partir da topografia: limita e define o espaço aberto, a organização de toda a trama.”

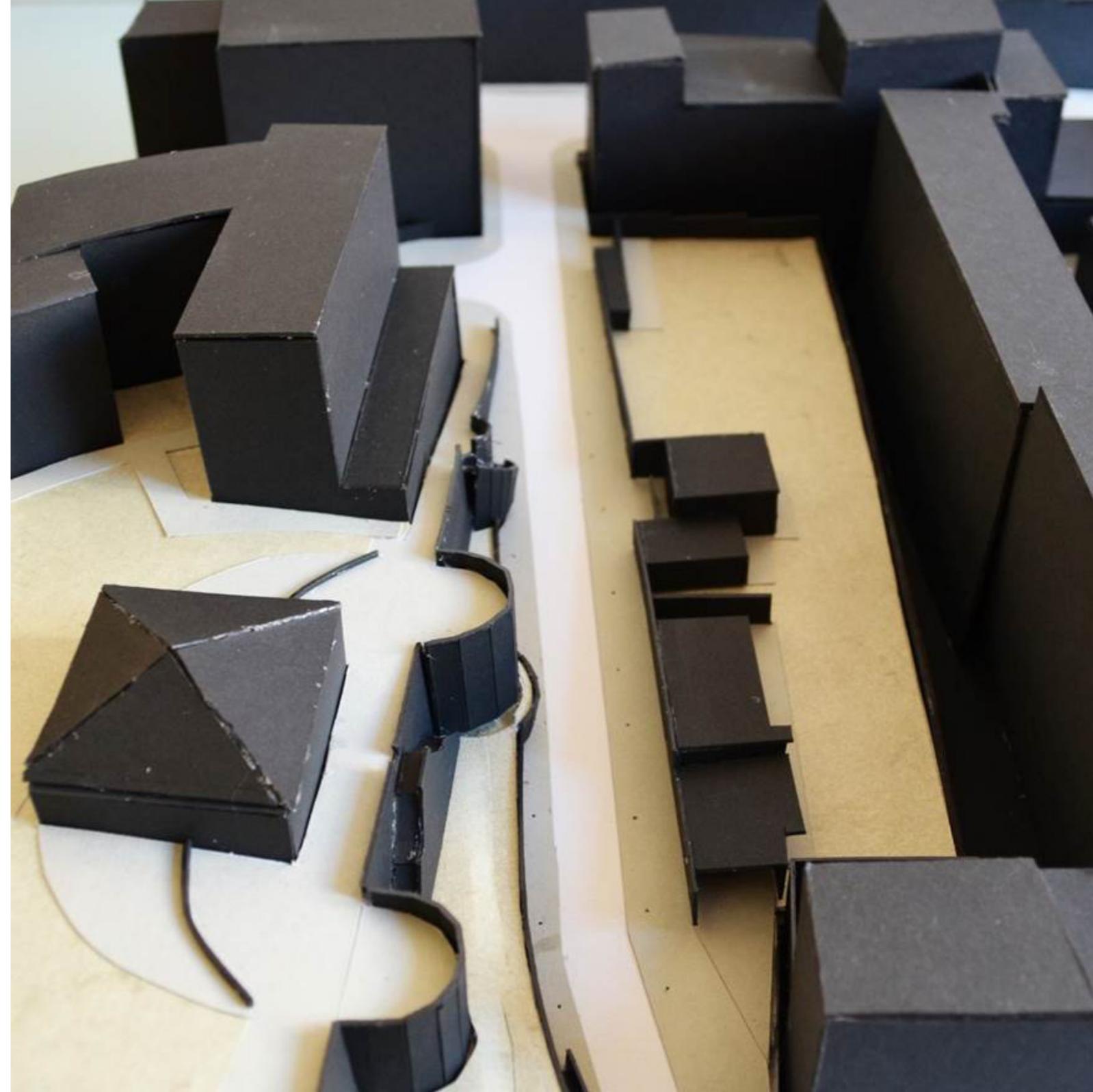
Em www.airesmateus.com.

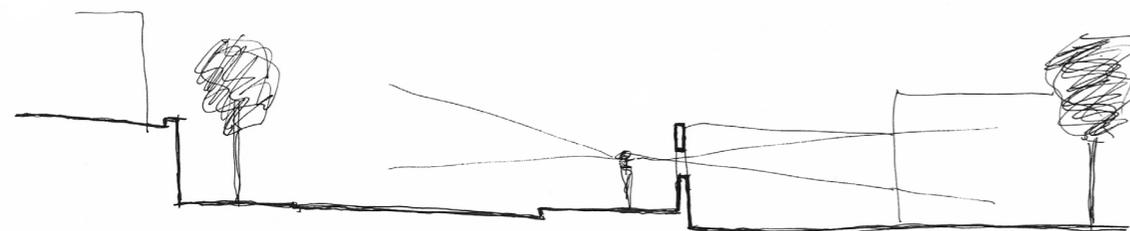
São criados avanços e recuos em relação à rua, como um organismo vivo que apresenta-se em constante relação com a envolvente e o pedestre.

A intenção é criar a ideia de que este muro de betão por vezes flete para o interior do quarteirão, surgindo aí habitações rebocadas a branco e em vidro, criando um contraste entre materiais, texturas e sensibilidades. Estas habitações têm a potencialidade de usufruírem de um espaço verde privado no interior do quarteirão.



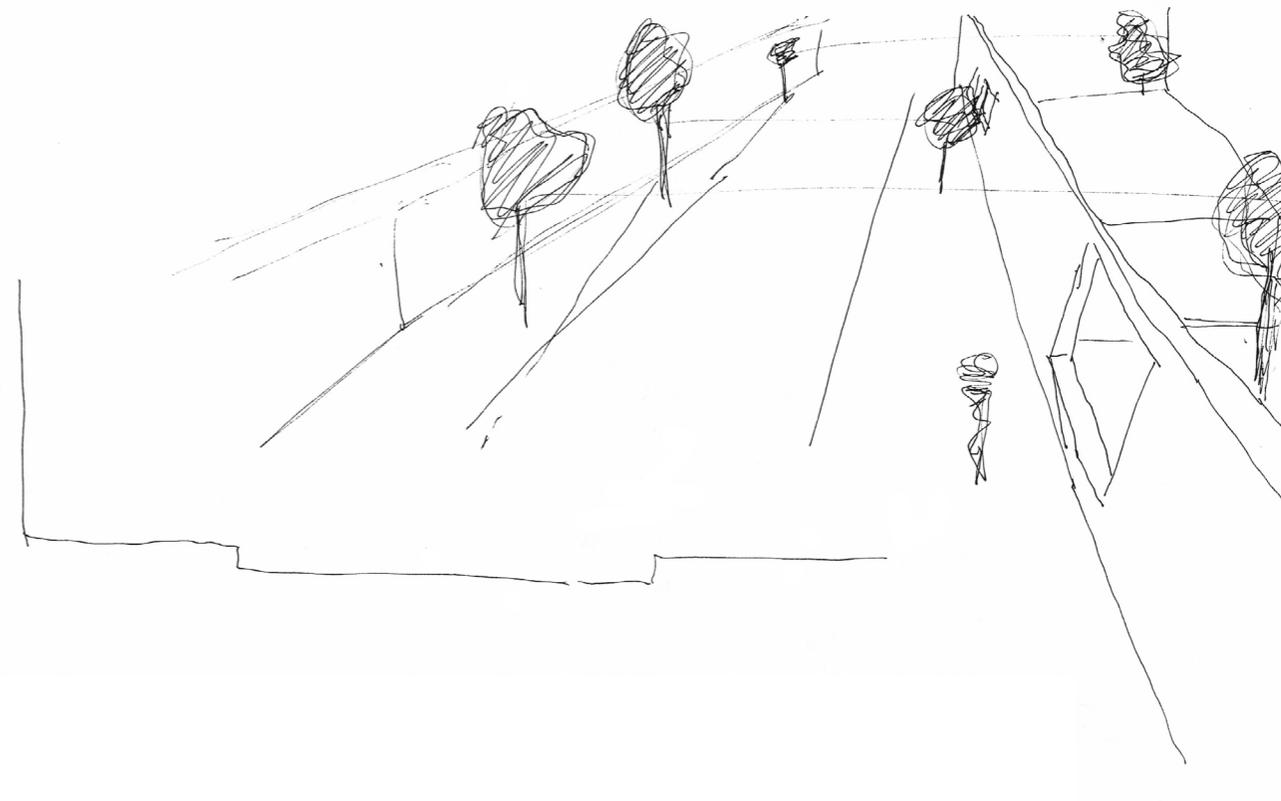
Fotografias sobre maquete 1/500.





Ao longo desta proposta criam-se momentos e espaços, entre o pedestre na rua (espaço público), o interior do quarteirão e as habitações (espaço privado), através de vãos e detalhes que surgem segundo a métrica.

Esquiço da relação visual entre espaço público e privado.



Esquiço da relação visual entre espaço público e privado.

As habitações desenvolvidas têm por base duas lógicas distintas, criadas em função do perfil social prospetivo para daqui a duas décadas.

Estas diferentes lógicas separam as quatro habitações em dois conjuntos de duas unidades cada. Um primeiro conjunto a Oeste e outro ao “centro” da zona de intervenção.



O primeiro conjunto de habitações desenvolve-se segundo uma lógica de vida em comunidade em que toda a área comum das habitações é única e partilhada pelos diferentes habitantes. Uma vez que a vida desenvolve-se principalmente no exterior das habitações, e a esta compete principalmente a responsabilidade de responder às necessidades básicas dos utilizadores, estas estruturas habitacionais podem ser rentabilizadas de forma a acolherem mais gente sob o mesmo espaço.

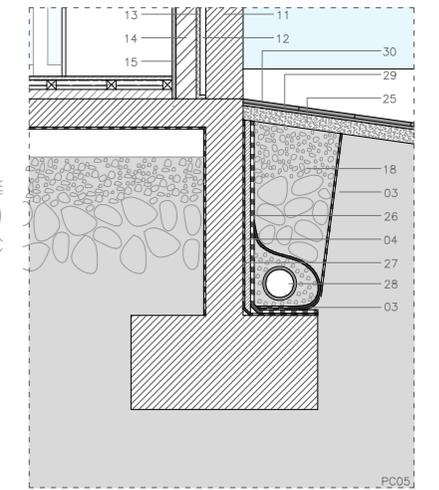
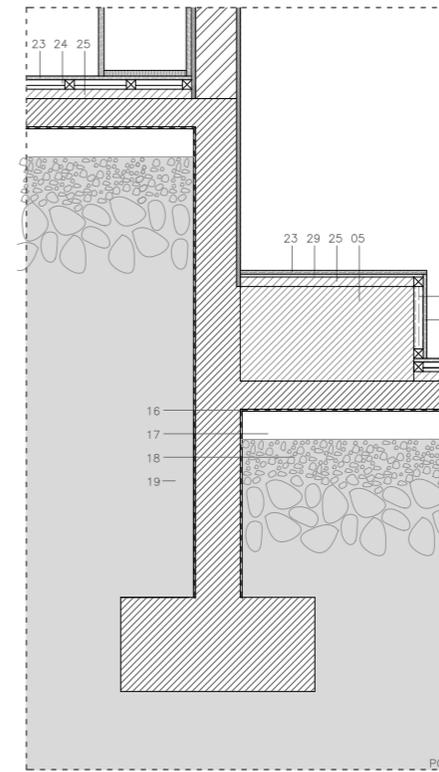
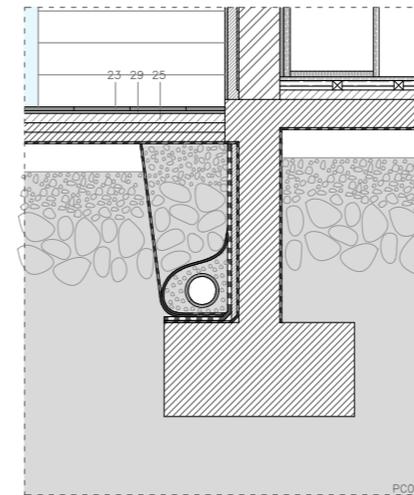
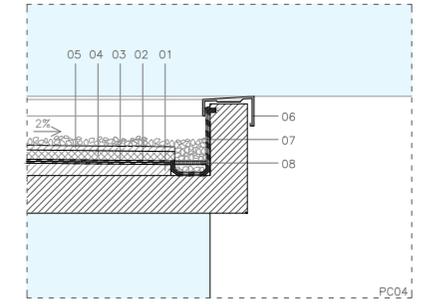
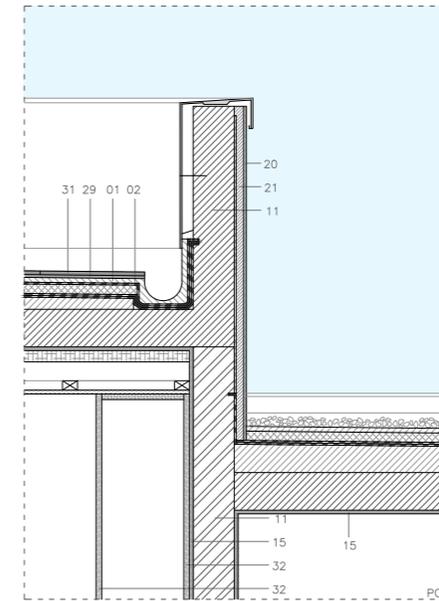
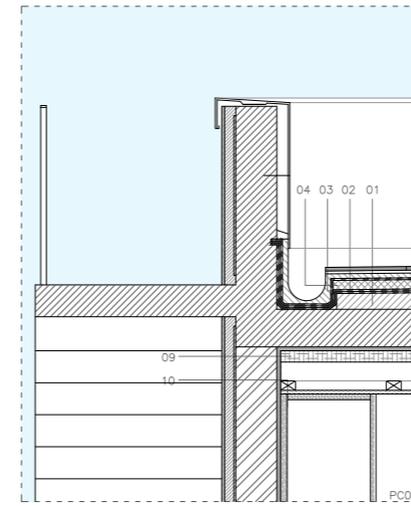
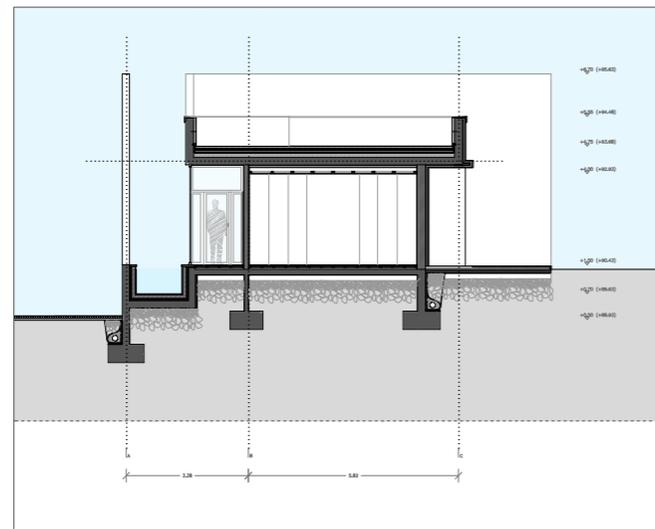
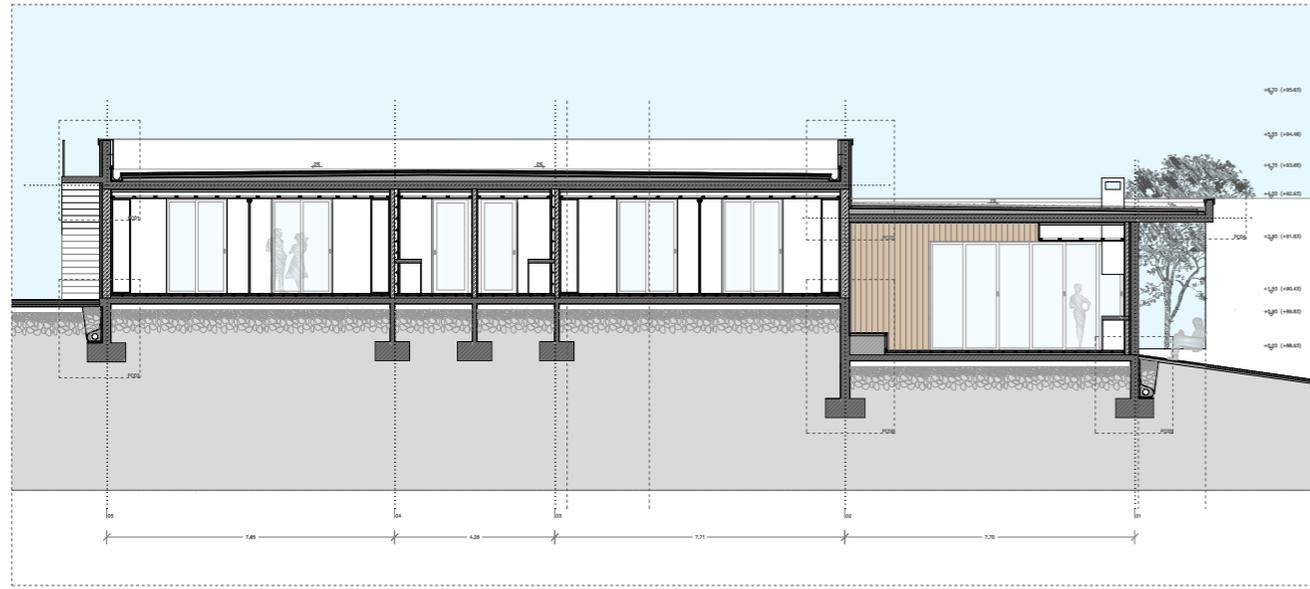
O conceito de família com o tempo mudou. Com preocupações mais direccionadas para as suas carreiras, as famílias são de menos elementos, podendo resumir-se a um casal com um filho, só a um casal ou a apenas uma pessoa. O conceito de fixação e casamento são ocasionalmente trocados por um vida que decorre a uma escala mais globalizada, através de viagens e menos permanência num espaço, alugado. “Casa” poderá ser agora o sitio donde se permanece como abrigo mas por menos tempo, e com companheiros de casa diferentes e em constante mudança.

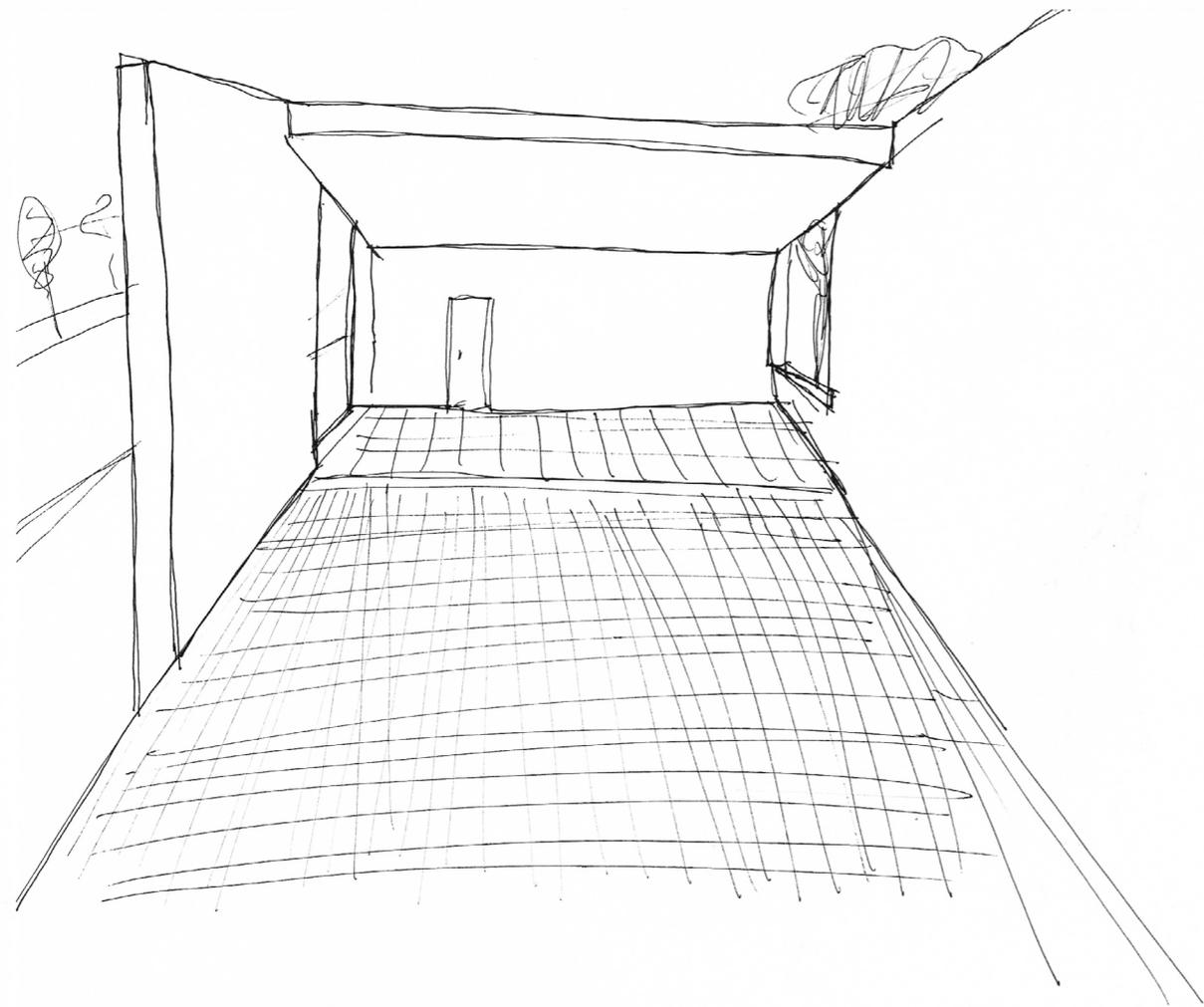
Desta forma os espaços comuns, em que se pode organizar a sala, a cozinha, a zona de refeições e o espaço exterior, são espaços partilhados. Os quatro quartos, encontram-se divididos dois a dois. O espaço dos quartos é flexível na medida em que pode adicionar-se ou subtrair-se ao quarto do lado, tornando-se num único de maiores dimensões, que se pode organizar sob diversas formas e sob diversos programas. Cada quarto possui ainda uma pequena zona exterior privada. A intenção é criar flexibilidade nas habitações, em que se pode viver em conjunto ou de uma forma mais individualizada, e gerir este convívio pela versatilidade que a casa permite por poder repartir-se ou anexar-se interiormente em secções.

Este conjunto habitacional divide-se em dos níveis, um de espaços comuns e outro de espaços privados. Encaixado entre os dois surge um tanque de água que resulta do afastamento da casa do muro da rua. Este nasce da memória do lugar, da Quinta outrora existente. Permite a frescura da casa ao longo do ano, banhos e claridade no interior da habitação pelo reflexo da luz na água nas paredes do interior da casa. Este detalhe é potencializado por a entrada da casa ser realizada a uma cota inferior ao tanque, e por isso, ao entrar, o utilizador não se apercebe da existência do tanque mas sim dos efeitos que o reflexo da luz na água produz no interior da casa. Esta diferença de cotas permite também o resguardo da zona comum, proporcionando maior

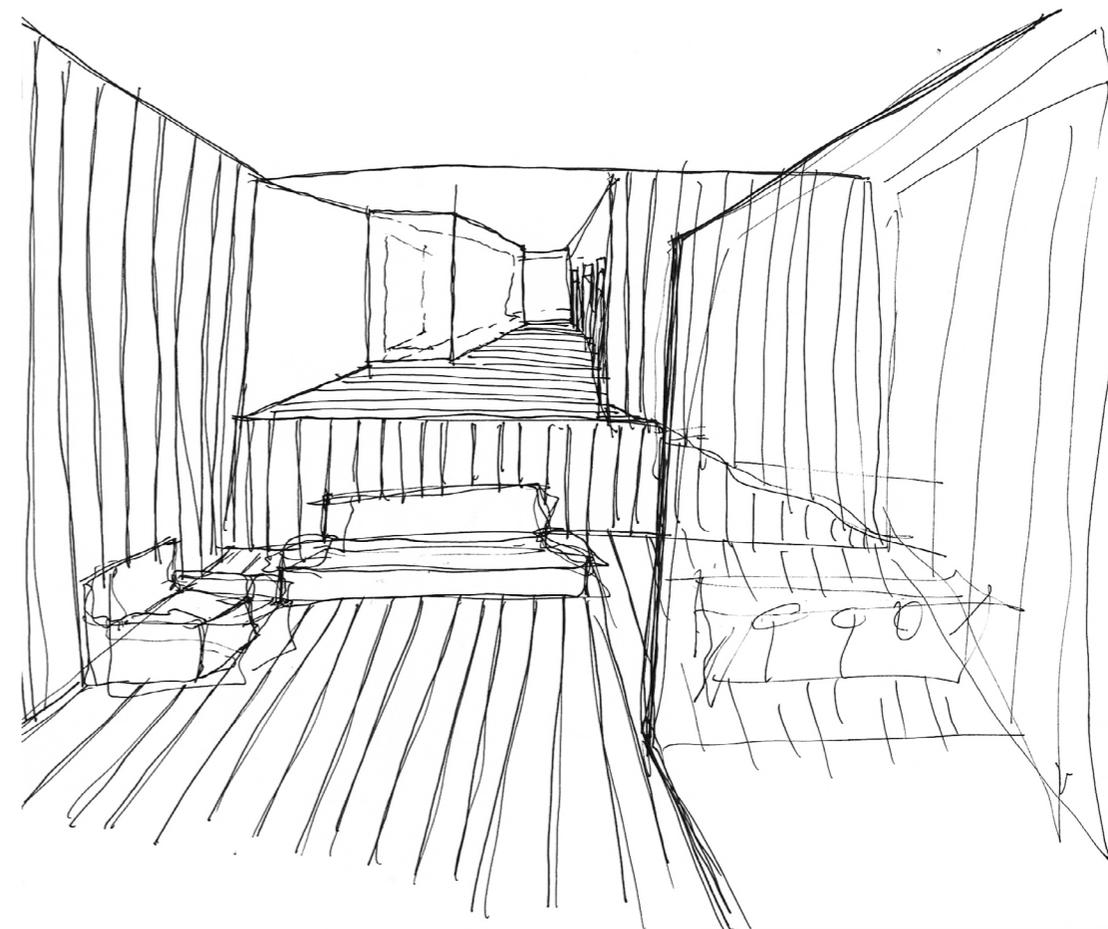
Habitacões 1 e 2. Planta Piso 1. Planta Piso 2 . Planta de Cobertura.



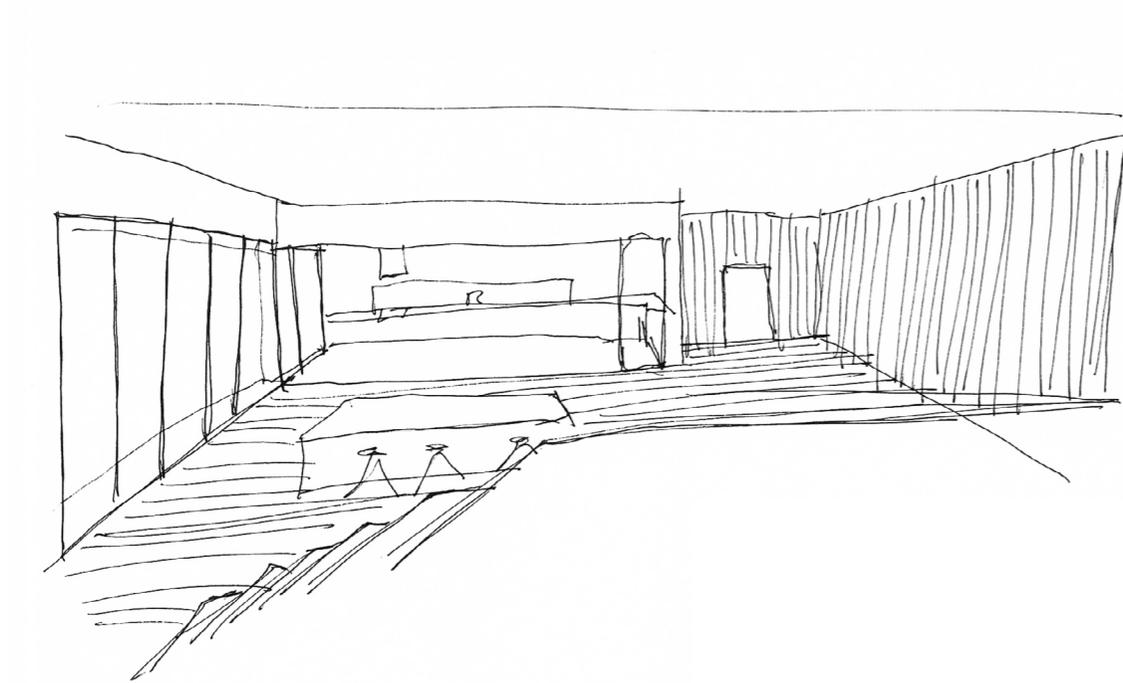




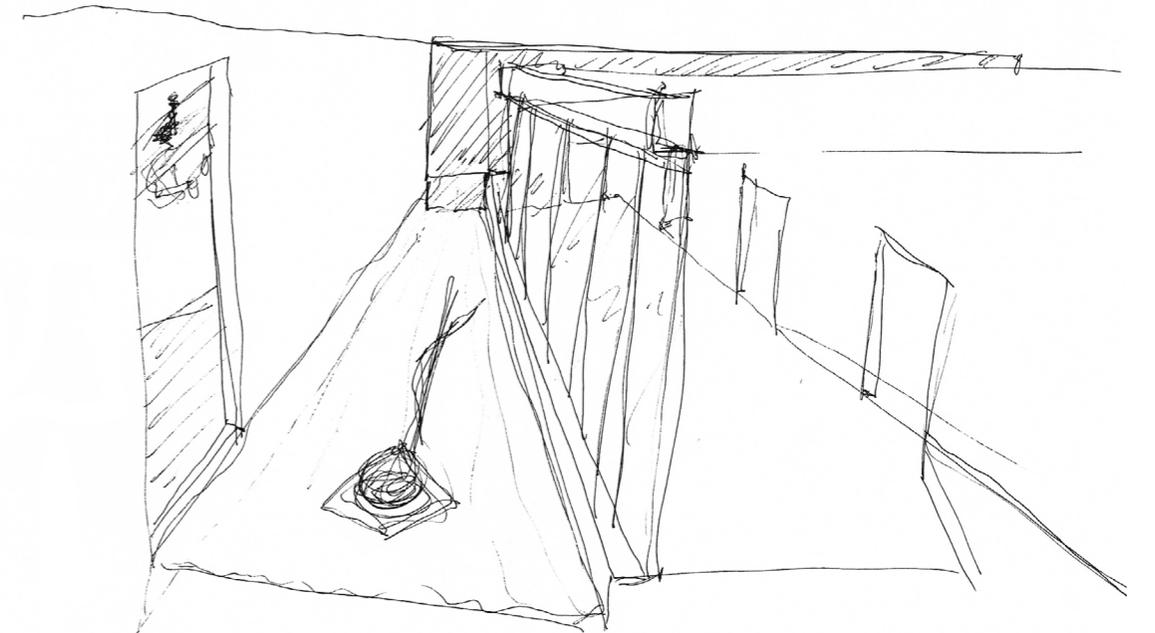
Esquízo da entrada das habitações 1 e 2.



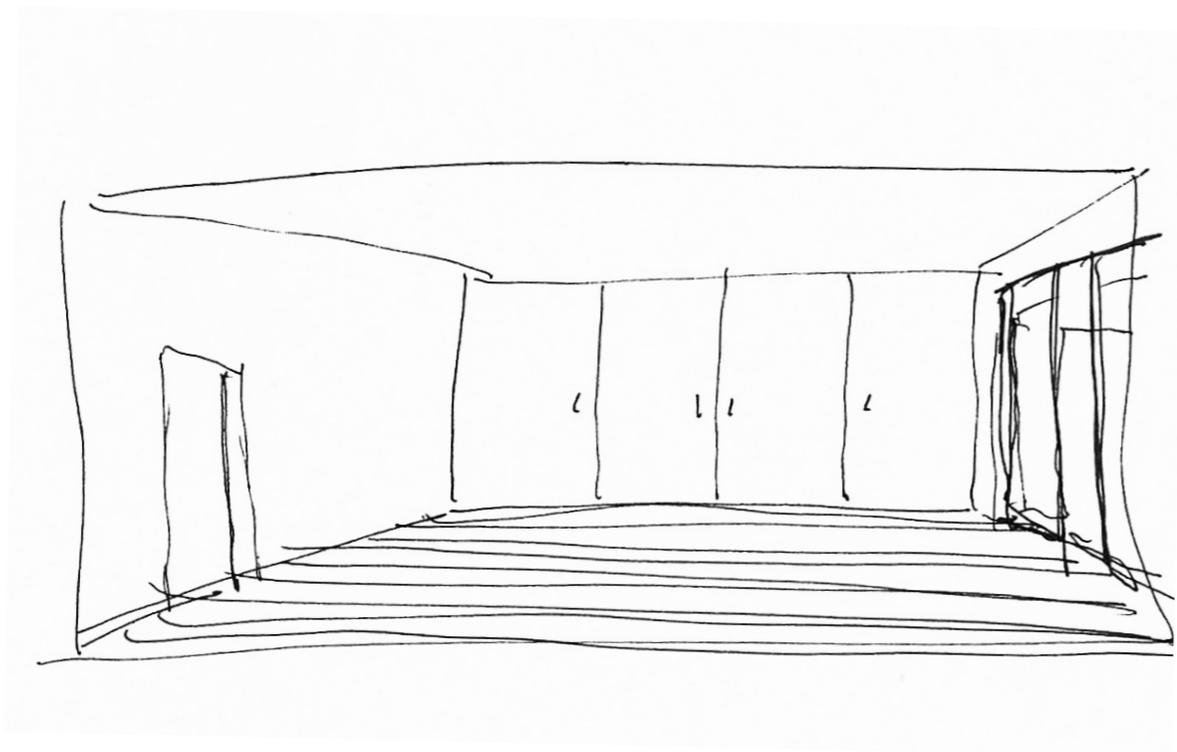
Esquízo da perspectiva à entrada das habitações 1 e 2.



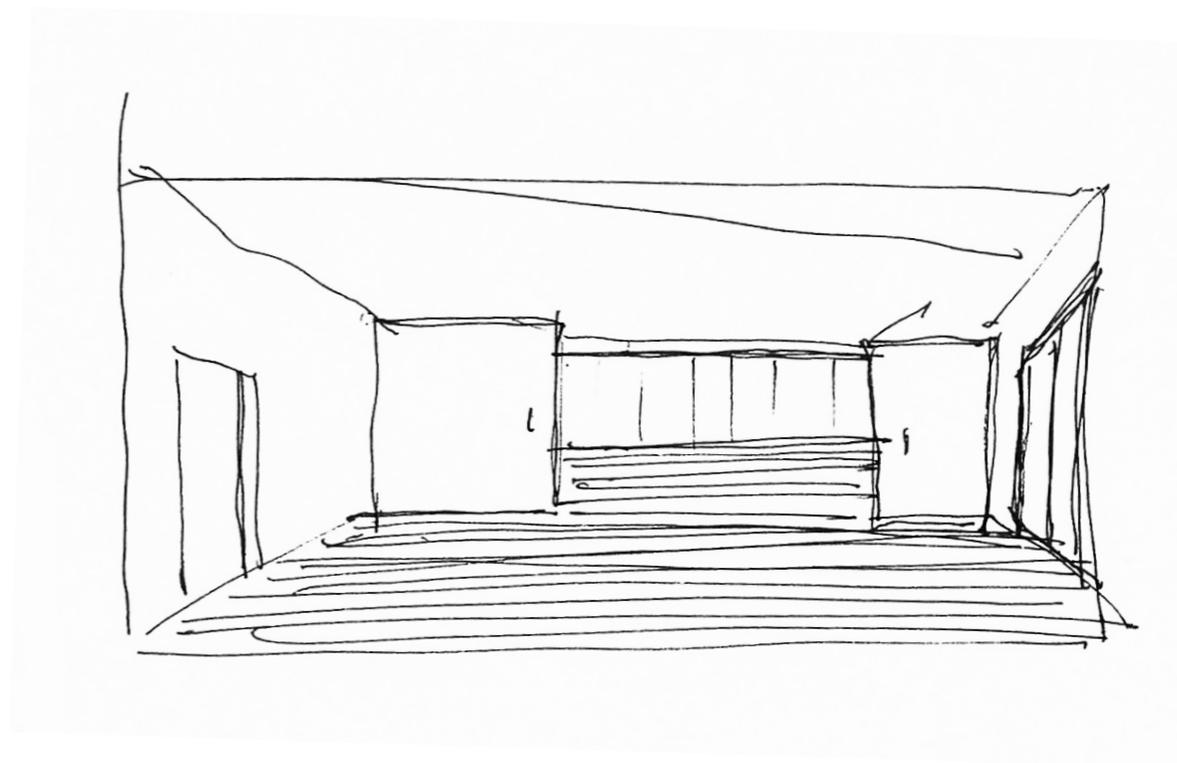
Esquiço do hall de entrada, cozinha e sala das habitações 1 e 2.



Esquiço da relação visual entre o espaço público e o privado. Zona do tanque, nas habitações 1 e 2.



Esquiço da relação entre os quartos de cama das habitações 1 e 2. Portas fechadas.

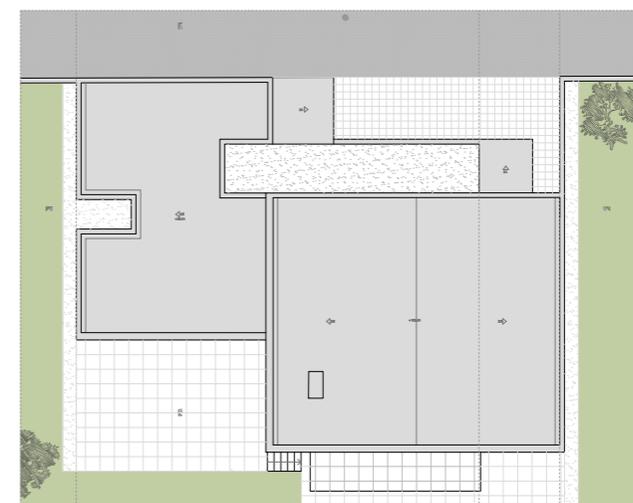


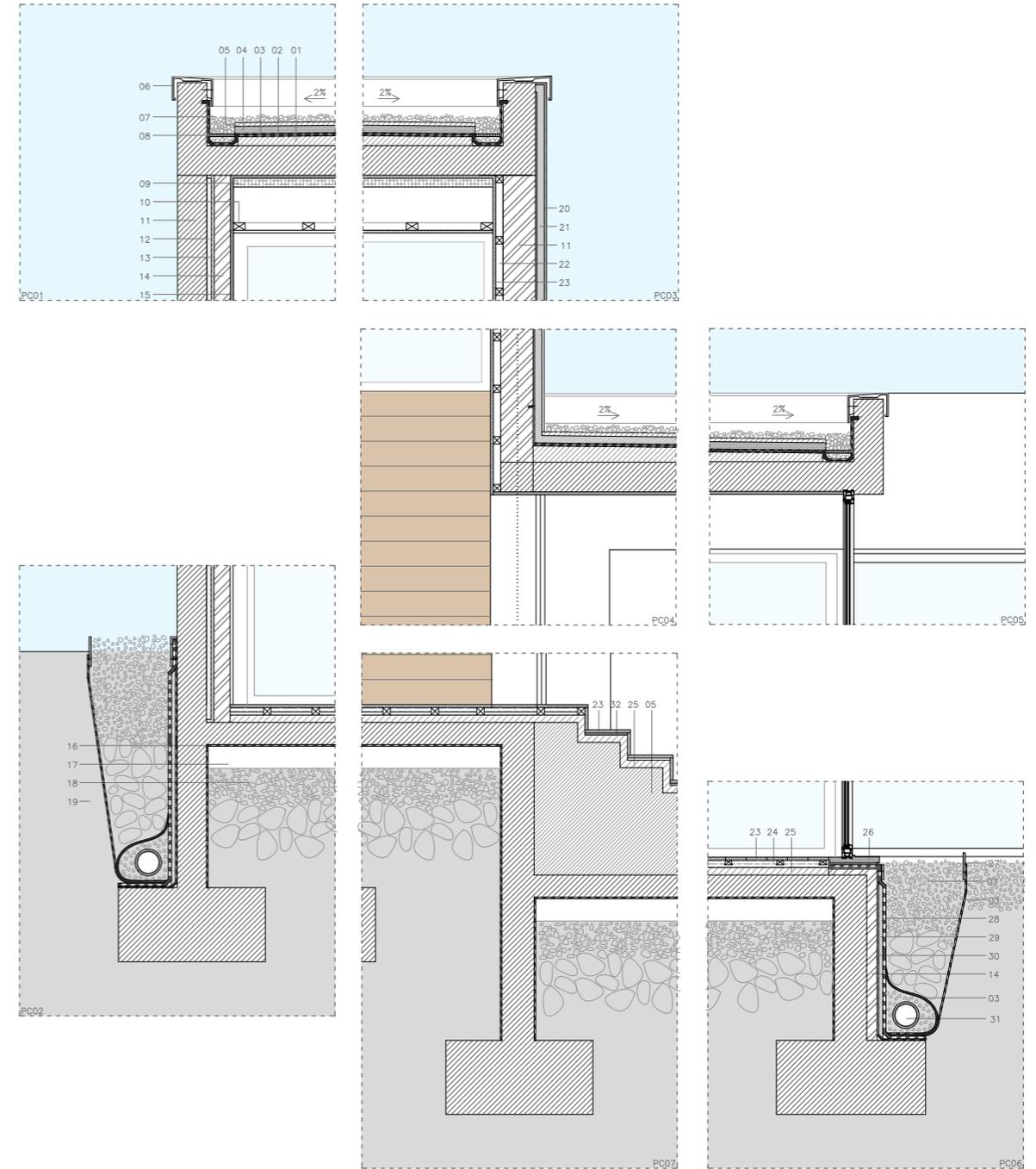
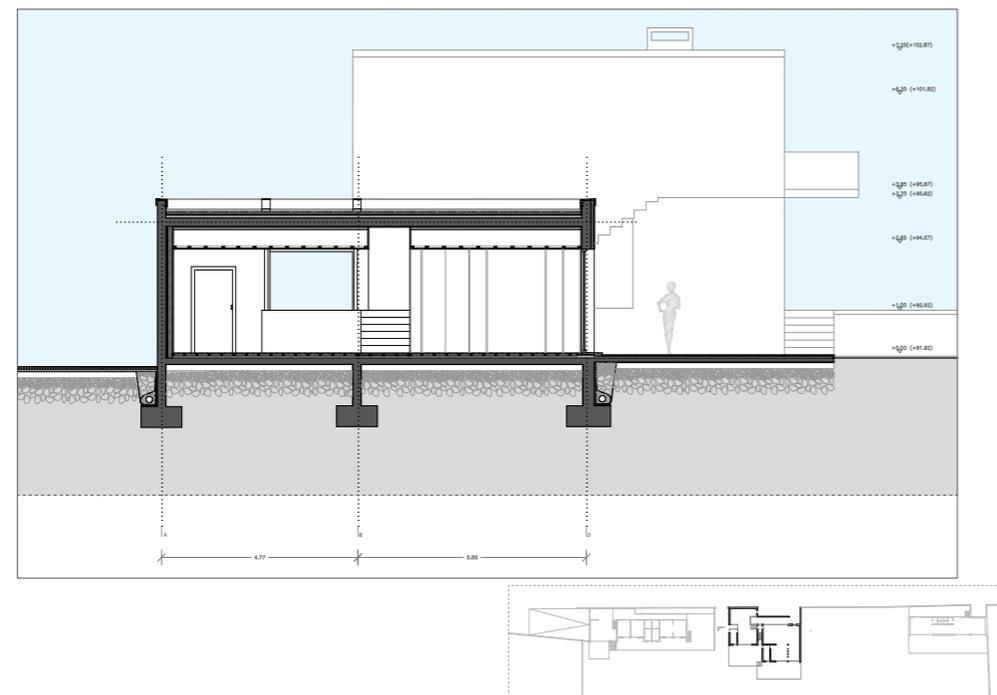
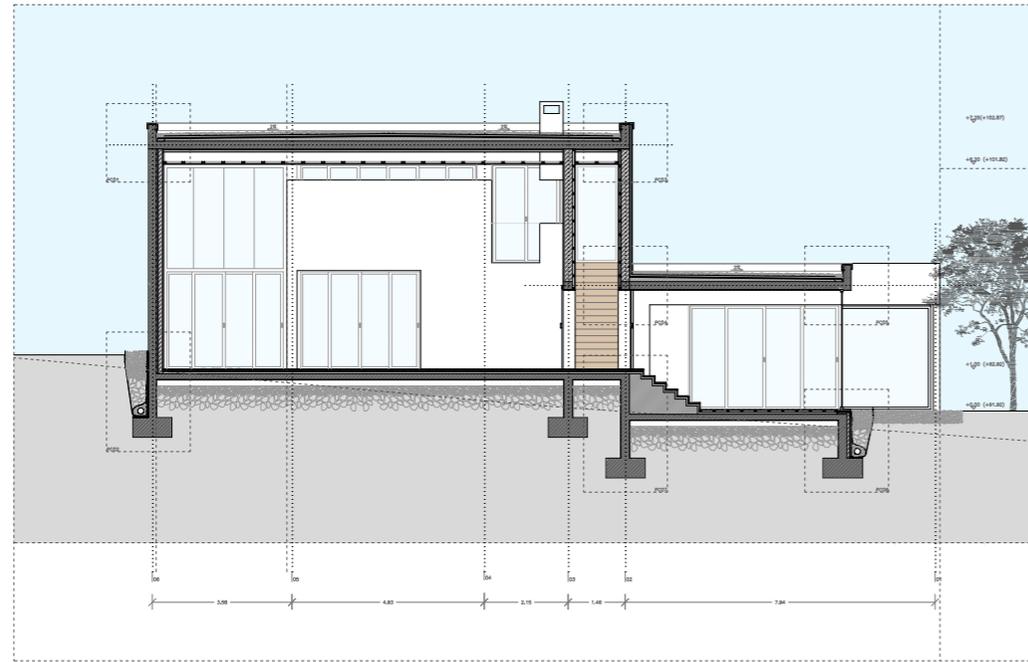
Esquiço da relação entre os quartos de cama das habitações 1 e 2. Portas abertas.

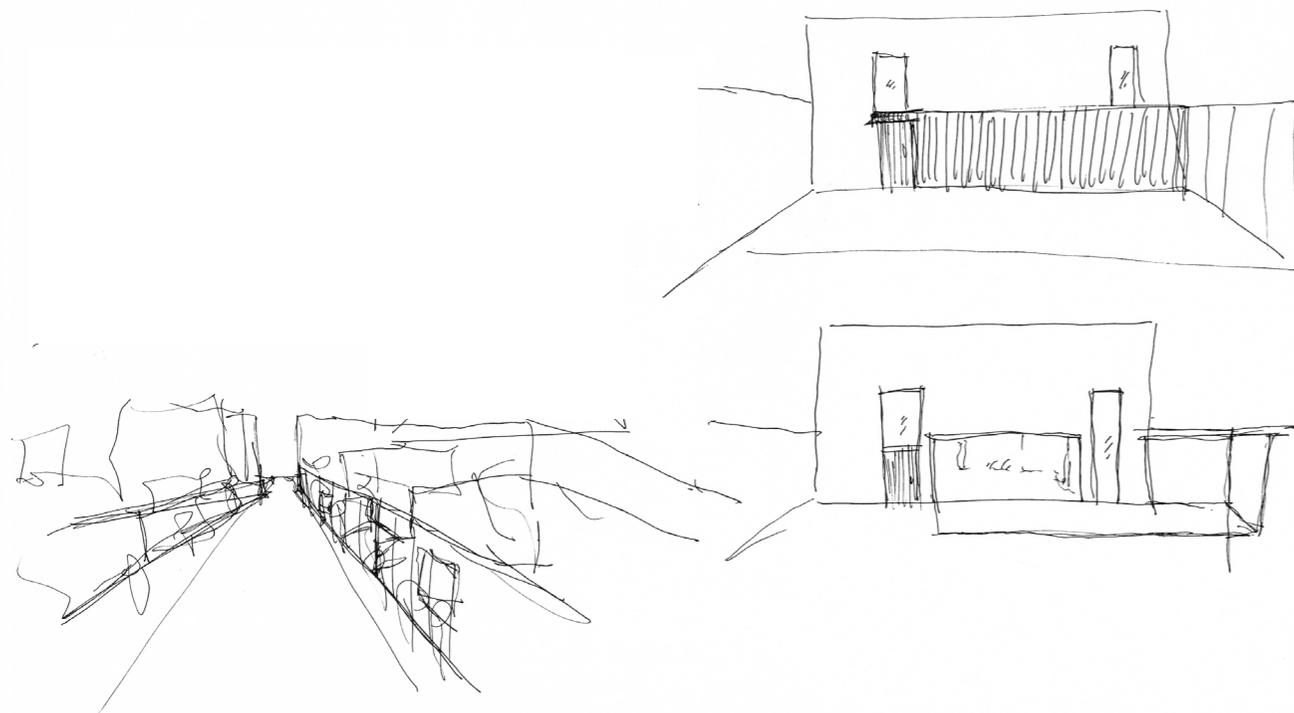
O segundo conjunto, que integra duas unidades de habitação, desenvolve-se segundo a lógica de que pode existir uma vivência em comunidade funcionando como uma única habitação, ou como duas em separado, em que apenas o espaço comum da cozinha é partilhado.

Os espaços são flexíveis e versáteis, com grande potencialidade de serem utilizados para diversos fins pela sua dimensão, possibilidade de abertura ou fecho e ligação com os outros espaços, interiores ou/e exteriores. Uma habitação desenvolve-se em dois níveis. Um de habitação propriamente dita e o outro integra a cozinha, cada vez mais remetida para espaço de convívio. Esta habitação desenvolve-se em torno de um duplo pé direito. Proporciona um grande momento à entrada pelas suas dimensões e luminosidade que encaminham/ conduzem a pessoa da realidade da rua- branca, fria, pública- para uma de interior de bairro, mais humanizado, acolhedor e com zonas verdes privadas. A outra habitação desenvolve-se num pé direito mais baixo num ambiente familiar de pequena escala. A elasticidade deste complexo permite um ajuste à vida multifacetada destes habitantes.

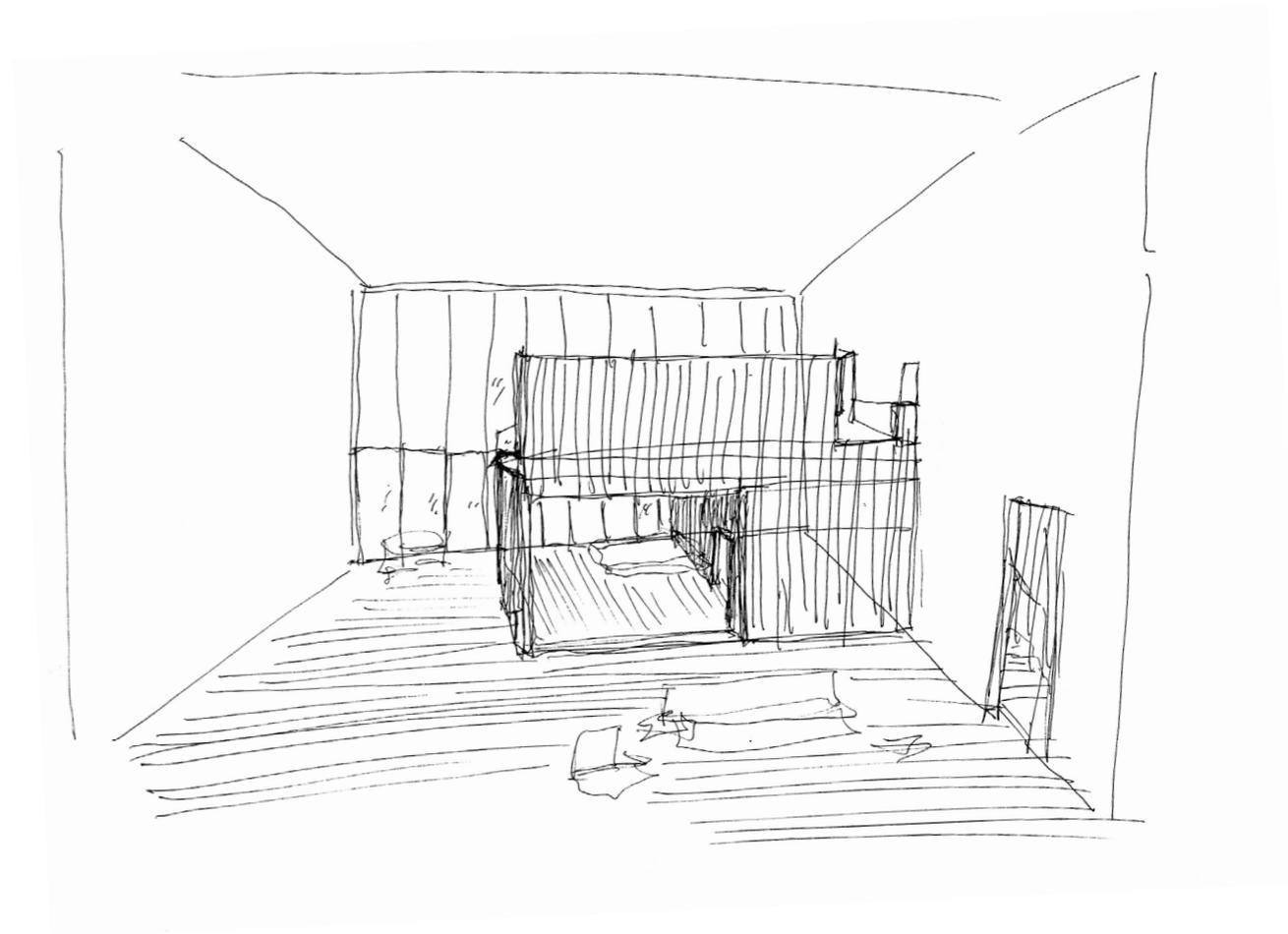
Habitações 3 e 4. Planta Piso 1. Planta Piso 2 . Planta de Cobertura.



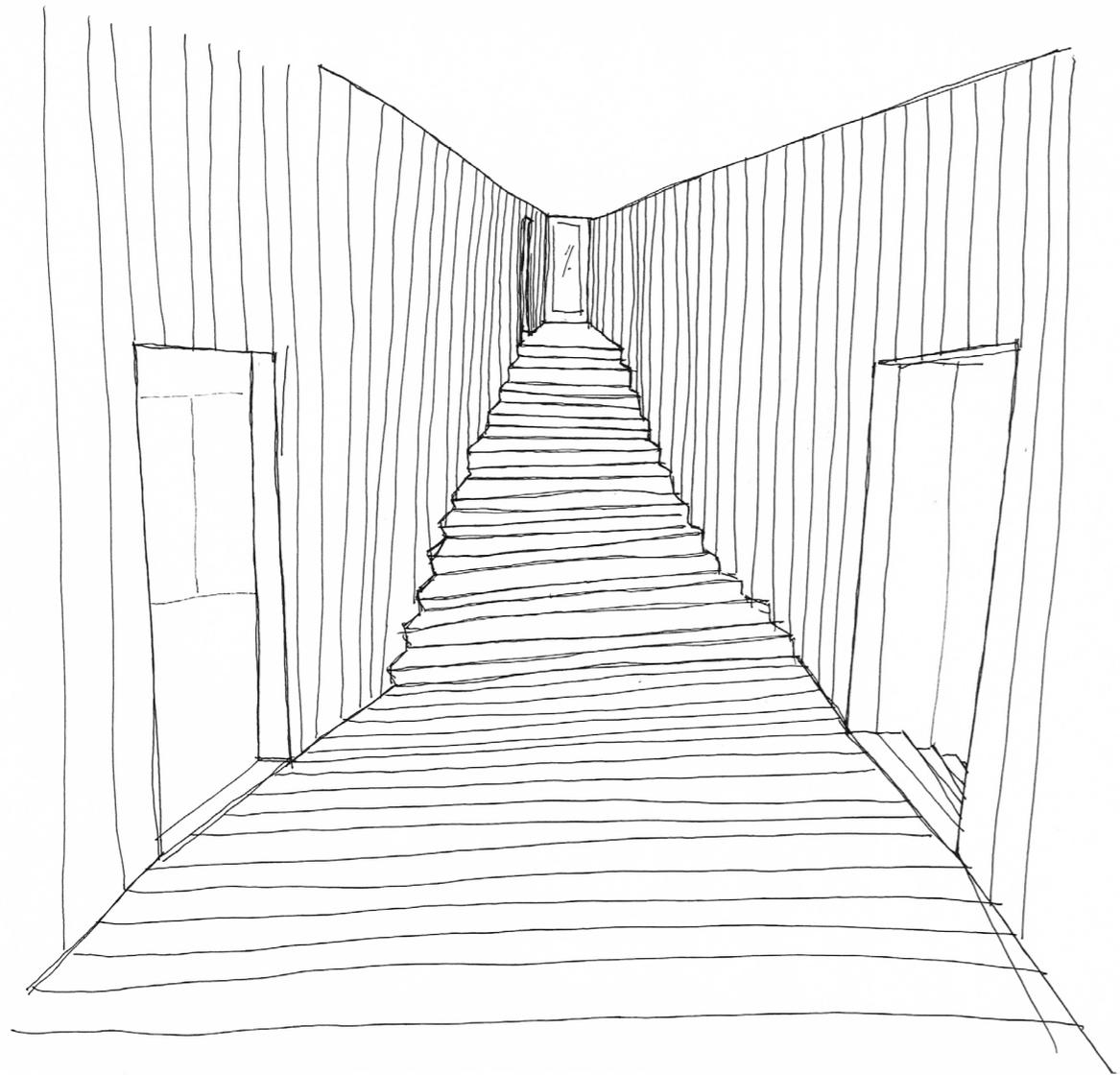




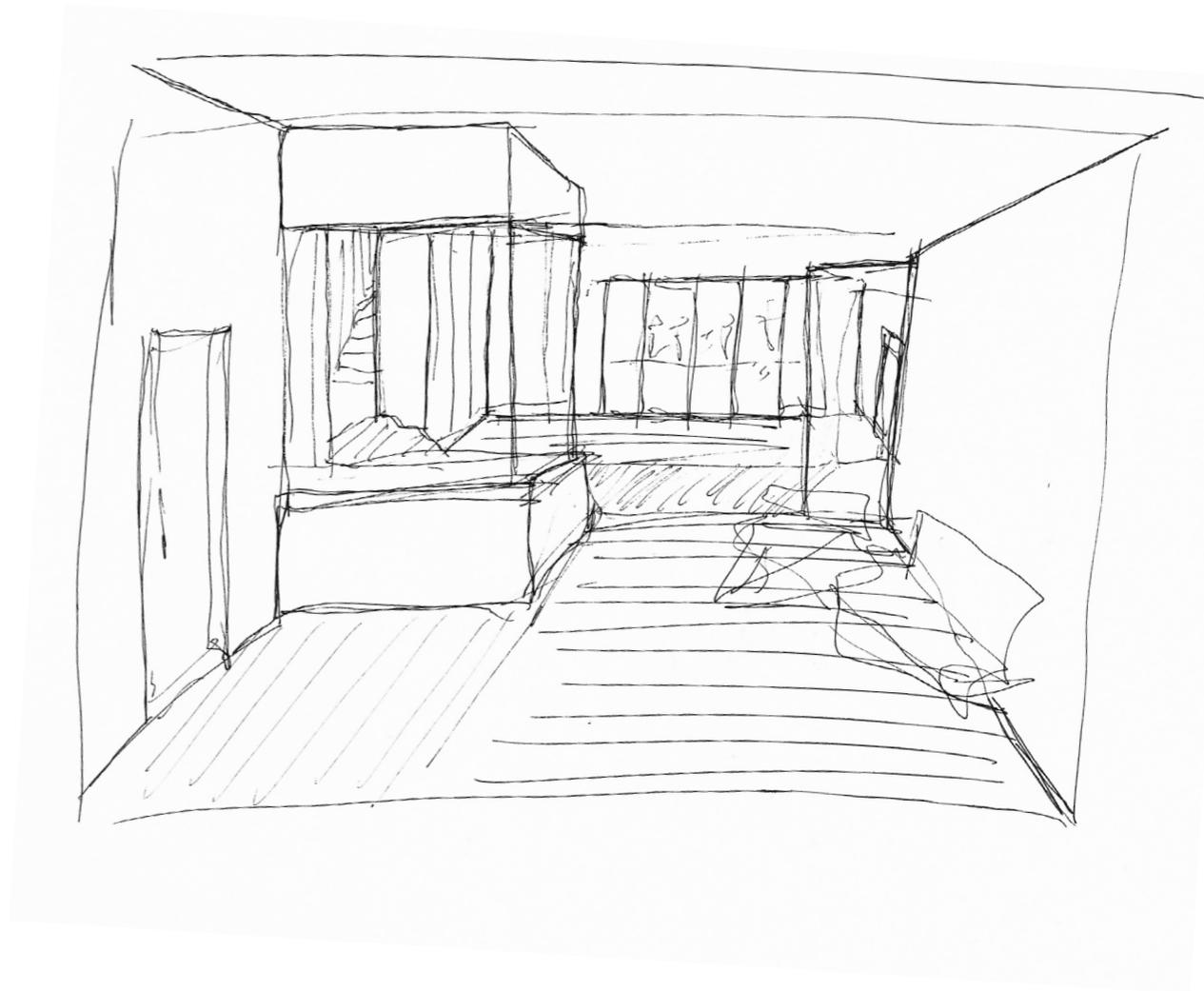
Esquízo do momento de chegada às habitações 1 e 2.



Esquízo do momento de entrada nas habitações 1 e 2. Sala da habitação 1.



Esquízo do interior das habitações 1 e 2. Escadas entre as habitações.



Esquízo do interior das habitações 1 e 2. Sala da habitação 2.

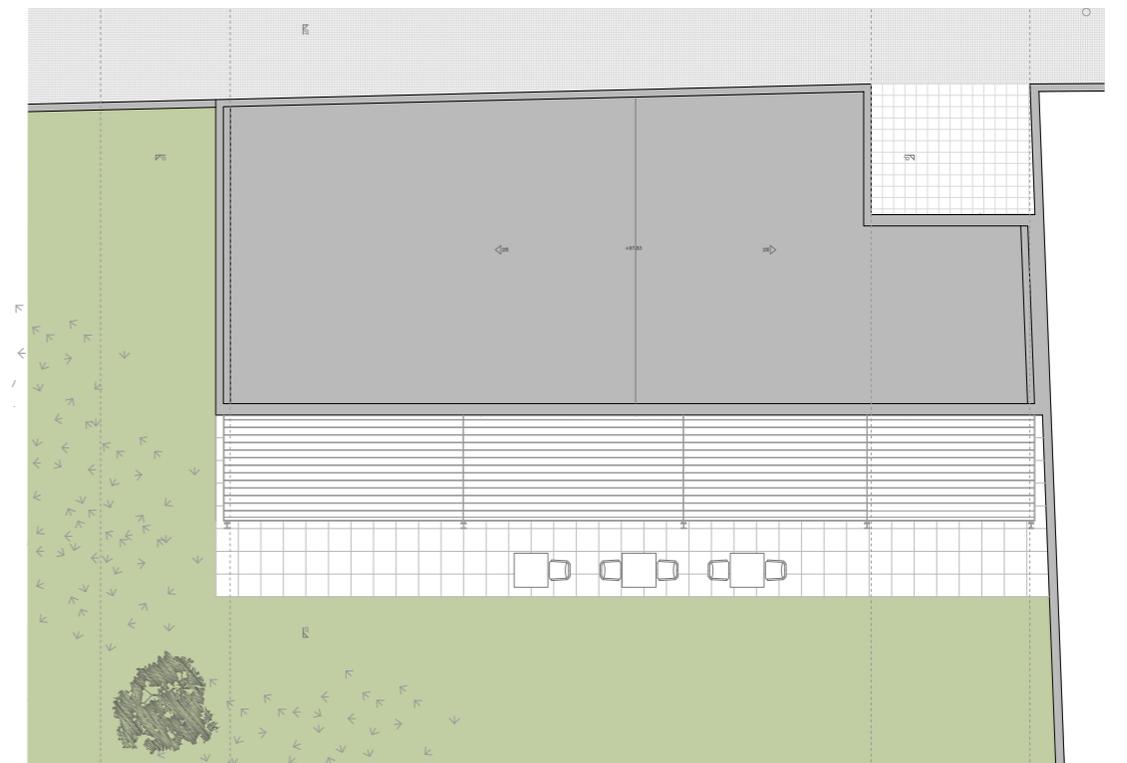
Nesta sequência foi criado ainda um terceiro volume de apoio aos habitantes da zona, a Este da zona de intervenção. Este volume integra uma zona de *coworking*, para estudo, trabalho, leitura, convívio, equipada com mesas e cadeiras que se desenvolvem à cota da rua num ambiente íntimo. Integra instalações sanitárias e uma sala de jogos com máquinas de venda automática de comidas e bebidas. É criada, também, uma zona exterior lajeada protegida da luz solar direta disponível aos utilizadores. Os espaços deste volume permitem uma utilização autónoma sem que seja necessária a vigilância e manutenção constante. A sua funcionalidade em conjunto ou independente, oferecendo uma flexibilidade de usos e espaços aos habitantes.

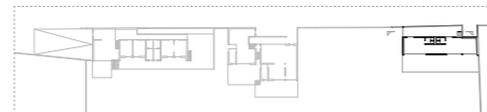
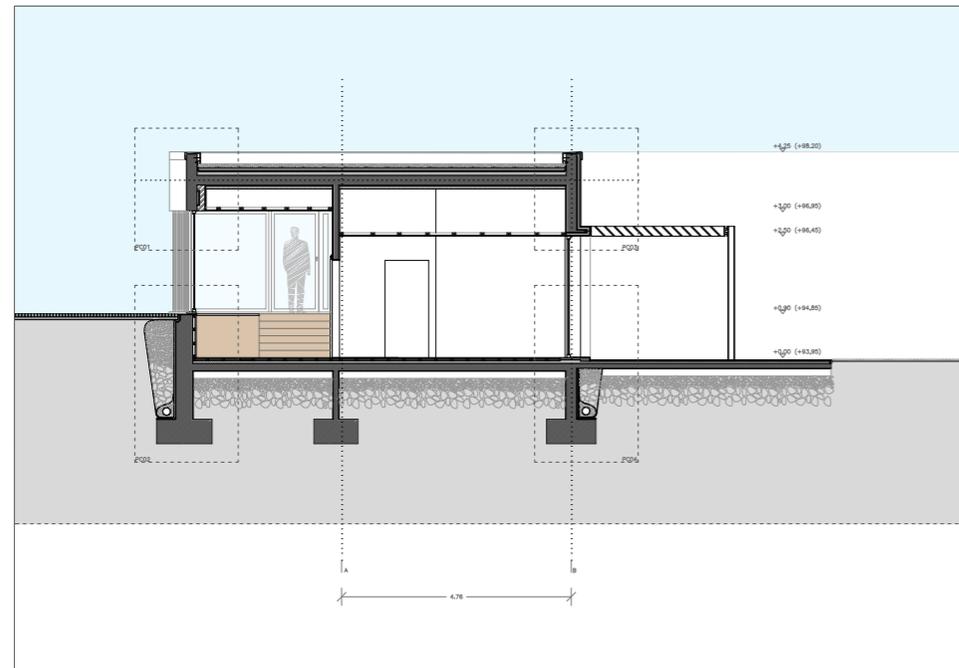
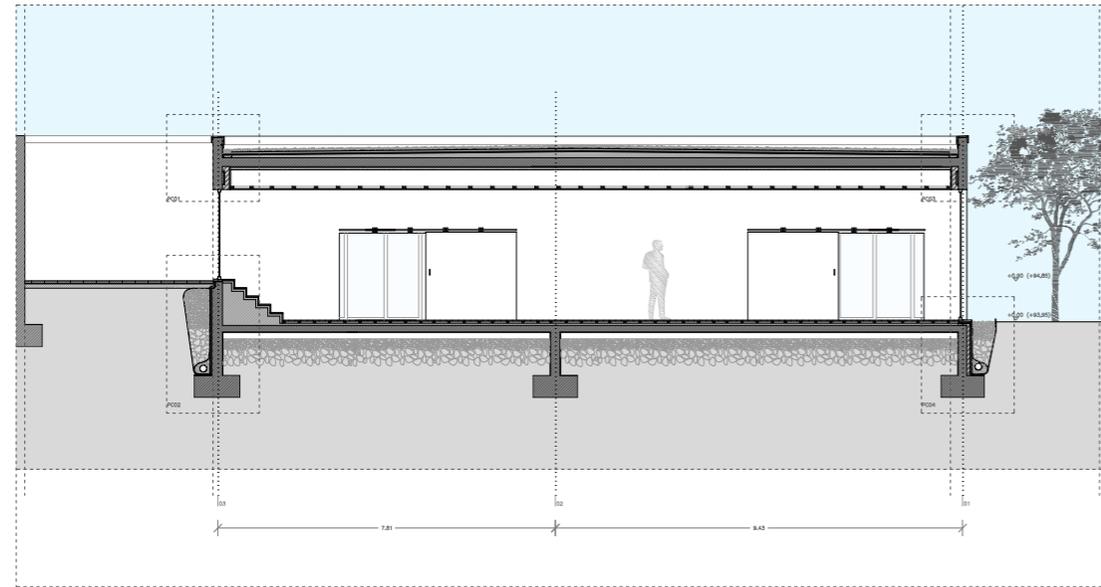
Em geral a estrutura utilizada corresponde à ideia de manter um exterior murado em betão branco e um interior claro, luminoso e confortável virado para o interior do quarteirão. Desta forma as paredes exteriores, quando viradas para a rua são paredes duplas, com uma folha de betão branco com revestimento hidrófugo e outra folha de alvenaria rebocada a branco. As paredes exteriores viradas para o interior do quarteirão são de alvenaria rebocadas a branco, com revestimento exterior em xps. As paredes interiores são de alvenaria de pedra rebocadas a branco.

Os pavimentos interiores são em soalho de madeira de forma a permitirem um conforto ao habitante. Os pavimentos exteriores são cerâmicos.

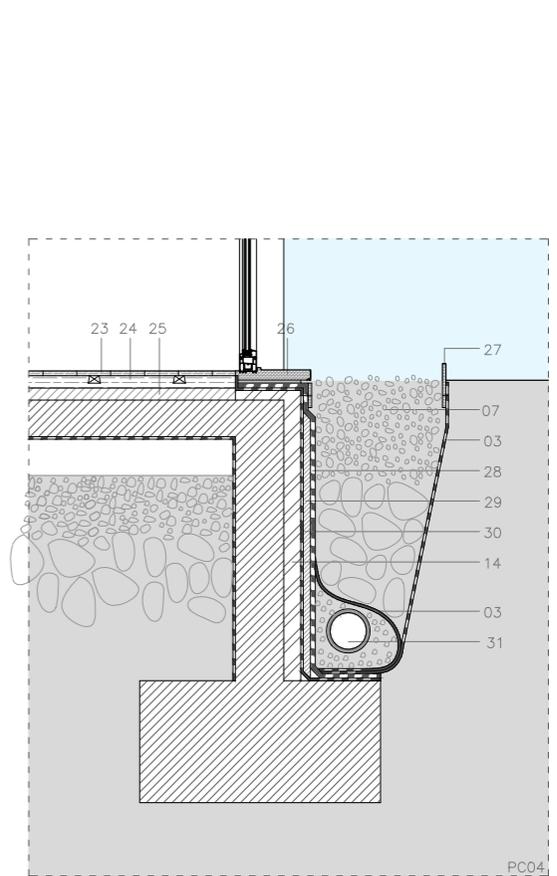
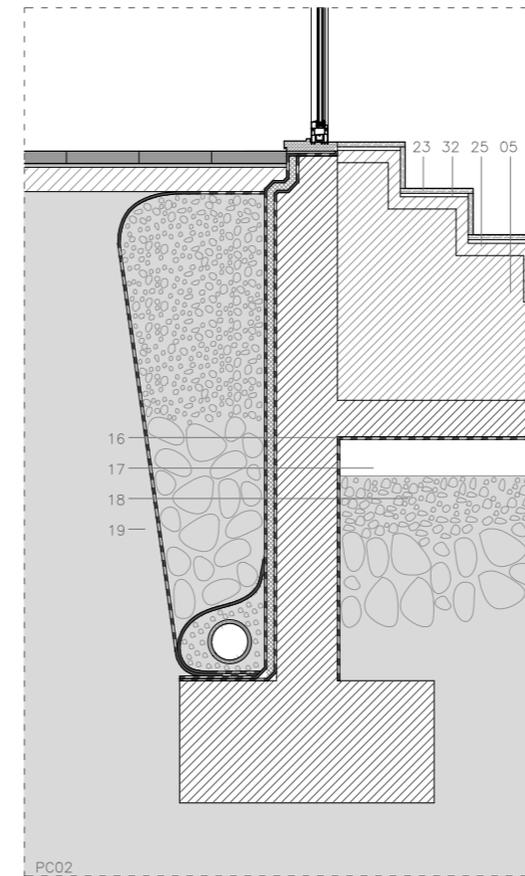
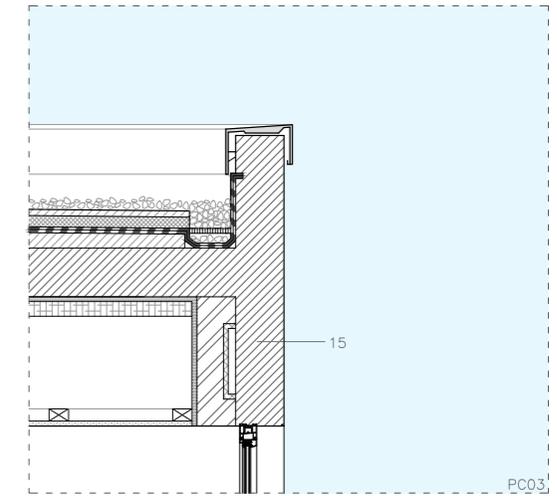
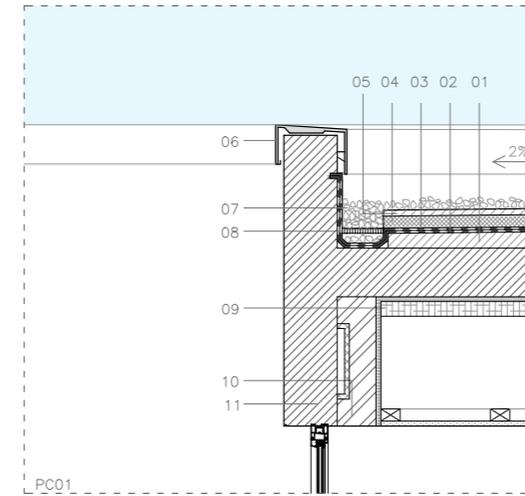
A orientação solar foi tida em conta de forma a tirar-se o máximo proveito das diferentes luzes e brisas ao longo do dia. Nas zonas orientadas a Poente foram criados espaços alpendrados em lâminas de madeira de forma a sombrearem os quartos.

Zona de *coworking*. Planta Piso 1. Planta de Cobertura.

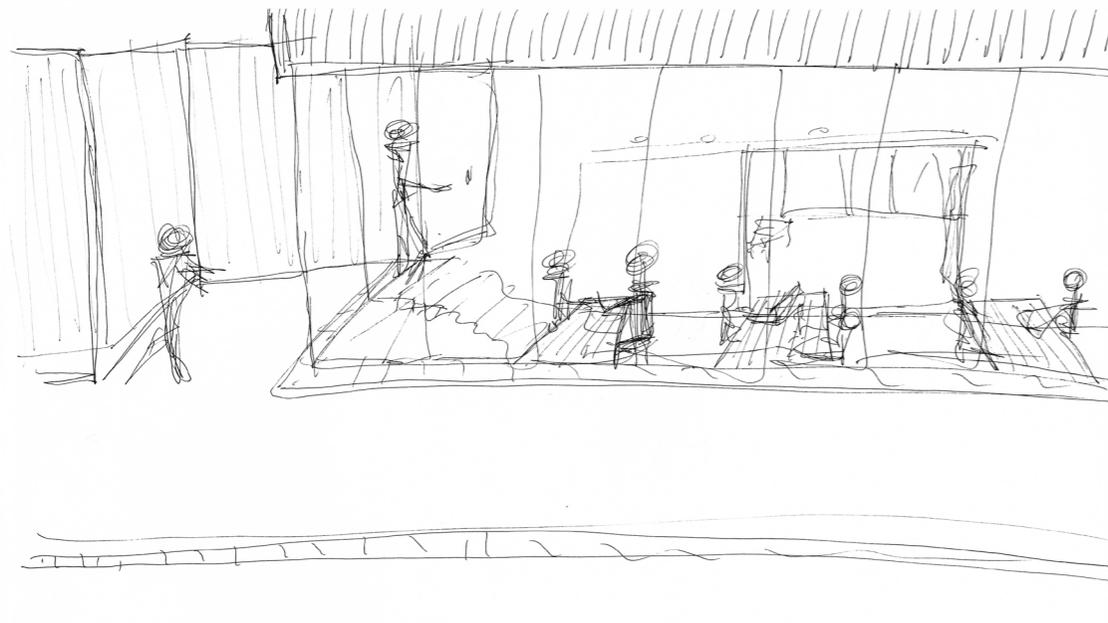




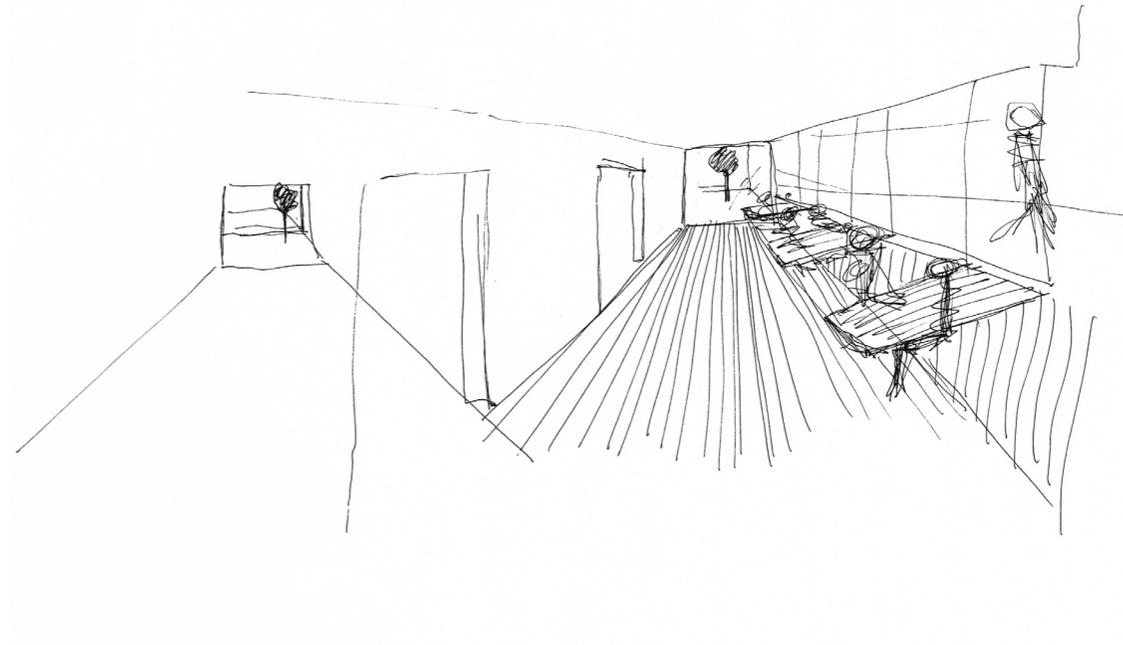
Habitações 1 e 2. Corte Longitudinal. Corte Transversal.



Habitações 1 e 2. Pormenores do Corte Longitudinal.



Esquiço do exterior do volume 3.



Esquiço do interior volume 3. Zona de *coworking*.



Este tema foi-nos sugerido como uma síntese do percurso desenvolvido ao nível individual e visa o estabelecimento de uma relação entre os trabalhos desenvolvidos ao longo do ano letivo. A sua conclusão num mês de trabalho, prometia a sua assertividade e, no meu caso, o estabelecimento de uma relação entre um trabalho desenvolvido na componente prática da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura, e o desenvolvido na componente teórica, em Laboratório de Sociedade e Arquitetura.

O trabalho desenvolvido na colina das Amoreiras, a definição de um perfil social baseado em leituras prospetivas em relação à sociedade no espaço de 20 anos, desenvolvido em paralelo com a projeção de quatro habitações, define a parte selecionada da componente prática.

A dissertação, pretendeu uma abordagem que privilegia o carácter social da arquitetura, tanto do ponto de vista dos seus utilizadores, como das atividades relativas ao espaço que ocupam. O estudo desenvolve-se sobre a Mouraria, e o seu espaço público - os Largos.

Pretendi estabelecer uma relação entre um perfil social imaginado como futuro para o território das Amoreiras, e a realidade atual no Bairro da Mouraria. Pretendi demonstrar um pensamento sobre estes dois territórios, um antigo e um mais recente, e sobre a questão Presente versus Futuro, sob a forma de um vídeo (gravado no CD em anexo).

Numa primeira fase o que pode parecer dois territórios sem muito de semelhante pela sua origem e evolução, localização e características, pode trazer surpresas.

A **globalização** que gera também a coabitação de indivíduos de diferentes nacionalidades no mesmo território, por razões diversas – económicas, sociais, culturais, políticas, profissionais, académicas, de recreio, artísticas, etc. – que vivem em constante transitoriedade, é inquestionavelmente um fenómeno em expansão nas sociedades em desenvolvimento, como se pode prever para as Amoreiras. Esta panóplia de gentes agrega-se cada vez mais sob formas mais diversificadas originando situações sociais diversas – como tipos de família e grupos sociais. Desde cedo esta situação verificou-se na Mouraria. A recorrente fixação de população em busca de um Mundo Novo, em busca de outras melhores condições de vida.

É esta globalização, por distintas etnias, culturas, religiões e ideais, que a nossa aldeia global é cada vez mais composta. Daí a questão “**Serão as Amoreiras de Amanhã, de alguma forma, a Mouraria de Hoje?**?”. Numa visão de umas Amoreiras de amanhã mais global, e cosmopolita, já o é, de alguma forma, a Mouraria de hoje.

O cosmopolitismo também se mede pelo grau de gentes variadas e neste sentido a zona que representa hoje mais esta vertente é a Mouraria. Também é este território que fica no centro físico e histórico de Lisboa e tem uma estação de Metro que o liga ao Mundo.

Devido à constante transitoriedade que uma vida cada vez mais moderna atinge, um indivíduo já não passa tanto tempo na sua habitação, mas pelo mundo em viagem. Desta forma as habitações já não necessitam ser de grandes dimensões, mas sim serem funcionais no sentido de responderem apenas às necessidades básicas e imediatas dos seus utilizadores.

Pela antiga e apertada malha e pela constante movimentação dos indivíduos num espaço geográfico internacional, as **habitações** na Mouraria são **de muita reduzida área**, na medida em que têm apenas os espaços considerados essenciais respondendo ao mínimo conforto dos seus habitantes.

Desta forma os **espaços comuns** para encontro e lazer são remetidos para os **espaços exteriores**, para os espaços públicos. Na Mouraria a Rua, os Largos e a Praça do Martim Moniz são os espaços ideais para momentos de convívio em sociedade, em pé, num banco, num degrau ou numa soleira de porta.

Por outro lado, as Amoreiras apresentam uma diversidade de espaços públicos que permitem um uso diverso e uma utilização por diversos tipos de pessoas. Espaços culturais, espaços verdes, esplanadas e zonas lúdicas infantis são alguns exemplos de espaços que a Mouraria terá que, no seu futuro, incluir e reinventar de forma a conseguir responder àquela população sempre em constante mudança. Daí a outra questão “**Será a Mouraria de amanhã, de alguma forma, as Amoreiras de hoje?**”.

Desta forma acham-se similaridades em territórios tão distintos e tão ímpares.

Através do vídeo pretendo mostrar as ideias enunciadas, através da filmagem de

espaços na Mouraria - Praça do Martim Moniz, Rua da Mouraria, Largo de S. Cristóvão e Largo do Terreirinho - e da interação entre utilizadores e entre estes e o espaço. Um espaço antigo e moderno, que inventa-se e reinventa-se constantemente indo ao encontro de cada momento e de cada cidadão. As pessoas tomam o espaço público como seu, em que como prolongamento da sua habitação usufruem como se lhes pertencesse. É um espaço comum onde reúnem-se amigos, vizinhos e família, de todas as idades e nacionalidades.

anexos

Ficha de Unidade Curricular

Projeto Final de Arquitetura

Objetivos:

Projeto Final de Arquitetura é a Unidade Curricular que encerra a formação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura, adquirindo, por isso, um papel de síntese na consolidação e aprofundamento das competências alcançadas pelos estudantes ao longo dos 4 anos anteriores.

Preconiza-se, nesta UC, o incentivo a cada vez maior autonomia, por parte dos estudantes, na resolução dos exercícios propostos e nas decisões de ordem conceptual que venham a adotar.

Outro objetivo é a clarificação de um entendimento crítico da expressão da arquitetura definida e enquadrada na transversalidade dos vários saberes.

Programa:

Como base programática utilizaremos uma temática de fundo, que suportará a orientação dos diversos trabalhos a desenvolver ao longo do ano letivo. Será o “Mundo Novo” (Título inspirado em Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley, 1932) o tema central que desenvolveremos em 2012/2013. O programa da UC de Projeto Final em Arquitetura consiste na elaboração de um Trabalho de Projeto, requisito obrigatório para a obtenção do grau de mestre. O Trabalho de Projeto é composto por duas vertentes: uma de âmbito projetual e outra de âmbito teórico. Uma outra vertente que surge agregada a este tema, consiste numa possível revisão da ideia de manifesto. Será a partir da compilação *Programs and Manifestos on 20th-century architecture de Ulrich Conrads* que se irão estruturar os debates relacionados com esta Unidade Curricular.

Processo de Avaliação:

Será atribuída uma classificação final (de 0 a 20 valores) no final do 2º semestre atribuída em júri. No final do 1º semestre será dada uma classificação intermédia informativa do estado de progressão de cada aluno. Será dada uma atenção à assiduidade que entrará como parâmetro no processo de avaliação. Todo o processo de avaliação final da UC de Projeto Final de Arquitetura esta explicitado do REACC.

Processo de ensino-aprendizagem:

O modo como serão estruturadas as aulas e os exercícios seguirá o espírito do Processo de Bolonha, ou seja será incentivada a aquisição de competências, fundamentando a progressiva autonomia dos estudantes. Será contudo fundamental, alicerçar-se um amplo debate sobre os trabalhos em curso, o qual será realizado nas horas letivas da UC. Está também previsto um conjunto de seminários temáticos que contribuirão para ampliar criticamente os conteúdos da UC.

Exercício de Arranque e Aquecimento

Título: marca, texto e espaço

O exercício de arranque tem como objectivo enquadrar os estudantes nos pressupostos gerais da Unidade Curricular, funcionando como revisão sumária da formação adquirida nos 4 anos anteriores. Para tal será desenvolvido um projecto de carácter abstracto.

Materiais necessários

-Objecto de uso comum; Papel cavalinho A2; Tinta da China; Materiais para maquete a definir em cada caso específico;

Metodologia e tarefas a desenvolver:

Os estudantes constituem-se em grupos de 5 elementos, no seio de cada grupo deverão ser seleccionados objecto(s) de uso comum - algo tão inesperado e acessível que possa ser adquirido numa grande superfície, achado na rua ou comprado na loja do chinês....

O objecto seleccionado deverá ser embebido (total ou parcialmente) em tinta da china, funcionando como carimbo que irá produzir marca(s) no papel cavalinho.

O processo deverá ser repetido por diversas vezes, procurando seleccionar-se uma marca gráfica que possa ser considerada mais estimulante para o desenvolvimento do exercício.

Seguidamente, no contexto do grupo, deverá realizar-se a apropriação de um excerto literário que possa ser ilustrado com a marca anteriormente seleccionada (o excerto literário não deverá ser maior que uma folha A4). A preocupação fundamental desta selecção deverá residir numa tentativa de conversão da mancha representada no papel cavalinho, em unidade espacial.

Posteriormente, considerando-se um volume de aproximadamente 30 dm³ como limite, será realizada 1 maquete que fixe a espacialidade, previamente invocada pela marca gráfica e ilustrada pelo texto. Para a elaboração da maquete deverá definir-se a escala a que esta irá ser representada.

A materialização da maquete deverá contemplar um dos seguintes sistemas compositivos baseados em: planos; subtracções; adições

A entregar:

Marca gráfica em A2, que deverá ser afixada na parede da sala de aula;

Caderno com formato 21x21 cm onde se inclui: impressão digitalizada da marca seleccionada; O texto ilustrativo; Imagens fotográficas da maquete; Plantas, cortes e alçados, a escala conveniente da maquete; Digitalização de uma sequência de pelo menos 5 esboços relativos às espacialidades representadas pela maquete. Estes esboços deverão ser elaborados por cada elemento do grupo (devidamente identificado); Deverá ainda ser reservada uma área do caderno para a demonstração do processo de realização de todo o processo em forma de story board, para tal deverá utilizar-se o recurso fotográfico;

Apresentação:

Digital tipo Power-point, com exibição da maquete e marca na sala de aula.
Lisboa, 18 de Setembro 2012

2ª Workshop

Cidade Guineense de Bafatá

1. Argumento

Considerando a proximidade da comemoração dos 90 anos do nascimento de Amílcar Cabral (em 12 de Setembro de 1924) na cidade de Bafatá, pretende-se levar a cabo a edificação de uma estrutura que possa albergar um centro de estudos tendo como base o pensamento e a obra literária do fundador do Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).

Este centro de estudos deve ser visto na esfera dos estudos pós-coloniais, devendo para tal ser pensado com o propósito do estabelecimento de uma leitura de amplo espectro, não só, em torno das décadas de 50 a 70 em que a acção política dos movimentos independentistas, no mundo colonial português, foi mais activa, como deve ser capaz de incluir uma leitura sobre o contexto social e político em que germinaram tais movimentos, estendendo-se ainda ao estudo do resultado contemporâneo da afirmação da independência de estados como a Guiné- Bissau.

O edifício a construir em Bafatá deve ser projectado com base numa estrutura efémera e de baixo custo, admitindo-se uma abordagem que integre elementos amovíveis de fácil montagem e desmontagem de modo que se possa considerar a edificação de um equipamento similar em outros locais do país. Pelas suas características programáticas este equipamento deverá abrir-se à cidade, podendo acolher actividades paralelas de interesse comunitário. Este projecto deverá ainda privilegiar toda uma reflexão sobre o ajustamento construtivo do edifício ao clima tropical.

2. Breve descrição da Cidade de Bafatá

A cidade de Bafatá situa-se no coração do território da Guiné-Bissau e é banhada pelo Rio Geba.

O centro da cidade é fortemente marcado pela presença colonial portuguesa, visível tanto no traçado urbano, como também nos diversos estratos arquitectónicos que a qualificam.

É em torno de um boulevard que articula, no sentido Nordeste/Sudoeste, a principal entrada na cidade com o Geba, que o traçado de quarteirões urbanos se organiza. Este grande eixo, estruturante, conecta também os edifícios públicos mais marcantes da cidade.

Junto á entrada do núcleo urbano situa-se o hospital, desenhado em 1946 por João Simões, caracterizado por uma composição simétrica de volumetria térrea dando expressão à cobertura, alta, de telha cerâmica, recordando as construções vernaculares do Sul de Portugal. Um pouco mais abaixo situa-se a área mais administrativa da cidade, neste núcleo inclui-se a casa do governador de características fino-oitocentistas e a escola integrando uma construção de aspecto eclético. A completar este sector urbano, existem ainda edifícios desenhados sob a matriz da arquitectura pública do Estado Novo, tais como a igreja com desenho de Eurico Pinto Lopes de 1950 e o posto de correios, realizado em 1943, por Francisco de Matos.

Ao fundo do eixo fundamental da cidade, já na proximidade da Rio Geba, localiza-se um largo, onde foi implantado o busto de Amílcar Cabral. Para este largo convergem edifícios como o mercado municipal delineado sob um tematismo moçárabe, bem como um núcleo de piscinas, possivelmente projectado na década de 60 e que actualmente se encontra em elevado estado de degradação.

É neste núcleo habitacional que se situa a casa onde terá nascido Amílcar Cabral. A cidade de Bafatá encontra-se, de modo geral, num estado depressivo com pouca actividade, situação que contrasta fortemente com a sua periferia, de grande dimensão, agregadora de uma forte actividade comercial.

3. Programa

O programa deve incluir:

	Área bruta
Arquivo e Centro de Documentação	150,00 m2
Centro de Estudos e Pesquisas	150,00 m2
Centro de Formação	75,00 m2
Auditório	150,00 m2
Loja	50,00 m2
Total de área bruta	575,00 m2

Nota: Instalações sanitárias e/ou zonas de serviço estão incluídas nos grupos de áreas parciais.

4. Metodologia:

- O trabalho será desenvolvido em grupos de 5 alunos;
- A implantação do Centro Interpretativo ficará a cargo de cada grupo de alunos;
- Como ponto de partida para a definição espacial, cada um dos grupos deverá reflectir sobre o exercício de aquecimento, desenvolvido no arranque do ano lectivo;

5. Elementos a entregar:

- Apresentação em formato power-point, para 15 minutos;
- Maqueta à escala 1:200 (ou outra a acordar com os docentes)
- Caderno 21x21cm, incluindo síntese gráfica e memória descritiva;
- 2 painéis de formato A1, incluindo simulações do edifício e plantas cortes e alçados;

6. Datas de entrega:

- Apresentação dos projectos no dia 15 de Novembro, com base no power-point e maqueta;
- Entrega de painéis e caderno 21x21 no dia 23 de Novembro em horário a definir.

Lisboa, 30 de Outubro 2012

Tema I

Tendo por base a área de intervenção estipulada na ficha de unidade curricular, localizada em Lisboa, no eixo entre o Largo do Rato e a colina das Amoreiras, propõe-se a elaboração de um exercício que permita o estabelecimento da relação entre a macro escala (análise estratégica do território) e a micro escala (intervenção arquitectónica detalhada).

Pretende-se que este exercício possa desencadear um debate centrado em leituras prospectivas em relação à sociedade. Como tal, em paralelo com a elaboração dos projectos de arquitectura deverá realizar-se, no contexto de cada grupo de trabalho, a definição de um perfil social que se preveja possível num futuro a médio prazo (2 décadas). Para tal algumas perguntas poderão colocadas, como por exemplo:

- como a organização económica e política poderá influenciar os modos de vida e a relação do indivíduo com a sua comunidade;
- em que medida a tecnologia poderá influenciar a organização social;
- de que modo os recursos naturais poderão influenciar as acções sobre o território e localização e organização do espaço doméstico;

O objectivo final do exercício consiste na elaboração de projectos para quatro habitações. Estas habitações serão encaradas como tipologia associadas ao universo social definido pelo debate atrás mencionado.

Caberá a cada estudante a decisão de onde implantar as habitações e de que modo estas se organizam, não só em função do espaço doméstico, mas também na sua relação como a envolvente urbana que suporta o exercício. Neste sentido, deverá o estudante ser capaz de estabelecer um discurso que lhe permita relacionar a proposta tipológica e habitacional com o trecho urbano que caracteriza a sua envolvente próxima.

Área de Intervenção:

Percurso urbano entre o Largo do Rato e a Colina das Amoreiras

Metodologia:

1. Num primeiro momento, serão constituídos grupos de aproximadamente 5 estudantes;
2. A área de intervenção será parcelada, pela docência da Unidade Curricular, de acordo com planta anexa, tendo como critério os diversos extractos temporais referidos na FUC;
3. Cada um dos elementos, de cada grupo, ficará individualmente afecto a uma das parcelas, anteriormente designadas.
4. Os projectos das habitações serão desenvolvidos individualmente dando seguimento ao âmbito do exercício;
5. Ao mesmo tempo que são desenvolvidas as propostas individuais, deverá ser mantido um debate, no seio de cada um dos grupos, que permita desenvolver uma estratégia de harmonização das várias intervenções.

Entregas e Avaliação:

1ª Entrega intermédia: 25 de Outubro 2012 (caderno em formato A3) + maquete esc. 1:5000/1:2000 da área de intervenção e sua relação com as habitações;

2ª Entrega intermédia: 13 de Dezembro 2012 (caderno em formato A3)

Entrega Final: 28 de Janeiro de 2013 (desenhos e maquetas de escala a determinar pelo aluno, sugerindo-se a 1/1000 e 1/200 ou 1/50; simulações gráficas da proposta; e caderno síntese em formato 21 x 21 cm)

Apresentação e Avaliação: de 29 Janeiro a 1 de Fevereiro de 2013

Modelo de Apresentação

As apresentações finais das propostas individuais de cada um dos alunos serão realizadas por Grupo, sendo que, deverá apresentar-se a definição do perfil social pedido, associando-se uma a estratégia geral para a área de intervenção.

Lisboa, 18 de Setembro 2012

Tema II - Trabalho de Grupo, 1º Semestre

Numa das extremidades da área de intervenção, a Colina das Amoreiras, assumiu, maioritariamente a partir da década de 1980, um protagonismo urbano muito assinalável perspectivando-se para aquele local a implementação de um centro de negócios, à semelhança de outros modelos internacionais que potenciavam, na época, novas centralidades urbanas a partir do conceito de CBD (Central Business District). Esta convicção urbanística permitiu desenvolver naquele local um conjunto de novas inserções rodoviárias na cidade de Lisboa, atraindo outros investimentos que ampliaram os programas de comércio e serviços, à habitação e à hotelaria. Com o final do milénio os investimentos na área oriental da cidade, após a Expo 98, vieram retirar protagonismo urbano deste tecido urbano, sobretudo no que se refere à especialização com que se pretendia afirmar.

Passadas cerca de 3 décadas desde a construção do complexo das Amoreiras, é hoje possível lançar sobre aquela envolvente um olhar mais distanciado, dada a estabilização urbanística que actualmente se verifica.

O objectivo do Tema II passa pela definição de um conceito síntese caracterizador de leitura e interpretação da área de estudo. Com este exercício pretende também criar-se a base para o reconhecimento das potencialidades da colina das Amoreiras, que servirão de base para a elaboração de um projecto a desenvolver no 2º semestre ao abrigo do Tema III.

1ª Fase - Reconhecimento do Território

Numa etapa preliminar de aprofundamento da estratégia de intervenção num determinado território torna-se imprescindível o seu reconhecimento. Para esse efeito deverá possuir-se a informação necessária para avaliar as potencialidades dos sítios e os conflitos aí existentes, só assim será possível credibilizar a formulação das propostas.

O trabalho de grupo deverá proceder à recolha de informação, nomeadamente em áreas como:

- Caracterização biofísica da área de intervenção:- topografia, estrutura de espaços verdes, orografia e sistemas de drenagem natural; geologia - hidrologia; orientação e exposição solar.
- Evolução histórica da área de estudo:- caracterização do processo de formação do tecido edificado; recolha de plantas de várias épocas; monografias e descrições.
- Caracterização da mobilidade, potencialidades e estrangulamentos: caracterização de acessos, da rede viária; Percursos pedonais, etc.
- Caracterização da estrutura edificada, da distribuição de funções e dos espaços públicos:

- Tipologias de espaços públicos; Estruturas urbanas existentes; Edificado com valor histórico e arquitectónico; Edificado recente consolidado; Estado de conservação; Espaços vazios; Espaços públicos; Equipamentos públicos e privado, etc.

- Planos Urbanísticos condicionantes, projectos mais relevantes para a área de intervenção:
 - P.D.M.; P.P.; Condicionantes Urbanísticas; Loteamentos; projectos mais relevantes para a área de intervenção.

2 Fase - Programa/Conceito/Proposta

Na posse dos dados anteriormente recolhidos proceder-se-á à designação de um conceito síntese caracterizador de leitura e interpretação da área de estudo.

Elementos a entregar:

- Explicitação de um argumento de transformação. Memorando, máximo 6 páginas A4.
- Planta de enquadramento à escala 1/5000 e ou 1/2000
- Planta da estrutura urbana à escala 1/1000
- Cortes significativos à escala 1/1000
- Esquemas gráficos e ou esquiços que explicitem a proposta e a sua integração na área envolvente.
- Simulações gráficas da proposta (esquissos, 3ds, fotomontagens)

Entrega intermédia: 25 de Outubro de 2012 (1ªfase)

Formato: caderno A3 e CD com o mesmo conteúdo.

Entrega Final: 28 de Janeiro de 2012

Formato: Caderno A3 (incluindo o memorando) e CD com Power Point.

Discussão e Apresentação do Trabalho: Semana de 29 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 2011, em Power Point.

18 de Setembro 2012

Tema III

Tendo como base os resultados dos exercícios dos Tema I e II, é lançado um novo exercício que tem como objectivo reforçar a estratégia urbana na área de intervenção em estudo, definida pelo eixo entre o Largo do Rato e a colina das Amoreiras.

O exercício do Tema III incide na vertente do espaço público, ou seja o espaço de mediação entre as diversas propostas individuais realizadas no 1º semestre. Neste exercício pressupõe-se uma acção concertada, ao nível dos grupos de trabalhos, no sentido da clarificação das intenções de transformação preconizadas para o local. Através deste exercício deverão também intensificar-se os desejos (narrativos), definidos pelos grupos de trabalho, relativos ao perfil social dominante que habitará a colina das Amoreiras num futuro a médio prazo, de duas décadas.

Durante o espaço temporal em que decorrerá o Tema III deverão ser realizadas revisões de projecto, tendo em vista a melhoria das propostas individuais realizadas ao abrigo do Tema I, procurando-se o melhor ajustamento dos projectos às estratégias deste novo exercício.

Os objectivos do Tema III passam pelos seguintes pontos:

1. Definição de um plano de estrutura da área de intervenção.

Neste ponto deverão ser repensados, num primeiro momento, os argumentos que estão na base das escolhas dos locais de intervenção individuais, reflectindo sobre os pontos em comum que podem caracterizar as várias propostas. Num segundo momento deverá ponderar-se sobre uma possível centralidade [ou possíveis centralidades] que possam emergir no tecido urbano. Num terceiro momento deve ser definida uma estratégia de mobilidade e de utilização do espaço público;

2. Definição de um projecto detalhado de caracterização do espaço público.

Neste ponto serão realizadas propostas concretas de projecto, com detalhes, definindo materiais, mobiliário urbano, espécies vegetais e todos os parâmetros julgados convenientes para o projecto de espaço público.

3. Enquadramento dos projectos individuais, realizados no Tema I, na estratégia projectual para o espaço público.

Prevê-se que a estratégia de projecto, concertada em grupo, seja validada em projectos de pormenor na envolvente dos projectos individuais.

Área de Intervenção:

Percorso urbano entre o Largo do Rato e a Colina das Amoreiras

Metodologia:

1. Serão mantidos os grupos de trabalhos definidos no 1º semestre com aproximadamente 5 estudantes;
2. O exercício abrange toda a área de intervenção, devendo o grupo definir os momentos mais particulares onde as acções de projecto sobre o espaço público possam ser mais relevantes, agindo nesses locais com maior detalhe.
3. Individualmente, deverá ser detalhada a envolvente dos projectos realizados no Tema I

Entregas e Avaliação:

1ª Entrega intermédia: 21 de Março, (power-point e maquetas esc. 1:1000/1:200 da área de intervenção e sua relação com as habitações);

Entrega Final: 23 de Abril de 2013 (desenhos e maquetas de escala a determinar pelo grupo, sugerindo-se a 1/1000 e 1/200 ou 1/50; caracterizações dos ambientes propostos; e caderno síntese em formato 21 x 21 cm)

Apresentação e Avaliação: 23 de Abril 2013

Modelo de Apresentação

As apresentações finais das propostas serão realizadas em Grupo, sendo montado um júri para comentar os projectos.

Lisboa, 18 de Fevereiro de 2013

Tema IV

Como conclusão do ano lectivo será realizado um trabalho individual que visa o estabelecimento de uma síntese em relação ao percurso de cada um dos estudantes. Este trabalho, pensado para ser desenvolvido no espaço do último mês de aulas, pressupõe a realização de um tema livre a enquadrar pelo próprio estudante. Condiciona-se apenas o desenvolvimento deste último Tema ao estabelecimento de uma relação em torno dos exercícios elaborados no curso do ano lectivo.

Como linhas orientadoras são lançadas algumas pistas:

1. Aplicação directa de um ensaio extraído a partir do trabalho desenvolvido nos laboratórios;
2. Elaboração de projectos de extensão em relação ao programa lançados ao longo escolar;
3. Exercício específico de representação ou performativo em torno do projecto das habitações.

Os objectivos do Tema IV passam pelos seguintes pontos:

1. Desenvolvimento de competências ao nível da problematização em torno da arquitectura produzida por cada estudante. Este exercício será uma oportunidade para construir um enredo discursivo em torno do trabalho de projecto, enriquecendo os pressupostos de base com que cada proposta foi realizada

2. Consolidação da autonomia dos estudantes em relação aos temas desenvolvidos durante o ano lectivo. Ao solicitar-se que cada estudante construa o seu próprio enunciado, procura estimular-se a autonomia em relação ao acompanhamento e orientação dos docentes da UC de PFA.

3. Melhoria e credibilização das propostas individuais iniciadas no 1º semestre. Este exercício deve ser visto como oportunidade para retomar e solidificar as decisões de projecto inicialmente lançadas no âmbito dos exercícios anteriores, nomeadamente do exercício do Tema I.

Área de Intervenção:

Área de intervenção atribuída em contexto de grupo a cada um dos estudantes;

Metodologia:

1. O trabalho deverá ser realizado individualmente;
2. Cada estudante deverá socorrer-se dos meios que julgar conveniente para o desenvolvimento deste exercício;
3. O trabalho deverá evidenciar quer a autonomia, quer a capacidade de problematização de cada estudante.

Entregas e Avaliação:

O resultado deste exercício deverá ser integrado no contexto da entrega final de PFA

Modelo de Apresentação

A decisão do suporte em que o exercício é desenvolvido fica a cargo de cada estudante, devendo contudo ser realizado relatório a integrar o caderno de formato 21x21 cm

Lisboa, 2 de Maio de 2013

Laboratório de Sociedade e Arquitectura

No primeiro semestre será realizado um trabalho de investigação de grupo centrado no tema - Tradição e Modernidade: (co)habitações em territórios metropolitanos - a desenvolver num dos territórios seguintes: Mouraria, Carnide Velho ou Bairro de Caselas. Este trabalho segue o formato já experimentado noutros anos e tem como objectivo o ensaio partilhado de diversas competências de investigação: definição da pergunta de partida, enquadramento, metodologias de recolha e análise de informação, entre outras. Trata-se de um momento de experimentação e preparação dos alunos para o trabalho individual a realizar no segundo semestre.